

AQUI NA TERRA

Alice Hoffman

Rocco

AQUI NA TERRA

ALICE HOFFMAN

Tradução de: Aulyde Soares Rodrigues

Rocco

2003

Para E. B.

Por incontáveis gentilezas e vinte anos de generosidade e apoio, a autora gostaria de agradecer a Elaine Markson.

PRIMEIRA PARTE

UM

ESTA NOITE o feno no campo já está coberto de geada, especialmente a oeste de Fox Hill, onde os pastos brilham como estrelas. Em outubro, a noite começa às quatro e meia e, embora as folhas estejam escarlate e douradas, no escuro tudo é sombra cinzenta com uma borda púrpura. Nessa época do ano é melhor evitar os bosques, dizem os rapazes do lugar. Nem o mais corajoso deles ousa se afastar da High Road depois do treino de futebol no campo dos bombeiros, e mesmo os que já têm idade para parar ao lado das águas escuras do lago das Oliveiras e roubar beijos das namoradas caminham rapidamente para casa. Para dizer a verdade, alguns chegam a correr. E fácil ficar perdido por aqueles lados. Depois de se perder pelo caminho, pode-se ir parar no pântano, e, uma vez lá, vagar para sempre entre os peixes miúdos e os juncos, a alma lutando para encontrar o seu caminho, muito depois de os ossos serem descobertos e enterrados no alto da colina, onde crescem as amoras silvestres.

As pessoas de fora da cidade podem rir dos jovens que acreditam nessas coisas, podem até mesmo chamá-los de tolos. Contudo, muitos homens que moraram toda a vida em Jenkintown e temem pouca coisa neste mundo, não atravessam a colina depois do cair da noite. Até os bombeiros no posto da rua principal, corajosos voluntários, duas vezes condecorados por heroísmo pelo próprio governador, sentem um alívio quando verificam que os sinos estão avisando que o fogo é em Richdale ou na Rua 7 - qualquer lugar que não seja as colinas vale à pena atender com presteza.

Até o fundador da cidade, Aaron Jenkins, um garoto de dezessete anos de Warwick, Inglaterra, foi o primeiro a perceber que alguns lugares são azarados. Jenkins construiu sua casa no pântano, no ano de 1663. Em uma noite de outubro, quando a maré congelou e não voltou para o mar, ele foi avisado em sonho que devia fugir imediatamente ou ficaria preso no gelo também. Jenkins deixou o pouco que possuía e subiu correndo a colina, no meio de uma terrível tempestade, com os trovões rolando sobre sua cabeça e granizo do

tamanho de maçãs caindo do céu. No seu diário, exibido na sala de leitura da biblioteca, Aaron Jenkins jura que mil raposas o perseguiram na sua fuga. Mesmo assim, ele só parou quando chegou ao que é agora a praça da cidade, onde construiu outra casa, mais decente, de um cômodo, lugar em que hoje turistas de Nova York e Boston encontram mapas da cidade.

Aquelas raposas que perseguiram Aaron Jenkins já desapareceram. Porém, um dos residentes mais velhos da cidadezinha lembra-se dos dias em que os bosques viviam cheios de raposas. Eram vistas entrando sorrateiramente nos galinheiros, ou procurando peixes no lago das Oliveiras.

Algumas pessoas insistem em dizer que, quando um cão era abandonado, as raposas faziam dele seu amigo e dessa união surgiu uma raça de cães com pêlo avermelhado e áspero. Na verdade, houve um tempo em que havia muitos desses cães na região, no passado, quando a rodovia 22 era ladeada por fazendas e eram tantos os pomares em volta da cidade que, nas tardes frias de outubro, o mundo todo cheirava a torta de frutas.

Há vinte e cinco anos, havia ainda centenas de raposas nos bosques. Elas se reuniam e erguiam suas vozes ao cair da noite com tanta regularidade que os moradores da cidade podiam acertar seus relógios pelo som que nessa hora elas produziam. Então, numa terrível época do ano, a caça deixou de ser proibida e o povo enlouqueceu. Atiravam em tudo que se movia. Muitos lamentam ainda o que aconteceu, lamentam de verdade. Para começar, os coelhos ficaram tão atrevidos que agora podem ser vistos ocupando os degraus da biblioteca em pleno dia. Nós os vemos nas hortas, saboreando nossas alfaces e nossas vagens. Nós os encontramos no estacionamento atrás da loja de ferragens, completamente à vontade nas tardes quentes, descansando na sombra dos carros. São uma praga, não há dúvida, e até as mais delicadas senhoras do comitê da biblioteca uma vez ou outra preparam comida envenenada para eles.

São tantos os coelhos na estrada secundária para Fox Hill que o motorista mais atento está arriscado a passar por cima de um deles. É claro que essa é mais uma razão para evitar Fox Hill. March Murray, criada ali, também

sempre achou que é melhor ficar longe da cidade, exatamente o que ela fez durante dezenove anos, o tempo em que morou na Califórnia, onde a luz é tão clara, da cor de limão, que sempre se pode esquecer que existem outros lugares no mundo. Por exemplo, estes bosques, onde numa tarde de outono é fácil confundir o dia com a noite, onde a chuva cai com tanta intensidade que nenhum pássaro pode voar. E precisamente num dia como esse, com o céu cor de pedra e a chuva tão fria que parece queimar a pele, que March está voltando para casa, e embora voltar não estivesse nos seus planos, ela está ali definitivamente por sua própria vontade.

O simples ato de voltar, entretanto, não significa que March seja como uma moradora que acabou de deixar a cidade, não significa que saiba o nome de cada comerciante, como sabia antes. Enquanto esteve fora, March sem dúvida se esqueceu do que a chuva pode fazer numa estrada de terra. Ela costumava passar por ali todos os dias, mas a vala está muito mais profunda do que naquele tempo e quando passam por cima dos galhos trazidos pelos ventos é como se estivessem esmagando

ossos ou partindo um coração. O carro alugado começa a derrapar, sobe a colina com dificuldade e ameaça parar sempre que atravessa uma profunda poça d'água.

— Nós vamos encalhar—anuncia Gwen, a filha de March.

Sempre a voz da desgraça.

— Não, não vamos—March insiste.

Talvez se March não estivesse tão concentrada em provar sua certeza, não tivessem encalhado. Mas ela pisa com força no acelerador, afobada, como sempre, e o carro salta para a frente, cai na vala mais funda da estrada e o motor morre.

Gwen geme surdamente. O carro está atolado na lama até a calota e a mais de três quilômetros de qualquer lugar.

— Não acredito que você fez isso—ela diz para a mãe.

Gwen tem quinze anos e recentemente picou quase todo o cabelo e o tingiu de negro. Mesmo assim é bonita, apesar de todo esforço para sabotar-se. Sua voz é áspera e rouca, por causa dos maços de cigarro que fuma às escondidas, e ela acentua esse tom quando quer reclamar de alguma coisa.

— Agora a gente nunca mais sai daqui.

March está com os nervos no limite da tensão. Estão viajando desde o nascer do dia, de San Francisco a Logan, por avião, e depois de Boston, no carro alugado. A última parada na casa funerária para acertar os detalhes do enterro foi a gota d'água para ela. Quando vê o próprio rosto no retrovisor, ela franze a testa. Mais horrível do que nunca.

March nunca apreciou devidamente o que os outros consideram seus melhores traços—a boca generosa, os olhos escuros, o cabelo farto, que ela tinge há anos para esconder os fios brancos que apareceram quando era pouco mais que uma menina. Tudo que March vê no espelho é que está pálida e cansada e dezenove anos mais velha do que quando deixou a cidade.

— Nós vamos sair daqui—diz para a filha. —Não tenha medo.

Mas quando gira a chave o motor ronca e morre.

— Eu avisei—Gwen resmunga.

Sem os limpadores de pára-brisa funcionando não se vê nada. A chuva é como música de um planeta distante.

March encosta a cabeça no banco e fecha os olhos. Não pode ver que à sua direita estão os campos da fazenda Guardian e os muros de pedra onde ela costumava se equilibrar, com os braços abertos, pronta para qualquer coisa. March acreditava realmente que levava a própria sorte nas palmas das mãos, como se o destino não fosse mais do que uma bola de gude ou um ovo de tordo, uma bugiganga que qualquer menina boba podia pegar e guardar. Acreditava que tudo que você deseja acaba recebendo e que o destino era uma força que trabalhava a seu favor e não contra você.

March tenta o motor outra vez. "Vamos, vamos", ela diz.

Não quer ficar atolada naquela estrada. March conhece muito bem seu vizinho mais próximo e não pretende bater na porta da casa dele. Ela bombeia o acelerador com vigor e finalmente consegue: o motor pega.

Gwen passa os braços em volta do pescoço da mãe e por um momento esquecem a briga e as razões pelas quais March insistiu em carregar Gwen com ela, em vez de deixá-la em casa com Richard. Então uma mãe não pode confiar na filha?

Isso é uma ofensa capital? Prova A: pílulas anticoncepcionais no fundo da mochila de Gwen, entre a caixa de lenços de papel e uma barra de chocolate. Prova B: maconha e seda na gaveta da mesa-de-cabeceira. E prova C, é claro, a evidência mais definitiva de todas, a expressão sonhadora no rosto de qualquer menina de quinze anos. C de causa e efeito. C de confusões constantes, e choros intermináveis e comportamento frio como gelo para com a mãe, não importa quando ou onde. Como Gwen poderia adivinhar que March conhece os quinze anos por dentro e por fora; que ela sabe, por exemplo, que as coisas que parecem mais urgentes e inevitáveis nessa idade podem nos acompanhar pela vida inteira se fugimos delas.

— Quanto mais cedo sairmos daqui melhor —Gwen anuncia. Ela está morrendo de vontade de fumar, mas tem de se controlar. Não exatamente um dos seus fortes.

March pisa fundo no acelerador, mas as rodas giram em falso e afundam mais na lama. Não há esperança de sair dali. Na verdade, não será possível ir a qualquer lugar sem a ajuda de um reboque.

— Droga—March diz.

Gwen não gosta do tom de voz da mãe. Não gosta nem um pouco da situação. Dá para entender por que os turistas geralmente não andam por aqueles caminhos e por que os mapas do centro de visitantes estão amarelados e velhos.

Nesse bosques, o outono traz fantasmas. Você pode não ver ou ouvir, mas eles estão ali do mesmo modo. Você vai saber que estão ao seu lado quando seu coração disparar. Vai saber quando olhar para trás e o fato de não ver ninguém às suas costas não o convencer de que não há ninguém ali.

Gwen estende o braço e tranca a porta. A estrada não tem sequer uma luz por quilômetros e quilômetros. Se você não sabe para onde está indo, fica perdido. Mas é claro que a mãe de Gwen sabe o caminho. Ela cresceu ali. Ela deve saber.

— E agora, o que vamos fazer?—Gwen pergunta.

March tira a chave do contato.

— Agora—ela diz—,vamos andar.

— Atravessar o bosque?—a voz rouca de Gwen parece prestes a se partir.

Sem dar a mínima para a filha, March sai do carro e afunda na água até as canelas. Chapinhando na água ela vai até a mala do carro para apanhar sua mala e a mochila de Gwen.

Esqueceu o quanto o ar é frio e suave em outubro. Esqueceu o quanto a escuridão real pode ser perturbadora. É impossí-

vel enxergar mais do que trinta centímetros à frente e a chuva é agressiva, chicoteando o rosto como se ela fosse uma menina malcomportada que não recebeu ainda todo o castigo que merece.

— Eu não vou andar nessa coisa.—Gwen saiu do carro, mas está encolhida perto da porta. O rímel aplicado com tanto capricho enquanto esperava pela mãe atrás da casa funerária escorre pelo seu rosto em linhas grossas e negras.

March não vai discutir, sabe que não adianta e, para ser sincera reconhece que a lógica pura e simples jamais a convenceu quando tinha a idade de Gwen. As pessoas tentavam dizer que ela devia se comportar, que devia ir com mais cuidado e pensar duas vezes, mas ela jamais ouvia uma palavra do

que diziam.

March apanha a sua mala e depois fecha a porta do carro com a chave.

— Resolva o que quer fazer. Se quiser esperar aqui, tudo bem.

Eu vou andar até a casa.

— Está bem—Gwen concede.—Ótimo. Eu vou com você, se é o que você quer.

Gwen apanha a mochila. De jeito nenhum vai ficar sozinha naquele lugar. Nem por um milhão de dólares. Agora ela compreende por que a mãe e o pai também jamais voltaram.

O motivo dessa visita agora é terrível. Se Gwen se permitisse, teria um minicolapso nervoso naquele exato momento. Ela está tremendo tanto que seus dentes batem uns nos outros. Espere só até telefonar para Minnie Gilbert, sua melhor amiga, e dizer: Meus dentes batiam como os de um esqueleto dependurado numa corda e eu não podia nem fumar um maldito cigarro porque estava ali, perto da minha mãe. Tudo por causa do enterro de uma mulher velha que nem é minha parente.

— Você está bem?—March pergunta, quando começam a caminhada.

— Ótima—Gwen diz.

Quinta-feira é o dia do enterro e Gwen talvez tenha um desmaio, especialmente se estiver com o vestido preto justo, agora embolado no fundo da mochila. Judith Dale era a governanta que criou March. March perdeu a mãe quando era pouco mais que um bebê e embora a Sra. Dale as visitasse na Califórnia uma vez por ano, Gwen não lembra mais do rosto dela. Talvez esteja bloqueando a lembrança, talvez não queira pensar em coisas sinistras como morte e velhice e ficar atolada num lugar horrível com sua mãe.

— Será que o caixão vai estar aberto?— Gwen pergunta.

Finalmente a chuva está amainando.

— Duvido—March diz. Afinal, Judith Dale era uma das pessoas mais reservadas que March conheceu. Você podia contar qualquer coisa para Judith, abrir sua alma e só muito mais tarde, até mesmo anos depois, se daria conta de que Judith jamais disse nada sobre si mesma e que você nem sabia qual a sua sobremesa favorita, muito menos quem ela amava e no que acreditava.

Agora que a chuva está parando, elas

podem ouvir os sons que vêm do bosque. Ratos talvez. Guaxinins bebendo a água das poças formadas pela chuva.

— Mamãe—Gwen diz quando alguma coisa passa voando lá em cima.

— Não é nada—March garante.—Uma coruja.

Não fazia muito tempo, havia leões caçando naqueles bosques e ursos negros que invadiam os pomares para se alimentar, nos meses de outubro. Havia alces que atacavam qualquer coisa que se movia. Mesmo quando March era pequena, o céu era ainda tão claro que as crianças da cidade muitas vezes ficavam desapontadas quando descobriam que não era possível estender o braço e apanhar uma estrela.

— Estamos quase chegando?—Gwen pergunta. Afinal, sua idéia de exercício é andar na garupa de uma Honda.

É o começo da noite, aquela hora estranha e pouco confiável quando vemos coisas que não existem, pelo menos não no tempo presente. March quase pode ver a escada deixada por Alan, seu irmão, ao lado das árvores de bordo sacarino. O vulto escuro no

bosque pode ser o balde usado por Judith Dale para apanhar amoras silvestres. E então, ao lado do muro de pedra, o garoto que March tinha amado. A não ser que esteja muito enganada, ele a está seguindo. Se ela diminuir o passo, ele estará ao seu lado, se não tiver cuidado, ele ficará ali para sempre.

— Por que você está correndo?—Gwen reclama. Está ofegante, esforçando-se para acompanhar o passo da mãe.

— Não estou correndo—March diz. Mesmo assim, enumera para a filha os motivos para andar depressa. Telefonar e chamar o reboque para tirar o carro alugado da lama.

Telefonar para Richard e informar que seus temores eram infundados, elas estão bem e chegaram inteiras. Entrar em contato com o Juiz e marcar uma hora para examinar o inventário de Judith. Telefonar para Ken Helm, que sempre fez serviços extras para sua família, e pedir para verificar se a casa precisa de reparos. Sem dúvida devia haver esquilos no sótão, como sempre acontecia nessa época do ano.

As botas de boa qualidade de Gwen estão

cobertas de lama e ela está congelando.

— Agora compreendo por que você e papai nunca voltaram para cá. É nojento.

Os ombros de March estão doloridos por causa da mala, ou talvez seja a tensão no pescoço. Essa velha estrada de terra é toda uma subida. Talvez devesse ter escolhido a rodovia 22 e entrado à esquerda no lugar que o povo chama de esquina do diabo. Se Richard estivesse com elas, o que não foi possível por estar no meio de um semestre, talvez tivesse escolhido a 22, mas ela não se sentiu disposta a enfrentar aquele trecho da estrada acompanhada apenas por Gwen.

Não ainda. March garantiu a Richard e a si mesma que passado era passado—o que aconteceu não importa mais—,mas, se isso era verdade, por que aquela sensação de um pedaço de gelo descendo por suas costas?

— Acho que estou vendo a casa—Gwen anuncia.

Ken Helm, o faz-tudo, foi quem encontrou a Sra. Dale. Ele bateu na porta, depois de entregar os tijolos para o conserto da chaminé, no começo da noite de segunda-feira, quando o céu era uma fita de veludo descendo sobre

as colinas. A princípio, pensou que não houvesse ninguém em casa, mas então uma rajada de vento abriu a porta e lá estava Judith, na cadeira na frente da lareira, não mais entre nós. O velho amigo e sócio do pai de March, Bill Justice, conhecido na região como o Juiz, contou tudo isso para March, quando telefonou para ela na manhã seguinte. Pelo menos não houve hospital, nem dor, nem medidas heróicas. Porém, esse fato não servia de consolo para March especialmente porque ela desconfiava que Bill Justice, advogado há quarenta anos, trinta deles como juiz, estava cobrindo o bocal do fone para que ela não percebesse que estava chorando.

— Aquilo é definitivamente uma chaminé. —Gwen aperta os olhos no escuro.—Estou vendo agora. E tem um portão também.

Durante o trajeto de avião, March dormiu, uma coisa que ela temia quando viajava, porque sempre que dormia fora de hora acordava desorientada. Sonhou com o pai, morto há vinte e cinco anos. No sonho, Henry Murray estava parado na porta da sala de estar, com a suéter de que March mais gostava, de lã marrom, com bolsos grandes

onde ele sempre guardava pastilhas de hortelã. Ele e Bill Justice eram os únicos advogados da cidadezinha e, embora fossem sócios, estavam sempre numa competição amistosa para decidir quem era mais popular.

"Você quer Murray ou quer Justice?", Bill dizia brincando, e talvez tivesse de perguntar mesmo, porque Henry Murray era o favorito de todos. As crianças pediam pastilhas de hortelã sempre que ele passava e o seguiam, pedindo mais uma e outra mais. Quando ele morreu subitamente, no escritório, onde havia ficado trabalhando até mais tarde, todas as crianças da cidade disseram que sentiram o cheiro de hortelã no ar da noite, como se alguma coisa doce tivesse passado por elas.

Sempre que pensa no pai, March sente uma dor aguda no peito. E assustador pensar em quantas perdas uma única pessoa pode suportar. Quanto a Richard, a única família que ele tem agora são March e Gwen, e March tem pouco mais do que isso—só o irmão, Alan, do qual está afastada há tanto tempo que nem pode mais considerar seu parente consanguíneo, o que vale também para o filho de Alan, que March nunca viu.

— Então é isso—Gwen diz.

Estão na frente do portão.

March põe a mala no chão para olhar a casa.

— Não acredito que você morou aqui—Gwen diz.—Nossa!

No escuro, a casa parece velha e alquebrada. A parte avaria-da pelo incêndio—a cozinha original, a copa e sala de jantar—foi reconstruída como um modesto acréscimo. March morou nessa casa até os vinte e um anos. E dela a janela acima da varanda, a que tem venezianas negras que precisam ter as dobradiças reforçadas. Ali ela passava a maior parte do tempo, nos últimos anos. Esperando na janela.

É surpresa para ela pensar em Hollis agora que viu a janela outra vez? March tinha apenas dezessete anos quando ele se foi, mas o amava há muito, muito tempo. Naquele inverno terrível, quando Hollis deixou a cidade, quando o céu tinha sempre a cor das cinzas e o castanheiro no jardim estava coberto de gelo, ela começou a encontrar os fios brancos entre seus cabelos escuros.

Nesta noite, no mesmo jardim onde o

castanheiro vive ainda, alguma coisa se move entre os marmeleiros. Gwen se aproxima o mais possível da mãe. Está gelada por dentro e por fora.

— Mamãe?

Se a voz de Gwen parece cheia de medo é porque ela está com medo. Não era isso o que ela esperava quando concordou em ir ao leste com a mãe, para o enterro.

Calculou que perderia uma semana de aulas, iria dormir até o meio-dia e só comer cereais e doces, saboreando ao máximo a breve fuga da vida real. Quem é essa mulher ao seu lado, com cabelo comprido e um ar tão triste? Gwen que tem bastante coragem—ou bastante imprudência—para discutir com os seguranças quando é apanhada roubando nas lojas do shopping center de Palo Alto agora está tremendo. No que se meteu? Quais são as chances de dar meia-volta e fugir para casa?

— Escute—March diz para a filha.—São só alguns coelhos.

Certo, alguns coelhos marrons estão debaixo dos marmeleiros. O maior de todos sai do meio dos arbustos, como se estivesse pronto para lutar com March e Gwen, como se

toda a colina pertencesse a uma criatura que cabe numa touca de criança ou numa panela de ferro.

— Dá o fora—March diz para o coelho.—Vá embora.—O animal fica parado, ela sacode a mala e o coelho desaparece no bosque.—Está vendo?—ela diz para a filha.—Sem problema.

Mas Gwen não está convencida.

— A gente vai entrar?—ela murmura, com sua voz rouca, entrecortada.

— Vamos ter de dormir na varanda se não entrarmos.

As duas riem. Dá para ver que as calhas lançaram torrentes de chuva no chão da varanda. Não é um lugar onde alguém desejaria passar a noite, a não ser uma centopéia ou outro animal rastejante qualquer. March estende a mão e pega a chave presa com adesivo debaixo da caixa de correspondência, como sempre.

— Definitivamente, você morou aqui—Gwen diz.

March via esse mesmo céu todas as manhãs, descia os degraus da varanda de dois em dois, sempre apressada, sempre querendo mais. De onde estavam podiam ver a horta de

Judith e imediatamente ela se sentiu reconfortada. Apesar de tudo, algumas coisas não mudam. A horta está exatamente como quando March era pequena. A hortelã viceja ainda em maços compactos e a cebolinha verde com seu cheiro forte não foi afetada pelo frio. Os últimos repolhos da estação aninham-se contra a cerca, como sempre em outubro, em fileiras regulares, como sapos verdes bem-comportados.

Talvez ela venha a se arrepender de ter voltado, mas, naquele momento, nenhum outro lugar do mundo poderia parecer tão familiar. No terreno mais baixo, March vê o pomar, seu lugar favorito. As macieiras estão inclinadas como pequenos homens velhos, de costas para o vento.

March costumava subir nessas árvores todas as tardes, nessa época do ano, para apanhar as maçãs, girando a haste de cada fruta exatamente oito vezes enquanto recitava o alfabeto, como as meninas aprendem a fazer para descobrir a identidade do seu verdadeiro amor, tendo o cuidado de só puxar a fruta quando chegava na letra do nome dele.

DOIS

ELE CHEGOU COMO UMA ENCOMENDA DO CORREIO, NUM DIA CINZENTO, de vento frio. March lembra perfeitamente. Era sábado e seu pai estava quase há uma semana numa conferência em Boston. March tinha passado esse tempo levemente adoentada, com um pouco de febre e espirrando, e a Sra. Dale a tratou com muito suco de laranja e chá de hortelã. Naquele dia, March acordou tarde, o que era raro quando tinha onze anos, e parecia que o mundo todo estava bem ali à sua frente, esperando só por ela.

Naquele sábado, o irmão de March, Alan, que geralmente acordava mais tarde, já estava tomando café quando March desceu do quarto. Alan, dez anos mais velho do que March, era formado pela Universidade de

Boston, mas não se dera bem nos estudos. Tinha se matriculado como ouvinte em alguns cursos na Escola de Direito Derry, esperando ainda seguir a carreira do pai, o que ele jamais conseguiu.

— Ganhamos um garoto—Alan disse.

— Não, não ganhamos.—Mesmo aos onze anos, March sabia que o irmão gostava de inventar coisas e procurava não acreditar muito no que ele dizia.

— É verdade—insistiu Alan. Ele estava começando a sair com Julie, com quem casaria mais tarde, e estava de bom humor, o que era fora do comum. Não chamou March de idiota ou retardada como sempre fazia, nem se referiu ao seu nome verdadeiro que era Marcheline.—Papai o trouxe de Boston.

Ele o encontrou vagando na rua, ou coisa assim.

— Tudo bem—March disse.—Seu mentiroso.

— Quer apostar?—Alan disse.—Que tal sua mesada, pelo resto da sua vida?

Judith Dale entrou com o cesto cheio de roupa lavada que acabara de tirar do varal. Naquele tempo, ela usava o cabelo preso no

alto da cabeça e gostava de calças compridas e cardigãs, bem como de paz e sossego.

— As pessoas não podem pegar outras pessoas, assim sem mais nem menos—March disse.—Podem?—Ela sempre recorria a Judith para reforçar sua opinião, mas dessa vez Judith apenas deu de ombros. Embora um tanto vaga quanto aos detalhes, ela admitiu ter arrumado a cama no quarto de hóspedes com lençóis limpos e um acolchoado que geralmente guardava no sótão.

March foi até a janela, mas não viu nada. Alan ficou atrás dela, comendo uma torrada com manteiga e limpando as migalhas do peito.

— Ele está bem ali—Alan disse, apontando para o pomar.

E realmente lá estava ele, um pouco adiante do portão. Tinha treze anos, era muito magro, e o cabelo comprido há semanas não era lavado.

— Que grande presente—Alan disse, com seu desdém habitual.

O menino deve ter sentido que estava sendo observado porque de repente virou para a casa e olhou para a janela. As nuvens

estavam finas e esgarçadas naquele dia, levadas pelo vento.

Quando March acenou para ele, a surpresa do menino foi tamanha que ele ficou parado, piscando os olhos para os dois. March teria achado graça no embaraço do garoto se não tivesse sentido imediatamente que não queria parar de olhar para ele.

— Vamos ficar com ele para sempre?— Bem dentro do cora-

ção ela sentia que devia falar em voz baixa.

— Meu Deus, espero que não—Alan disse.

Lá fora, no pomar, o menino continuou a olhar para ela. A relva não tinha sido aparada ainda nesse ano e todos os narcisos formavam um bloco fechado, para se protegerem do tempo imprevisível.

— Eu fico com ele—March ofereceu.

— Deixe de brincadeira—Alan disse, mas quando ele se afastou, March ficou parada no mesmo lugar.

— Estou falando sério—ela disse, em voz alta, embora não tivesse mais ninguém ali para ouvir. Quase trinta anos depois, ela podia lembrar ainda do gosto daquelas palavras na sua boca, simplesmente deliciosas,

absurdamente doces. — De agora em diante, ele será meu.

Tudo que ficou sabendo sobre ele foi Judith Dale quem contou. Era órfão, em Boston, tão pobre que não comia nada além de biscoitos ou outra coisa qualquer que pudesse roubar. Poucas pessoas se dispunham a conceder algum tempo a ele, muito menos um dólar para comprar comida, mas o pai de March, com seu grande coração, o levou para casa.

— E isso é tudo que sabemos?—Estavam sentadas na varanda, num belo dia azul, enchendo de comida as vasilhas que Judith pendurava no castanheiro, para os passarinhos.—E os pais dele? Sua religião? Ele tem irmãos? Tem certeza de que tem treze anos?

— Você é muito curiosa—Judith disse.—O nome dele é Hollis e veio para ficar. É tudo que você precisa saber agora.

A princípio, o recém-chegado não jantava —nem quando tinha costeletas de carneiro, aspargos e depois morangos para sobremesa —,não olhava diretamente para ninguém, a não ser Henry Murray, que ele evidentemente respeitava, pois o Dr. Murray era a única

pessoa que Hollis não desafiava. Ele era bastante atrevido com todo mundo, mas de um modo um tanto tenso e controlado. O que deixava as pessoas nervosas era o modo como ele olhava. Era tudo aquilo que ele não dizia.

Depois de três meses, Hollis ainda os evitava. Quanto menos ele revelava, mais March se interessava. Ela vivia desejando encontrar com ele por acaso, mas quando isso acontecia — uma vez quando ele jogava pedras num alvo invisível atrás do pomar, e outra, quando quase se esbarraram no corredor, certa noite, a caminho do banheiro— ela ficava completamente muda. Como March sempre foi muito tagarela, esse seu comportamento era estranho.

— Diga alguma coisa.—Judith Dale tinha de insistir com March, sempre que Hollis estava presente, mas March continuava muda. Ela começou até a tomar água da chuva que, segundo a Sra. Hartwig, que trabalhava na lanchonete da escola, era bom para crianças que tinham língua presa.

Mas mesmo assim March e Hollis não tinham ainda trocado uma palavra, nem para pedir para passar o pão ou a manteiga, no

jantar. Então, um dia, no verão, seu desejo foi realizado. Foi em julho, ela achava, ou talvez no começo de agosto. Há um tempo enorme fazia um calor brutal. March andava descalça e as solas dos seus pés estavam negras.

Estava se servindo de um copo de chá gelado de hortelã, feito por Judith quando viu a libélula passar voando. Era maior do que as que geralmente deslizavam na superfície do lago das Oliveiras e tão azul que ofuscava a vista. Ela seguiu a libélula até a sala de estar, onde a viu pousar na cortina e lá estava Hollis na cadeira do seu pai, lendo um dos livros de direito de Henry Murray, um tratado complexo sobre homicídio.

— Quero pegar aquela libélula—March disse.

Hollis olhou para ela. Seus olhos eram completamente negros.

— Muito bem, boa sorte—ele respondeu, finalmente. A libélula batia as asas iridescentes contra a cortina.

— Você tem de me ajudar.—A firmeza e segurança da própria voz a surpreenderam e provavelmente a Hollis também porque ele largou o livro e levantou-se para ajudar.

Em pânico, a libélula tentou fugir, batendo contra o vidro da janela e depois, desesperada, se enroscou no cabelo longo de March. March podia sentir o inseto, quase sem peso, podia sentir mesmo depois que Hollis o retirou do seu cabelo despenteado. Hollis abriu a janela e soltou a libélula que imediatamente desapareceu, engolida pelo céu.

— Agora está satisfeita?—Hollis perguntou.

Hollis cheirava a sabonete porque a Sra. Dale insistia para que ele tomasse banho todos os dias, mas cheirava também a alguma coisa queimada que, mais tarde, March concluiu que devia ser raiva.

— Não. Mas logo vou ficar—March disse. Ela o levou para a cozinha e apanhou dois copos grandes de sorvete de pistache. Tomaram meio litro cada um e quando terminaram estavam tremendo de frio, embora o calor continuasse escaldante. March lembrava ainda da sensação na língua, depois de todo aquele sorvete.

— Acho melhor você ficar longe dele— Alan avisou March.

Ele contou uma porção de coisas terríveis.

Hollis assassinou alguém e foi libertado sob a custódia do pai. A mãe dele era prostituta e foi assassinada. Disse que March devia trancar à chave tudo que tivesse de valor, um pente de prata herdado da mãe e uma pulseira folheada a ouro, pois Hollis era, sem dúvida alguma, um ladrão.

March sabia que o irmão estava com ciúme. Quando Henry Murray apresentava Hollis como seu filho, Alan ficava pálido. Alan não se dava bem com o pai e o tinha desapontado sob todos os aspectos e agora estava sendo substituído por alguém que nem sabia o que era xampu e não tinha a menor idéia de como se comportar na frente dos outros. Nos jantares, ou nos feriados, Hollis ficava sentado, lendo aqueles livros horríveis de direito e não respondia quando falavam com ele. As únicas pessoas a quem ele dava atenção eram Henry Murray e March.

— Por que não vai para algum lugar onde alguém queira você?

— Alan perguntou para Hollis.

— Por que você não cala a boca?—Hollis respondeu imediatamente, sem se dar ao trabalho de olhar para Alan, que era oito anos

mais velho e um adulto, apesar dos seus modos tolos.

Alan não perdia oportunidade de humilhar Hollis. Em público, tratava Hollis como um criado. Em casa, esforçava-se para fazer com que o menino se sentisse deslocado.

Muitas vezes entrava sorrateiramente no quarto de Hollis e fazia a maior desordem possível. Derramava sangue de bezerro nas gavetas de Hollis, arruinando a pouca roupa que o menino tinha, sabendo muito bem que ele preferia usar a mesma roupa todos os dias a admitir uma derrota. Deixou um monte de esterco de vaca no closet, e quando Hollis descobriu de onde vinha o cheiro, tudo que tinha ganho de Henry Murray—os livros, as lâmpadas e os cobertores -

estava contaminado pelo fedor.

Quanto mais bondoso Murray se mostrava para com Hollis, mais amargo Alan ficava. No primeiro inverno que Hollis passou com eles, Henry Murray voltou de uma conferência em Nova York com presentes para todos. March ganhou um colar de ouro muito fino e Alan e Hollis belos canivetes de aço e madrepérola. Alan mal conseguia fazer seu curso de direito

e agora, ver aquela criatura imposta a ele, tratada como seu igual, na verdade como seu irmão, o deixava furioso. Quando sentaram à mesa para o jantar, naquela noite, Alan estava fervendo de raiva.

— Ele é muito pequeno para ter um canivete—Alan disse para o pai.—Você nunca me deixou ter um quando eu tinha essa idade. Não podemos confiar nele.

— Você vai ficar bem—Henry Murray disse para Hollis, que estava sentado à sua esquerda, ignorando Alan.

— Meu Deus, vocês estão cegos!—Alan exclamou. Era o dia de folga de Judith Dale, mas ela havia deixado o jantar pronto. Estavam comendo frango grelhado, batatas e vagem, mas Alan empurrou o prato, derrubando o copo com água. — Ninguém com algum juízo daria uma arma para ele. Só um louco.

Se havia uma coisa que Henry Murray não tolerava era injustiça e seu filho estava sendo injusto. Hollis não disse nada para se defender e era isso que March não suportava, o modo como ele evitava os olhos de todos. O modo como ele parecia se dobrar para dentro de si

mesmo, cada vez mais, até a parte que estava à mesa com eles ser apenas um cantinho da sua alma.

— Cala a boca, Alan—March disse.—Você é que é louco.

March estava sentada à direita do pai e Henry pôs a mão no braço dela.

— Não quero que você diga isso. Não para Alan nem para qualquer outra pessoa.

Hollis não tinha ainda tocado na comida. Olhava para o prato, mas March tinha a impressão de que ele observava tudo.

— Você está com ciúme—ela disse para Alan.

Com uma risada curta e zombeteira, Alan indicou Hollis com um movimento da cabeça.

— Disso aí?

Henry Murray pôs a faca e o garfo no prato.

— Saia da mesa—ele disse.

— Eu?—Alan estava chocado.—Quer que eu saia da mesa?

— Volte quando puder se comportar decentemente—disse Henry Murray, e pelo seu tom de voz era evidente que não esperava que isso acontecesse muito cedo, com certeza

não naquela noite.

Alan levantou-se tão precipitadamente que a cadeira caiu com estrondo, atrás dele, ficando de lado no chão. March, que não tinha tirado os olhos de Hollis viu que ele começou a comer. Cortou a comida cuidadosamente, olhou para ela e nem piscou. March sentiu então o impulso mais estranho.

Queria fazer Hollis rir e ia tentar. Olhou para ele com os olhos vesgos e mostrou a língua.

— O que pensa que está fazendo?—o pai perguntou. March não esperava que o pai a surpreendesse.

— Nada—disse, rapidamente.

Olhou para Hollis e viu que, se não conseguiu uma risada, pelo menos conseguiu um largo sorriso.

— Ela não estava fazendo nada—Hollis afirmou.

— É bom ouvir isso.—Finalmente Henry Murray voltou a atenção para a comida.—Um filho mal-educado é o bastante para mim.

Alan devia ter idade suficiente para não pensar em manobras de vingança, devia se preocupar em arranjar um emprego ou

estudar para seus cursos, mas depois daquele jantar ele tratou de se desforrar de Hollis. Esperou o momento oportuno e finalmente, num dia frio de inverno, quando a neve caía bela e leve, Alan e alguns dos seus amigos pegaram Hollis no caminho do lago das Oliveiras. De tocaia o tempo suficiente para formar uma camada de gelo em volta das narinas, abastecidos com muita cerveja, os amigos de Alan estavam prontos para espancar alguém até a vítima perder os sentidos. Eles seguraram Hollis e cuspiram no rosto dele.

Depois o jogaram no chão e começaram a dar murros e pontapés, visando especialmente as costelas.

O horizonte estava cinzento naquele dia e os corvos voavam em círculos no céu. Alan e seus amigos espancaram Hollis até o sangue escorrer do nariz e da boca. Queriam vê-lo chorar, pedir por misericórdia para parar com o castigo, mas Hollis não fez nada disso. Fechou os olhos para protegê-los de um soco acidental. Ele os amaldiçoou em silêncio, tão profundamente que seu rosto não revelava coisa alguma. O sangue pingava na neve e do

outro lado do lago ouvia-se o zumbindo que o carrinho de neve do Sr. Judson, dono de uma grande extensão de terra naquela área, fazia ao atravessar o bosque.

Finalmente, cansados de socar e chutar, Alan e os amigos amarraram Hollis em uma árvore, onde ele ficou até o anoitecer, nem uma vez gritando por socorro. Quando ele não apareceu para o jantar, Alan aproveitou a oportunidade para dizer que ele era irresponsável e não tinha consideração por ninguém. Às nove horas, como Hollis não tinha aparecido, March saiu para procurá-lo. Quando o encontrou, Hollis ardia de fúria e vergonha. March cortou as cordas com o canivete de madrepérola que, ela sabia, estava sempre no bolso da calça dele e Hollis virou o rosto para o outro lado.

— Não tenha pena de mim—ele disse, quando March acabou de cortar as cordas.

Seus pulsos estavam sangrando também por causa dos nós muito apertados.

— Eu não tenho—March disse, e era verdade. Mesmo naquele momento, era de Alan que tinha pena. O que sentia por Hollis era algo inteiramente diferente.—Eu sei que

foi Alan quem fez isso. Conte para o papai. Eu digo que vi tudo.

— Mas você não viu—Hollis disse. Limpou o sangue do rosto e das mãos. Eles tinham arrancado seu casaco e agora Hollis rasgava a manga da camisa.—Você também não viu isto. — Com um gesto, pediu a ela o canivete e o segurou com a mão esquerda. Com um movimento rápido, fez um corte longo na parte superior do braço direito.

— Pare com isso!—March disse.

Ignorando o ferimento, Hollis levantou-se e jogou para bem longe as cordas com que Alan e os amigos o tinham amarrado e elas desapareceram na neve. Depois disso, voltaram para casa, deixando um rastro de sangue atrás deles.

No meio do caminho, Hollis começou a bater os dentes, embora estivesse com o casaco nos ombros, e, quando finalmente estavam seguros, dentro de casa, ele desmaiou.

Henry Murray levou os dois ao Hospital St. Bridget onde foram necessários vinte e três pontos para fechar o corte no braço de Hollis.

— Quem fez isso?—Henry Murray quis saber quando ele e March estavam sentados na

sala de espera.—Foi Alan?

March olhou para o chão, sem responder, e o pai interpre-tou o silêncio como uma afirmativa.

Naquela noite, Henry Murray comunicou a Alan que, se ele quisesse continuar morando naquela casa, teria de tratar Hollis com respeito. Além disso, teria de escrever uma carta pedindo desculpas e com o dinheiro da sua mesada pagar a conta do hospital e mais um casaco novo, pois o de Hollis estava inutilizado. E claro que o canivete de Alan foi confiscado, a despeito de ele negar veementemente sua culpa.

— Não acrescente a mentira às suas outras credenciais -

Henry Murray disse, e depois disso Alan parou de afirmar sua inocência.

Naquela noite, March não conseguiu dormir. Foi à cozinha para tomar um copo de leite e, na volta, parou na frente do quarto de Hollis, depois bateu e empurrou a porta. Ele estava deitado, mas não dormia. March entrou e fechou a porta. A única luz no quarto era o reflexo do luar na neve lá fora. O braço de Hollis estava apoiado numa tipóia de pano

branco.

— Você sabe por que tive de cortar meu braço?—Hollis perguntou. Tinha pensado em tudo quando estava amarrado na árvore.— Para que ninguém pensasse que eu fiz tudo isso sozinho.

— Como você teve coragem?—March perguntou. Sentou-se na cama para ver melhor o braço dele.—Não doeu?

— Que pergunta idiota—Hollis disse com aquele tom áspero e maldoso na voz.

March teria levantado e ido embora se não percebesse que ele estava chorando. Deitou ao lado dele, com a cabeça no travesseiro enquanto Hollis chorava. Ficou ali por um longo tempo, olhando para ele, e foi assim que ficou sabendo a intensidade da dor que ele sentia.

Ficou com ele até Hollis adormecer e embora nunca mais tivessem falado sobre aquela noite, nem sobre o fato de March ter deitado na cama ao lado dele, tornaram-se aliados em tudo. Sempre que alguma amiga da escola queria que March a visitasse, ou quando seu pai insistia com ela para passar mais tempo com as meninas da sua idade—a

filha de seu sócio, Susanna, por exemplo —,March sofria durante todo o tempo da obrigação social, contando os minutos até poder estar com Hollis. Às vezes ela dava desculpas, dizia que estava febril ou enjoada e corria da escola até Fox Hill.

Lembrava especialmente do verão em que o pai morreu, quando tinha catorze anos. Naquela noite, a lua parecia enorme, a lua prateada de agosto que surge no céu quando os tordos começam a aparecer nos jardins. Naquele ano, as rãs do bosque estavam mais barulhentas do que nunca. Elas coaxavam nas margens distantes do lago das Oliveiras e em cada poça d'água no pátio. Subiam até a horta, onde crescia a hortelã de Judith e coaxavam a noite inteira, um refrão constante que perturbava o sono. Sempre que March fechava os olhos, ouvia as rãs, como um pulso vivo, sobre o pano de fundo das noites quentes de agosto, tão escuras e tão profundas que a levavam para longe do descanso tranqüilo e dos sonhos.

Hollis já estava lá fora, na parte plana do telhado, quando ela saía pela janela. Precisavam ter cuidado para não serem

ouvidos. No começo beijavam-se com os olhos fechados, como se assim fosse mais silencioso e mais secreto. March não contou para ninguém, nem para a Sra. Dale em quem sempre confiava, nem para a chata da Susanna Justice, que sempre fazia questão de saber os detalhes mais íntimos de tudo. Era o tipo de verão em que é impossível notar a existência de alguém que não seja você mesmo e a pessoa que você ama, por isso o espanto de March foi enorme quando Alan a acordou certa manhã, sacudindo seu ombro, para dizer que o pai estava morto.

Henry Murray, o advogado que redigira centenas de testamentos para seus clientes, não havia reformulado o seu desde antes do nascimento de March. Desse modo, Alan herdou tudo em Fox Hill. A Sra. Dale ficou na casa, é claro, e as despesas de March eram todas pagas, mas Hollis foi mandado para o sótão. Agora, Alan podia fazer o que queria e começou a registrar semanalmente o quanto Hollis devia por cama e comida. Quando terminou o primeiro grau na escola, Hollis levou dois anos para pagar o que devia a Alan Murray, mas pagou. Trabalhava a manhã

inteira na padaria na rua principal, depois ia para o hipódromo em Olympia, onde aprendeu que um homem podia duplicar seu dinheiro apostando o que tinha. À noite e nos fins de semana, ele dirigia um caminhão para o Departamento de Obras Públicas, espalhando sal nas estradas, no inverno, cortando galhos das árvores e recolhendo lixo da rodovia 22, quando o tempo estava bom.

O tempo estava excepcionalmente bom no dia em que ele se foi. March estava para se formar no primeiro grau e lembrava que ela e Judith Dale falavam sobre o seu futuro, que parecia vasto e promissor, naquele tempo, enquanto limpavam as janelas para ver melhor o céu maravilhoso. Não importa quantas fossem as possibilidades que March imaginava—segundo grau, viagem, um emprego em Boston — , todos os futuros incluíam Hollis, isso era mais do que certo.

Quando Hollis anunciou que tinha deixado todos os seus empregos, ele estava se sentindo pela primeira vez realmente livre. Pagou Alan com seu trabalho e com a ajuda de um garanhão chamado Sandpaper, que entrou na corrida, no Olympia pagando vinte e cinco por

um, e surpreendeu todos os entendidos, incluindo Hollis, ao ganhar o páreo.

Agora Hollis podia ir embora, completamente limpo e sem dívidas, pronto para recomeçar sua vida. Foi o dia mais importante na vida de Hollis, o momento que estava esperando desde a morte de Henry Murray, mas March não percebeu isso. Ultimamente, Hollis vinha trabalhando tanto que ela se acostumara a sentir falta dele e havia começado a procurar outras companhias. Nesse dia March ia jantar na casa dos vizinhos, os Cooper. Ficara amiga da filha deles, Belinda, ruiva e pálida, e só pensava na roupa que ia vestir naquela noite. Pensando no vestido azul, não deu a Hollis a atenção que devia ter dado.

— Você prefere estar lá com eles ou aqui comigo?—Hollis quis saber.

A pergunta a pegou de surpresa. Ela estava escolhendo um par de brincos na caixa de jóias e demorou para responder — deve ter sido isso porque ele a segurou pelo braço com força, coisa que jamais tinha feito antes.

— Pare com isso—ela disse. Hollis sempre teve ciúme da sua amizade com os Cooper,

mas ela nunca se importou muito com isso, até aquele momento. Ele estava torcendo seu pulso. Assim que se livrou, ela recuou, afastando-se dele.

— Me deixa em paz—ela disse.

Era a primeira vez que March falava com ele naquele tom e sua irritação foi um choque para os dois. Ele sempre queria tanto dela que March não tinha um minuto para pensar.

— Você está fazendo uma escolha?—Hollis perguntou, então.

— Não—March respondeu secamente, sem pensar na facilidade com que ele podia ser magoado.—Você está.

E sempre um erro dizer para alguém, Não se atreva a sair por aquela porta, e um erro ainda maior atravessar a soleira e deixar para trás a pessoa a quem se ama. Desde aquele dia March se perguntava se poderia ter agido de modo diferente.

Ficar em casa e não ir jantar com os Cooper? Envolver Hollis nos seus braços? Admitir que o tempo todo estava planejando seu futuro com ele? No meio do jantar, ela percebeu o quanto tinha errado. Levantou-se e correu de volta a casa, mas era tarde demais.

Depois que Hollis se foi, ela ficava esperando na janela do segundo andar, dia após dia, semana após semana. Não houve cartas nem um cartão-postal, e quando March terminou o primeiro grau, não se dava mais ao trabalho de ir até a caixa de correspondência todos os dias. Porém, a cada primavera, os pombos que tinham ninhos no castanheiro voltavam e March interpretava isso como um sinal da fidelidade de Hollis e do seu amor. As meninas que estudaram com ela foram para a universidade, arrumaram empregos na cidade ou casaram com os homens que elas amavam, mas March continuou na janela e, antes que percebesse, aquele quadrado de vidro tinha se tornado seu universo, a estrada vazia do seu destino.

No fim de três anos ela não se reconhecia mais quando olhava no espelho. Não sabia como tinha acontecido, mas não parecia mais jovem. Finalmente, na manhã do dia em que completou vinte e um anos, March Murray não foi até a janela. Nunca ficou sabendo se os pombos voltaram ou não naquele ano para o ninho no castanheiro. Não ouviu as rãs naquela primavera nem sentiu o cheiro da

hortelã que crescia ao lado da porta. Em vez disso, fez as malas e esperou a Sra. Dale chamar o táxi para levá-la ao aeroporto. Alan emprestou a ela o dinheiro para uma viagem de ida e volta à Califórnia, mas enquanto esperava para embarcar, March foi ao banheiro, rasgou a passagem de volta e jogou-a no cesto de lixo.

March tinha passado uma vida inteira no quarto, esperando por Hollis, tentando descobrir o que havia feito de errado.

Passou outra vida depois, como esposa e mãe. E uma pessoa completamente diferente agora. Ali estava ela, arrumando as camas na casa vazia em Fox Hill, depois de uma ausência tão longa. Suas mãos se movem com rapidez, prendendo a roupa de cama sob o colchão. Foi uma jovem que veio para aquela cama, uma menina que chorava com facilidade e contava as estrelas em vez de carneiros, quando não conseguia dormir. March não chora agora, está ocupada demais para isso. Porém em certas manhãs ela acorda com lágrimas nos olhos. E como sabe que sonhou com ele. E embora jamais lembre dos sonhos, sente o perfume da relva no

travesseiro, como se o passado fosse algo que pudesse voltar, bastando desejar com força, bastando ser corajosa o bastante para dizer em voz alta o nome dele.

TRÊS

TODAS AS NOITES À MESMA HORA, HOLLIS PERCORRE TODA A EXTENSÃO da sua propriedade. A pé ou na picape, pode fazer isso com os olhos vendados, se for preciso. Como todo parente pobre, ele sabe exatamente o que lhe pertence. Até aquelas amoras silvestres são suas, mas é com um prazer amargo que ele vê os guaxinins e os esquilos comendo as frutas. Podem comer à vontade, sem nunca precisar pedir, como ele costumava ter de fazer todos os dias.

Hollis há muito tempo estava convencido de que o passado pode nos ferir, se o permitirmos. Se paramos para considerar tudo o que foi ou deixou de ser feito. O melhor é não pensar muito nas coisas que saíram erradas. Melhor ainda é não pensar. Em certos dias, Hollis consegue fazer isso, confiando mais no instinto e no hábito. Porém, há noites como a de hoje, em que ele não pode parar de pensar. Ele sabe que March Murray vai voltar para o funeral, talvez já esteja no seu antigo quarto, onde as sombras fazem desenhos no chão à essa hora. Quando não consegue

bloquear os pensamentos, Hollis tenta mudar suas perspectivas. Faz um inventário de tudo que tem, que agora inclui, não apenas toda a fazenda Guardian e Fox Hill, mas também grande parte da rua principal. Hollis tem terras na Flórida, na Costa Oeste e em Orlando e mais para o sul nas Keys. É também co-proprietário de uma pista de corridas nas proximidades de Fort Lauderdale, e o melhor de tudo isso é que ele nem precisa voltar àquele estado onde levou uma vida miserável.

Os cheques chegam pelo correio.

Nesse ano Hollis ia completar quarenta e dois anos e já conseguira muita coisa para um pé-de-chinelo tão andrajoso que a governanta dos Cooper queria chamar a polícia quando o viu pela primeira vez. Conseguiu muita coisa para um garoto que saiu de Fox Hill com cinqüenta e sete dólares no bolso. Tudo que tem agora devia bastar. Hollis recebeu tudo que deviam a ele, devia estar satisfeito, mas não está nem perto disso. Está sedento por alguma coisa e, embora se obrigue a fazer três refeições por dia, continua a perder peso, como se estivesse devorando a própria carne.

Não vai pensar no que o preocupa.

Simplesmente se recusa a explorar a fundo a própria mente. Em vez disso, vai tratar do velho pônei que era do seu filho e que está com cólica. O processo é sempre o mesmo— manter o pônei de pé e administrar óleo de rícino—,mas Hollis sempre borrifa um pouco de sal nas narinas do animal também, um truque aprendido há muitos anos na Flórida, uma das poucas táticas que ele ousa revelar. Uma superstição, zombam os freqüentadores do Café Lyon, mas os que experimentaram o tratamento com o sal não se arrependeram.

Na verdade, ninguém jamais disse que Hollis não era inteligente. Nunca se queixaram disso. Porém, a maioria dos homens no Café Lyon prefere passar sem a sua presença.

Hollis é o homem mais rico da cidade e provavelmente do país. Ele contribui generosamente para a Associação dos Policiais e para o Fundo dos Bombeiros, e uma enfermaria do Hospital St. Bridget tem seu nome, mas isso não significa que alguém queira se relacionar com ele, ou que Hollis não perceba que os benfeitores da cidade só o procuram quando precisam de um novo telhado para a biblioteca ou dinheiro para um

sinal de trânsito.

Uma coisa que o dinheiro compra numa cidade pequena é o respeito. Outros homens podem não gostar quando Hollis senta à mesa com eles, mas não ousam sugerir que ele procure outro lugar. Eles o tratam cortesmente, mas desejam o tempo todo que ele vá para casa. Hollis nem mesmo bebe, apenas senta ali, com um refrigerante, por motivos que os habitantes da cidade ainda não descobriram. Jack Harvey, especialista em ar-condicionado e instalação de aquecimento, insiste em dizer que Hollis senta à mesa com eles para roubar suas almas, se alguém beber demais. Quando ele finalmente vai embora, e uma rajada de vento frio entra pela porta que ele bate ao sair, os vizinhos se atrevem a dizer que ele é o próprio demônio. O Sr. Morte, é como o chamam quando ele não está presente e todos brindam sua ausência com um drinque.

São as mulheres da cidade que se voltam para olhar quando Hollis passa por elas. As mulheres têm pena dele. Hollis perdeu não só a mulher, como o filho também, Coop, doente, fraco e precisando de cuidados especiais desde

o começo da sua vida. É muito solitário para um homem viver assim, e as mulheres da cidade sabem quem, entre elas, foi para a cama com Hollis durante esses anos todos. Nem sempre são as mais jovens e mais bonitas. São mulheres que conhecem as regras, não fazem exigências, talvez com um marido que trabalha no turno da noite ou um namorado em outro estado. São as que sabem que Hollis não vai dar nada do que elas querem ou precisam, mas que, mesmo assim, não conseguem dizer não. Ele foi magoado, é o que dizem as mulheres que dormiram com ele, e precisa de alguém. Não precisam dizer que está mais bonito agora do que nos tempos do colégio quando ele só tinha olhos para March Murray.

Nessa noite Hollis apanha o sal no armário, depois o casaco, tão velho e usado que o tecido começa a esgarçar. O mesmo pode se dizer da casa. Está começando a se desfazer e isso agrada a Hollis. Há quinze anos não é pintada e o telhado tem vinte e seis goteiras permanentes. A destruição da casa que antes pertenceu aos Cooper é para ele uma satisfação pequena, mas real. Hollis gosta de

encontrar teias de aranha na sala onde o Sr. Cooper costumava fumar seus charutos. O jardim de plantas perenes, do qual Annabeth Cooper tanto se orgulhava, foi destruído por escaravelhos daninhos e fungos. No quarto de Richard Cooper, ele ouve os guaxinins que vivem nas paredes, e no antigo quarto de Belinda, as bordas do mármore da moldura da lareira desintegraram-se completamente. A porcelana Wedgwood, tão elegante nas festas, é agora usada pelos cachorros e tão lascada que ninguém poderia imaginar que veio de Londres em engradados de madeira, com cada terrina e cada prato envoltos em algodão branco.

Hollis sai da casa, batendo a porta, ignorando os cães vermelhos sonolentos que se levantam e saem atrás dele, seguindo o instinto, exatamente como o dono. São animais desgarrados, segundo dizem descendentes dos vira-latas abandonados e criados pelas raposas muitos anos atrás. Seja qual for sua linhagem, todos são ameaçadores, com o pêlo áspero e olhos amarelos. Seus latidos estridentes amedrontam os entregadores e carteiros. Porém os cães são sensíveis a Hollis.

Conhecem seus estados de espírito e quando ele faz uma pausa para respirar profundamente olhando para o céu, eles se encostam uns nos outros e uivam. Ficam ansiosos quando Hollis diminui o passo, mas ele está apenas apreciando a paisagem. Sempre gostou do mês de outubro, tristonho e dourado, e nunca se cansa de olhar para suas terras. Por que não parar para admirar tudo aquilo que antes ele invejava e que agora lhe pertence?

Hollis desistiu de tudo por essa terra, por isso pode muito bem parar e sentir que é sua.

No ano em que Henry Murray levou Hollis para casa, havia mais de cinqüenta cavalos de corrida na fazenda Guardian.

Hollis não se interessava por cavalos então e não se interessa ainda, mas March era fascinada, não apenas pelos cavalos dos Cooper, como por sua riqueza. Seu pai dava para caridade quase tudo que ganhava e todas as horas extras que fazia eram de graça. Embora Henry Murray fosse um membro respeitado da comunidade, March tinha só um par de sapatos por ano, enquanto Susie Justice, por exemplo, tinha quatro ou cinco. Naquele

tempo, March se interessava mais por sapatos do que pelo bem-estar dos pobres e talvez por isso gostasse tanto dos cavalos dos Cooper. Cada um deles valia mais do que seu pai jamais poderia ganhar.

Hollis lembra-se de quando ele e March se esconderam atrás de um muro de pedra para ela contar os cavalos. Era um dia quente e o vento forte fazia com que March à todo momento afastasse o cabelo longo e negro dos olhos. O vento soava como um tambor ou um aviso e tudo cheirava a relva. Os cavalos do Sr. Cooper em nada se pareciam com os pangarés magricelas que eles viam nos fundos das casas na rodovia 22.

Eram cavalos que tinham corrido em Belmont e em Saratoga, tão velozes que ganhavam das nuvens que desciam de Fox Hill.

Logo que casou com Belinda, Hollis vendeu quase todos os cavalos e agora só tinha três, num estábulo com espaço para dezenas. O velho e preguiçoso pônei do seu filho Coop; o antigo cavalo de carga, Geronimo, que antes puxava os fardos de feno, no campo, para os cavalos de raça; e

Tarot, o cavalo de Belinda, que matou dois jóqueis antes de ser retirado das corridas. Hollis odeia todos eles. Detesta o som e o cheiro de cavalos, detesta os animais idiotas que se espantam com cobras não-venenosas e com poças de água da chuva, e detesta mais ainda os inteligentes, como Tarot.

Nesse momento, aproximando-se do estábulo, ele ouve os gemidos do pônei, fracos e curtos, que o fazem lembrar, de como é horrível o grito de um cavalo. Antes de ter tempo para afastar a lembrança, ele vê um cavalo branco cair de joelhos. Cai como a neve, como um monte de neve capaz de cobrir um homem completamente. Muito bem, Hollis não quer pensar nisso. Ele desliga o pensamento sempre que começa a se lembrar dos anos que passou fora da cidade.

Podem dizer que três anos não é um longo tempo, mas Hollis sabe que é suficiente para criar um vazio dentro de qualquer um. E o tempo exato para nos deixar vazios para sempre, não importa o que tenhamos sido antes ou o que podíamos ter sido então.

Tarot está na primeira baia, seu lugar desde o dia em que veio para a fazenda. Um

baio puro-sangue, escuro como mogno, num leilão valeria mais do que todos os cavalos que Hollis possui, se não fosse por sua má fama. Os criadores em toda a Costa Leste ainda consideram Tarot como um cavalo cujo potencial foi completamente esgotado, um campeão tão descontrolado que devia ser vendido como carne para cachorro. Embora Tarot nunca tivesse deixado de obedecer Belinda, o povo da cidade ainda comenta as suas escapadas.

Alguns lojistas—Sam Deveroux, dono da loja de ferragens, por exemplo, e Mimi Frank, dona do salão de beleza Bon Bon—afirmam que Tarot expelia fogo pelas ventas quando corria solto pela cidade. Juram que, numa noite quente de maio, ele chamuscou todos os arbustos de lilás na rua principal. Até hoje, as flores desses arbustos cheiram a enxofre. Dizem que queimam as mãos de uma criança descuidada que tente colher algumas.

O povo da cidade não sabe por que Hollis se dá ao trabalho de manter um cavalo tão inútil. As mulheres gostam de pensar que é um sinal de respeito por Belinda, que amava o animal, mas os homens zombam, dizendo que

na verdade Hollis se recusa a aceitar um preço baixo por qualquer coisa que lhe pertence. Nada disso é verdade. Hollis conserva o cavalo porque é um lixo, exatamente como ele mesmo.

Todas as noites eles se enfrentam e cada vez mais cresce o desprezo mútuo. Essa inimizade não significa que Hollis vá algum dia se desfazer de Tarot. Afinal de contas, não se leva a única criatura tão cruel quanto você mesmo para trás de um estábulo para matá-la com um tiro na cabeça.

"Ei, amigo", Hollis murmura quando se aproxima da baia de Tarot. Como sempre, o puro-sangue parece atravessá-lo com o olhar. "Foda-se." E sempre um motivo de espanto para Hollis a capacidade de orgulho de um cavalo. "Foda-se você também."

No dia em que ele e March estiveram ali pela primeira vez, foram surpreendidos por Jimmy Parrish, que agora anda com uma bengala e passa todas as noites no Café Lyon, citando estatísticas de corridas de cavalos e chateando mortalmente todo mundo. Naquele tempo, Jim era o capataz na fazenda Guardian e levava muito a sério seu trabalho. Foi um

cachorro que os denunciou, um dos estúpidos poodles de Annabeth Cooper que começou a latir como louco e levou Jimmy Parrish diretamente ao muro de pedra onde estavam escondidos.

Os Cooper não eram amistosos e os avisos de Entrada Proibida cercavam toda a propriedade. Mesmo para as festas que davam durante o verão, os convidados eram importados de Nova York e Boston, embora os moradores da cidade sempre ficassem sabendo das grandes recepções de Annabeth Cooper. Caminhões de rosas chegavam de Boston e tanto champanhe era servido que as abelhas ficavam embriagadas e invadiam todas as casas da cidade, zumbindo como loucas, mas atordoadas e confusas demais para picar.

Hollis e March sabiam que eram presença indesejada para os Cooper, mas iam contar os cavalos do mesmo jeito. Hollis ainda pode ouvir o vento que soprava no dia em que foram apanhados. Ouve nos seus sonhos e quando caminha pelos pastos que agora são seus. Era impossível ouvir o que March dizia por causa do rugido do vento, mas Hollis viu

que ela estava com o pé preso entre duas pedras. O poodle de Annabeth Cooper latia freneticamente. Com os dentes grandes demais para sua raça, ele devia ter mordido March, porque a mão dela estava sangrando.

— Vou chamar a polícia—Jimmy Parrish gritou, com voz mais forte do que o vento.

March estava com uma camisa branca que enfunava como uma bandeira ao vento. Ela sabia que Hollis tinha várias passagens pela polícia. Fora apanhado roubando revistas na banca de jornais da farmácia, e o dono da loja de bebidas o denunciou quando ele tentou comprar cerveja. Hollis era um menino da cidade que fora levado para Fox Hill com seus hábitos urbanos intactos, e March não o culpava por isso. Mais um confronto e ele seria mandado embora.

— Vá embora—March disse, apenas com o movimento dos lábios.—Vá embora—ela insistiu.

Com medo da polícia, assustado com a força do vento, Hollis deu meia-volta e correu. Hollis corria bem, mas nenhum dia passava sem que se perguntasse o que teria acontecido se não fosse tão rápido, ou se tivesse ficado

onde estava. E se ele e March tivessem passado o dia no lago das Oliveiras, em vez de espiar os cavalos na fazenda? E assim que os destinos são feitos e o futuro determinado? Uma escolha descuidada, um dia de vento, um cachorro intrometido?

Algumas pessoas sabem o momento exato em que perderam tudo. Podem olhar para trás e ver claramente, e por mais que se esforcem não conseguem compreender por que não perceberam o que estava acontecendo. Por que Hollis não parou de correr? Por que não ficou ao lado dela? Esperou uma eternidade por ela na estrada esburacada que ia da fazenda a Fox Hill. No meio da tarde, o vento amainou, mas foi substituído por um ruído ensurdecedor na cabeça de Hollis. Sua cabeça latejava e a dor aumentava a cada minuto.

Finalmente, o céu ficou escuro. As rãs coaxavam e a lua subia no céu quando March apareceu.

Trazia na mão um buquê de rosas do jardim de Annabeth Cooper. Ela correu para Hollis, apertando contra o peito as belas rosas Unity, Double Delight e Peace. Foi a primeira coisa que ele viu, flores cor-de-rosa na noite

escura. De repente, teve vontade de chorar e teria chorado se March não começasse a falar assim que chegou perto dele. Não que estivesse ouvindo o que ela dizia—certamente não queria ouvir o quanto Richard Cooper era inteligente, ou que sua irmã, Belinda, era tão bondosa que tinha um gambá como animal de estimação e o alimentava com pão amaciado em leite quente, deixando-o dormir sobre o acolchoado nos pés da sua cama, apesar de a Sra. Cooper proibir qualquer animal dentro de casa. Não, ele não precisava ouvir esses detalhes porque sabia o que tinha acontecido pelo que via no rosto de March. Numa única tarde, por causa de um cachorro idiota e um muro de pedra, aconteceu. Ele a perdeu.

Assim que a fazenda Guardian se tornou legalmente sua, Hollis cortou todas as roseiras de Annabeth Cooper. Elas cresciam junto à cerca de madeira e eram muito mais obstinadas do que Hollis podia imaginar. Todos os anos ele tinha de cortar com a foice os galhos que insistiam em renascer. Na última primavera, ele encontrou uma rosa vermelha no chão, debaixo da cerca, e foi tão assustador quanto se fosse uma poça de

sangue. Hollis chutou a flor para baixo de uma moita de sempre-verde, mas continuou a vê-la com o canto do olho. Ele via a rosa muito tempo depois de estar murcha e morta.

Porém, nessa noite, não é nas rosas que ele está pensando. É na sua vingança. Quando se experimenta o gosto da retaliação, ela fica para sempre conosco. Ela nos faz contar os ganhos que conquistamos e tudo que o inimigo perdeu, inúmeras vezes, embora a soma tenha permanecido a mesma há anos. Evidentemente é mais difícil calcular o valor de um ser humano. Hank, por exemplo, seu sobrinho adotado, geralmente é um ganho, mas, nessa noite, uma perda completa. Devia se encarregar de manter o pônei de pé, mas adormeceu na cadeira de balanço e o pônei está de joelhos, gemendo numa pilha de feno.

— Dormiu bem?—Hollis diz.

Hank se levanta imediatamente, tropeçando nas próprias botas. Cresceu mais de quinze centímetros no último ano e ainda está desajeitado e alto demais. Ele é claro como o pai, Alan, com o cabelo cor de palha e cora intensamente sempre que fica embaraçado.

— Merda—Hank diz, mas censurar-se é inútil. Hollis vai se encarregar disso para ele.

— Que diabo está pensando?—Hollis pergunta.—Ou será que desistiu de pensar?

— Desculpe—Hank diz, sabendo que não adianta. Ele nunca faz nada direito, pelo menos não na opinião de Hollis.

Hank passou o dia todo desligado, mas não deixou de pensar.

Está lembrando de Judith Dale, que costumava tomar conta dele e de Coop. Ela fazia o jantar todas as noites, depois da morte de Belinda, preparava flocos de milho fritos e sopa de peru com caril, pudim de abóbora e torta de uva silvestre.

Era impossível parar de comer a comida que a Sra. Dale fazia. Dava vontade de ter um estômago três vezes maior, como uma vaca, para ficar comendo e pedir mais. Agora, Hank e Hollis comiam quase sempre sanduíches de queijo e comidas enlatadas—sopas e chilis que só tinham gosto quando se usava muito sal. A Sra. Dale jamais toleraria uma dieta desse tipo. Ela acreditava em coisas feitas em casa.

Todos os anos, no aniversário de Hank, ela fazia um bolo de chocolate. Mesmo depois que

Coop morreu, quando Hollis disse que não precisava mais dela e ela voltou para a casa em Fox Hill, ela mandava o bolo de chocolate todos os anos e Hank sempre o comia todo.

Nos últimos anos, Hank fazia questão de passar por Fox Hill uma vez ou outra para ver como estava a Sra. Dale. Dez dias antes Hank tinha limpado as calhas na casa dela, embora a Sra. Dale tivesse dito que podia chamar Ken Helm para fazer aquilo. Depois ela deu a Hank um pedaço de torta de laranja e uva-do-monte que ele comeu na mesa da cozinha.

Ninguém podia recusar uma sobremesa feita pela Sra. Dale e ela sempre levava tortas à casa velha no pântano que diziam ter sido construída pelo fundador da cidade, Aaron Jenkins.

Levava também uma sacola com alimentos, cobertores pesados de lã, luvas e meias limpas. Levava fósforos e sabonete e suéteres compradas na feira de roupas usadas que acontecia uma vez por mês na prefeitura.

Ela levava praticamente tudo que uma pessoa pode precisar para existir neste mundo, pelo menos no que diz respeito ao conforto físico. Porém, jamais se aventurava em

território emocional e nem pensava em dar conselhos, a não ser quando pedidos diretamente. Por exemplo, ela nunca sugeriu que Hank fosse ao Pântano. Nunca disse, "Vá ver seu pai". Podia ter pensado, podia até mesmo estar convencida de que se Hank não fosse àquele lugar decrépito, onde os juncos eram mais altos do que um homem adulto, alguma coisa ficaria faltando para sempre na sua vida, mas ela nunca disse nada além de "limão ou leite?", quando servia o chá para ele e sempre o abraçava carinhosamente quando ele ia embora.

Hank só soube da morte de Judith Dale nessa tarde. Estava no setor de produtos para animais, na loja de ferragens, procurando óleo de rícino para o pônei doente de Coop, quando ouviu alguém falando sobre os funerais de Judith Dale. Imediatamente Hank sentiu alguma coisa quente atrás dos olhos, mas não chorou. Ficou ali parado no setor de produtos para animais até passar o atordoamento, depois foi até o caixa, pagou e saiu.

Nessa noite, quando devia estar tomando conta do pônei, estava pensando na expressão

de Judith Dale quando disse a ele que Coop estava morto. Foi numa noite de inverno, fria e repleta da luz acinzentada das estrelas. Hank foi levar a comida dos cães e quando voltou para casa ouvia os próprios passos na terra congelada. Judith Dale esperava por ele, segurando a porta de tela aberta e uma faixa de luz riscando o chão. Pôs a mão no ombro de Hank e com surpresa ele viu que ela teve de levantar o braço para fazer isso. "Nós o perdemos", disse a Sra. Dale, e naquele momento Hank compreendeu que nunca antes tinha visto a dor real de uma perda.

Por isso ele esqueceu suas tarefas agora, tantos anos depois — um descuido que não era comum para ele. Estava muito preocupado, imaginando o que acontece quando perdemos alguém. Sua mãe, por exemplo, que morreu quando ele era tão novo que nem lembrava dela. Seu pai, também, que ele preferia não lembrar. O filho de Hollis e Belinda, Coop, que morreu aos doze anos e nunca chegou ao final de Ilha do tesouro, o livro que a Sra. Dale estava lendo para ele no último mês da sua vida.

Hollis está passando uma corda no pescoço

do pônei, fazendo o trabalho de Hank, e o pônei teimoso, revirando os olhos, levanta-se quando ele puxa a corda. Hollis põe um pouco de sal na palma da mão e assopra para dentro das narinas do cavalo. A única coisa partilhada entre Hollis e o filho era a aversão a cavalos. Coop era alérgico à animais e bastava ter contato com qualquer coisa com rabo que ficava com urticária. Foi Belinda quem insistiu em dar um pônei para ele, e é Hank quem insiste em conservar aquela criatura patética em memória do menino.

— Peço desculpas por ter dormido—Hank diz.—Não vai acontecer mais.

— Dê-me um bom motivo e eu me livro desta coisa — Hollis diz, apontando para o pônei.

Hank inclina a cabeça, num gesto afirmativo. Sabe que Hollis fala sério. Fica calado e guarda para si mesmo seus pensamentos, como sempre faz. Está acostumado com o jeito de Hollis, assim como Hollis está acostumado com ele, depois de todos esses anos.

— Ouviu a notícia sobre a Sra. Dale?— Hollis perguntou.

Hank inclina a cabeça afirmativamente outra vez. Com Hollis é preciso agir com cuidado. Pensar no que se vai dizer.

Saíram juntos para a noite estrelada, extremamente clara e fria para aquela época do ano. Toda a chuva que caiu antes vai congelar durante a noite e no dia seguinte terão algum trabalho para cavar o túmulo de Judith Dale. A Sra. Dale era uma boa mulher, Hollis jamais negaria isso. Uma intrometida e chata, mas ela jamais julgava o que não podia compreender e Hollis sabia que isso é raro. Ao contrário de Alan e dos garotos da cidade, ela sempre o tratou bem, mas isso não quer dizer que ele precise gemer e se lamentar no funeral. Ao pó voltarás, isso é tudo. Se você não pode mudar um fato da vida, então seja bastante inteligente para se afastar dele, este era o lema de Hollis. Afaste-se bem depressa.

— Pode ir ao enterro, se quiser—Hollis diz para o sobrinho.

— Obrigado—Hank diz.—Talvez eu vá.

Se Hollis fosse ao funeral seria por um único motivo. March Murray. Mas prefere esperar que ela venha até ele. Vai acontecer, Hollis tem certeza. Ele conseguiu tudo que

antes lhe foi negado e só falta March. Hollis nunca amou mais ninguém e nunca vai amar. Pensou que podia viver sem ela e de certo modo estava certo. É uma meia-vida, onde ele faz o que é preciso sem que nada tenha importância.

Simplesmente precisa dar mais tempo, é tudo. Quem pensa que não é possível tornar realidade, certas coisas só com a força do orgulho é um tolo. March já está de volta à cidade.

E só uma questão de tempo para que volte para ele e, para ter isso, Hollis pode esperar um pouco mais.

Nessa noite, ele vai dormir no quarto atrás da cozinha, para onde se mudou porque não suporta entrar no quarto em que dormia quando era casado. De manhã, quando o povo da cidade estiver se vestindo para o funeral, enquanto March estiver escovando os longos cabelos, Hollis estará tomando café puro como sempre. Vai começar as tarefas diárias—pagar contas, falar com o advogado, garantir o recebimento dos aluguéis e o pagamento das dívidas. Ao meio-dia, quando os vizinhos tiverem saído da capela para se reunirem no

cemitério, atrás do campo de golfe, ao lado da rodovia 22, ele vai percorrer sua propriedade, verificando se não há cercas derrubadas e se ninguém invadiu suas terras. Vai fazer isso, como faz todos os dias, e só vai parar quando estiver exausto, sabendo muito bem que se parar, se olhar realmente em volta, cada metro quadrado das suas terras vai trazer a lembrança de tudo o que saiu errado.

TRÊS

NO DIA DO ENTERRO DE JUDITH DALE, O CÉU ESTÁ CINZENTO COMO pedra. As mães na cidade preparam o mingau de aveia dos filhos e tiram das gavetas as luvas e as meias de lã. As portas da biblioteca rangem como sempre acontece quando o tempo começa a mudar. Na esquina da rua Elm com a principal, a padaria deve ter no forno seus famosos pães de canela porque o cheiro está em toda a parte, como se tivessem espalhado a massa por toda a cidade. É um dia para ficar na cama, mas March e Gwen estão vestidas e prontas para sair, às oito e meia, quando a mais antiga amiga de March, Susanna Justice chega com sua picape, pedindo desculpas porque os bancos estão cheios de pêlos do seu cão labrador,

lamentando o fato de March e Gwen serem obrigadas a sentar muito juntas no banco pequeno.

— Olhe, eu não sei o que faria sem você— March diz e conta a saga do carro alugado, que já foi rebocado para a cidade. -

Você é uma verdadeira amiga. Eu fico muito grata.

O mais surpreendente é que ela está sendo sincera e nunca imaginou que seria capaz de tais sentimentos quando ela e Susie eram meninas. As duas só andavam juntas porque seus pais eram sócios, mas na verdade se odiavam. Passaram dois anos inteiros sem trocar uma palavra, nem para dizer "passe a torta de batata-doce" no jantar do dia de Ação de Graças.

Agora, é claro, nenhuma das duas está lembrada do motivo desse muro de silêncio.

— Foi porque você era uma idiota—Susie diz, fazendo o possível para criar espaço para as duas no banco da picape.

Além dos pêlos do cachorro, há também pastas e pedaços de papel e uma dezena de mapas.

— Na verdade, foi porque você era metida

a sabichona — March se defende.—E ainda é.

As duas riem. Susanna é repórter do jornal local, The Bugie, e na verdade sabe de tudo que acontece na cidade. Sabe não só por quanto o velho Sr. Judson vendeu suas terras no lago das Oliveiras, como também que ele se recusou a vendê-las para Hollis por um preço muito melhor, mas aceitou o convite de Hollis para jantar em Boston e a caixa de Chablis de boa safra. Não que tivesse intenção de contar isso para March, e menos ainda que uma meia dúzia de mulheres da cidade são tão loucas por Hollis que, se ele pedisse, abandonariam os maridos e os filhos.

Susanna Justice tinha mais informação do que poderia caber na cabeça de muitas pessoas. Ela sabe qual vai ser o orçamento do comitê da escola para o próximo ano e que o sujeito do controle de animais, Bud Horace, tem o coração mole demais para recolher todos os cachorros soltos nas ruas. No meio de tudo isso, há muita coisa que ela preferia não saber. Quem morreu na noite anterior no Hospital St. Bridget, o marido de quem fica agressivo quando bebe demais no Café Lyon, quem foi encontrado no acostamento da

rodovia 22 com uma arma entre os bancos e um bilhete de suicida no porta-luvas.

— Querida, tudo que tem a fazer é me espremer que eu dou uma porção de informação inútil—Susie sempre diz.

Ela sabe até quando acontecem as liquidações na loja de lingerie Laughton's (em janeiro e julho, no segundo sábado do mês) e quanto custam os donuts com geléia na cafeteria Bluebird (cinqüenta centavos). Susie está sempre sabendo de alguma novidade e recentemente descobriu que Ed Milton, o chefe de polícia, beija com os olhos fechados e parece um anjo quando dorme. Porém, há certas coisas que ela sempre soube, a vida inteira: são as novidades velhas. Por exemplo — que sua velha amiga March Murray não reconheceria a boa sorte nem que fosse esbofeteada por ela.

— Você acha que é grande coisa porque mora em Palo Alto.

Muito bem, para sua informação, Eileen Singleton vai se aposentar na terça-feira, depois de trabalhar quarenta e três anos na biblioteca.

— Minha nossa—March diz.—Pare as

rotativas.—Seu cabelo está enrolado num nó e preso por um pente de prata feito por ela mesma. Ela e Susie têm pulseiras de prata iguais, as primeiras que March tentou fazer. O que começou como um passatempo era agora uma atividade mais e mais lucrativa, financeira e artisticamente.

— Isso não é nada—Susie diz, passando a mão no único vestido sóbrio que tem, próprio para um funeral, para tirar os pêlos do cachorro. Susie tem cabelo loiro cortado curto e olhos cinza-azulado e o preto definitivamente não é a sua cor, com ou sem pêlo de cachorro.—Quer notícias de verdade? O Sr. e a Sra. Morrisey têm o prazer de anunciar o noivado da sua filha Jane, se lembra daquela vaca? Com um cara de quem eles não gostam, que trabalha no Departamento de Obras Públicas em Gloucester e é um gato.

Eu o vi na festa de noivado. E uma coisa! Provavelmente vai ser um problema. No meio da festa ele pediu o meu telefone. Todo mundo tem de me convidar para tudo, você sabe, para que o nome apareça no Bugie.

— Isso porque você é um ser superior—

March diz.

— Como você—Susie responde.—Por isso somos amigas.

Gwen, que está só ouvindo e esforçando-se para subir na picape com sua saia muito curta, não acredita como sua mãe e Susanna Justice são capazes de ser tão ridículas quando estão juntas. Susie vai à Califórnia uma ou duas vezes por ano e elas são tão idiotas na Costa Oeste quanto estão sendo agora.

— Vocês duas são tão amadurecidas—ela diz, com desdém.

Não é só por causa do vestido preto e mínimo de Gwen que as duas param de falar e olham para ela. Gwen está com um exagero de rímel negro nos olhos e o cabelo cheio de gel espetado na frente, como uma almofada de pregos. Esperem até ela contar para sua amiga Minnie: Lá estava eu, encurralada como um rato, com as duas olhando abismadas para meu estilo. Eu não podia fugir, estava encurralada, pode crer, encurralada como nenhum ser humano jamais deveria estar.

— Vai deixar Gwen ir desse jeito?—Susie pergunta para March.

— Deixar?—Essa gente sem filhos tem as

idéias mais estranhas.

— Será que podemos ir ao enterro e acabar logo com isso? — Gwen diz com sua voz de sapo. Antes de sair ela fumou um cigarro no banheiro, depois praticamente se lavou com Jean Naté, que encontrou no armário de remédios, e pensa que assim se livrou do cheiro do cigarro.

— Ah. É claro, definitivamente—Susie diz, sentando-se no lugar do motorista.—Não vamos deixar que o enterro de Judith tome muito do nosso tempo precioso.

— Exatamente—Gwen diz. Ela abaixou o visor no lado do passageiro para olhar no espelho. Ela deseja duas coisas.

Olhos maiores e rosto mais fino. Se ela não suporta o que vê no espelho, quem vai suportar? Talvez sua mãe e essa Susie idiota não estejam tão erradas no seu julgamento. Cortar o cabelo foi sem dúvida uma bobagem, ela percebe agora. Sua aparência é um desastre, parece uma piada. Ela gostaria de ser o equivalente humano de um cão afghan hound. Mas o que vê é um beagle olhando para ela no espelho.

— Se não se importa—March diz.

Espremida entre as duas, só com esforço March consegue levantar o visor para que não atinja os olhos delas na estrada cheia de buracos. Vai ser um dia horrível. O tipo de dia que ninguém se importa de perder completamente, mesmo sabendo que com isso sua vida vai ficar vinte e quatro horas mais curta.

— Não acredito que Judith esteja morta de verdade -

March diz.—Ela tomou conta de todo mundo e nunca se queixou. Não me lembro de nada egoísta que ela tenha feito.

Nunca. Ela era o que há de melhor.

— Ela era uma coisa mesmo—Susie concorda.

March podia reagir a uma afirmação como essa, mas a estrada estava tão cheia de buracos que Susie tinha de se concentrar para evitá-los do melhor modo possível. Susie sempre se orgulhou de ser uma pessoa misteriosa. O que você quer dizer com isso? March estava sempre perguntando quando eram meninas e tinham de passar o dia juntas e Susie olhava para ela como se March fosse louca e suas interpretações fossem fruto de uma

imaginação pouco confiável.

— Foi aqui que meu carro alugado morreu —March diz, quando se aproximam da vala mais profunda.

— Então segurem-se—Susie diz e, em nome dos velhos tempos, pisa fundo no acelerador para a corrida na montanha-russa.

— Vocês são doidas—Gwen grita, mas Susie e March, supostamente mais velhas e mais sábias, a ignoram. Durante um tempo pelo menos, enquanto sacodem e saltam a cada solavanco, conseguem se esquecer de para onde estão indo.

Esquecem há quanto tempo passaram juntas por aquela estrada de braços dados. Eram meninas destemidas e ousadas, com suas calças jeans, botas e suéteres, e especialmente March, completamente confiante no que o futuro lhe reservava: felicidade total e amor verdadeiro, era o que ela queria. Nada mais ou nada menos do que isso, assim como nenhum outro lugar jamais seria seu lar, nenhum lugar que não fosse a colina jamais seria tão acolhedor, tão belo ou tão real.

Susanna Justice pisa com força no freio de

repente e as três são atiradas para trás pela força dos cintos de segurança.

— Dá para acreditar numa coisa dessas?— Susie diz, quando um coelho aparece correndo bem na frente do carro.

A paisagem é decididamente real, no mínimo. Desde o minuto em que acordou nessa manhã, na velha cama onde tinha dormido milhares de noites, March compreendeu que voltar a Fox Hill foi um erro. Abriu os olhos e já estava pensando em Hollis. Quando viu o desenho que a geada formava na parte interna das janelas, foi exatamente como se jamais tivesse saído dali. Seu quarto sempre foi o mais frio da casa. Muitas vezes a água do copo, na mesa-de-cabeceira congelava completamente. Ela lembra de que segurava o copo e assoprava o gelo até derretê-lo em pequenos riachos que soletravam o nome de Hollis.

A primeira coisa que ela fez nesse dia, quando já estava com o vestido azul-marinho e o suéter preto, foi descer descalça e tentar ligar para Richard. De onde estava, perto da mesa do telefone, ela via Gwen ainda dormindo no sofá do pequeno quarto de

costura. Através da janela oval, via além do jardim e das árvores. O mais idiota era que seu coração estava disparado. March começava a fazer um acordo com ela mesma, o tipo de acordo ao qual recorrem as mulheres que amam o homem errado. Se Richard atendesse antes de o telefone tocar seis vezes, tudo estaria bem. Ela estaria perfeitamente segura e, afinal, a segurança fora escolha sua, mesmo agora, olhando para as macieiras onde ela costumava subir quando era menina. Então lembrou de que era cedo demais na Califórnia, um pouco mais de três horas da manhã, e desligou o telefone rapidamente. Mas ficaria bem mesmo sem falar com ele. Ia fazer chá num dos belos bules de cerâmica de Judith e logo estaria bem.

Pelo menos foi o que pensou. Agora, face a face com os pastos da fazenda Guardian sentia toda a pele fria. Devia ter trazido luvas e uma echarpe de lã. Nesse momento, March queria estar a um milhão de quilômetros dali.

— Não se preocupe—Susie diz, notando a preocupação de March.—Ele não vai aparecer no enterro. Pode ficar certa.

Ele continua se recusando a fazer o que

deve, seja lá o que for.

March espera que seu olhar faça Susie ficar quieta, mas é tarde demais.

— De quem estamos falando?—Gwen pergunta.

Gwen sempre faz isso—ouve o que não deve, ignora o que deve ouvir.

— Ninguém—March diz.

— Apenas um fruto da nossa imaginação—Susie faz questão de acrescentar.—Ou de alguns de nós, pelo menos.

— Legal, tudo bem—Gwen diz, secamente. —Como se eu soubesse o que quer dizer com isso.

— Quer dizer que ela é uma sabe-tudo—March explica, mas está pensando: Sorte a minha que você não compreende. Sorte sua.

Elas saíram com tempo bastante para chegar na hora, mas ainda assim estão atrasadas. O estacionamento já está cheio de carros, e por que não estaria? Judith Dale tinha muitos amigos, da biblioteca, de cuja diretoria fazia parte há anos, do clube de jardinagem, que tanto fazia para embelezar a cidade, e também do Hospital St. Bridget, onde trabalhava como voluntária na enfermaria

infantil duas noites por semana, lendo histórias e brincando de Terra Encantada.

March lembra que a intrigava o fato de a Sra. Dale não ter filhos. Perguntou isso a ela certa noite, quando estava doente e com febre, e a Sra. Dale passou a noite a seu lado, dando a ela colheradas de pudim de arroz e uma infinidade de xícaras de chá.

— Porque não me foi destinado—ela respondeu.

March jamais compreendeu bem o que ela queria dizer com isso. Estaria se referindo a Deus, ou à mão do destino, ou à própria escolha, feita talvez há muitos anos? De qualquer modo, havia certas coisas na Sra. Dale que eram secretas, e outras que não eram. Ela gostava da chuva, de crianças e de sair sozinha nos feriados e voltar com pequenas lembranças, caixas de fósforos bonitas, pentes, balas com cobertura verde e cor-de-rosa. Ela acreditava na comida caseira e na suprema beleza das rosas amarelas, das quais March havia encomendado seis dúzias para a cerimônia desse dia. O perfume das rosas, doce, quente e triste, a deixa atordoada quando ela se senta na primeira fila da igreja,

entre Gwen e o velho advogado, sócio do seu pai, o pai de Susie, o Juiz.

O Juiz é alto, um metro e noventa e cinco, e tão imponente que, segundo dizem, os criminosos confessam imediatamente quando o vêem. Porém, hoje, ele parece uma versão vacilante de si mesmo. Vai fazer setenta e dois anos no próximo mês e a idade aparece nas mãos grandes e trêmulas, na palidez e no azul fanado dos olhos. Ele põe a mão sobre a de March, mas quem deve consolar quem, nem o Juiz pode dizer.

Como não há lugar para todos no primeiro banco, Louise Justice, a mulher do Juiz, está sentada atrás deles. Uma vez ou outra ela se inclina para a frente e bate de leve com a mão nos ombros do Juiz e nos de March.

— É um choque tão grande—ela repete várias vezes.

Judith Dale deixou instruções para uma cerimônia simples e uma lápide simples, cinzenta, no seu túmulo. Gwen nunca imaginou o quanto a cerimônia podia ser triste. Está sentada com as costas muito retas, olhando para o caixão fechado.

Na verdade, parece petrificada, sua pele

branca como gelo.

Com o cabelo picado e espetado e o excesso de rímel, é uma figura fantasmagórica. Várias pessoas que se aproximam para dar os pêsames a March a evitam ou apertam sua mão fria sem dizer uma palavra.

Agora, enquanto Harriet Laughton faz o discurso final em nome dos amigos de Judith da biblioteca, Gwen se inclina um pouco para o lado da mãe. Por um momento, March pensa que a filha quer um abraço.

— Eu vou vomitar—Gwen murmura.

— Não—March diz, embora o perfume das rosas e o calor dentro da igreja sejam realmente enjoativos.—Não vai.

— Falo sério—Gwen insiste. E o cheiro da morte que a perturba. É a idéia da morte.—Minha nossa—ela diz, cheia de medo.

March e Gwen saem do banco. March passa o braço na cintura da filha e a conduz pela passagem central, para a porta. Ouve um murmúrio de preocupação, as vozes das amigas de Judith Dale, bondosas voluntárias da biblioteca e do hospital.

— Você só precisa de ar fresco—March diz para Gwen.

Gwen faz que sim com a cabeça e engole em seco, mas sente que não vai conseguir. Dá uma corrida para a porta e quando passa por Hank—que está na última fila, ao lado de Ken Helm, que considerava a Sra. Dale uma das suas fregue-sas favoritas, e de Mimi Frank, que cortava o cabelo da Sra. Dale—ele ergue os olhos a tempo de ver Gwen saindo da igreja, rápida como uma sombra. Não é sempre que se vê um rosto desconhecido na cidade e, de repente, Hank sente vontade de levantar-se e seguir aquela moça. Ela parece tão abalada e além disso é bonita, mas Hank não é do tipo que sai correndo de uma cerimônia fúnebre. Fica onde está, ao lado de um dos vasos de rosas amarelas encomendadas por March na florista Lucky Day, na rua principal. Hank está com sua única camisa branca decente, e com as botas que engraxou na noite anterior. Pediu uma gravata emprestada a Hollis, que tem um closet cheio de roupas caras, e penteou o cabelo duas vezes.

Apesar de a capela estar superaquecida com tanta gente, Hank sente um arrepio e quando a cerimônia termina, é um dos

primeiros a sair. Saindo assim depressa talvez tenha tempo de ver a moça outra vez. E ele a vê—ela está na beira da calçada, tão fraca que precisa se apoiar no pára-choque do carro funerário. Três corvos voam sobre o estacionamento, fazendo um barulho horrível. O céu está tão carregado e cinza que Gwen tem vontade de proteger a cabeça com os braços, para o caso de uma tempestade de pedras cair lá de cima.

Seis homens fortes—Ken Helm, o Juiz, o Dr. Henderson, o Sr. Laughton, Sam Deveroux da loja de ferragens e Jack Harvey, que instalou o ar-condicionado para o último verão da Sra. Dale—ajudam a carregar o caixão para fora da igreja.

Só de ver a força que estão fazendo, Gwen fica com os olhos cheios de lágrimas. Ali está ela, com a saia curta e o cabelo todo espetado, uma perfeita idiota, completamente despreparada para a vida real. Muito bem, preparada ou não, não importa. Alguma coisa está para acontecer. Gwen sente.

O próprio tempo mudou, como que eletrificado, suspenso a cada segundo.

Gwen vê a mãe agora na porta da igreja e

March parece estar com o coração partido. Lá vem o caixão, chegando mais perto. Não é o tipo de coisa que costuma afetar Gwen. Ela tem o dom de bloquear as más notícias. Basta fechar os olhos e contar até cem, mas não fecha os olhos agora. Mais do que nunca ela desejava ter ficado em casa. Seria tão mais fácil continuar a não pensar em nada, a ignorar a morte, o destino e a possibilidade que a vida tem de ser tão facilmente desmoronada. E assim que sabemos que nossa infância acabou —quando desejamos que o tempo recue. Porém, é tarde demais para isso. Quer Gwen goste ou não, ela está ali, está sob aquele céu cinzento e tristonho e com os olhos completamente abertos.

QUATRO

DEPOIS DO CEMITÉRIO E DO BUFÊ NA CASA DE HARRIET LAUGHTON—onde March é chamada de pobrezinha pelo menos uma dúzia de vezes, depois de tantas pessoas perguntarem para Gwen se há alguma coisa errada com seus olhos e ela acabar indo ao banheiro dos Laughton para remover o rímel com uma toalha molhada—March telefona para Ken Helm, que sempre diz que topa qualquer serviço, por mais estranho que seja, e pergunta se ele irá levá-las de carro para a colina.

— Não por aí—March quase grita quando vê que Ken vai entrar na rodovia 22.

— Puxa, que coisa, mamãe.—Gwen não pode acreditar que a mãe tenha ficado tão sensível de repente.—Qual a diferença?

— Uns dois dólares—Ken Helm diz

imperturbável como sempre.—Aquela velha estrada é um atalho muito mais demorado.—Ken olha para os bosques.—Cuide bem de uma árvore, que seus frutos serão bons. Deixe a árvore apodrecer que seus frutos serão podres.

Intrigada, Gwen se inclinou para a frente.

— O que significa isso?

— Somos todos responsáveis por nós mesmos, não somos?

— Ken se desvia facilmente dos calombos da estrada.—E pelo que colhemos.

— Está tentando dizer que o pomar da Sra. Dale precisa ser cuidado?—Gwen pergunta.—E isso que quer dizer?

— Não—March diz.—Ele está nos ensinando que pagamos pelo que recebemos. Mais dois dólares, por exemplo, pela estrada secundária.

— É isso aí—Ken diz.—Mateus 12,33.

Está anoitecendo quando chegam à casa, o que significa que é ainda uma tarde ensolarada em Palo Alto. Richard provavelmente está no escritório, no lado mais distante da praça. Nessa hora do dia os raios de sol vêm do oeste, e como as janelas são

muito altas, Richard tem de usar uma barra de ferro para abaixar as persianas. Precisa ter cuidado nessa hora do dia. Os espécimes alinhados no parapeito da janela podem ser prejudicados pela luz.

A casa em Fox Hill está fria, mas antes de verificar o aquecimento ou acender a lareira, March vai telefonar para Richard. Não tirou o casaco e está ainda com a bolsa pendurada no ombro. Está um pouco desesperada, talvez mais do que um pouco.

— Que tal um chá?—ela pergunta para Gwen.

— Ótimo—Gwen diz, deixando-se cair pesadamente na poltrona com estampado de rosas.

— Não, quero dizer, você faz. Por favor.

March simplesmente quer que a filha saia da sala. Quer ficar sozinha e ouvir Richard dizer que ela continua sendo exatamente a mesma mulher que se despediu dele com um beijo no aeroporto. Quer ouvir Richard dizer em voz alta, porque, naquele momento, ali naquela casa, não sente que é a mesma. Se não fosse uma criatura racional, pensaria que o ar da noite a chama, ia acreditar que havia ainda

rãs nas poças de lama, embora não seja a época certa. Seu coração bate num ritmo diferente em Fox Hill, perigosamente rápido.

Richard a visitava com freqüência, no passado, quando ela estava esperando por Hollis, mas March jamais deu atenção ao fato. Ela era amiga da irmã dele, Belinda, e Richard era o tipo de pessoa bondosa, ligeiramente desligada, para quem a caridade é uma segunda natureza. Ele salvava cães perdidos e parava para quem pedia carona na estrada, portanto era perfeitamente compreensível que visitasse March, levando balas e livros, como se recuperar-se de Hollis fosse o mesmo que se recuperar de uma doença horrível.

March talvez jamais tivesse percebido que Richard estava interessado nela, com aquele seu jeito manso, se não fosse a noite do casamento de Alan e Julie. O casamento foi na véspera do Ano-novo, no ano em que March completou dezenove anos e estava praticamente insensível. Podia espetar um alfinete no dedo que não sangrava. Podia ficar sem comer durante dias e não sentir fome. Podia passar a noite em claro e não sentir sono. A única indicação de que estava viva era

a dor nos pés provocada pelos sapatos novos comprados por insistência da Sra. Dale.

Na noite do casamento, March estava suficientemente viva para ouvir o que alguns convidados murmuravam a seu respeito. Era de dar pena, eles diziam. Definhando, envelhecendo antes do tempo. Só dezenove anos e olhe para ela, pálida e cinzenta, pouco mais do que uma sombra.

Veja o cabelo com todos aqueles fios brancos. Veja como suas mãos começam a tremer. Para se consolar, March tomou cinco copos do ponche de amoras silvestres com champanhe, feito pela Sra. Dale, depois cedeu e dançou com Richard. Richard era tão alto que não podia olhar nos olhos dele enquanto dançavam e talvez fosse melhor assim, pois March teria ficado surpresa se visse o calor ardente daquele olhar.

No seu último ano em Harvard, Richard passava os dias nas aulas e as noites fazendo boas ações, trabalhando como voluntário nos albergues—onde dobrava roupa lavada e lavava o chão—e ajudando os calouros sobrecarregados de trabalho na faculdade. Se não fosse por March, ele não voltaria nunca a

Jenkintown, uma vez que ele e o pai não se falavam mais. O fato de ele voltar tantas vezes, March estava convencida, era porque ela era um dos seus projetos. Porém, na noite do casamento de Alan, dançando com ele, compreendeu que não era esse o caso. O modo como Richard abraçava sua cintura e o som lento da sua respiração a informaram de que não era a caridade que o motivava. Na verdade, nunca foi.

Depois do casamento de Alan, Richard começou a aparecer várias vezes por semana, com caixas de apricó e livros da biblioteca para March. Deu a ela um vaso com tulipas da Holanda e um xarope especial de bordo de Vermont. Muitas vezes, nas noites de folga da Sra. Dale, Richard insistia em fazer o jantar. A nova esposa de Alan, Julie, incapaz de preparar algo mais complicado do que um sanduíche de queijo, o ajudava, picando pimenta e cenouras, só parando para levar March para um canto e murmurar que seria loucura March deixar Richard Cooper escapar agora.

Às vezes March observava Richard, sentado na sala lendo seus livros de biologia, e

ele parecia tão familiar e sossegado que March tinha vontade de chorar. Deixava que ele a beijasse e correspondia ao beijo, mas quando subia para o quarto e ia para a janela olhar a estrada, não era Richard que ela procurava.

— Acho melhor você deixar de vir aqui— ela disse para ele finalmente, num dia em que o ar lá fora estava parado, como sempre acontece antes de uma tempestade.—Nunca vou me apaixonar por você.

March pensou que ele ia ficar magoado, mas Richard apenas segurou as duas mãos dela nas suas. Ia fazer o curso de graduação em Stanford e queria que March fosse com ele.

Richard teve a última amarga discussão com o pai por causa do interesse do Sr. Cooper numa companhia de corte e transporte de toras de madeira, que estava destruindo uma espécie de aranha de madeira tão pequena que não podia ser vista a olho nu. Na verdade, a briga foi por causa de ganância e amor, o tipo de discussão violenta que pode tirar você do testamento do seu pai e levá-lo a milhares de quilômetros de distância.

Richard não tinha nada a perder pedindo a March para casar com ele e não ficou arrasado

quando ela disse não. Afinal, ele era biólogo, especializado em entomologia, e sabia que mudanças podiam acontecer num único ciclo de vida.

Sentado debaixo de uma palmeira, na frente do apartamento alugado, em Palo Alto, ele escrevia para March todas as semanas e ela respondia do seu quarto no segundo andar. Ela informava que as folhas estavam mudando de cor e que a irmã dele, Belinda, só parecia interessada no seu cavalo, que a proibição da caça fora revogada na colina e que por isso ouviam os tiros o dia inteiro. March contou a ele muito mais do que poderia imaginar e se revelou de muitos modos, embora não tivesse contado que muitas vezes acordava no meio da noite com lágrimas nos olhos, nem que ouvia a voz de Hollis dentro da sua cabeça.

Depois que ela finalmente deixou de esperar por Hollis, Richard estava à sua espera em San Francisco, na hora certa.

Na verdade, ele estava no aeroporto há duas horas e acordado desde o nascer do sol. Naquela primeira noite na Califórnia, March dormiu na cama dele. A cama onde eles dormem ainda. A cabeceira tem mais de cem

anos. Richard a encontrou numa loja de artigos usados, em Menlo Park, mas era na verdade uma peça valiosa, feita de carvalho dourado. March muitas vezes se perguntou como alguém podia se desfazer de uma cama tão bonita. Talvez o antigo dono estivesse morto ou tivesse amado alguém tão completamente que não podia mais dormir ali depois que ela se foi.

Richard está deitado nessa cama quando March telefona, o corpo magro e anguloso completamente descontraído.

Embora já seja tarde na Califórnia ele está terminando de ler o jornal da manhã. Richard gosta de uma certa desordem na vida. Por exemplo, sempre acreditou que a mutação é boa para as espécies. Se fosse facilmente convencido por estatísticas, e não um homem que tinha prazer no que é estranho e sem precedentes, jamais teria se aproximado de March.

— Fico tão contente por você estar aí— March diz quando ele atende.

Richard ri.

— Não posso dizer o mesmo para você.

— Aqui está horrível—March diz.—Pode

estar certo.

— Foi por isso que saímos—Richard lembra.—Você viu seu irmão?

— Ele não foi ao enterro e não tenho coragem de ir procurá-lo. Mas acho que devo. —Então March põe em palavras o que tinha pensado o dia todo.—Hollis também não foi.

March ouve a respiração de Richard, quase como se estivesse ali ao seu lado. Não devia ter mencionado Hollis.

— Eu não perguntei por ele—Richard diz. —Perguntei?

Depois que já estava casada com Richard, logo que soube que estava grávida, Judith Dale finalmente contou a ela que Hollis tinha voltado. Estava morando em cima do Café Lyon provisoriamente, gastando muito dinheiro, impressionando a todos. March lembra que ficou ali sentada, no pátio dos fundos depois do telefonema de Judith. Sua cadeira estava ao lado do limoeiro e seus pés, inchados por causa da gravidez, dentro de uma bacia com água fria. Ela ligou para informações em Jenkintown, depois para o Lyon e fez tudo isso rapidamente, sem parar para pensar. Quando pediu para falar com

Hollis, disseram que ele não tinha telefone, mas o garçom que atendeu se ofereceu para ir ao quarto e chamá-lo. March esperou, ignorando completamente o cheiro do limão. Não notou que não havia nenhuma nuvem no céu.

O garçom levou exatamente doze minutos para chamar Hollis nos seus quartos alugados. Assim que ouviu a voz dele, March entrou em pânico. Hollis disse alô duas vezes e ela desligou. Depois disso, ficava nervosa cada vez que o telefone tocava. Hollis teria adivinhado que era ela? Teria se importado? Durante toda a gravidez March enjoou e sentiu-se irrevogavelmente presa numa armadilha. Quando o médico disse que sua pressão estava alta e ela precisava passar pelo menos seis horas na cama, deitada do lado esquerdo, March não ficou surpresa. Estava presa àquele lugar e ao próprio corpo, ancorada pela carne, pelo sangue e pela exaustão, e não ousava lutar contra sua condição. Ela dormia de manhã e de tarde, estava sempre tão sonolenta que não ouvia os pássaros nas árvores nem a voz de Richard quando ele tentava acordá-la.

No dia que Hollis telefonou, March acabava de acordar e a princípio pensou que estivesse sonhando. March, ele disse.

Foi tudo que ele disse, para começar, seu nome e ela teve de sentar para continuar ouvindo. Por que você foi embora? Ele perguntou. Por que fez isso conosco?

Não seja cruel, foi o que ela disse então, esquecendo onde estava e quem era, pelo menos por um momento.

Você é que foi cruel, ele disse. Você.

Depois disso se falavam todas as noites, conversas secretas, em voz baixa, tão cheias de paixão que as palavras queimavam. March estava grávida de sete meses, mas isso não a im-pedia de telefonar para ele. Por algum motivo, ela achava que aquilo podia continuar indefinidamente, mas então ele deixou claro que queria que ela voltasse para ele. Ele podia voar até a Califórnia ou mandar a passagem para ela por mensageiro. March olhou para o limoeiro. Sentiu o bebê mexendo dentro dela e foi quando compreendeu que não podia ir. Mas Hollis parecia incapaz de compreender que sua gravidez estava adiantada demais para fazer as malas e ir embora.

Se você quisesse, podia, ele dizia. Se você me amasse, viria.

Cada noite ele ficava mais amargo. Cada noite seu desapontamento crescia. Finalmente, March ligou para o Lyon e ficou sabendo que Hollis não estava mais lá. Depois que Gwen nasceu, no quase transe do período de aleitamento, March conseguiu não pensar nele. Quando admitiu para si mesma o quanto o queria, Hollis já estava casado com Belinda e era tarde demais para fazer outra coisa que não fosse sentar ao lado do limoeiro e chorar, depois levantar e lavar o rosto antes que o bebê acordasse do sono da tarde.

— Estarei em casa antes do que você imagina—ela diz agora para Richard.

É estranho, mas ela tem a sensação de estar mentindo quando sabe que não está. Ele está tão longe—esse é o problema.

March está mais ligada às coisas mais próximas—a chaleira assobiando na cozinha, a primeira estrela no céu.

— Cinco dias no máximo—ela diz.— Vamos abrir o testamento, fechar a casa e voltamos.

Richard demora um longo tempo para

responder, como se a distância os tivesse feito deslizar para diferentes texturas do tempo.

— Eu não sei.—Richard está deitado na cama, mas é como se estivesse flutuando no espaço.—Vou me preocupar enquanto estiver aí.

— Não se preocupe.—March quase não ouve a voz dele agora.

Deve ser a ligação, ou a disparidade entre uma noite estrelada e uma tarde clara e cheia de sol.—Eu amo você — ela diz para o marido, mas sua voz ondula, como se estivesse tentando convencer a si mesma ou a ele.

March desliga o telefone e um cão, em algum lugar, no outro lado de Fox Hill, começa a uivar. A vista da janela parece infinita, como se ela pudesse ver outro universo através do escuro da noite.

— Você quer leite e açúcar?—Gwen pergunta da cozinha, onde está fazendo o chá. Não obtendo resposta, ela vai até a porta e vê a mãe ainda parada ao lado do telefone.—Mamãe?

— Quer saber de uma coisa?—March diz.—Estou cansada demais para tomar chá. Você toma. Eu vou para a cama.

Não que pudesse dormir. Não nessa casa. Quando March entra no quarto, vê o mesmo acolchoado com quadrados vermelhos e brancos que cobria sua cama quando ela costumava pensar em Hollis. Era como se a imagem dele estivesse gravada dentro das suas pálpebras. Ela a levava consigo noite e dia, com os olhos abertos ou fechados. Ela pensava tanto em Hollis que parecia não ter mais nada para pensar, mas ali está ela, fazendo tudo de novo.

Começou com todos aqueles beijos no telhado, nas noites quentes, quando eles não podiam dormir. Pela manhã, sempre fingiam que nada tinha acontecido. Evitavam um ao outro ou tratavam-se com uma cortesia quase formal. Às vezes conseguiam esquecer por uma ou duas horas, o tempo suficiente para nadar no lago das Oliveiras, onde apostavam corrida nas águas profundas, como se não fossem mais do que amigos.

Quando Henry Murray morreu, sentado à sua mesa no escritório, da rua principal, tudo escureceu na casa por duas semanas. Todos os espelhos foram cobertos com velhos lençóis e a porta deixada aberta para os que iam render

seu respeito. March lembra especialmente de sentar num canto vendo os vizinhos que chegavam com buquês de lírios e travessas com comida. Certa vez, Hollis sentou ao lado dela.

Ele não estava de terno, mas de jeans e camisa branca.

Quando ele tentou segurar sua mão, March se afastou dele.

Hollis ocupava muito espaço e naquele momento March não tinha lugar para ele. Mas com Hollis era tudo ou nada, sempre. Ficou agressivo e de mau humor durante dias depois disso, fazendo com que March se sentisse culpada—do quê, exatamente, ela jamais teve certeza.

March devia ter aprendido a lição, era tão fácil magoar Hollis e tão difícil se penitenciar. Ela só o procurou para pedir desculpas da rejeição muitos dias depois, quando a casa estava clara outra vez. Mas quando bateu na porta dele Hollis não respondeu. Suas coisas não estavam mais no closet nem na cômoda de carvalho. Alan tinha resolvido que era melhor Hollis passar a dormir no sótão, uma vez que não era membro da família—na verdade, Alan

o fez lembrar de que não era coisa alguma—e foi lá que March o encontrou.

Estava sentado na cama, sob os beirais do telhado, onde uma aranha trabalhava vigorosamente na sua teia. O ar era abafado ali em cima, filtrado através de uma névoa de pó, e tudo parecia prateado e rodopiante.

— O que você quer?—Hollis perguntou. Falou com voz áspera e olhou para ela com aquele ar frio e superior que podia fazer quase qualquer pessoa sentir-se um perfeito idiota.

Era melhor não falar com Hollis quando ele estava assim.

March sentou numa banqueta de madeira e apanhou um dos livros de direito do seu pai que foram guardados no sótão.

Procedimento criminal. Ela imaginou se os criminosos tinham o seu talento de parecer estar fazendo uma coisa — folheando o livro velho e empoeirado—,enquanto na verdade fazia outra coisa inteiramente diversa na sua mente.

No caso de March, ela estava imaginando que beijava Hollis enquanto continuava sentada e a poeira flutuava à sua volta.

O ar no sótão tinha um cheiro ardido e

forte, como se tivessem derramado enxofre nas tábuas de pinho do assoalho. Provavelmente era o cheiro da fúria que, no caso de Hollis, era sempre arrasadora. O calor era pesado e amarelo e estranhamente exaustivo. Hollis deitou na cama de metal e virou para a parede. Esquilos se moviam no ninho no outro lado da parede, correndo de um lado para o outro, como o rufar de tambor dentro dos beirais.

— Vá embora—Hollis disse.—Dá o fora.

March sabia que ele podia ser cruel, já tinha visto. Numa luta Hollis era especialmente perigoso, porque não se assustava com o próprio sangue, não tinha medo de ser ferido. Os meninos na escola aprenderam isso do modo mais difícil, mesmo os que eram muito mais fortes do que Hollis ficavam assombrados com a capacidade que ele tinha para apanhar.

Alan tinha desistido do castigo físico. Varas e pedras não eram nada para Hollis, ossos quebrados, menos ainda. O que o atingia era a humilhação. Jantar no balcão da cozinha. A cama no sótão. Qualquer coisa de segunda mão, de segunda classe, muito usada, dada

por caridade.

— Tudo bem—March disse, quando ele a mandou embora.

Ela ficou surpresa com a fria autoridade da própria voz. — Quem perde é você.

March sentia como se estivesse fora de si mesma, pousada em algum lugar nas vigas do teto do sótão, observando calmamente sua forma terrena jogar o livro pesado no chão.

Uma nuvem de poeira ergueu-se entre os dois. Naquele momento, ela teria feito qualquer coisa por Hollis. Teria se atirado da janela. Teria dado tudo que possuía. Cortado os pulsos. Mas certamente não ia dizer isso a ele.

Hollis virou a cabeça quando ela se encaminhou para a porta. Quando parecia que ela ia mesmo embora, ele levantou da cama, confuso.

— Espere—ele disse.

Devia estar fazendo uns trinta e dois graus lá fora e estava muito mais quente e abafado no sótão. March se lembrou da noite em que o viu chorar até adormecer. Lembrou-se de todos os beijos que tinham trocado. Uma única folha caiu do castanheiro lá fora e March era

capaz de jurar que a ouvia cair, cair. Quando Hollis se aproximou dela, March sentiu o quanto ele estava quente. Ela só tinha catorze anos, mas já sabia o que queria. Queria que Hollis olhasse para ela daquele modo.

— Não seja malvada—ele disse.

March riu. Ele sempre dizia isso.

— Você que é malvado.

— Não, não sou. É você.

Ela sabia o que ia acontecer se ficasse, mas mesmo assim não podia nem pensar em ir embora. Foi quando se perguntou se o cheiro de enxofre não era fúria, mas desejo, e se não estaria saindo da sua pele. March nunca saberá como teve coragem de beijar Hollis daquele modo. Não era nada parecido com o que faziam no telhado, à noite, quando saíam silenciosamente pelas janelas dos seus quartos. Aqueles beijos eram hesitantes, tímidos e este era tudo, tinha tudo, tudo que havia no mais profundo do ser. Assim que ela o beijou daquele jeito, Hollis soube até onde March estava disposta a ir. Não precisava ler a mente dela para adivinhar.

Estava no modo com que ela inclinou a cabeça para trás, no modo com que fechou os

olhos. March pensou que era muito esperta, guardando todos os seus segredos em lugar seguro, mas num único instante revelou todos eles.

Hollis trancou a porta e foram para a cama dele que estava ainda sem lençóis. Quando ele deitou sobre ela, March ouviu a própria voz dizendo Oh, como se quisesse dizer alguma coisa, mas a voz estava diferente e, de qualquer modo, Hollis não estava ouvindo. Ele sabia beijar, sabia de verdade, sabia tocar de um modo que dava vontade de chorar, que a fazia desejá-lo mais ainda. Ele devia ter a capacidade de fazer uma menina perder completamente a cabeça porque ali estavam eles, no sótão, com a Sra. Dale na cozinha, preparando a galinha para o jantar, e Alan tomando uma cerveja na varanda, e March não estava fazendo nada para impedi-lo quando ele começou a tirar sua calça jeans.

Um caminhão trazendo material para a cerca, encomendado por Alan, entrou no caminho que levava da estrada até a casa, mas March não compreendeu o que o homem estava dizendo. Não podia compreender coisa alguma, a não ser o que acontecia dentro dela.

Os dedos dele a queimavam, quando chegaram à calcinha. Ele parecia estar passando através dela, mas ela devia estar louca, estava louca então, porque nem uma vez disse para ele parar.

Alan estava ainda falando com o homem da loja de ferragens quando Hollis abriu o zíper da calça. March afastou do rosto o cabelo longo. Uma vespa batia na janela, e toda aquela poeira, e lá fora o material para a cerca estava sendo retirado do caminhão. March sabia que aquilo ia acontecer, um pouco antes, quando estava indo para a porta. Sabia que, quando se começava alguma coisa com Hollis, é melhor estar preparada para ir até o fim.

Mesmo assim, tinha uma sensação de nervoso na boca do estômago e começava a sentir um formigamento nas pernas, como sempre acontecia quando tinha medo.

— Talvez seja melhor não fazer isso.

Quando ela fechou os olhos e virou a cabeça, ela o sentia ainda. Todo aquele calor, tão perto.

— Você sabe que vai fazer—ele murmurou, mas com voz pesada.—Você sabe que vamos fazer.

Sim, Hollis tinha razão, e ela sabia. Depois disso, ela ia ao sótão todas as noites e se pergunta hoje como conseguiram manter o segredo. Às vezes nem tiravam a roupa, apressados e em silêncio e ele cobria sua boca para não fazer nem um som. Não diga nada, ele murmurava no ouvido dela, quando ouviam alguém lá embaixo, Judith Dale a caminho do banheiro, ou Alan chegando tarde de um encontro. Não se mexa, ele dizia, e fazia amor com ela daquele modo, proibindo-a de mexer o corpo, um braço ou uma perna, até que March, dominada pelo desejo, pensava que ia desmaiar.

Naquele inverno ficaram mais ousados ainda e March às vezes só voltava para seu quarto às seis ou sete horas da ma-nhã. A essa hora a casa começava a clarear e ela tinha de correr no corredor para não ser descoberta. Sempre que a Sra. Dale dizia que tinha ouvido ruídos à noite, March culpava os esquilos com os ninhos na parede, ou a família de guaxinins , que entrava na casa durante o inverno. Ou talvez fosse o vento—isso explicava os gemidos. A Sra. Dale ouvia como se seu coração estivesse se partindo. Eles não se

envergonhavam, às vezes faziam três vezes na mesma noite e em certos dias March estava tão cansada que dormia nas aulas. Ao meio-dia ela estava geralmente tão exausta que deitava a cabeça na mesa da lanchonete e esquecia por completo o almoço. Belinda Cooper, que estava num internato para meninas em Connecticut, e só ia para casa nos fins de semana, ficava intrigada quando March a visitava, se enrodilhava nos pés da cama e dormia durante horas. E foi Susanna Justice, que tinha herdado do pai a capacidade de julgar, quem finalmente descobriu.

— Eu não acredito—Susie disse, depois de olhar com atenção para os olhos sonhadores de March.—Você está indo para a cama com ele, não está? Agora eu sei que você é louca.

Susie foi com March a um médico de quem ouviu falar em Boston que receitava a pílula. Elas disseram que iam fazer compras e tiveram o cuidado de comprar apressadamente um par de sapatos antes de voltar para casa.

— Eu gostaria que fosse qualquer pessoa, menos ele—Susie tinha dito.—Eu gostaria que você não fosse tão idiota.

Esperavam o ônibus na frente da estação. Elas estavam num intervalo do desprezo que sentiam uma pela outra, mas March sabia que antes do fim da tarde estariam se odiando outra vez.

— Bem, talvez o amor seja cego—March disse, com ar superior.

— Talvez você também seja—Susie rebateu.

Até hoje Susie não compreende por que March se apaixo-nou por Hollis. Susie exigia sempre prova material e documentação e não se pode explicar uma coisa como o amor, considerando o sofrimento que ele pode provocar.

Agora, por exemplo, o que faz March subir a escada velha e curva do sótão? Só tem lixo no outro lado da porta, caixas cheias de coisas velhas, mas mesmo assim ela não pode resistir. A explicação que dá a si mesma jamais seria aceita por Susanna Justice. Simplesmente March descobriu que quando ela ajoelha ao lado da velha cama de metal, pode sentir o vento açoitando o telhado, pode ainda ouvir cada folha que cai do castanheiro no chão frio.

CINCO

BILL JUSTICE VAI A FOX HILL DEPOIS DO ALMOÇO, SE É QUE SE PODE considerar biscoitos e chá como almoço. Seu velho Saab resmunga e ameaça se rebelar toda vez que encontra valas muito cheias de lama, mas Bill Justice segue em frente, e o Saab faz o mesmo. Quando chega à casa, estaciona, desce do carro e imediatamente fica com os olhos cheios d'água por causa da fumaça de madeira queimada. Bill enxuga o rosto com as mãos grandes e nodosas. Por um momento, fica completamente desorientado. Que dia é hoje? Não consegue lembrar. O que vai encontrar quando entrar na casa? Não imagina.

Bill é tido como um homem que ama a lógica e os fatos.

Pode pesar corretamente uma informação confusa, carregada de emoção—raiva, amor,

por exemplo, divórcio, atropelamento e fuga— e encontrar uma solução legal apropriada. Quem fica com os filhos, quem fica com a casa, quantos anos de prisão, o que constitui um crime passional.

Porém, nesse momento, de pé, na frente da casa em Fox Hill, tudo parece um enigma. Então alguém acena para ele de uma janela e Bill reconhece a filha de March. É isso. Foi March quem acendeu a lareira. Está à sua espera para a leitura do testamento de Judith Dale.

— É aquele cara, o Juiz—Gwen diz para a mãe.

Gwen está na janela, embaçando o vidro com sua respiração e sentindo-se encurralada como uma mosca no mel. Estar ali é estar além do nada. Nessa manhã teve de ajudar a mãe a separar as coisas da Sra. Dale. Durante todo o tempo que carrega as caixas do porão, Gwen pensa em telefonar para casa. Tentou ligar para sua melhor amiga, Minnie, três vezes, mas o telefone está sempre ocupado. Isto está além do purgatório. E o que vai dizer para Minnie, se Minnie parar de falar o tempo suficiente para ela conseguir a ligação. É pior

do que o inferno. É o inferno multiplicado por dois.

— Ele tem uma pasta na mão—Gwen diz para a mãe, que está na cozinha fazendo café.

O Juiz olha para a casa protegendo os olhos com uma das mãos. Anda até o portão, depois dá um passo para trás.

— Ele parece que está cambaleando—Gwen informa.

— O Juiz não cambaleia—March diz, levando o bule e duas xícaras para a mesa de jantar. Vai até a janela e acena para o Juiz. Ele acena e abre o portão.

— Aposto que ele era um gato quando moço—Gwen resolve.

March resmunga.

— O que foi?—Gwen pergunta.

— Quando você vai aprender que não se julga uma pessoa pela aparência?—O mais engraçado é que March nunca notou realmente o quanto o Juiz era bonito, mas agora lembra-se que seu pai sempre brincava, dizendo que as mulheres eram as únicas clientes que preferiam Bill.—Além disso, ele tem mais de setenta anos.

— Tudo bem, mas aposto que ele era uma

gracinha—Gwen insiste.—Ainda não é de se jogar fora. Para uma pessoa velha.

— Um dia perfeito para outubro—diz o Juiz ao entrar.—É uma pena que tenhamos que desperdiçá-lo tratando de um assunto tão triste.

Ele beija March na bochecha e tira o casaco. Parece um tanto perplexo ao ver as caixas de papelão empilhadas junto aos pertences de Judith que estão espalhados atrás da mesa da sala de jantar.

— Eu pensava que sempre deveria ir até o fim de todas as coisas.

— É claro que você deve ir até o fim—o Juiz se senta e aceita uma xícara de café.

— Não vai acreditar nas coisas que já encontrei.—March mostra uma fita azul.—De Alan. De algum debate que ele tomou parte.

— Alan—o Juiz diz, tristemente.—Um homem que arruinou a própria vida.

Gwen continua olhando pela janela, enquanto mastiga preguiçosamente biscoitos de um saco de papel. Agora ela liga as antenas.

— Arruinou quanto?—ela pergunta para o Juiz.—Arruinou completamente? Totalmente?

— Gwen!—March diz. Volta-se para o Juiz. —Ela nem o conhece. Acha que devo levá-la para conhecer o tio?

— Ele não vai querer ver vocês. Não vai abrir a porta.—O Juiz vê uma echarpe de seda numa das caixas, aperta os olhos para ver melhor e nota que as manchas cor-de-laranja são lírios, como os que crescem no seu jardim. —Quanto tempo você pretende ficar?— pergunta para March.

Gwen pára de mastigar para ouvir a resposta. Toda sua vida depende disso.

— Pensei em uma semana.—March olha em volta, para o que sobrou de uma vida inteira.—Mas há tanta coisa para fazer. E a maior parte do que ficou na casa é de Alan ou meu.

Encontrei todas as suéteres que eu usei, desde o jardim-de-infância, dobradas em duas caixas no sótão.

— Richard devia ter vindo com você—diz o Juiz.

— Oh, não.—March serve mais café. Por algum motivo, só a menção do nome de Richard a faz corar, como se já o tivesse traído de certa forma. O problema foi subir ao sótão.

O tempo todo ela vê poeira com o canto dos olhos. Ouve a porta fechando, como quando ela e Hollis fugiam para lá, sente o que sentia quando ele estava perto.—Richard tinha as aulas. Os exames do meio do semestre. Não podia viajar.

— Não importa o que ele tinha a fazer. Não devia ter deixado você voltar sozinha.

Gwen põe na mesa o saco de biscoitos. Este juiz é mais interessante do que tinha imaginado.

— Biscoito?—March oferece ao Juiz, esperando mudar de assunto.

Bill Justice dá duas mordidas no biscoito e quando só resta um pedacinho, assobia.

— Sister—ele chama.

March e Gwen trocam um olhar, confusas.

O Juiz assobia outra vez e segura o pedaço de biscoito com o braço estendido. Então, de repente, fica triste. Seu rosto todo parece desmoronar.

— Onde está o cachorro?—ele pergunta, e quando March olha para ele sem compreender, joga o pedaço de biscoito na mesa.—Merda—ele murmura.—Onde está o maldito cachorro?

O Juiz levanta da cadeira e caminha para a porta. Já está vestindo o sobretudo quando March e Gwen o alcançam.

— Judith arranjou um cachorro no último verão—diz o Juiz.

Respira ruidosamente e não consegue encontrar as chaves do carro.—Um terrier West Highland.

— Um terrier West Highland?—March está um pouco atordoada.

— Uma cachorrinha branca—o Juiz diz, impaciente.—Vocês não a viram?

Agora que ele mencionou, March lembra de Judith ter dito alguma coisa sobre um cachorro que ganhou no Natal.

Judith pretendia ir à Califórnia no dia de Ação de Graças e estava preocupada por ter de deixar o cachorro num canil.

— Havia alguma coisa na varanda a noite passada—Gwen diz, mas quando March e Bill Justice olham para ela, esperançosos, ela se sente uma idiota.—Mas era um coelho.

— Não me lembro de ter visto nenhum cachorro—March diz.

— Não vi nenhum sinal de cachorro quando chegamos.

— Oh, porra—diz o Juiz.

March fica toda arrepiada ouvindo essa palavra dita por Bill Justice. Combina tão pouco com ele que ela sente como se tivesse feito algo de terrível, talvez até criminoso, esquecer do cachorro de Judith.

O Juiz abre a porta do closet no hall, tira de lá uma coleira, que March e Gwen nem notaram quando dependuraram seus casacos, e sai da casa, sem se dar ao trabalho de dizer até logo.

— Provavelmente o cachorro morreu por nossa causa — Gwen diz. Seu tom é triste, mas também acusador, como se tudo fosse realmente culpa de March.

March apanha uma suéter.

— Procure nos fundos—ela diz.—Eu vou com o Juiz.

Bill Justice já está saindo com o carro de marcha à ré, mas March corre e bate no vidro. Ele pára o carro, ela entra no Saab e seguem devagar pela estrada, com as janelas abertas, chamando Sister, a cadelinha branca.

— Eu nem pensei—March diz, enquanto passam depressa demais pelos calombos da estrada. Ou talvez o problema fosse que estava

pensando demais em coisas que não devia sequer permitir que aflorassem à sua mente. Como antes, Hollis está ocupando espaço demais.—Fiquei muito abalada com a morte de Judith.

O Juiz, em vez de ouvir as desculpas de March, está examinando atentamente os arbustos no acostamento. Na saída da estrada, ele segue para a cidade, tão devagar que os outros carros buzinam antes de passar. Com os vidros abaixados, eles continuam a assobiar, chamando Sister.

Tentam as ruas principais e quase todas as outras, passam pelo pátio da escola, pelo parque e pelo Hospital St. Bridget.

O Juiz pára e telefona para Bud Horace, o encarregado do controle de animais, de um telefone público no lado de fora do mercado Red Apple, mas Bud não tem nenhuma informação sobre um cachorro branco. Finalmente, o Juiz resolve procurar nos pântanos. O céu já está púrpura, as primeiras estrelas apareceram, de repente, como se se tivesse atirado um punhado de prata pela beirada do mundo.

— E difícil acreditar que Alan acabou aqui.

—O Juiz balança a cabeça. Seguem pelo asfalto coberto de sal e entram numa estrada estreita de terra.

— Às vezes eu esqueço que tenho um irmão—March admite.

— Pois você tem—o Juiz diz.—E é aqui que ele mora.

March vê uma casa decrépita na margem do pântano. Feita de tábuas da cor de asa de pombo. Muitos dizem que é a casa do Fundador, e que Aaron Jenkins a construiu com as próprias mãos, mas outros lembram histórias de um pescador que morava ali no começo do século, um homem grosseiro que fazia armadilhas para pegar enguias e se recusava a responder ao cumprimento das pessoas da cidade.

— É propriedade do município, mas a prefeitura o deixa morar aí. Uma ou duas vezes por ano um assistente social vem até aqui, mas ele se recusa a abrir a porta. As senhoras do comitê da biblioteca pagam as despesas dele. Foi Judith quem começou e ela geralmente trazia alimentos para ele.

Ela procurava ver como ele estava uma vez por semana, mais ou menos.

— Eu não tinha idéia. Judith nunca falava nele.

March olha para a relva espessa do pântano. Ela sempre culpou Alan pela partida de Hollis, com sua crueldade e seu ciúme. Agora ela se pergunta se não foi também culpada do mesmo pecado que atribuiu ao irmão. Talvez tivesse mantido seu ressentimento por um tempo longo demais.

— Bem—March diz.—Agora que Judith se foi, Alan pode vender a casa e Fox Hill e terá dinheiro suficiente para viver melhor. Essa foi sua única boa ação: deixar Judith morar na casa.

— Não foi ele que a deixou morar lá.—O Juiz olha atentamente para March, medindo sua reação.—Foi Hollis.

Então, era isso—March realmente não sabia quem era o dono de Fox Hill. Ela olhou para o Juiz, atônita.

— Alan vendeu tudo logo depois da morte de Julie. Ele estava desesperado por dinheiro, bebendo tudo que ganhava e recebeu uma boa oferta de uma empresa com sede na Flórida. A empresa era o próprio Hollis. Eu ia dizer isso para você hoje. Você pode ficar apenas com os

objetos pessoais de Judith, mas a casa é de Hollis.

O Juiz pigarreia discretamente. Ele jamais gostou de Hollis, mas não pelos motivos da maioria das pessoas e sim por causa da maldade que via nele. O Juiz, afinal de contas, tinha visto o pior e o melhor dos homens, no seu tribunal. Na sua opinião, o problema de Hollis é que ele sempre culpa os outros pelo que sai errado em sua vida. Ele nunca assume a responsabilidade e um homem desses, o Juiz sabe, simplesmente não pode ser salvo. A verdade é que ele não quer ser salvo.

— Parece que Hollis conseguiu tudo que queria—o Juiz diz.

— Sim, é o que parece—March concorda.

— Bem, pelo menos vamos esperar que sim. Esperemos que ele esteja satisfeito.

O Juiz pára o carro para chamar Sister pela janela aberta, depois, sem desligar o motor, desce do carro. March desce também. Está abalada com a proximidade do passado. Ali está seu irmão, no outro lado daqueles juncos. Lá está Hollis, além da colina e das árvores, o dono da casa onde ela cresceu e onde está dormindo agora, dono de tudo que a vista

pode alcançar. Ele era tão pobre e tão desamparado quando chegou, a ponto de não saber que não precisava esperar na porta dos fundos, como um cão, para receber seu jantar.

"Sente-se à mesa", Judith dizia, March lembrava agora e ele sentava, calado, olhando para as costeletas de carneiro, a alface e a torta de maçã como se não tivesse direito de sonhar com aquelas coisas, muito menos de ter tudo aquilo para o jantar.

A água no pântano está subindo com a maré, púrpura e estrelada também—um céu invertido.

— Nem uma viva alma—o Juiz diz.

Eles não chamam Sister pelas janelas, no caminho de volta.

Não se dão ao trabalho de falar. O Juiz toma o atalho para Fox Hill, evitando a cidade e a rodovia 22, o que significa passar em ziguezague pelo cemitério. Não pensa no quanto esse trajeto pode afetar os dois, mas a escolha é evidentemente um erro. Há menos de vinte e quatro horas estavam ali enterrando Judith Dale. Por que será que até um homem velho, que devia estar contente com o que já teve, ainda quer mais? Por que a morte sempre

parece impossível, um truque da natureza que, de certo modo, deveríamos poder inverter? O Juiz sente uma dor aguda no braço esquerdo, sempre um mau sinal.

— Acho que devemos parar—March diz, quando se aproximam do cemitério.

March realmente às vezes o surpreende. Antigamente, Bill Justice a achava mimada, a menina egoísta para quem o pai não podia dizer não. Mas com March nunca se sabe o que vai acontecer. Nessa noite, por exemplo, o impulso para visitar o túmulo de Judith acerta em cheio no alvo.

O Juiz inclina a cabeça concordando e o carro passa pelos portões de ferro, depois pela passagem estreita que leva à parte dos túmulos mais recentes. Folhas escarlates caem das árvores de bordo, aumentando o tapete que já cobre o chão.

Agora o céu está todo púrpura, de um lado ao outro, não há nenhum visitante, não àquela hora. Descem do carro e se aproximam do túmulo, e March sente um arrepio.

Está frio. Frio demais para ficar sozinha. Mais tarde, nessa semana, March vai trazer ásteres para plantar, do tipo silvestre que volta

ano após ano. Mas vai evitar a parte antiga do cemitério. Conhece muitos dos que estão enterrados ali, na verdade um número maior do que das pessoas que ainda estão vivas.

O vento está mais forte, arrastando as folhas caídas em pequenos redemoinhos. Por que a vida é desse jeito? Pensa March. É realmente possível num momento ser uma criança que pede balas ou para segurar a mão de alguém, e depois, no que parece segundos, ser uma mulher crescida, andando num cemitério numa noite escura e fria? Sente-se confusa por estar ali, está vendo sombras. E perfeitamente compreensível que duvide dos próprios olhos quando percebe alguma coisa ao lado do túmulo de Judith Dale.

March fecha os olhos, está atordoada, é verdade, mas quando olha outra vez, tem certeza de que há alguma coisa. De repente sente uma pressão no peito, como um punho que a impede de respirar. Nesse momento, ela acredita em fantasmas, mas quando se concentra, vê que não há nenhuma névoa ondulante sobre o túmulo de Judith.

Nenhum espectro voltando do além. E um animal descansando, uma criatura com folhas

grudadas no pêlo espesso. March puxa a manga do casaco do Juiz.

— O cachorro—ela diz.—Ei—diz para o terrier. Bate as mãos e assobia.

Sister senta com as orelhas tremendo. É pequena e está tão suja que parece toda marrom. Está ali à espera há muito tempo, não come há dias e não está disposta a deixar que estranhos perturbem sua vigília. Quando March se aproxima, o cãozinho rosna, ameaçador.

March fica imóvel, atônita com aquela demonstração de sentimento tão profundo.

— Tudo bem.—O Juiz está agora ao lado de March.—Sister—ele chama.—Aqui, menina.

Ouvindo a voz do Juiz, Sister levanta de um salto e corre para ele. O terrier está muito sujo, mas o Juiz se inclina e o pega no colo.

— Sua bobinha—ele diz.

Sister balança a cauda como louca, batendo no sobretudo do Juiz, evidentemente extasiada por estar nos braços dele, e começa a latir com a pouca voz que lhe resta, depois de passar as noites uivando.

Ao que eles sabem, Sister seguiu o corpo

da dona desde que foi retirado da casa. Talvez tivesse esperado na passagem atrás da funerária, acompanhado o carro fúnebre na rodovia 22. A criaturinha não tem dúvida a respeito do que deseja, ao contrário dos homens e das mulheres, que sabem esconder seus desejos mais profundos. Homens e mulheres, afinal, podem esconder o amor que sentem. Homens não correm atrás de automóveis. Mulheres não se atiram nos degraus de cimento, enrodilhadas como uma bola, até alguém abrir a porta e as deixar entrar.

Entre homens e mulheres, os que amam nem sempre re-velam o que sentem com declarações e juramentos. Mas são eles que choram quando a pessoa amada vai embora. São os que sentem saudades todas as noites, especialmente quando o céu é tão profundo e belo, e o chão tão frio. Nessa noite, o Juiz chora mais silenciosamente do que se julgaria possível para um homem do seu tamanho, com o rosto virado para o lado, escondido no pêlo do cãozinho. March nem percebe que ele está chorando, até ouvir um soluço não contido. E é assim que ela finalmente fica

sabendo que Bill Justice amava Judith. Ele a amou durante trinta e cinco anos, o que, para certas pessoas, é uma vida inteira. Ele a amou como ninguém jamais amou, e, apesar disso, só tem direito de lamentar secretamente e no escuro. Pelo menos tem esse direito e March nem pensa em interferir. Fica ao lado dele em silêncio, sob o céu que está agora completamente negro, até ele estar pronto para levá-la de volta para casa.

SEIS

AO CAIR DA NOITE, FOX HILL É O LUGAR MAIS BELO DO MUNDO, COM a vista ampla e azul da fazenda Guardian e suas árvores negras e retorcidas. Hank sempre vem ali a essa hora, acompanhado pelos cães, surpreendentemente calmos, para variar, como se soubessem que brigar e latir seria um crime contra o silêncio lá embaixo.

Na maior parte do tempo, Hank se acha extremamente óbvio e alto demais, mas ali, na colina, é pequeno e consciente da própria insignificância. Qual a diferença entre ele e uma haste de relva? A relva, ele sabe, é, milhares de vezes mais útil—do que ele, pois serve a um propósito, ao passo que Hank, por mais que se esforce, não consegue descobrir uma razão para a própria existência. Tudo que tem sido até agora é um problema, uma carga

pesada—mas sua vida deve ter um objetivo, tem de ter. Afinal, ele está aqui, tão certo quanto os campos que ele percorre. Está respirando o doce ar de outubro.

Às vezes, quando deixa de pensar em si mesmo como o sobrinho adotado de Hollis e o único filho do seu pai, Hank sente que há alguma coisa de valor dentro dele. E possível que ninguém veja o mundo ou a claridade dessa paisagem como ele vê. Só isso já seria uma razão para existir. Quando pensa na idéia da sua visão singular, o mundo parece de repente repleto de infinitas possibilidades e ele se pergunta se é isso que os falcões sentem quando alçam vôo.

Expectativa, é isso. O tipo de coisa que sentimos quando temos dezessete anos e o ar é frio e fresco e os cães estão deitados aos nossos pés na relva, e tudo está quieto, como sempre fica quando alguma coisa está para acontecer.

A estrela vespertina aparece na noite azul-escura. Mas essa estrela é só o começo, como abrir a capa de um livro, mas não virar ainda a primeira página. Lá embaixo, nos pastos, antes havia dezenas de cavalos, incluindo um puro-sangue chamado Tarot, que certa vez

participou das corridas de Preakness e Belmont no mesmo ano. Hank encontrou uma foto esquecida no estábulo, presa entre duas baias. Quando viu Tarot, coberto de seda azul e branca, Hank chorou.

Queria ter morado na fazenda no tempo do Sr. Cooper.

Ouviu um dos mais antigos residentes contar que o chão tremia quando os cavalos corriam juntos. Dava para ouvir e sentir na cidade, os assoalhos da padaria e da loja de ferragens vibravam de tal modo que muitos pensavam que a cidade era sujeita a terremotos.

De todos os cavalos de corrida que foram criados ali, Tarot foi o único que sobrou. Belinda o mimava demais, com cubos de açúcar e sussurrando na orelha dele. Ela sempre cavalgava no fim do dia, quando o céu estava entre negro e azul-escuro, como a tinta se espalhando numa página. Tarot ainda fica inquieto nessa hora. Anda de um lado para o outro, quando está no pasto, e se está na baia, começa a dar coices, e é quando se deve ter cuidado.

Jimmy Parrish—que conhece cavalos mais

do que ninguém—contou que antes de Tarot enlouquecer, um consórcio de Atlanta tinha oferecido ao Sr. Cooper quinhentos mil dólares por ele. Mesmo agora, Tarot é ainda bonito. Está velho, vinte e dois anos, mas poucas pessoas podem adivinhar sua idade só de olhar para ele. E claro que não é montado há tantos anos que está cada vez mais teimoso. Os cães morrem de medo dele, especialmente depois da última primavera quando ele escoiceou um filhote curioso demais, partindo sua espinha, e Hollis teve de matar o animalzinho com um tiro para libertá-lo do sofrimento.

Provavelmente Hank devia estar na casa de um amigo a essa hora, e não no alto da colina. 0 mais engraçado é que os garotos na escola pensam que ele é rico. Devem pensar que ele está em algum jantar elegante, em Boston, na ópera ou coisa assim. Uma grande piada, mas Hank compreende por que pensam isso. Hollis é rico. Mas isso não quer dizer que Hank tenha algo a ver com essa riqueza. A verdade é que Hank é pobre como um órfão. Ele não tem nada. Até as roupas que veste são pagas por Hollis. Os meninos na escola acham

que ele gosta de usar botas velhas para seguir a moda e que simplesmente não está interessado em ir com eles ao boliche nas noites de sexta-feira porque tem coisas melhores para fazer, mas o fato é que Hank não tem dinheiro para gastar.

Ele é um cara legal, é claro, tem um milhão de amigos. Se se candidatasse a presidente do grêmio estudantil, hoje, provavelmente seria eleito. Não tem culpa se está sempre ocupado demais para eventos sociais. Como nessa noite, por exemplo, a festa na casa de Willie Simon. Os pais de Willie estão nas Bahamas e ele tem a chave do armário de bebidas e todas as garotas mais bonitas vão estar lá. Mas, mesmo tendo sido convidado, Hank está ali, em Fox Hill, pensando em cavalos e no destino. Está tão concentrado que leva um minuto para compreender que está vendo alguém andando na estrada. É uma garota com um casaco preto. Hank se levanta para ver melhor e se convence de que não é uma miragem.

Logo Hank percebe que é a mesma moça que ele viu no funeral da Sra. Dale. Ela é pequena, mas tem uma pose decidida. Ela

pára, tira um cigarro de um maço muito amassado e o acende. Hank sente que está fazendo uma coisa errada, observando a moça sem que ela o veja. Ela é mesmo bonitinha, mas não é isso que o atrai. Tem a impressão de que a conhece. Foi o que sentiu na capela da funerária, como se estivesse à espera dela, mesmo antes de vê-la. Ela estava tão perturbada depois da cerimônia, parecia que estava chorando, mas logo que as pessoas começaram a sair da capela, fingiu que nada tinha acontecido. Foi o que chamou a atenção de Hank, o fato de ela não querer que ninguém visse a dor que sentia. Exatamente o que ele tem feito toda a vida.

Agora ele se pergunta se deve revelar sua presença, tossir ou qualquer coisa assim, ou talvez seja melhor dar meia-volta e sair dali bem depressa. Mas está interessado demais para fazer isso. Ao seu lado, os cães estão inquietos e Hank levanta a mão, proibindo-os de latir.

Na estrada de terra, Gwen anda de um lado para o outro enquanto fuma, para não ficar congelada. Debaixo da camiseta e do casaco de esqui, que ela só usou duas vezes,

nas viagens ao Big Bear, seus braços estão arrepiados de frio.

Está com dois pares de meias de lã e as botas velhas que encontrou no closet do hall, mas não são suficientes. Gwen simplesmente não está habituada com o frio. E ainda é outubro, a temperatura está branda, para os moradores da cidade. Tudo bem, para Gwen todos são doidos. Deixe que morem na Nova Inglaterra, com suas roupas de lã e pesadas luvas e tratem dos seus afazeres, fingindo que seus traseiros não estão congelados. Talvez haja uma razão para isso.

Talvez esse tipo de temperatura tenha algum efeito nas pessoas, depois que a gente se acostuma—purifica e vai até os ossos, deixando somente as partes capazes de enfrentar o pior.

A despeito do frio, é um alívio sair daquela casa horrível.

Desde que chegaram, parece que não estão indo rapidamente a parte alguma. Sua mãe passa o tempo todo separando as coisas da Sra. Dale, uma parte para jogar fora, outra para dar, outra para guardar. Aparentemente March não consegue dormir à noite. Gwen

sabe disso porque está dormindo no pequeno quarto de costura e ouve a mãe procurando as coisas no sótão ou fazendo chá na cozinha, nas horas mais absurdas. Na noite passada, Gwen acordou e viu a mãe no patamar da escada, olhando pela janela, concentrada, como se a coisa mais importante do mundo estivesse lá fora.

E tem também o cachorro. A mãe de Gwen cuida daquela coisinha insignificante como se estivesse se penitenciando por ter negligenciado o animalzinho. Dá a ele atum de lata e galinha cozida apesar de Sister ter tentado morder sua mão duas vezes. O animal senta ao lado da porta da frente, uivando, e quando Gwen é obrigada a levá-la para um passeio depois do jantar, a criaturinha horrível resiste aos puxões e gritos e só cede quando Gwen pede delicadamente para sair com ela.

Na noite passada ela telefonou para Minnie para se queixar e diminuir a tensão. Minnie não estava em casa. A mãe disse que ela ia dormir na casa de Pepita Anderson, mas isso é apenas um código que elas usam, uma amiga imaginária, um nome sem corpo, que elas usam quando querem passar a noite fora. A

velha desculpa de Pepita, Gwen vai dizer para Minnie quando conseguir falar com ela. Bem, espero que você tenha se divertido muito, porque eu aqui estou na pior.

Se estivesse em casa, Gwen provavelmente teria ido ao shopping, onde pelo menos podia gastar algum dinheiro e se sentir melhor. Aqui, quando quer ficar longe da mãe, tudo que existe são os campos prateados, com a luz cada vez mais fraca e cheios de coisas que provavelmente a estão espionando—guaxinins e doninhas e tomara que nada mais.

Andando naquela estrada vazia, Gwen pensa que ninguém a conhece. Ninguém pode sequer imaginar o que é ser ela.

Desde que chegou ali, está desesperada para voltar para a Califórnia, mas para ser franca, para que ela quer voltar? A verdade é que é uma perdedora. Detesta a escola, detesta todos seus amigos, exceto Minnie—que, pensando bem, é mais perdedora ainda—,ela detesta os dois últimos namorados, com quem fez sexo por motivos que não lembra mais. Tem de admitir que o sexo para ela foi insignificante.

Tinha ouvido falar tanto, mas o que

aconteceu foi que flutuou fora do próprio corpo enquanto eles faziam todas aquelas coisas. Não era amor, disso tinha certeza. Não era nada. Se uma bomba atômica caísse do céu, teria importância? Não seria melhor ser completamente desintegrada antes de arruinar o resto da sua vida?

Ela começou a pensar desse modo na funerária e desde então está cheia de idéias mórbidas e estranhas. Por exemplo, o que vai fazer com o resto da sua vida? Agora que está ali, sem nenhum estímulo externo—sem TV, telefone, shopping, um baseado, rapazes —,quem ela é realmente? Por que não pode voltar a ser como era antes, quando praticamente não pensava?

Gwen joga o cigarro no chão e pisa para apagá-lo. Encosta-se na cerca de toras de madeira e tira uma echarpe do bolso.

Mas antes que tenha tempo de enrolá-la no pescoço, sente uma sensação estranha na nuca. E como se alguém estivesse respirando no seu pescoço. Está louca ou tem alguém atrás dela. Gwen teria corrido para casa, sem olhar para trás para ver que tipo de criatura tinha um hálito tão quente, se não tivesse ouvido um

ruído, tão leve que parecia um ponto de interrogação. Mesmo antes de se virar e ver Tarot, Gwen tem a impressão de estar entrando num sonho. Essa noite, com suas margens escuras e prateadas, esse cavalo no outro lado da cerca veio até ela sem ser chamado. E talvez por isso, sem hesitar, ela salta a cerca e entra no pasto. E um sonho, é só seu e ela está desesperada para ver o que vai acontecer.

No alto da colina, Hank segura um dos cães mais novos que começou a latir e o sacode. Ele quer ver aquilo e não quer que um cão idiota revele sua presença. Hank tenta ser responsável na maioria das coisas que faz, e geralmente consegue. Sabe que deve descer correndo a colina e avisar aquela garota. Se ela ficar no pasto pode ser machucada. Tarot já atacou coisas muito menos importantes—o vento, por exemplo, borboletas e abelhas. Mas Tarot parece hipnotizado, talvez porque a moça seja tão bonita ali, debaixo daquele céu negro e azul, ou talvez seja ele, Hank quem está hipnotizado. Na verdade as únicas vezes que Gwen viu cavalos de verdade foi nas exposições. Ela nem pensa em ter medo.

Quando muitos homens estariam correndo apavorados, ela pára ao lado de Tarot e fala calmamente com ele. E isso que ela está fazendo ali no pasto, com as botas emprestadas cobertas de geada. Está dizendo àquele cavalo velho e malvado que ele é lindo e Tarot parece gostar do que ela diz. Ele dá um passo para mais perto de Gwen, cuidadosa e lentamente, como para ouvir melhor o que ela diz.

É realmente muito estranho, ver o cavalo que todos chamam de matador, acompanhar Gwen mansamente quando ela caminha para um toco de árvore podre que Hank devia ter arrancado na última primavera. Era uma enorme árvore de bordo antes de ser partida ao meio por um raio. Ken Helm cortou os galhos para lenha e Hank devia ter se livrado do que sobrou com um pouco de dinamite. Agora, está satisfeito por ter esquecido. O que resta da velha árvore tem a altura perfeita para a garota subir e montar em Tarot.

Gwen quase cai quando monta e dá uma palmadinha em Tarot, o que, em outras circunstâncias, o faria disparar.

— Fique quieto—ela diz—,grandalhão

bonitinho.

Gwen não sabe coisa alguma sobre cavalos, mas tem mais ou menos o tamanho dele. Tarot tem dezesseis palmos de altura, e parece muito mais alto quando se está montado nele, olhando para o chão.

— Seja um bom menino—ela diz.

Quanto a Tarot, parece chocado demais para fazer um movimento. Se essa menina se machucar, Hank vai ter de conviver com o remorso. Uma perna quebrada, a espinha partida, tudo será culpa sua. Mesmo assim, não faz nada para impedi-la. Os músculos do seu braço estão tensos, seu pulso disparado. Com a mão segurando o cachorro mais novo, está pronto para sacudi-lo como um pano de pó se ele ousar latir e assustar Tarot.

Gwen está se inclinando para a frente, segurando a crina do cavalo com as duas mãos. Tem medo de que tudo desapareça se ela piscar, medo de acordar na cama e descobrir que nem chegou a sair de casa, nunca pegou as botas emprestadas, nunca andou pela estrada, jamais encontrou esse belo cavalo. Se isso é um sonho, ela quer continuar a dormir.

Gwen não faz o menor ruído, de tanto que deseja que isso seja real. E Hank, observando do ponto mais alto de Fox Hill, deseja a mesma coisa para ela. Nesse pasto, no escuro, a vida de Gwen deu uma guinada completa, algo tão raro quanto planetas deixando suas órbitas, colidindo uns com os outros, enchendo a noite. Num lugar onde ela jamais desejou estar, numa noite bastante fria para congelar as maçãs nas árvores, ela não está mais sozinha.

SETE

O COVARDE ESTÁ SENTADO NUMA CADEIRA DE ESPALDAR RETO E DURO, com luvas e botas, porque a casa em que mora não tem aquecimento. Ele não merece aquecimento e sabe disso.

Merece exatamente o que tem que é nada vezes nada. Não tem ainda cinqüenta anos, mas parece ter mais dez do que isso. Sua pele é amarelada e com marcas de varíola. O cabelo e a barba, longos e grisalhos. É magro e torto como um graveto. Quando por acaso vê o próprio reflexo no bule amassado de café, ele dá uma gargalhada. Ele é o que parece ser, não pode negar. Seu interior está afetando o exterior como um pedaço de fruta podre.

Anos atrás, quando o Covarde era menino, fazia parte da equipe de debates da escola local. Tinha uma certa sagacidade e muitas

vezes era aplaudido por sua voz de oratória. Mas agora as palavras não significavam nada para ele. Passa semanas sem falar com pessoa alguma. Ele não se queixa das pulgas que vivem no seu colchão, não se dá ao trabalho de espantar as moscas do seu cereal—isso quando lembra de comer. Ele arruinou a própria vida e embora não possa pôr toda a culpa na bebida, o álcool se tornou todo seu universo. Às vezes começa a beber antes de levantar da cama. É mais fácil ficar deitado e estender a mão para a garrafa, nem precisa abrir os olhos.

Nessa manhã, uma mulher bateu na sua porta. Certamente ela não sabe que, por sua filosofia, o Covarde não está preparado emocionalmente para o contato humano, embora gostasse das visitas de Judith Dale. Quando ouviu a estranha na sua varanda, o Covarde sabia que não era Judith, porque ela está morta e ele não permite que ninguém mais o visite.

Ele se arrastou no chão até a janela e espiou para fora. A mulher tinha cabelo longo e escuro e embora estivesse com um casaco pesado de lã, parecia tremer de frio. Inquieta,

olhava para trás à todo momento. Bateu várias vezes na porta e, não obtendo resposta, chamou "Alan" com uma voz clara e bonita que sobressaltou o Covarde. Aquele nome — que ele não usa mais e jamais assinará em nenhum papel, nem por cem dólares em dinheiro—o fez tampar os ouvidos e contar até mil. Felizmente, quando terminou, a mulher tinha ido embora.

Se ela quisesse realmente vê-lo, teria aberto a porta que o Covarde nunca se dá ao trabalho de trancar. Provavelmente a visitante tinha ouvido sua história horrível. Nem a charlatã do circo, armado no último verão na frente da prefeitura, quis ler sua sorte. Isso mostra o quanto foi terrível seu passado e prova que o futuro não será melhor. O povo dizia que o Covarde dava pólvora ao seu cachorro para que ele ficasse mais feroz e por isso todos evitavam o pântano. Mas o cachorro tinha morrido há alguns anos, de artrite e velhice e o pântano continua território desconhecido para a maioria dos moradores locais. Os que vão até lá é porque estão dispostos a correr o risco.

É claro que garotos de doze anos estão sempre procurando encrenca e os adolescentes

precisam de aventuras perigosas.

Às vezes, certos grupos ousam passar pela lama e pelos juncos. Eles jogam maçãs de inverno e pedras no telhado da sua casa, desafiando o Covarde a sair e correr atrás deles, mas ele nunca faz isso e nem pretende fazer. Mesmo nas noites em que as pedras batem no telhado, o silêncio do pântano é suficiente para assustar os visitantes mais indesejados.

Para as crianças da cidade, que murmuram a história do Covarde quando se reúnem antes de dormir, sua vida é uma advertência sobre o que acontece com meninos mimados que pensam que têm tudo. A cobiça e hábitos descuidados nos levam a um caminho do qual não podemos sair, mesmo quando reconhecemos nossos erros. Antes que possamos nos dar conta, nos transformamos em adultos que não se importam com pessoa alguma e então nossa sorte está em nossas mãos e o máximo que podemos esperar é o desespero.

O Covarde sabe disso tudo—por isso nunca lutou para ficar com o filho. Ele não o merece mais do que merece luz ou esperança.

Se o Covarde sai de casa numa noite sem estrelas, ele evita Fox Hill, e se chega a um quilômetro da fazenda Guardian começa a tremer e não consegue parar enquanto não está em casa, já tomando um drinque.

Embora mal pfssa lembrar agora—sua memória é fraca e ele é grato por isso—certa vez ele saiu à procura do filho. Tudo que queria era olhar para ele. Um minuto, uma única palavra. Foi patético, ele sabia disso mesmo naquele tempo.

Ele foi até o pátio da escola na esperança de ver Hank, mas há cinco anos não o via e não pôde dizer qual dos meninos que brincavam no recreio era o seu filho. Ao contrário de um simples pato capaz de reconhecer o filhote num lago ou num regato cheio de patos, ao contrário do cisne, capaz de matar pela segurança da ninhada, o Covarde tinha esquecido como era o rosto do filho. Isso só contribuiu para aumentar o desprezo que sentia por si mesmo. Afinal, é chamado de Covarde por um bom motivo.

Nos últimos anos, seu único companheiro era o velho cachorro, cuja falta ele sente ainda —um boxer feioso jogado no pântano dentro

de um saco de estopa. 0 cachorro não se afogou e quando a maré baixou e o Covarde tirou o saco da água, encontrou um filhote morto e outro vivo, que a partir daquele momento foi eternamente grato a ele. Não que o Covarde não tentasse fazer o animal desistir daquela dedicação. Ele podia jogar uma frigideira na cabeça do animal que ele insistia em lamber sua mão. Gostaria de ainda ter o companheiro, mesmo convencido de que era a criatura mais burra do mundo, tola a ponto de não saber julgar o dono e de acreditar que ele era digno da sua lealdade.

Por mais ridículo que pareça hoje, houve um tempo em que o Covarde se considerava feliz. Herdou tudo que o pai possuía e podia fazer o que quisesse. A única sombra na sua vida era Hollis e ele nunca perdoou o pai por trazer para casa aquele falso irmão. Mas Hollis, que recentemente tinha voltado à cidade, não significava nada mais para Alan. Podia passar por ele na rua e ignorar por completo sua existência.

Afinal, tinha coisas melhores em que pensar. Seu casamento era uma delas. Julie, a mulher que se tornou sua esposa, era

considerada a moça mais doce da cidade. Havia nela tanta paz, que era como se a neve tivesse se instalado dentro da sua alma. Muitas vezes ela dormia catorze horas seguidas e acordava com um sorriso. O filho era igual a ela—Hank raramente chorava quando bebê e muito pequeno ainda ia sozinho para o berço quando estava cansado.

No dia do incêndio, o Covarde estava do lado de fora da casa, deitado numa rede, debaixo do castanheiro. Era o dia de folga da Sra. Dale, por isso Julie estava preparando o jantar que, como todas as refeições que ela fazia, certamente ia ser um bem-intencionado desastre. Hank, com três anos, estava sentado no chão, brincando com xícaras de medir ingredientes na cozinha. O menino estava lá quando o Covarde passou pela cozinha a caminho da rede e provavelmente ainda estava quando o fogo saltou do bico de gás da parte posterior do fogão, pegando nas cortinas, depois na parte de cima do balcão de madeira e finalmente no belo vestido de algodão cor-de-rosa de Julie, comprado para ela em Boston pelo Covarde.

Em poucos minutos, a fumaça ficou tão

espessa que podia ser vista da escada da frente da biblioteca. Quando chegaram os soldados do fogo, as fagulhas iam até o céu. Os bombeiros trabalharam como loucos naquele dia, desesperados para conter as chamas, antes que alcançassem o bosque. Estavam ocupados demais para notar Alan Murray parado no portão, tão perto das chamas que estava coberto de fuligem. O ar estava brutalmente denso, como uma sopa escaldante, e Alan ficou parado ali o tempo suficiente para chamuscar as sobrancelhas.

Estava chorando e as lágrimas escaldavam as pequenas marcas no seu rosto, as cicatrizes que, como pequenas picadas de alfinetes da varíola, jamais desapareceram.

O calor e as chamas paralisaram Alan. Sua mulher e seu filho estavam presos dentro da casa, mas para ele, naquele momento, entrar para tentar salvá-los seria o mesmo que alcançar a lua com um salto. Ken Helm, um dos bombeiros voluntários, foi o primeiro a ver Alan e a compreender que havia ainda alguém na casa. Alan estava chorando ao lado das clematites roxas, que há séculos cresciam ao lado do portão e estavam agora

transformadas em cinza, e não parou de chorar quando levaram Hank para fora da casa. Alguém ficou naquela casa em chamas, e embora o corpo retirado fosse o de Julie, quem se perdeu naquele dia foi Alan.

As pessoas da cidade começaram a falar dele no enterro.

Alan arrancava os cabelos e chamava a mulher. Comentaram quando ele perdeu todo o dinheiro, gastando insensatamente—na reconstrução da casa, enganado em negócios arriscados, praticamente se desfazendo do que tinha. Comentaram quando noite após noite Alan tinha de ser carregado para fora do Café Lyon e quando teve de vender Fox Hill para pagar tudo que devia. Alguns diziam que Hollis pagou todas as dívidas dele e comprou Fox Hill por um preço justo, mas Alan sabe que Hollis jamais teve intenção de ser generoso. Ele comprou Fox Hill anonimamente, através de seu advogado, sabendo que Alan jamais venderia para ele. De qualquer modo, o dinheiro da venda, mal administrado, desapareceu rapidamente. Alan e seu filho muitas vezes foram despejados de apartamentos alugados. Alan adormecia com

o cigarro aceso na mão e certa vez teria morrido queimado e talvez satisfeito, se Hank, então com quatro anos, não tivesse jogado água na cadeira onde o pai dormia.

Finalmente, Alan levou o filho para o pântano, para a casa construída pelo Fundador, como diziam, que na verdade era um barraco, nada mais. Hank muitas vezes foi encontrado andando a esmo sozinho, a roupa imunda e coberto de lama.

Pessoas que nem o conheciam o levavam à cafeteria Bluebird e davam a ele pratos cheios de macarrão e queijo ou sopa de tomates, Hank sempre comia como se aquela fosse sua última refeição, avidamente, mesmo quando estava quente e queimava sua língua. Evidentemente, se a diretoria da biblioteca não comprasse roupas usadas para ele, o menino andaria nu. O Covarde, nessa época, estava sempre bêbado demais para ver qualquer coisa. Simplesmente patético.

Hollis foi ao pântano pela primeira e última vez numa tarde de domingo, quando Hank estava com quatro anos, atravessando a lama com a velha picape do Sr. Cooper que ele dirige até hoje. Agora que Hollis estava casado

com Belinda e tinha mais terras do que qualquer outro homem no município, talvez sua intenção fosse ostentar sua vitória, mas não teve oportunidade. Encontrou Alan curtindo a bebedeira, no chão. Naquele dia, Hollis levou Hank com ele para a fazenda Guardian, onde o menino está até hoje.

Dizem que Hollis é bom para Hank, pelo menos foi o que o Covarde ouviu, e não acha que seja para estranhar. Sem dúvida Hollis tem idéia do sofrimento que sua misericórdia provoca no Covarde. Certamente ele sabe disso.

Às vezes o Covarde imagina como teriam sido suas vidas se tivesse tratado Hollis, se não como irmão, pelo menos como um ser humano. E quando começa a pensar no que poderia ter sido que o Covarde começa a beber gim, sua bebida favorita dentre todas. Tão transparente e vazia, igual ao que resta de sua vida. A única coisa regular que resta é sua rotina das sextas-feiras, o dia em que faz a única viagem que o interessa -atravessa o pântano, entra na rodovia 22 e chega à loja de bebidas na periferia da cidade. Sempre vai depois que escurece e tudo que precisa é

assinar com um X a página da sua conta. Levou algum tempo, mas finalmente descobriu por que Mike Howard vendia toda aquela bebida para ele, que o Covarde jamais pagou. E claro, ele pensou quando finalmente compreendeu. Hollis pagaria da mesma forma, e com prazer, doses de arsênico, se o Covarde pedisse.

Nos dias claros, o Covarde senta na varanda decrépita da sua casa velha e pensa em todas as coisas no pântano capazes de matar rapidamente, se estivesse considerando o suicídio.

Podia, por exemplo, comer as vagens finas e venenosas da ascalépia ou as folhas amargas da malva. Pode-se apanhar na água um cogumelo laranja dos quais nem as formigas se aproximam. Mas o resultado final seria extremamente desagradável e sujo também. Porém o gim, por mais lento que seja, não faz sua boca espumar, como os cogumelos. Há muitos modos de conseguir o que o Covarde deseja, mas a bebida é o mais civilizado. Na verdade, é o último sinal de civilidade na sua vida.

À noite, quando todos dormem na cidade,

ele ouve ainda o som das chamas. E um som do inferno, distorcido e quente.

Você fica com sede quando ouve esse som nos seus sonhos.

Fica com uma sede enorme e a única coisa que pode fazer é repetir a mesma viagem todas as sextas-feiras e nunca atender a porta. Você nunca sabe o que vai encontrar na sua varanda. Pode ser alguém que acredita estar cumprindo seu dever, tentando convencer o Covarde a deixar a bebida e organizar sua vida, quando é mais do que evidente que ele jamais vai fazer isso. Está ali para sempre, para o melhor ou, o mais provável, para o pior, pelo resto dos seus dias.

OITO

DESDE QUE VOLTOU PARA FOX HILL, TUDO QUE MARCH FEZ FOI UMA desordem ordenada. Agora há vinte e cinco caixas na cozinha, todas etiquetadas, destinadas à barraca da Associação da Biblioteca na Feira da Colheita, sempre realizada no subsolo da prefeitura. March sabe o conteúdo de cada uma das caixas. As fôrmas de bolo que a Sra. Dale aparentemente colecionava dezenas delas. As cortinas de renda, as almofadas, os castiçais de cerâmica da Inglaterra.

Os livros de direito do pai de March já doados à Escola de Direito Derry, levados por Ken Helm, que está cuidando de todas as entregas, uma vez que March resolveu não alugar outro carro. Oito toalhas individuais de mesa prateadas, que eram usadas só nos

feriados, foram enviadas para sua casa, na Califórnia, onde provavelmente jamais serão usadas.

Judith, que não se importava muito com jóias, tinha apenas três. Um colar de ouro, que March deu para Harriet Laughton, uma das queridas amigas de Judith. Um par de brincos pesados de ouro, raramente usados, foram doados ao Hospital St. Bridget, para ser leiloado no primeiro evento beneficente. A bela esmeralda quadrada que Judith nunca tirava do dedo March usa agora na mão direita. Felizmente ela a encontrou num envelope no fundo da gaveta quando fazia a limpeza da mesa-decabeceira. March sempre admirava o anel quando a Sra. Dale estava dobrando a roupa ou plantando hortelã ou quando a levava para a cama, à noite, e agora imaginava se aquela jóia não havia afetado sua escolha de carreira. As jóias que ela faz são de desenho simples e, como esse anel, o efeito geral depende da perfeição das pedras, sempre pequenas. Ela gosta de verde e azul no seu trabalho, topázio e safiras pequeninas, cristais e água-marinha, jade chinês e esmeraldas, é claro, embora nenhuma tenha

para ela a atração da pedra que está usando agora.

Hoje, enquanto March trabalha na organização da casa, a cachorrinha Sister está sentada ao lado da janela, esperando os coelhos. Sempre que vê algum, no pomar ou mastigando hortelã calmamente na porta dos fundos, fica furiosa.

— Quer parar com isso?—March reclama, porque sempre que a cachorrinha late, ela leva um susto.

A não ser pela cachorrinha, a casa está extremamente quieta.

Sem TV ligada, sem rádio, sem som do tráfego. E definitivamente, sem Gwen. March esperava discussões constantes com a filha, imaginou que Gwen ia querer dormir até o meio-dia ou não dormir, levantar só para se atirar numa poltrona e reclamar, resmungar, choramingar e ameaçar, o tempo todo comendo biscoitos ou pizza congelada, espalhando migalhas no tapete e falando sobre as estatísticas de suicídio entre adolescentes.

Nada disso aconteceu. Quando March acorda de manhã, Gwen já saiu e sua cama, no pequeno quarto de costura, está

imaculadamente feita, o prato de cereal lavado no secador que March tem de encaixotar hoje. Quando volta, mais tarde, Gwen explica que foi correr para se manter em forma.

March não acreditaria nisso—geralmente Gwen é a criatura mais sedentária do mundo e levantar do sofá para apanhar o controle remoto é o máximo de movimento que ela se permite—,mas há um novo tom rosado na pele dela quando volta da corrida e gotas de suor na testa, tudo isso é aparentemente uma prova de que está dizendo a verdade.

Sem distrações—sem Gwen, sem carro, apenas um telefonema de Susie—,March já devia ter terminado, mas o trabalho segue lentamente, como se cada enfeite, cada utensílio de cozinha, cada suéter e echarpe estivessem atolados em melado. Uma vez ou outra March encontra alguma coisa que a surpreende completamente e ela perde toda a noção do tempo. Nessa manhã, por exemplo, encontrou uma caixa de fósforos de um restaurante chamado Blue Dolphin, um pequeno estabelecimento familiar em Lamb's Cove, a menos de dezesseis quilômetros de Fox Hill. A caixa de fósforos a fez lembrar de

uma noite, há quase trinta anos, quando a Sra. Dale estava de folga, mas como tomar conta de criança não é um trabalho que possa ser facilmente deixado de lado, assim que chegou em casa, Judith subiu para ver se March estava bem.

Quando sentou na beirada da cama de March, Judith Dale cheirava a alho e água-de-colônia, uma combinação de odores com resultado ácido e pungente. Ela parecia tão sonhadora e jovem que March ficou de joelhos na cama para ver melhor. O cabelo da Sra. Dale estava mais crespo por causa da maresia do ar em Lamb's Cove. Ela mostrou a March essa caixa de fósforos com o golfinho sorridente e disse que o restaurante tinha o melhor camarão e o cheesecake mais fabuloso do mundo e um drinque chamado mimosa, que March adora até hoje, desde que ouviu o nome delicado. Agora, March compreende que foi o amor que fez o menu tão especial e que o companheiro da Sra. Dale naquela noite provavelmente era Billy Justice.

Embora estivesse tentando se livrar do maior número de coisas possível, March guardou a caixa de fósforos, bem como a fita

azul que seu irmão ganhou quando fazia parte da equipe de debates no colégio. March foi ao pântano visitálo, mas, exatamente como o Juiz havia dito, Alan não abriu a porta. Para ser franca, foi um alívio. O que ia dizer a ele depois de todos esses anos? Por que supor que o conhece?

Quando se passa tantos anos separado de uma pessoa, será que os laços de sangue ainda podem unir? Ou a história, ou o destino? Alan não é o único com quem March tentou entrar em contato. Telefonou duas vezes para Hollis. Lembra desses telefonemas com constrangimento, mas não foi possível evitar. Nas duas vezes sentiase completamente possessa—algum demônio segurou o telefone, digitou o número e esperou e, então, graças a Deus, desligou. Se isso foi um teste, ela falhou. Agora, que já foi tão longe, quer continuar a telefonar. A voz dele é mais profunda do que March lembra e muito mais interessante do que devia ser.

— Ouça o meu conselho—Susanna Justice recomendou, na noite anterior, quando estavam no boliche onde servem os melhores hambúrgueres.—Vá para casa antes que

aconteça alguma coisa.

March prometeu a si mesma não contar a Susie sobre os telefonemas, mas assim que Gwen se afastou com duas garotas da cidade, apresentadas por Susie, March admitiu que tinha telefonado para ele.

— Não é nada—March garantiu.—E como um jogo.

— Não há jogos—Susie disse com convicção.—A não ser Monopólio.

Susie é grande admiradora de Richard Cooper e sempre foi.

Dizia a si mesma que, se encontrasse um homem tão bom quanto Richard, ela casaria com ele no dia seguinte. Mas é claro que deve ter encontrado exatamente isso em Ed Milton, o novo chefe de polícia, mas não hesitou em cancelar um encontro com ele para jantar com March no boliche. Enquanto jantam, podem ver perfeitamente Gwen e as outras duas garotas, filhas de duas colegas de escola de March e Susie há um milhão de anos. As meninas jogam uma bola depois da outra na canaleta e, pela expressão de Gwen, ela é a única que se importa com o jogo.

— Hollis é má notícia e sempre foi—Susie

disse então. Como Hollis consegue viver naquela cidade é um enigma para ela, mas ele sabe com quem deve usar seus encantos e a quem deve pagar e, no fim, quando quer alguma coisa, seja o zoneamento comercial no fim da rua principal ou que o Departamento de Obras Públicas passe o arado primeiro nas suas terras, ele consegue. -Você vai ser sugada outra vez.

— Ele é um redemoinho, é isso que quer dizer?—March riu. — Não se preocupe tanto, não esqueça que sou casada.

— Não esqueço—Susie disse com ênfase.

— Não precisa dizer o resto—March advertiu.

— Tudo bem.

— Porque eu também não esqueço, Susie. Lembro muito bem.

Hoje, a despeito de Susanna, ou para provar alguma coisa para ela mesma, March telefona para Richard três vezes. Mas Richard está ocupado e distraído e tudo que quer saber é quando ela vai voltar para casa.

— No fim da semana—March promete, mas já pensando que gostaria de ficar para o dia do Fundador, quando comemoram a noite

em que Aaron Jenkins tomou posse de Fox Hill, mais de trezentos anos atrás.

As garotas que Gwen conheceu falaram sobre o dia do Fundador e agora, quando vão tomar refrigerantes na cafeteria Bluebird, Lori e Chris estão certas de que é por causa da festa que Gwen quer ficar em Jenkintown. Elas jamais poderiam imaginar que Gwen levanta antes do nascer do sol para visitar Tarot. Pensam que ela não sai com elas à noite porque tem medo de voltar sozinha para Fox Hill, mas a verdade é que Gwen tem coisa melhor para fazer. Quando a noite chega, ela está no pasto, dando ao velho e belo cavalo maçãs caídas das árvores e cubos de açúcar que roubou da lanchonete.

Gwen não tem idéia de que o dono da cerca debaixo da qual ela passa sorrateiramente, o dono da relva sob seus pés e do cavalo cuja crina ela gosta de trançar, sempre sabe quando alguém invade suas terras. Hollis encontrou um pedaço de corda esgarçada, uma rédea improvisada, ele supõe, escondida ao lado do toco de árvore. Viu as pegadas na geada que cobre o solo. Hollis não gosta que ninguém entre na sua propriedade

—mas, quando encontra esses sinais, pensa que foram feitos por March e fica feliz. Sente-se como quando jogava cartas na Flórida e ganhava com um blefe.

Desde a chegada de March ele está acentuadamente consciente da proximidade dela. No escuro, na manhã fria, ele olha para a estrada, sabendo que ela está logo ali, do outro lado. Sempre que vai de carro à cidade, espera encontrá-la por acaso em qualquer lugar—na loja de ferragens ou esperando o sinal abrir na rua principal. Seja como for que aconteça, ela deve vir a ele. E o que tem de ser, é como será. Por isso Hollis não se apressa, por mais difícil que seja para ele, por isso ele fica ali parado, no começo do dia com o desejo fechado dentro dele, em vez de correr e bater na porta da casa dela. Hollis não vai implorar.

Não é tolo. Mas o problema são as noites. E à noite que ele tem a impressão de que não pode suportar mais o que está sentindo. E quando ele vai de carro até a colina. Com os faróis apagados e o motor desligado, para que ela não perceba a sua presença, ele fica ali olhando para a casa, como tem feito, uma vez ou outra, durante todos aqueles anos.

Hollis não pensa mais que foi March quem invadiu sua propriedade e está andando no seu campo. Seja quem for, deixa cigarros apagados e papel de bala no meio do mato. E uma pessoa descuidada e imprudente, nada parecida com March, uma adolescente talvez, com a idéia de que animais presos devem ser soltos. O ar distante e ansioso de Hank, na hora do jantar, reforça sua teoria. Nesse dia, Hank apressa-se para terminar suas tarefas e praticamente não come—sinal certo de que alguma coisa está errada.

— Alguém está montando Tarot—Hollis diz.

Hank está apanhando uma lata de refrigerante da geladeira.

Um tom rosado se espalha na sua nuca assim que Hollis fala no cavalo. Bingo.

— Você sabe alguma coisa a respeito?

Hank abre a lata de refrigerante e espera o coração voltar ao normal.

— Nada—ele disse.

— Não sabe mesmo?—Hollis diz com voz inexpressiva.

— Quer que eu verifique?—Hank não sabe por que está mentindo, mas sabe que Hollis

vai estragar tudo se descobrir a moça. Sabe também que deve muito a Hollis. O fato de estar ali, de fazer três refeições diárias na mesa da cozinha, é a medida da caridade de Hollis. Mesmo assim, ele guarda seu segredo. Na verdade, está vigiando a garota todas as noites e a cada hora está mais apaixonado. O que Hank sente por ela o despedaça e o faz inteiro outra vez e, ao que parece, o está transformando num mentiroso também.— Posso vigiar esta noite e ver se alguém aparece.

Hollis termina seu jantar—um sanduíche de salsichão e queijo e um saco de batatas fritas—e leva o prato para a pia.

— Estou impressionado—ele diz.—Nunca imaginei que fosse capaz de mentir para mim.

— Eu não sei quem ela é.—Sua primeira mentira e foi apanhado, bem, era de se esperar.—Isso é verdade.

— Não me surpreende, uma vez que você não parece saber muito de coisa alguma— Hollis lava o prato e o coloca no escorredor.— Ela vem da cidade? Da rodovia 22?

Hank balança a cabeça.

— Da colina.

— Pois então tenho notícias para você— Hollis diz. Se Hank estivesse prestando mais atenção, teria percebido algo muito raro no tom de voz de Hollis, uma verdadeira satisfação. — Eu sei quem ela é.

Os dois sobem a colina juntos. A noite está chegando mais cedo, não mais púrpura, mas com aquele azul-escuro que é sempre um sinal de que vai esfriar. Quando chegam ao topo, de onde se avista todos os pastos, Hollis pára e se agacha.

Tudo que está vendo lhe pertence. Só falta uma coisa. E essa, ele está prestes a conseguir.

— Aposto que sua amiguinha está na casa em Fox Hill.

Há algo estranho na voz de Hollis, mas Hank está tenso demais para notar. Indica a estrada com um movimento da cabeça. Sim, lá vem a jovem.

— É ela.

Gwen está com o casaco preto de esqui, jeans pretos e justos e botas pesadas que fazem um barulho seco no chão. Deve ser a filha de March, mas não herdou muita coisa da mãe, pelo menos não na opinião de Hollis. Não é tão bonita nem inteligente. Lá vai ela,

passando por baixo da cerca, caminhando para o velho toco de árvore e procurando a corda que está no bolso de Hollis. Ela se parece com Richard, e talvez por isso Hollis não gosta dela. Por isso March não quer voltar para ele. Francamente, isso não impressiona Hollis.

Gwen fica intrigada quando não encontra o pedaço de corda, mas sobe no toco de árvore e assobia.

— Jesus Cristo—Hollis diz com desprezo. —Ela pensa que está chamando a porra de um cachorro. Olhe só para ela.

Lá embaixo no pasto, Gwen não sabe que está sendo vigiada, mas está nervosa, sem saber por quê. Este é o seu segredo e não quer partilhar com ninguém. Precisa arranjar uma boa desculpa para ficar ali. Dirá que ouviu dizer que a escola em Jenkintown é ótima, muito melhor do que a sua, ou que estava envolvida com drogas na Califórnia. Já decidiu—não vai voltar para um lugar onde não é ninguém, nem por dentro nem por fora. Nessa noite faz mais frio, mas Gwen está com as luvas de couro que encontrou numa das caixas na sala. Bate as mãos e assobia outra

vez e o cavalo aparece, vindo do bosque, e vai até ela como sempre. Gwen se inclina e murmura um cumprimento, enquanto Tarot, extremamente satisfeito por ouvir o quanto é maravilhoso, procura as cenouras que ela guarda nos bolsos do casaco.

No alto da colina, Hollis fica de pé. Vê Gwen saltar para as costas do cavalo, sem rédeas e sem sela e, ao que parece, sem a menor idéia de perigo.

— Muito bem, lá está ela—ele diz.—A filha de March Murray.

A expressão de Hank é exatamente o que Hollis esperava, pura confusão.

— É isso que ela é para você—Hollis continua.—Sua prima-irmã.

Descem a colina no escuro. O que Hank deve fazer agora?

Deixar de pensar nela vinte e quatro horas por dia só porque são parentes? Não pode fazer isso. Não vai fazer isso.

— Desça daí—Hollis diz quando eles chegam à cerca.

Gwen e o cavalo, que estavam passeando no pasto, param imóveis ao som da sua voz.

— Agora mesmo—Hollis grita.

Assustada, Gwen passa uma perna para o lado e desmonta. O cavalo fica parado atrás dela. Hollis joga a corda para ela.

— Passe no pescoço dele e o leve para fora. —Ele abre o portão.

Na opinião de Gwen, o homem é bastante atrevido, dando ordens para ela daquele jeito, mas, ao que parece, é o dono do cavalo e ela obedece.

— Isso é perigoso—Hank diz.—Ela não pode levar Tarot.

Gwen fuzila Hank com um olhar que ela espera que seja de desprezo, mas não diz nada. Repara que ele é uma beleza de rapaz— precisava estar morta para não ver isso. Se estivesse num shopping com as amigas, na Califórnia, provavelmente iriam atrás dele por toda a parte. Mas ali é diferente e Gwen tem a sensação de que alguma coisa muito maior está em jogo.

— Leve o cavalo pela estrada até o estábulo. Está muito frio para ele continuar a passar a noite fora.

Agora que sua capacidade de conduzir o cavalo foi questionada pelo garoto, Gwen ignora o tom autoritário do homem mais

velho. Já lidou com gente desse tipo antes e sabe que não se pode vencer uma discussão com eles. Ela leva o cavalo pela estrada, e Tarot a acompanha manso como um cordeiro, até a fazenda Guardian. O ar está prateado e frio. Gwen está tremendo, mas nem pensa em se queixar, não do frio e não do quanto terá de andar até a fazenda.

Todos os cães começam a latir quando eles chegam à entrada da casa.

— Se quiser montar o cavalo, tudo bem— Hollis diz.—Mas trate de usar o equipamento necessário e de levá-lo de volta ao estábulo depois.

Hank está atônito com tanta magnanimidade, nem parece Hollis, mas não pretende dizer nada. Gwen tenta esconder sua satisfação do melhor modo possível. Será como se o cavalo fosse seu.

— Mostre a ela onde deve deixar o cavalo —Hollis diz para Hank.

Gwen acompanha Hank até o estábulo e espera até que ele abra a porta da primeira baia.

— É difícil fazê-lo entrar—Hank avisa.— No ano passado ele partiu a espinha de um

cachorro, por isso tome cuidado.

Gwen dá um tapinha carinhoso no cavalo com a mão aberta e Tarot entra na baia, calmo como um cordeiro.

— Como fez isso?—Hank pergunta, saindo do estábulo.

— Aposto que você gostaria de saber—Gwen diz, com o tom mais atrevido.

— Por isso perguntei—Hank diz, confuso. —Eu gostaria de saber.

Gwen ri.

— Você existe mesmo?

Gwen está pronta para rir outra vez, mas então percebe o modo como Hank olha para ela. Ele é extremamente real e diferente de tudo que ela já viu até agora. Em geral, as pessoas disfarçam seus sentimentos, mas tudo que ele sente está bem ali, no seu rosto. Não está escondendo seu interesse por ela e o que Gwen não sabe é que Hank não poderia esconder, nem que quisesse.

— Vamos—Hollis diz, já na picape, com o motor ligado, a velha picape do Sr. Cooper da qual ele se recusa a se desfazer, embora possa comprar coisa muito melhor.—Eu dou uma carona até sua casa.—Hank e Gwen caminham

até o carro e Hollis ri divertido. O garoto está mesmo caído. — Você não precisa de carona— Hollis diz para Hank, que parece um cachorrinho apaixonado e o deixa sozinho na frente da casa.

A picape cheira a gasolina e chacoalha quando passa por um calombo ou uma vala. Durante todo o caminho para Fox Hill, Hollis faz uma porção de perguntas. E como uma entrevista, Gwen pensa. Afinal, ela será responsável pelo cavalo dele. Não, ela não sabe até quando vão ficar na cidade e não, seu pai não está com elas, ele é um professor muito ocupado e tudo que sua mãe tem feito é ficar olhando lembranças do passado.

Na opinião de Hollis, essa menina vai ajudá-lo a manter a mãe na cidade até ele e March voltarem a estar juntos outra vez. Ela vai ajudá-lo, sem nem mesmo desconfiar. Gwen quer aquele cavalo velho? Muito bem. Pode ficar com ele se é o que deve ser feito para March ficar.

Quando chegam ao alto da colina e a casa aparece, Hollis pára o carro.

— Eu agradeceria se você levasse uma mensagem para sua mãe—ele diz, com aquela

sua voz estranha que não parece humana.

— Claro—Gwen diz. O cara dá arrepios, mas ela acha que transmitir uma mensagem idiota é o mínimo que pode fazer em troca de montar o seu cavalo.

— Diga a ela que eu estou esperando.— Hollis balança a cabeça, enfatizando as próprias palavras.

Às vezes, tem a impressão de que tudo que tem feito e o que faz é esperar, como se fosse um trabalho ou uma profissão.

— E você é?

— Ela vai saber. Apenas diga isso.

Gwen faz um gesto afirmativo e abre a porta da picape enferrujada. Não gosta nem um pouco daquele homem, além disso, está gelada. Assim que sai do carro, corre para a casa.

— Não me diga que esteve correndo todo esse tempo—March diz, quando ela entra. Preocupada, March já telefonou para as mães de Lori e de Chris e teve de agüentar as recordações dos velhos e bons tempos de escola, embora tudo que quisesse saber é se elas viram Gwen.

— Na verdade, estava andando a cavalo.

— Não venha com brincadeira.

— Nesta mesma rua. Naquela fazenda. Lá tem um cavalo que costumo montar.

March está sentada no tapete, na frente do fogo, examinando os cartões-postais enviados por seu pai das suas viagens de negócios. Agora, ela levanta e olha para a filha.

— Você tem ido lá? Sem permissão?

— Eu tenho permissão.—Gwen não compreende por que a mãe ficou tão zangada. —O dono da fazenda disse que eu posso montar quando quiser.

— Oh, francamente—March tem uma sensação estranha no lugar mais absurdo, na parte de trás dos joelhos. É como se estivesse cheia de agulhas, mas muito pior. Estava certa de que ele jamais a procuraria, que Hollis era orgulhoso demais para isso, mas talvez estivesse enganada.

— E me pediu para dizer a você que ele está esperando.

Gwen olha atentamente para a mãe. Afinal, March pode proibi-la de ver Tarot—ela sabe o nome dele agora e acha que foi bem escolhido —,e nesse caso vai ser preciso um verdadeiro acesso de fúria e ela não está nem um pouco

disposta a isso. Mas, pela primeira vez, March não parece preocupada com perigos possíveis.

— Ele disse mais alguma coisa?—March pergunta.

— Disse, e tudo um porre.

A todas as perguntas de March, Gwen apenas dá de ombros, depois pede licença e vai para o quarto. Sister está na porta, arranhando para sair, recusando ser ignorada. March vai ao closet apanhar a coleira.

— Não se atreva a me morder—ela diz, quando Sister arreganha os dentes.

Agora a lua está alta no céu. Ela fez sua escolha há muitos anos, não fez? Foi embora e nunca mais voltou, nem mesmo quando ele a chamou, porém, ali está ela, naquela noite escura, ali e em nenhum outro lugar. Ainda há marcas de balas em algumas macieiras do pomar, do tempo em que a caça foi liberada, no ano em que Hollis foi embora.

Seiscentas e cinqüenta e duas raposas foram mortas numa única temporada. Garotos enfeitavam os guidons das bicicletas com caudas de raposas e Hal Perry, o dono do Café Lyon, oferecia um desenho e uma foto, de graça, na parede do seu restaurante para quem

trouxesse duas peles de raposa no mesmo dia. Uma vez ou outra uma raposa aparece e todos ficam assanhados. A notícia sempre aparece no The Bugie e por uma ou duas noites os coelhos tremem, mas na noite seguinte estão de volta, atrevidos como sempre.

Nessa noite, por exemplo, um coelho está comendo calmamente as couves e nem se mexe quando March sai da casa. Sister começa a latir, puxando a coleira. Quando percebe que não pode chegar até onde está o coelho, ela senta e começa a uivar. O uivo é de dar pena e então March, que passou o dia inteiro dentro de casa e agora parece embriagada só de pensar em Hollis, faz uma coisa que não devia. March solta a coleira de Sister. Sister olha para March e depois sai correndo atrás do coelho, que foge rapidamente para uma moita de framboesa.

Olhando para cima, March tem a impressão de nunca ter visto a lua antes, ou pelo menos, não há muito tempo.

Começa a andar e quando chega ao alto da colina vê a picape parada ao lado da estrada. March está com a coleira de Sister numa das mãos e ainda pode ouvi-la correndo atrás do

coelho, os galhos estalando à sua passagem no bosque.

Hollis jamais ficaria sentado numa velha picape com as luzes apagadas. Ele jamais se aproximaria dela desse modo. Hollis ia esperar por ela como sempre esperou. Devia ser um estranho ali parado, e sentindo-se vigiada, March dá meia-volta e retorna para o jardim. Sister já está na varanda, latindo, pedindo para entrar. Só no dia seguinte March vai encontrar o coelho na outra extremidade da horta, o pescoço mordido pelos dentes aguçados de Sister. Só então ela terá coragem para ir até a estrada, mas, pela manhã, a picape já não se encontra mais lá e não há o menor sinal dela, a não ser as marcas dos pneus que levam diretamente à fazenda Guardian.

SEGUNDA PARTE

NOVE

NO DIA DO FUNDADOR, O VENTO SOPRA DO PÂNTANO SACUDINDO AS folhas das árvores. Gwen imagina que, se estender a mão para o ar, vai apanhar um punhado de poeira de carvão, tão negra é a noite. Ela aceita o convite de Lori e Chris para o baile da escola e agora sua mãe e Susie Justice a levam à casa de Lori, embora Gwen preferisse estar no estábulo. Tarot fica nervoso com um tempo assim agitado e ela vai se preocupar com ele a noite toda.

Na verdade, Gwen tem uma boa desculpa para ficar em casa, seus professores mandaram um grosso envelope com os deveres que ela deve pôr em dia por ter faltado duas semanas às aulas. Mas sua mãe parecia tão satisfeita por ela estar fazendo uma coisa tão normal, como ir a um baile na escola, que não teve coragem de dizer não. Gwen tinha de bancar a boa menina e ser obediente, para atingir seu objetivo, ficar na cidade e comprar Tarot. Por causa desse objetivo ela procura maquiar os olhos e pentear o cabelo

mais discretamente, é por isso que, nessa noite de vento forte, está indo com duas garotas, de quem ela nem sabe se gosta, a um baile na escola que não é a sua.

— Meu pai está aí—Chris diz, casualmente, quando passam pelo Café Lyon, cheio de fregueses em vários estágios de embriaguez.— Bêbado como um gambá.

Chris é uma garota séria e bonitinha, cabelo loiro e pele muito branca, mas agora ela vai até a janela do café e faz uma careta. Gwen e Lori espiam também e Gwen vê Hollis lá dentro. Só ele não está no balcão do bar, onde a atmosfera é festiva e há vários pratos de pudim de ameixas, supostamente o prato favorito do Fundador. Ele está na última mesa, tomando uma Coca-Cola, sozinho. Hollis ergue os olhos e talvez tenha visto as meninas espiando na janela, mas parece olhar através delas. Vendo-o assim a distância, Gwen nota que ele é bonito, o que a surpreende porque, definitivamente há alguma coisa estranha nele. Quando ela vai montar Tarot, é sempre um alívio ver que Hollis não está por perto. Ele parece tão frio, uma pessoa que deve ser evitada.

— Vamos sair daqui—Gwen diz.

— Definitivamente—Lori concorda.

Elas caminham na noite, inclinadas contra o vento, os casacos esvoaçando atrás delas e acham divertido o esforço que despenderam para andar duas quadras.

— Meu Deus, olhe para nós—Lori exclama, quando entram no banheiro da escola para pentear o cabelo.

Só depois de algum tempo estão apresentáveis e Gwen resolve maquiar os olhos, embora, na sua opinião, nada a fará parecer bonita se comparada com a bela Chris ou a elegante Lori, que está com um vestido curto de veludo vermelho e contas prateadas entrelaçadas no cabelo.

O ginásio de esportes está enfeitado com tiras de papel crepom, como nos anos 50, e é tão grande o barulho que precisam gritar para serem ouvidas.

— Eu não acredito—Chris diz.—Hank está aqui.

Gwen olha para a mesa dos refrigerantes e lá está ele, com um grupo de garotos, evidentemente os mais populares da escola, muito seguros e satisfeitos. Todos, exceto

Hank, que parece ansioso, com a camisa branca nova, comprada numa loja de artigos baratos no subsolo do supermercado Red Apple e botas que passou uma hora engraxando.

— Ele nunca vem a essas festas—Chris comenta.—Está sempre trabalhando ou coisa assim.

No começo, Gwen e Hank sempre se evitavam quando estavam os dois no estábulo, mas não fazem mais isso, agora eles conversam. Geralmente, é impossível para Gwen abaixar sua guarda, mas é difícil não ser delicada com Hank.

Ele disse que eles são parentes, o que, para Gwen, justifica o fato de não ser agressiva. Embora não esteja disposta a admitir, Gwen sente-se bem na companhia dele, o que não é comum para ela no relacionamento com formas de vida humanas. Mas tudo isso pode mudar. Pode descobrir que Hank não passa de outro cretino, afinal de contas. Aí vem ele e Gwen está certa de que é em Chris que está interessado.

— Eu não sabia que você ia estar aqui.— Ele foi direto para Gwen e deve estar nervoso

ou meio sufocado, porque leva constantemente a mão ao colarinho, como se precisasse de mais ar.

Gwen olha furiosa para ele. O que ele queria dizer com isso?

Que aquele não era seu lugar?

— Pensei que você detestasse gente.— Hank quer fazer piada, mas fracassa. Gwen pisca os olhos pesadamente maquiados, como quem não entende.—Bem, de qualquer modo —Hank diz, que diabo, ele não tem nada a perder—,você está ótima.

Chris e Lori cutucam uma à outra com o cotovelo, depois fazem o mesmo com Gwen, que de repente parece estatelada. Ela está medonha, com aquele cabelo horrível, calça jeans preta e um suéter velho da mãe. Qual o problema de Hank? É burro, cego, ou o quê? Ninguém diz uma coisa dessas, especialmente se não é verdade e, pelo modo como Hank olha para ela, parece ser sincero.

— Obrigada—Gwen diz.—Você também.

Ela deve estar louca. Nunca foi tão delicada em toda a sua vida. Nunca disse nada parecido para um cara, muito menos na frente das amigas. Mas ali está ela, sorrindo,

aceitando o convite dele para dançar. Assim que ele passa o braço por sua cintura, Gwen sente que vai ter um enfarte. Nem sabe se isso é possível na sua idade, mas no fim da dança, tem certeza de que precisa parar um pouco.

— Preciso sair um pouco daqui—ela diz para Hank e quem sabe o que ele pensou, mas o fato é que a acompanha para fora do salão e fica observando enquanto ela respira fundo algumas vezes o ar fresco.

Os dois deixaram os casacos lá dentro, mas não notam o frio nem o vento do pântano. O mais estranho é que Gwen fez sexo com seus últimos dois namorados no primeiro encontro -se transar nos carros dos pais deles pode ser considerado um encontro. Ela sempre foi ousada, nunca deu a mínima, e agora é ela quem está arrasada. Sente o suor nas mãos e o coração continua a bater como louco. Gwen está chegando à conclusão de que é melhor desistir e ir embora, quando Hank a beija. É um beijo demorado e embora seu coração continue batendo forte, não sente mais que vai ter algum tipo de ataque. Gwen já viu como Hank olha para ela quando leva Tarot para o campo e o tempo todo se pergunta se está

atraído por ela ou se é um grande idiota. A intensidade do prazer que sente agora a deixa confusa.

— Você quer entrar?—Hank pergunta.

Ouvem a música e vêem um facho de luz quando Lori e Chris abrem a porta e chamam Gwen. Gwen balança a cabeça, ela não quer voltar para o salão. Ela espera nas arquibancadas do ginásio, enquanto Hank vai apanhar os casacos.

— Eu disse para suas amigas que você não está se sentindo bem—Hank diz, voltando.

— É uma boa—Gwen diz.—Não que elas vão acreditar.

Voltam para Fox Hill juntos, pelo caminho mais longo, mas está tudo bem com eles. Mal podem esperar para entrar numa estrada escura e vazia, fora da cidade, que está cheia de gente por causa das comemorações do dia do Fundador.

Passam silenciosamente, pisando com cuidado nas folhas caídas, pelo Dimitri's, o restaurante onde March e Susanna Justice estão jantando e, embora March esteja olhando pela janela, não os vê.

— Nós pedimos mesmo tudo isso?—March

pergunta, quando a comida é servida.

A garçonete, Regina, já trouxe a lasanha e os mariscos assados e recheados, e agora traz a pizza de caranguejo e cogumelos que elas pediram.

— Somos comilonas—Susie diz, pedindo outra garrafa de vinho.

March jamais teria se lembrado dela, mas Regina a reconheceu assim que ela entrou no restaurante. Elas estudaram na mesma escola.

— Não lembro de ninguém—March diz, quando Regina vai apanhar o vinho.

— Eu sei, você tinha só uma pessoa na cabeça e ele ocupava muito espaço.

Agora March lembra por que detestava Susie quando eram pequenas.

— Você está me julgando. Deve ser de família.

— Não estou mesmo. Tudo bem, eu fazia isso, mas não faço mais.—Susie polvilha a pizza com queijo parmesão.—Você nunca parecia notar que meu pai estava sempre na sua casa.

Nos últimos dias, Susie e March têm evitado esse assunto, tanto ao telefone quanto pessoalmente. Não é agradável para nenhuma

das duas.

— Ele ia sempre a Fox Hill, supostamente a negócios.—Susie suspira.—Por que você acha que eu a detestava?

— Pensei que era eu que detestava você.— March mostra a língua e Susie ri, mas depois fica triste e empurra o prato. — Você sabia já naquele tempo?—March pergunta.

— Fiquei sabendo logo depois que seu pai morreu. Meu pai continuou a ir a Fox Hill todas as noites, durante semanas.

Talvez estivesse apaixonado por ela há séculos antes disso, quem sabe? Talvez fossem amantes há anos. Mas fiquei sabendo porque uma noite eu o vi quando voltou da sua casa. Eram mais ou menos dez horas e eu devia estar na cama, mas estava na janela. Minha mãe estava lá embaixo ouvindo o rádio. Não estranhava mais quando ele chegava tarde. Ele saiu do carro, foi para o meio das rosas que naquele ano estavam excepcionalmente belas, parou e se inclinou para sentir o perfume e foi quando eu fiquei sabendo. Meu pai parecia outra pessoa, completamente diferente ali parado no jardim. Parecia um homem apaixonado por uma mulher que ele não

podia ter. Eu chorei até adormecer, porque tive certeza.

— Não admira o ódio que tínhamos uma pela outra—March diz. Estende o braço e segura a mão de Susie sobre a mesa.

— Tudo que posso dizer é que fico feliz por minha mãe jamais ter descoberto.—Susie aperta a mão de March, depois retira a sua para apanhar o lenço de papel na bolsa.—Eu tentei de verdade não ficar zangada com ele, mas acho que não seria tão generosa se minha mãe soubesse.

— Alguma vez falou com ele sobre isso?

— Com ele? Com meu pai?—Susie enxuga os olhos, depois assua o nariz.—Está louca? Não se fala com meu pai, se escuta.

Regina traz a sobremesa—cortesia da casa: musse de chocolate com biscoitos doces na beirada da travessa e uma por-

ção de pudim de ameixa, em honra do Fundador. Regina se senta com elas por um minuto para lembrar dos velhos tempos e falar do seu projeto—a Feira da Colheita na prefeitura. Sem saber bem como, antes de Regina voltar ao trabalho, March surpreende-se dizendo que talvez considere a

possibilidade de tomar conta de uma barraca para angariar fundos para a seção infantil da biblioteca.

— Por que você fez isso?—Susie pergunta, quando já vestiram os casacos e pagaram a conta, deixando uma gorjeta de trinta por cento para Regina. Deixaram metade da comida e assim mesmo estão saciadas.—Você não estará aqui para a feira. Se quer minha opinião, devia ir para casa agora mesmo.

— Ora, obrigada—March diz, quando saem do restaurante.

O vento diminuiu um pouco, mas a noite ainda está fria.

— Quando você volta para uma cidade como esta, todos pensam que vai ficar—Susie diz.

March enrola a echarpe no pescoço.

— Não me importo com o que dizem.

— Tudo bem, esqueça os outros. E Richard?

— Quem?—March diz, sorrindo.

— Você está biruta.—Susie passa o braço pelo de March. — Acho melhor falar sério.

— Tenho falado sério até não mais poder. —Se não fosse tão séria, teria concordado em

voltar para ele quando estava grávida de sete meses? Aquela altura, já havia contratado uma babá e começado a fazer ginástica para gestantes.

Mesmo assim, poderia ter reservado uma passagem de avião para Logan? Devia ter tentado?—Preciso dar um tempo na vida que levo, foi o que compreendi agora.

Isso é, naturalmente, o que ela disse para Richard—só um tempo, nada de mais, uma breve separação.

— A definição de dar um tempo é ruptura —Richard disse para ela, ontem mesmo, uma resposta que deixou March completamente louca.

— E se Richard tomasse um avião? Se ele chegasse no meio da noite dizendo que você tem de ir embora com ele?

— Richard vai levar os alunos do último ano para um trabalho de campo na próxima semana e jamais os desapontaria.

Mesmo que não tivesse esse compromisso, nunca apareceria no meio da noite. Jamais me diria o que devo fazer. Richard não é assim.

— Exatamente—Susie diz.—Eu devia ter me casado com ele.

Vão para a picape de Susie estacionada mais adiante, na frente do Café Lyon, na rua apinhada de gente.

— Que farra—March diz.

— Todos os bêbados da cidade. Exceto Alan. Este é território de Hollis.

— Obrigada pela informação.

March entra na picape de Susie e bate a porta. Basta o nome dele para criar um turbilhão dentro dela. Está mais frio dentro do carro do que na rua. March levanta a gola do casaco e sente que tomou vinho demais no jantar.

Susie ocupa seu lugar na direção.

— Olhe, se quer se enganar, tudo bem. Se quer enganar Richard, tudo bem. Mas não pense que me engana. Você está aqui por causa de Hollis. Eu não compreendo, mas acho que não preciso. Talvez você precise vê-lo para ter certeza de que ele não significa mais nada na sua vida.

— Fico feliz por ver que o fato de ser repórter do The Bugie dá a você o direito de me analisar.

March abre a porta e, sem olhar para trás, começa a andar na calçada. Está furiosa, mas,

pensando bem, chega à conclusão de que está zangada porque Susie está certa.

Automaticamente, caminha para o Café Lyon, que está perto agora, esperando ver Hollis. Susie a conhece muito bem, mas March não sabe se terá coragem para agir impulsivamente até Susie tocar a buzina, para chamar sua atenção. Nesse momento, March entra no café.

Quando March era pequena, o Lyon era o lugar freqüentado pelos pais das outras pessoas, e apenas ocasionalmente. Era embaraçoso ser um freguês assíduo, algo que ninguém queria admitir. A atração do Lyon certamente não era a decoração, ainda hoje Naugahyde com painéis de madeira, três cabeças de veado pregadas na parede acima dos banheiros e dos telefones públicos. Entra-se ali para beber, simplesmente.

Nessa noite, está lotado, sem nenhuma mesa vazia, por isso March vai direto para o balcão, pedindo licença cortesmente e, quando não é atendida, empurra quem está na frente para abrir caminho. Faz sinal para o bartender e, quando consegue sua atenção, pede em voz alta um copo de vinho tinto.

Leva algum tempo para se ajustar ao barulho. Os Celtics estão jogando na televisão acima do bar, e há uma discussão barulhenta ao seu lado—algo a ver com o empréstimo de um barco a motor—que pode ficar violenta com o passar do tempo. A jukebox também está ligada, mas tudo que se ouve é a batida da bateria e do baixo. Um homem ao lado dela finalmente se levanta e March senta na banqueta e olha em volta. Talvez Susie esteja errada. March não pode imaginar Hollis no meio de bêbados, jogando dardos ou discutindo sobre os méritos da defesa dos Celtics.

Susie entrou no Lyon e abre caminho facilmente até o balcão porque conhece quase todos que estão ali bebendo.

— Ei, Fred—ela diz para o bartender.— Vou tomar o mesmo que ela. O que você está tomando?—pergunta para March. — Uma crise de ansiedade? Loucura pura?

— Vinho tinto—March diz com um largo sorriso.

— E isso que eu quero—Susie diz para Fred.—Você sabe—diz para March—,se você estivesse com seu carro eu a deixaria aqui. Só

de raiva.

— Podia ter feito, você sabe—March diz.— Estou perfeitamente bem. Além disso, ele nem está aqui.

— Ah, mas está sim.—Susie inclina a cabeça para um canto. — Bem ali.

Tenha cuidado com o que você deseja, Judith costumava dizer para March o tempo todo. Mas, ao que parece, March já resolveu não ter cuidado. Pelo menos, não nessa noite.

— Na última mesa.

Ele está com a cadeira inclinada para trás, apoiada na parede, e embora haja mais cinco homens à mesa, Hollis não parece pertencer ao mesmo universo. Certamente não está ouvindo o que eles dizem. Está observando March Murray desde que ela entrou no bar.

— Ainda não é tarde para ir embora— Susie insiste. March não o teria reconhecido se não fosse Susie, mas agora que o viu percebe que a diferença entre ele e os outros homens ao seu lado, quase todos funcionários do Departamento de Obras Públicas, não é tanto no que se pode ver. Aqueles homens estão também com botas velhas e jeans, e como Hollis, não se deram ao trabalho de tirar os

casacos, uma vez que todos que vêm ao Lyon fingem que não pretendem demorar, mesmo que estejam instalados para o resto da noite. A diferença é que o ar em volta dele parece carregado, talvez de raiva, talvez de calor e de luz. A diferença está no modo como ele pode olhar para uma pessoa, no modo como ele está olhando para ela agora. Um olhar dele é mais sólido e real do que a madeira do balcão onde ela apoia os cotovelos. E mais real do que as garrafas de uísque enfileiradas atrás do balcão, mais real do que o tecido da manga do seu casaco que Susie está puxando.

— Você não quer ir até o fim desse jogo— Susie grita, porque a discussão ao lado delas sobre a lancha está esquentando.—Vamos sair daqui.

Nesse momento, não é difícil convencer March. Ela está tremendo, tremendo de verdade. Está provocando alguma coisa e assustada com seus próprios atos. Querer ver Hollis e estar no mesmo ambiente que ele são duas coisas muito diferentes. Agora que resolveram ir embora, não é fácil abrir caminho até a porta. O bar está repleto, incrivelmente cheio de gente e de fumaça.

Susie encontra Bert Murphy, editor de esportes do The Bugie, e enquanto ela ouve fofocas da redação, March olha para trás, para o fundo da sala, onde Hollis estava, apesar de ter resolvido sair do Lyon sem nenhum prejuízo. Mas ele não está mais lá e March sente como se o coração tivesse caído para o estômago, onde fica até perceber que Hollis está caminhando diretamente para ela.

Às vezes é possível olhar para uma pessoa e ver dentro dela, mas é tão raro que quase sempre o efeito é como uma faísca elétrica passando de uma alma para a outra. Só pode ser percebido por um instante, mas nesse instante vemos o âmago da pessoa, mesmo no meio de um bar cheio de gente, à medida que ela se aproxima, enquanto soa uma música country que você nunca ouviu antes e que jamais esquecerá.

Acontece rapidamente—ver toda aquela dor e todo aquele desapontamento—tão rápido como o ar que se inspira e expira. Com a mesma rapidez, ele se fecha e não se pode entrar em Hollis de modo algum. Nem com um martelo e um cinzel, nem pedindo de joelhos.

— Nunca imaginei que fosse ver você aqui —Hollis diz. Por algum motivo, March ouve perfeitamente o que ele diz, no meio de todo aquele barulho.—Não é seu tipo de lugar, não é?

— Talvez seja—March diz.—Não é tão ruim quanto eu imaginava.—March pensa que devia ter vestido outra coisa, não aquela suéter horrível e a calça jeans, queria ter penteado o cabelo.—Ouvi dizer que está deixando minha filha montar um dos seus cavalos.

— Ela é sua filha?—Hollis fala como se não tivesse a mínima idéia.

— Como se você não soubesse.—Por que ele tem de ser tão bonito? Que direito ele tem de falar com ela com tanta arrogância, como se depois de todos aqueles anos fosse ainda a coisa mais importante no universo dela, a única estrela com brilho?

— Ela disse que eu continuo esperando?

— Claro.—March tenta ser casual, mas não é como está se sentindo.—E aposto que você jamais olhou para outra mulher.

As pessoas passam empurrando os dois, não há nenhuma privacidade. Então Hollis faz sinal para March segui-lo até um lugar mais

calmo, debaixo das cabeças de veados. O único movimento é o das pessoas que passam para ir aos banheiros. Um homem bastante bêbado cumprimenta Hollis e agradece seu apoio ao conselho da cidade, mas Hollis ignora por completo a existência do conselheiro e March está tão absorta que não seria capaz de identificar o homem nem mesmo num tribunal. Nem olhou para ele. Ali de pé, ela sente nas pernas a trepidação da música. Susie tem razão, ela está louca. Completamente insana.

— Foi você quem não esperou—Hollis diz.

De onde está, perto da porta, Susie vê March e acena como louca, mas Hollis está mais perto agora, e March não pode ver Susie.

— Eu?—March diz.—Por que você não escreveu ou telefonou depois que saiu daqui? Por que não voltou para me buscar?

Falou sem pensar e não pôde recolher as palavras. Devia ter dito: Dane-se você, eu esperei demais, esperei durante anos e até isso foi tempo demais. Em vez disso, admitia uma derrota, percebe isso porque Hollis está sorrindo do mesmo modo que sorria sempre que ganhava.

— Você foi para a Califórnia—Hollis lembra.—Foi você quem casou.

— Você também casou—March diz, imediatamente.

Hollis toma um gole de Coca-Cola que está quente agora, mas ele não se importa com isso.

— Meu casamento não foi nada—ele diz.

— Definitivamente foi alguma coisa.

Hollis chega mais perto.

— Não—ele diz.—Não foi. Casei porque você não quis deixar seu marido. O seu bebê era mais importante para você do que eu.

— Não foi nada disso—March começa a dizer.

— Foi exatamente isso.—Hollis está mais perto agora. March sente o calor do corpo dele.—Ou talvez eu fosse mais importante, mas você não podia admitir.

Finalmente Susie chegou, no meio de toda aquela multidão.

Ela levou uma eternidade para atravessar o bar. Agora, ela encosta na parede e observa Hollis com uma atitude, pelo menos na sua opinião, imparcial.

— Não esperava encontrar você aqui—ela diz.

— Oi, Sue.—Ele inclina a cabeça, sem interesse. Susie é uma filha-da-mãe que nunca esteve do seu lado e ele não pretende fingir o contrário.

— Eu estava dizendo para March por que Alan não pode vir aqui, nem no dia do Fundador, porque você freqüenta o bar.

— É mesmo?—Hollis olha para March. Está extremamente satisfeito. Primeiro, March admite o quanto sofreu por causa dele, e agora Susie revela que ela e March estiveram falando nele. A não ser que esteja enganado, e não acha que está, March só entrou no Lyon para procurá-lo. Ela veio até ele.

— Aonde você não pode ir por causa de Alan? Vejamos. No depósito de lixo? Na loja de bebidas da rodovia 22?

Uma filha-da-mãe, exatamente como ele pensou.

— Alan fez suas escolhas—Hollis diz.

— Conversa fiada—Susie está tomando ares de puritana, mas não pode evitar.—Alan resolveu perder tudo que realmente importava para ele. Deixou que lhe tomassem tudo para poder beber até morrer, num barraco? Uma escolha e tanto.

— Você sente tanto por ele?—Hollis pergunta.—Vá visitálo, Sue. Aposto que ele adoraria comemorar o dia do Fundador com você.

— Vá se foder—Susie diz, vermelha de raiva.

— Estou chocado.—Hollis balança a cabeça, mas está sorrindo. E tão fácil irritar pessoas como Susanna Justice. São como essas bonecas que basta apertar um botão.

— Falo sério—Susie diz.—Vá se foder.

— Susie—March pede. Hollis e Susie sempre foram assim.

Não podiam ficar na mesma sala por mais de alguns minutos que logo estavam se engalfinhando.

— Acho que sou o único cara na cidade capaz de recusar essa oferta—Hollis diz.

— Você vai ficar aqui?—Susie Justice pergunta para March.

— Porque eu vou embora.—Susie está com as chaves do carro na mão e as balança como um sino. Olha demoradamente para March.—Você vai ficar, não vai?

— Vou tomar mais um drinque.—March tem o cuidado de não olhar para Hollis.—

Nada mais.

Susie se inclina para ela e diz em voz baixa.

— Você está louca. Espero que saiba disso. Seja esperta quando for embora. Chame Ken Helm para levá-la para casa.

Não faça isso tudo outra vez.

— Ela jamais gostou de você—March diz, olhando para Susie que se afasta abrindo caminho até a porta.

— Nem um pouco—Hollis concorda.— Mas você gostava.

March não olha para ele.

— Você ainda gosta—Hollis diz.

— É mesmo?—March ri. A vaidade e o orgulho de Hollis sempre a surpreendiam. Em qualquer outra pessoa ela senti-ria repulsa, mas as emoções eram tão raras em Hollis que, quando apareciam, March só podia ficar encantada.

— Eu sabia que você ia voltar, mas pensei que eu estaria com oitenta anos antes disso, me arrastando por aí como Jimmy Parrish— ele diz, indicando com um gesto um velho sentado no bar.

Quanta ousadia, March pensa.

— Acredite. Eu passei muito bem sem

você.

Sua voz é fria. Mais um pouco e March vai embora, como fazia quando era menina. Hollis sem dúvida sentiu isso e põe a mão no braço dela.

— Pois eu não—ele diz.—Não sem você.

Ele espera o efeito e então larga o braço dela. Se March vai sair de repente, será agora. Mas, em vez disso, ela continua olhando para Hollis. E então ele percebe, como sempre soube. Bem no fundo, os dois são iguais. Pessoas que não os conheciam muitas vezes pensavam que fossem irmãos. Eram os olhos escuros. Mais escuros do que a noite, era o que muitos diziam para eles, então. Negros como o buraco de onde ele saiu, murmuravam quando pensavam que Hollis não estava ouvindo.

Com o passar das horas, os freqüentadores do Lyon ficam mais agitados. As conversas são incoerentes, os desentendimentos mais constantes. Logo vai sair uma briga, como acontece sempre no dia do Fundador. O bar está agora superlotado e ainda está chegando gente. Lá está Regina, a garçonete do Dimitri's, que acena quando vê March. Lá está Larry

Laughton e a mulher, Harriet, donos da loja de lingerie, e Enid Miller, que trabalha na biblioteca e silencia as crianças com um único olhar, e Mimi Frank, que trabalha há tantos anos como cabeleireira no Bon Bon que tem todo o direito de tomar algumas cervejas.

Há também uma dezena de homens e mulheres que estudaram com Hollis e March, todos adultos e tão embriagados quanto é possível, mas March não vê ninguém.

Hollis está inclinado para ela—para ser ouvido no meio da balbúrdia, pelo menos é o que March diz para si mesma.

Certamente ele não está fazendo isso só para ficar mais perto dela, isso está só na sua mente. Na sua mente deformada, uma vez que ela tem tudo a perder e nada a ganhar. March tenta lembrar da sua vida atual. Das responsabilidades, mas mesmo assim, quando ele diz: "Vamos sair daqui", ela concorda com uma inclinação da cabeça como se fosse uma mulher racional. Deixa que ele segure sua mão para atravessar a multidão.

Passam por todas aquelas pessoas que estão se divertindo sem se preocupar com o amanhã, nem mesmo com o dia de hoje.

Mas isso não quer dizer que algumas mulheres não notem o que está acontecendo. Mary Anne Chiton chama a atenção de Janice Melnick e, no balcão, Alison Hartwig vira para trás quando vê Hollis e March juntos e pede outra dose de uísque sour. Essas são algumas das poucas mulheres que sabem que Hollis, na picape, dirige sempre com o vidro abaixado, com qualquer tempo. Se ele não pode levá-la de volta à casa—se você é casada ou mora com alguém, ou se você foi obrigada a ir com seus filhos para a casa de sua mãe—,ele a leva para o lago das Oliveiras e estaciona num lugar onde o mato é tão fechado que não dá para ver as estrelas.

Mas qualquer uma delas seria tola se pensasse que o fato de conhecer alguns hábitos de um homem ou fazer sexo com ele numa picape é o mesmo que conhecê-lo. Elas não conhecem Hollis e jamais conhecerão. Nunca vão imaginar, por exemplo, que Hollis abre a porta do carro para March.

Está estacionado no outro lado da rua principal, ao lado da estátua do Fundador, que, para as comemorações dessa noite, alguém enfeitou com uma coroa de oliveira e

amarrou uma capa nos seus ombros de granito. March toca o joelho frio do Fundador para dar sorte, como fazem todas as crianças. Ela sabe que não vai se esquecer do momento em que Hollis abriu a porta do carro para ela. Vai lembrar das estrelas e da sensação do granito. Afinal aquele é o momento que definirá se o que está fazendo é a coisa certa ou errada, dependendo do que vai acontecer depois. Vai se perguntar depois se estava em seu juízo perfeito? Vai achar que a lua cor de laranja lá em cima afetou sua decisão ou foi o frio, ou o modo de Hollis olhar para ela, ou o vento que sacudia as árvores?

Você faz seu mundo girar em torno de alguém e o que acontece quando esse alguém sai da sua vida? Para onde você vai— fragmenta-se, divide-se em átomos, vai para os braços de outro homem? Você sai para fazer compras, prepara o jantar, trabalha horas extras, faz amor com outra pessoa nas noites de verão. Mas você não está realmente ali, está em outro lugar qualquer onde há um céu azul e uma estrada que você conhece. Se olhar com atenção, você pensa que o está vendo, nas sombras, além das árvores.

Você sempre imagina que o vê, mas ele nunca está ali. E só seu espírito que está debaixo da cama quando você beija seu marido, quando manda sua filha para a escola. Está na sua xícara de café, na água do seu banho, nas suas lágrimas. Um amor não resolvido sempre volta para atormentar você, e um homem que jura amá-la para sempre só é um amor resolvido quando tudo está feito.

A caminho da cidade, no carro, March observa Hollis atentamente, tudo nele é completamente familiar e absolutamente estranho. Quando ela o conheceu, ele não tinha aquelas rugas no rosto nem a tosse nervosa que parece ter agora. Ela pensa na primeira vez que o viu, os olhos apertados contra o sol, o cabelo muito escuro, pronto para fugir. E aquele garoto que está ao seu lado na picape. E aquele garoto que a beija quando param num sinal. March tem quase quarenta anos, sob a tintura comprada na farmácia estão os fios brancos que apareceram no inverno em que ele se foi, mas este homem parece não se importar. Ele a quer, não só por quem ela é, mas por quem ela foi, a menina que jamais o esqueceu. Aquela que o conhecia

por dentro e por fora.

As mulheres no Lyon só podem imaginar o sabor dos beijos de Hollis, porque ele jamais beija nenhuma delas, pelo menos não na boca. Seu abraço é quente e ávido, exatamente como March lembra. Quando o sinal abre, March se afasta dele. Ela sempre se considerou uma pessoa fiel, mas fiel a quem? Richard sabia no que estava se envolvendo quando casou com ela. Era Hollis naquele tempo, e talvez seja ainda.

Talvez ela não seja mais uma mulher que tenha tudo a perder. É uma menina outra vez. E March Murray, seu pai é o advogado favorito de todos, seu irmão mais velho é preguiçoso e bebe demais. É a garota de cabelos negros e excesso de confiança, que faz tudo que não deve quando ninguém está olhando, quando ninguém está por perto.

— Eu esperei um longo tempo—Hollis diz. —Isso é a pura verdade.

Ele sorri, o mesmo sorriso predatório que sempre assustava as pessoas, mas só serve para convencer March de que ela o conhece melhor do que ninguém. A diferença entre um leão e um cordeiro, dizem alguns, está no

nome, não no animal. Ambos têm sangue quente—não é um fato? Ambos fecham os olhos quando se deitam para dormir, à noite.

Quando entram na estrada de terra, Hollis tem de ligar os limpadores de pára-brisa para evitar que as folhas fiquem pregadas no vidro. São verdadeiras tempestades de folhas, e galhos caídos estão espalhados na estrada. Fica mais frio a cada minuto. É o tipo de noite em que as abóboras congelam nas plantações e as uvas endurecem e ficam amargas demais para geléia ou tortas. É uma noite em que uma andorinha ou um pombo, ingênuos demais para fazer o ninho nessa cidade, percebem seu erro e a sobrevivência depende não da habilidade, mas da sorte simples e cega.

Em toda a cidade nessa noite, o vento vai tirar as mulheres da cama. Elas vão pensar no seu primeiro amor verdadeiro e procurar na caixa de jóias as lembranças—pulseiras de ouro, canhotos de ingressos, mechas de cabelo. March seria uma delas, mas está na estrada onde havia tantas raposas. Na verdade, foi ali que ela esteve o tempo todo, naquele lugar escuro e açoitado pelo vento, como um fantasma preso em uma cela da memória.

Hollis pára o carro ao lado dos marmeleiros, onde parou na outra noite, para ver March passeando com o cachorro.

Desliga o motor e agora o vento parece feroz. Eles costumavam se esconder e fazer isso sempre que podiam, fingindo que não havia mais ninguém no mundo. Os braços de Hollis estão em volta dela, debaixo do casaco. Ele começa a beijá-la, como beijava antes, mas antes que March possa corresponder, ela ouve um ruído e se afasta. Tem alguém na varanda.

— Merda—Hollis diz.—O que ela está fazendo aí?

Daquela distância, Gwen parece alguém que March nunca viu na vida. Está com o casaco preto, mas sob a luz amarelada da lâmpada da varanda, pode ser qualquer pessoa.

Está muito corada, mas não é de frio. Nessa noite, quando o Fundador subiu a colina, ela parece ter se apaixonado. Não pode parar de pensar em Hank—em tudo que ele disse, tudo que ele fez. Hank segurou a mão dela durante todo o caminho para a colina, antes de ir embora ele a beijou e Gwen não consegue tirar aquele beijo da mente. Na verdade, espera

jamais esquecer.

— Ela está entrando—March murmura para Hollis, quando Gwen segura a maçaneta da porta. Gwen entra e eles esperam que ela feche a porta, mas ela volta com a cachorra.

Surpreendentemente responsável. No momento errado.

— Ela vai levar a cachorra para passear— March diz. Hollis geme e encosta a cabeça no banco.

March ri, depois chega mais perto e o beija. Quem é a criança agora? Quem é a menina impaciente? Ela o beija outra vez e mais outra, como desafiando o destino, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

— Certo—Hollis murmura para ela, como se March fosse ainda a boa menina de antes, sempre pronta para agradar. -

Quero mais—ele diz.

Nesse momento, Sister vira para a picape e dá um longo latido, como se acabasse de ver um coelho. Está olhando para os marmeleiros que, March espera, escondem a picape de Hollis. Felizmente Sister está com a coleira e Gwen a faz ir para outro lado, de volta para a casa.

Você tem de ir para onde a levam, não é mesmo? Tem de seguir para onde os outros querem. Não pense, não pare, não hesite. Talvez isto seja o destino, a mão do destino na sua pele, o amor da sua vida. Se há alguma advertência para ser ouvida, March não vai ouvir. Ela é como aqueles pombos tolos que continuaram no ninho no castanheiro nesse outono e que provavelmente vão morrer congelados antes do Ano-novo. March é como o coelho que ousou cruzar o caminho de Sister, depois resolveu que o melhor era ficar quieto e em silêncio, em vez de fugir.

Hollis está com a mão dentro da calça jeans dela. Ele a fez deitar no banco. March sabe do que ele gosta, como se o amor fosse um segredo, ou pelo menos, o modo como ele gosta de fazer com ela. Outras mulheres, aquelas do Lyon, diriam que ele prefere acabar logo com tudo e talvez seja mesmo melhor. Hollis é tão intenso que assusta algumas delas. Alison Hartwig desmaiou na primeira vez que transou com Hollis e agora ela telefona para ele todos os dias, só para ouvir sua voz e imaginar que ele a ama, antes de desligar.

Durante todo esse tempo, March é a

mulher que Hollis deseja. É a mulher que o fez sofrer e ele não esquece isso nem por um instante. Noite após noite, ele pára o carro nesse mesmo lugar e olha para essa casa. Vezes sem conta antecipou o momento em que ela voltaria para ele e como seria bom ver March pedir agora, mas ao que parece, ele esperou demais. Talvez toda essa espera tenha estragado alguma coisa, deixando um sabor amargo no seu amor.

Sempre foi assim para Hollis, quanto mais ele tem, mais ele quer. Talvez nunca possa se satisfazer, mas sabe como satisfazer March e é o que está fazendo agora. March está quase lá, enquanto ele move os dedos dentro dela, lentamente. Hollis não pára quando March pede para parar, ele só pára no momento exato em que ela está para se satisfazer. Hollis a beija então e a deixa desejando mais, desesperada, exatamente como ele quer.

Agora Gwen já tirou a coleira de Sister e apanhou um refrigerante da geladeira. Talvez esteja imaginando por que a mãe ainda não chegou. Vai para o quarto de costura, onde está sua cama. Talvez tenha a impressão de ver alguma coisa atrás da moita de

marmeleiros, quando olha pela janela. Em qualquer outra noite, March estaria preocupada com a filha, sozinha em casa, mas não pode pensar nisso agora. Já está concordando em ver Hollis no dia seguinte e no outro e no outro. Às vezes o amor é como uma casa sem portas. E um céu com tantas estrelas que é impossível ver uma só. No jardim, lá fora, os pombos tristonhos tremem de frio. As penas cor de cinza não os protegem do vento, mas mesmo assim eles ficam ali. Afinal de contas, é tarde demais, eles fizeram sua escolha no fim do verão. Agora têm de aceitar as conseqüências.

DEZ

NAS TARDES DE QUARTA-FEIRA, LOUISE JUSTICE COMPRA VERDURAS e ervas frescas na feira, no estacionamento da biblioteca. Ela sempre prepara a galinha assada do jeito que o Juiz gosta, com artemísia, pimenta e muito alecrim, para lembrar. No mês de outubro o tempo costuma mudar de repente, mas hoje está quente e ensolarado, com o céu claro e azul que enche de lágrimas os olhos de Louise. Ela conhece todos na feira. Acena para Harriet Laughton, que, a julgar pela quantidade de coisas que está comprando, certamente espera a visita dos netos de Boston nesse fim de semana. E estranho como, à luz do sol, Louise nota que suas mãos parecem estranhas, com as manchas escuras e a pele fina como papel. Praticamente dá para ver os ossos.

Na sua mão direita está a opala herdada da avó, que ela cismou que trazia má sorte. Estava tão convencida disso que procurou a nova advogada da cidade, Janet Travis e pediu um adendo ao testamento que o Juiz redigiu para eles. Ela quer que a opala seja vendida e o dinheiro doado ao Fundo do Corpo de Bombeiros. De jeito nenhum vai deixar aquela coisa maldita para Susie.

Ninguém na cidade acha que Louise tem má sorte, e ela certamente jamais revelará nada que possa confirmar essa suposição. Não é da conta de ninguém, certo? Só interessa a ela. Aproxima-se dos cravos que Millie Hartwig está vendendo, tendo o cuidado de evitar Jimmy Parrish, que parece gostar mais de cavalos de corrida do que de seres humanos. Bem, talvez ele não esteja tão errado. Quando Louise era pequena, na rua Mount Vernon, em Boston, a vida, para ela, era boa e gloriosa. Acreditava que todos os seus sonhos iam se realizar, e por que não? Ela era mimada e bonita e sabia como encantar um homem. Conheceu o Juiz numa festa de Natal, quando tinha dezesseis anos e ele vinte e a não ser pelas vezes em que teve vontade de

matá-lo, numerosas demais para contar, sempre o amou. Um homem só, em todos aqueles anos. Um homem que não retribuiu seu amor.

Louise muitas vezes se pergunta se Susie não descobriu sua infelicidade, pois sua bela filha nunca se casou e parece que nunca vai casar. Não que Susie não tenha tido sua cota de namorados. Não se pode viver nesta cidade sem saber que Susie já saiu com quase todos os homens disponíveis.

Atualmente, ela está saindo com Ed Milton, o chefe de polícia, uma coisa que, é claro, Louise não deve saber porque Susie é por demais cuidadosa com a própria privacidade, algo difícil numa cidade pequena. A maledicência é uma coisa estranha, tola e dolorosa e embora as pessoas tenham cuidado de não falar na frente de Louise, ela certamente sente os efeitos.

— Não compre a torta de nozes.

Harriet Laughton está ao seu lado.

— Muito doce?—Louise adivinha.

— Gordura pura—Harriet informa.

— De qualquer modo eu cortei o açúcar.—Louise acena para Ken Helm, que faz todo tipo

de trabalhos para ela e está na outra extremidade da feira, vendendo lenha. Louise e Harriet começam a andar lado a lado, mas Louise avista novelos de lã e pára para escolher os que estão na cesta. Lã macia de carneiro, ótimo material. Ela precisa de outro novelo para terminar a manta que vai dar para Susie no Natal. Não que Susie precise de uma manta para se aquecer — ao que Louise sabe, Ed Milton está praticamente morando na casa dela, fazendo compras no supermercado e levando os cachorros de Susie para passear. Bem, ótimo para Susie.

Muito bom para ela.

— Nunca se sabe o que ela vai fazer— Harriet diz agora.—Com aquela cara de inocente.

Louise levanta os olhos e vê que Harriet está falando de March Murray, que está na barraca da confeitaria, apanhando uma torta de nozes. March está rindo e pagando a torta. Com o cabelo escuro solto e jeans muito usado, parece uma menina.

— Ouvi dizer que nunca se fartam um do outro—Harriet murmura.—Exatamente como nos péssimos e velhos tempos.

— Tenho certeza que você ouviu mal— Louise diz. Percebe um tom formal na própria voz.—March Murray é inteligente demais para se envolver com gente como ele.

Louise vê o olhar de Harriet se suavizar, algo muito parecido com piedade, uma coisa que ela jamais suportou. Como se Louise não soubesse que o amor não tem nada a ver com inteligência ou bom senso. Como se ela fosse uma ignorante que não sabe o que tem acontecido durante todos esses anos.

— Eu já vou—ela diz para Harriet, deixando o novelo de lã no cesto. Pode comprar na próxima semana, se for ainda o que ela quer.—Vejo você na quinta-feira—ela diz, olhando para trás, pois a noite de quinta-feira é a noite do bridge há trinta e dois anos. Foi quase há tanto tempo que ela descobriu e até hoje ficou calada. Fez melhor do que a maioria dos bem treinados prisioneiros de guerra e, de certo modo, orgulha-se disso.

Mesmo assim outubro é sempre difícil para Louise. Foi em outubro que ela descobriu o anel de ouro dezoito quilates com uma esmeralda quadrada no bolso do sobretudo do Juiz.

Louise lembra de ter sorrido quando abriu a pequena caixa de plástico dos joalheiros de Boston, certa de que ia ser seu presente de aniversário em novembro. Mas no seu aniversário, naquele ano, o Juiz deu a ela um roupão de banho de seda, da Lord & Taylor. Um belo presente, mas não era uma esmeralda. Então ela esperou o Natal. Tinha certeza de que o pequeno embrulho debaixo da árvore continha o anel, mas era uma pulseira fina de ouro. Muito bonita, sem dúvida, mas ela nunca a usou. A pulseira está no fundo da sua caixa de jóias, onde vai continuar para sempre.

Louise precisa ir para casa preparar o jantar, mas, em vez disso, vai à mesa da confeitaria. Ela sempre gostou de March Murray, a menina sem mãe, a menina tão tola. E claro que Louise ouviu dizer que March e Hollis reataram sua amizade—toda a cidade está comentando o fato de os dois terem deixado o Lyon juntos no dia do Fundador —,mas certamente ela não quer que Harriet Laughton saiba que isso é mais do que fofoca. Na verdade, Louise sabe mais sobre Hollis do que gostaria de saber. Ela foi uma das pessoas

que acharam que Henry Murray estava louco quando o levou para sua casa, uma vez que o Juiz o havia informado de que, aos treze anos, Hollis já havia passado vinte vezes pelo Juizado de Menores. A família não podia com ele, o que Henry podia esperar? Talvez a atitude de Louise para com Hollis fosse severa demais, mas ela ainda acha que estava com a razão. Não. Ela tem certeza disso. Deviam ter deixado Hollis em Boston. Lá era o seu lugar.

— Suponho que não vai se preocupar com calorias hoje — Louise diz, aproximando-se de March.

March comprou duas das tortas que segundo Harriet estavam muito gordurosas e um saco de biscoitos de chocolate.

Vendo Louise, March deixa as compras na bancada para abraçá-la.

— Não sei o que está acontecendo comigo —March diz rindo.

— Tive vontade de comer tudo isso.— March está muito bonita à luz do sol, a pele tão jovem e aquela expressão doce e distante que algumas mulheres têm quando guardam um segredo.

Louise espera March pagar suas compras e

é então que ela vê o anel.

— Você gosta?—March notou o olhar de Louise e estende a mão para ela.—Era de Judith Dale.

— Sim. Eu reconheci.

Caminham para o estacionamento e Louise simplesmente ignora a dor que sente no peito.

— Que dia incrível—March diz, olhando para o céu azul.

— Susie disse que você vai ficar mais tempo do que havia planejado—Louise diz, esperando estar sendo discreta.

— Tem tanta coisa para ver naquela casa. E como peneirar o passado.

March sempre gostou de Louise, mas agora preferia não tê-la encontrado. Não quer falar com ninguém. Não quer pensar.

Vai ter de dizer a Richard, mas não pode. À noite, o telefone toca e toca, e ela não atende. Em vez disso, telefona para o escritório dele nas horas mais estranhas, quando sabe que não vai encontrá-lo e deixa mensagens animadoras.

Pequenos relatórios bem-intencionados sem nenhuma informação pessoal.

— Foi o que Susie disse, muita coisa para

fazer.—Louise não vai insistir. Não precisa que seja soletrado para ela. Pode ver o que está acontecendo pela expressão de March. A mesma expressão que ela notava às vezes no Juiz, meio desligada, meio intrigada, meio delirante, como um homem feliz por ter sido atingido por um raio.

— Gwen recebe os deveres da escola pelo correio, mas agora está falando em se matricular na escola daqui, e a maior loucura é que estou pensando seriamente em tentar por algum tempo.

Louise inclina a cabeça concordando, embora, na verdade, sinta vontade de chorar. Ela considera March uma mulher jovem e considera todas as mulheres jovens umas tolas. Aos vinte anos você está convencida de que sabe tudo, mas aos quarenta é pior ainda, é quando você descobre que ninguém pode saber tudo, mas mesmo assim, em certas situações, ainda se considera a maior especialista no assunto. No fim das contas, o amor e o tempo são dois elementos sobre os quais nunca podemos ter certeza. E o que aprendemos aos sessenta anos e, quando se percebe, ninguém se surpreende com isso.

Chegaram a um Toyota antigo e bastante rodado, estacionado na última fila do estacionamento. Louise espera March abrir a porta traseira do carro e guardar as compras.

— Ken Helm me emprestou este carro. Era de uma velha tia dele.

— Lucy Helm.—Louise balança a cabeça afirmativamente.

Lucy Helm era conhecida como a pior motorista da cidade.

O povo jurava que ela dormia na direção quando parava no sinal.

— Talvez eu fique por aqui um pouco mais —March diz, fechando a porta traseira do carro.—Se Gwen quiser.

Pobre menina, Louise pensa. As desculpas que se inventa por amor, as mentiras que se conta.

— Bem, se precisar de alguma coisa enquanto está aqui, é só me telefonar—Louise diz.

— Você é um amor.

March sente uma onda de afeição por Louise e a abraça com força, mas quando entra no velho Toyota emprestado, está tremendo. Sabe que mentiu. Sabe que o amor de Gwen

por um velho cavalo e—segundo Susie, que definitivamente tem seus motivos—por um garoto que por acaso é seu primo-irmão não é o que a está prendendo a Jenkintown. Quando muito, essas variáveis deviam fazê-la sair dali o mais depressa possível. Se March estivesse em sã consciência, ficaria chocada com a possibilidade de Gwen namorar um primo.

Em vez disso, procura se convencer de que é um amor de criança, se tanto, e que vai passar depressa se não for contrariado.

Ela tem de mentir sobre o que na verdade a faz continuar ali, até para si mesma. Nessa manhã, ela mentiu até não poder mais, enquanto comia waffles e tomava café no balcão da Bluebird. Na verdade, foi com a maior cara-de-pau que disse a Susie que estava tentando resolver o que faria agora.

Talvez uma separação fosse boa para o relacionamento dela com Richard e, embora tenha falado com Hollis ao telefone, aquela carona da outra noite não tinha influído em nada. Ela era até capaz de matricular Gwen na escola para terminar o semestre.

Susie ouviu tudo com os lábios franzidos, como se estivesse chupando limão. Para

começar, Susie já tinha se encontrado com Millie Hartwig, que trabalha na lanchonete da escola e já estava informada que a filha de March Murray tinha se matriculado. Além disso, Susie não podia deixar de notar as marcas de mordidas de amor no pescoço da amiga, que March só notou quando entrou no carro emprestado e se olhou no retrovisor. Depois disso, ela comprou um suéter de gola alta, mas mesmo com toda aquela lã protetora, fica toda arrepiada quando pensa em Hollis. Parece uma adolescente boba, não consegue tirar Hollis da cabeça por mais que tente. Às vezes, ele telefona no momento em que ela está pensando nele e então ela leva o telefone para a despensa e eles conversam durante horas. Cada palavra que Hollis diz a interessa, ela nunca é a primeira a desligar, nem quando Gwen bate na porta da despensa e pergunta o que está acontecendo.

Mentirosa como é agora, March não diz para Gwen com quem está falando, assim como não diz a verdade quando sai à noite. Tem de passar na farmácia, precisa andar um pouco para fazer exercício, ela e Susie vão ao cinema, em Boston, fazer compras na

Laughton's, a uma palestra na biblioteca.

Ele a espera no fim da entrada da sua casa, na sua velha picape, ou então, agora que está com o carro de Ken Helm, March vai até o velho Highway Motel, onde a rodovia 22 encontra a Interestadual.

March está louca por ele, exatamente como antes. Mais ainda, porque naquele tempo ela era uma garota que não sabia de nada, não era mulher de ninguém, mãe de ninguém. Agora era uma mulher adulta que, a essa altura da vida, devia conhecer o valor da cautela. Algumas noites atrás, eles estavam ao telefone às duas da manhã, murmurando sobre o que gostariam de fazer juntos, quando Hollis de repente resolveu ir à casa dela. March pediu a ele para não ir—Gwen estava dormindo no quarto de costura, a cachorrinha estava no corredor, deitada na frente da porta—,mas ele desligou antes de ela acabar de falar.

March trancou Sister na despensa, onde ela uivou a noite inteira. Estava esperando por Hollis quando ele chegou e não o impediu de beijá-la no hall de entrada, não recusou subir para o sótão, trancar a porta, nem voltar para a pequena cama de metal, onde tinham feito

amor tantas vezes antes. O sótão estava empoeirado, com sinais de que ratos e estorninhos tinham morado ali, mas March não se importou. Quando Hollis saiu, já começava a clarear, mas, por sorte, nessa manhã Gwen dormiu até mais tarde. Os lábios de March estavam inchados e arroxeados e havia teias de aranha no seu cabelo, mas Gwen aparentemente não notou quando desceu para a cozinha para tomar suco de laranja.

— Onde está a cachorra?—Gwen perguntou e só então March lembrou da pobre Sister presa na despensa. Quando abriu a porta, Sister se afastou dela tanto quanto possível, como se fosse a única que sabia o quanto March era mentirosa e fingida.

A compra da torta de nozes e os biscoitos, na feira, por exemplo, tinha um objetivo especial. Hollis e Hank foram convidados para o chá e March, embora não fosse Judith Dale nem sonhasse em fazer um bolo ou biscoitos, quer impressionar os dois. Quer que seja possível para todos eles estar na mesma sala, pelo menos numa reunião cortês.

— Não os convide—Gwen disse, quando

March deu a idéia, naquela manhã.—Hank não tem nada a ver com você, embora seja da mesma família.

— Não há nenhum motivo para fazer isso —Hollis disse para March quando ela os convidou para o chá.—Eles são crianças. Quer os aceitemos ou não vão fazer o que querem e eu não me importo nem um pouco se eles nos aceitam ou não.

Hollis não está satisfeito com os efeitos do entusiasmo de Hank por Gwen. Hank está mais sonhador do que nunca.

Ele derruba xícaras de café e tropeça nos próprios pés. Entra na cozinha de manhã, tão amarrotado e confuso que parece que dormiu num fardo de feno. Aquela garotinha de March o pegou de jeito e é realmente patético.

— Idiota—Hollis diz para ele, quando Hank se atrasa para a escola ou quando esquece suas tarefas em casa.—Olhe só para você.

Hollis não compreende como uma pessoa pode perder o controle desse modo. Com ele isso é impossível, não faz parte da sua natureza. A idéia de alguém lhe dizer o que deve fazer ou sentir o deixa possesso. Depois

de todos esses anos, o maior prazer que já experimentou foi pagar sua dívida a Alan Murray. Hollis guarda ainda na carteira a lista detalhada de tudo que devia a Alan, cuidadosamente dobrada em quatro. Foi a conta apresentada a ele no dia do enterro de Henry Murray, cobrando cada dia que Hollis morou com a família. O custo estimado de cada refeição estava anotado, bem como de livros, roupas e até pasta de dentes. Cada dia que ele continuava morando em Fox Hill, sua dívida aumentava, até parecer que ele nunca poderia pagar, mas ele pagou.

Tudo que Hollis planejou quando deixou Fox Hill foi ganhar o suficiente para tirar March de lá, mas as coisas se complicaram, como sempre acontece quando dinheiro fácil é oferecido a quem parece insaciável. O plano mudava a cada dia, no sentido de exatamente quanto ele ia precisar.

Primeiro pensou no bastante para um apartamento em outra cidade, depois em Boston, depois ele queria dar a ela uma casa, maior do que aquela em que ela cresceu. Finalmente foi a terra que tinham visto, escondidos atrás do muro de pedra. Nada

menos do que isso servia para ele.

Hollis sequer percebeu quanto tempo levou para voltar à cidade. Os meninos com quem tinha estudado eram homens agora, com mulheres e filhos. As árvores de tília plantadas em volta da praça da cidade, no dia em que ele se foi, não passavam de finas mudas que precisavam de apoio de estacas, agora estavam altas e sua sombra cobria toda a praça.

Se pudesse ter comprado a terra em volta do lago das Oliveiras, Hollis seria agora o maior proprietário de terras em três municípios. Se alguém pensa que isso não significa nada, é porque nunca foi chamado de senhor por um banqueiro. Nunca um morador da cidade, que certa vez ajudou a amarrar um garoto indefeso a uma árvore deixando-o no bosque à noite, desejou educadamente um bom-dia e se afastou para dar passagem ao seu antigo refém.

Hoje, quando ele bate na porta em Fox Hill —uma formalidade tola, pois ele é o dono da casa—,Hollis tem quase tudo que sempre desejou, mas mesmo assim está de mau humor.

— Vá em frente—ele diz para Hank, quando March aparece na porta.—Entre.

Hank vestiu sua melhor roupa para a ocasião e aperta formalmente a mão de March.

— Você se parece muito com Alan—March diz.

Hank olha para ela confuso, sem saber se é um cumprimento ou uma maldição.

— Alan tinha a mesma cor de cabelo—March explica, de repente nervosa na presença do garoto.—Mas você é muito mais alto—acrescenta quando vê a preocupação nos olhos dele.

— Oh—Hank balança a cabeça agradecido por March reconhecer uma diferença.

— Que negócio é este?—Hollis pergunta.

Sister monta guarda no corredor, rosnando baixinho.

— É um terrier West Highland—March diz.—De Judith.

— Está dizendo que é um cachorro?—Hollis pergunta.

March ri.

— É o que estou dizendo.

— Muito bem, então tenho de acreditar. Já que é você quem diz.—Aproxima-se de March

e Sister rosna outra vez.—O que está olhando? —Hollis pergunta para Sister que o vigia desconfiada e rosna quando ele fala.

— Parece que ela odeia você—March diz, brincando.

— Não me importo. Deixe que me odeie.—Hank já entrou na frente e Hollis aproveita a oportunidade para puxar March para ele.—Só a sua opinião me interessa.—Abraça a cintura dela e murmura:—Eu podia demonstrar o que quero dizer.

Vamos nos livrar dos garotos.

— Do garoto—March corrige.—Gwen não está aqui. Hank está na sala de estar, curvado sob o teto baixo, desapontado quando sabe que Gwen não vai estar presente.

— Acho bom você ter cuidado—Hollis diz para ele, quando March vai apanhar o chá que Hank e Hollis vão tomar sem vontade e só por delicadeza.—Se ela se importasse com você, estaria aqui.—Espera que Hank pense nisso e não se deixe mais dominar por Gwen.

Porém, na verdade, a ausência de Gwen à pequena reunião planejada por sua mãe nada tem a ver com Hank, ou com seu desejo de estar com ele. Quando Gwen saiu naquela

manhã com os bolsos cheios de cenouras, já tinha resolvido que não estaria em casa na hora do chá. Caminhou rapidamente até a fazenda, no frio da manhã, sem a menor intenção de confratenizar com Hollis ou permitir que a mãe interferisse na sua vida. Gwen gosta da estrada vazia nesses dias. Se andasse silenciosamente, podia ver as doninhas correndo ao longo dos muros de pedra e os ratos do campo procurando bolotas de pinheiro no chão. Para sua grande surpresa, Gwen gosta de tudo que jamais pensou que poderia tolerar.

Se estivesse na Califórnia, Gwen passaria o dia dormindo, se permitissem. Ela estapearia o radiorrelógio até acertar o botão de soneca e chegaria atrasada na escola quatro dias em cinco. Quem era aquela garota? Ela pergunta agora, calçando o segundo par de luvas e saltando sobre as valas na estrada.

Se ela passasse por aquela garota nesse momento, Gwen pensaria: Pobre preguiçosa ignorante, e continuaria seu caminho. Quase sempre Gwen chega ao estábulo às cinco e meia e Tarot está esperando por ela, empurrando-a com o focinho assim que ela se

aproxima, à procura de cenouras e maçãs. Geralmente ela não monta, mas o leva ao pasto mais distante e mais farto e o deixa livre. Ver Tarot correr é ver um milagre. Uma vez ou outra, quando Hank não se encontra com ela no campo com uma garrafa térmica de café, Gwen faz uma coisa tola e perigosa. Ela monta em Tarot e o faz correr a toda velocidade, o que é nada comparado ao que ele corria na pista, mas que a deixa sem fôlego assim mesmo.

Na outra manhã, quando Gwen acordou, às cinco horas, não pôde se vestir e apanhar na geladeira as gulodices para Tarot e correr na estrada como sempre. Hollis estava no corredor.

Gwen sabia que ele estava ali antes mesmo de se apoiar nos cotovelos e espiar pela porta do quarto de costura, onde ela dormia. Sentiu o cheiro de fogo, e esse era o cheiro de Hollis. Mais tarde, quando Gwen entrou na cozinha, ela sentiu o cheiro de fogo na mãe também, mas não disse nada.

Simplesmente continuou a tratar da sua vida, apesar do aperto na garganta. Sem dúvida sua mãe quer fingir que nada está

acontecendo, quer convidar os dois para chá e biscoitos e agir como se Hollis não estivesse na sua cozinha antes do amanhecer com as mãos nela. Para o inferno com tudo isso, pensou Gwen. Para o inferno com ela.

Porém, talvez Gwen esteja errada. Talvez sua vista estivesse embaçada e eles estivessem apenas conversando. Afinal, eles se conheceram a vida toda e tudo o mais. Assim mesmo, sempre que Gwen vê Hollis—o que, graças a Deus, é quase nunca—,ela sempre dá as costas e ignora a presença dele.

Mesmo quando está no campo que pertence a ele legalmente, ela vira para o outro lado.

Trate da sua vida, ela diz para si mesma quando começa a pensar em March e Hollis. Vá em frente. Concentre-se na sua vida. E isso que ela diz, mas não está adiantando. Gwen se pergunta se o que sente por Hollis é ódio. Não é só por causa do seu pobre pai que nem desconfia de nada, é por causa do modo como Hollis trata Hank. Ele é horrível com Hank, o trata como se fosse um criado e Hank nem parece notar. E isso que ela acha terrível. Ele admira Hollis. Pensa que ele é o máximo.

A primeira vez que Gwen foi ao quarto de Hank, na tarde em que Hollis foi a Boston a negócios, ela teve uma crise de choro. O quarto é limpo e muito arrumado, sem nada pessoal. Era como se Hank fosse um hóspede, alguém de passagem, quando, na verdade, aquele era seu quarto há treze anos. O cobertor de lã na cama estava esgarçado de tanto uso e a tinta nas paredes estava descascando. Gwen sentou nos pés da cama e chorou. Hank pensou que era por causa de alguma coisa que ele havia feito ou dito e começou a se desculpar, o que a fez chorar mais ainda. Havia tanta solidão naquele quarto, nas rachaduras do teto e nas paredes vazias, que Gwen percebeu mais do que nunca o quanto sua própria vida era solitária também.

O mais estranho é que agora que ela está realmente apaixonada por alguém ainda não fizeram sexo. Eles se beijam, tocam um no outro, mas ambos sentem que ainda não é o momento certo para fazer mais do que isso. O seu universo agora está ao contrário, tudo que não teria compreendido antes, ela compreende agora. Gwen não quer a mãe envolvida nisso, é pessoal demais, perfeito demais e certamente

ela não vai sentar e tomar chá cortesmente naquela sala enquanto sua mãe interroga Hank sobre sua matéria favorita na escola, ou seja, o que for que os pais acham que revela melhor o caráter de um garoto.

Afinal, é seu último dia de liberdade. No dia seguinte co-meça a freqüentar a escola. Por isso, nessa tarde ela vai à biblioteca, onde a Sra. Miller a ensina a usar o microfilme para ver Tarot nos jornais antigos. A biblioteca em Jenkintown é um lugar maravilhoso, construído com pedra escura local. Tem duas salas de leitura, com sofás de couro e cadeiras muito antigas. Pode não ser a Biblioteca Pública de Boston, ou a matriz da Biblioteca Pública de San Francisco onde seu pai costuma levá-la, mas até agora Gwen descobriu seis livros sobre corridas de cavalos e Tarot está em dois deles. Naquele tempo o nome todo dele era Blue Moon's Tarot Deck of Fortune, o nome da fazenda Blue Moon da Virgínia, onde ele nasceu. Há uma fotografia de Tarot chegando ao final da corrida em Belmont. Lá está ele, com as cores da fazenda Guardian—azul e branco—no círculo dos vencedores em Saratoga.

— Você gosta de cavalos?—um homem idoso pergunta para Gwen, vendo-a folhear os livros. E Jimmy Parrish, que tomava conta dos estábulos na Guardian e trabalhou em Pimlico quando era um garoto.

— Acho que gosto—Gwen admite.

Jimmy Parrish senta à mesa de frente para ela e começa a falar sobre seus bons e velhos tempos. Está tão entusiasmado que Gwen sorri e deixa que ele fale enquanto ela olha as fotos das grandes corridas do passado. Na verdade, ela pouco presta atenção, até a hora em que ele começa a falar na fazenda Guardian. Se está bem lembrado, as famílias dos dois homens que foram mortos processaram o Sr. Cooper, o que praticamente acabou com o haras e arruinou as finanças da família. Um dos homens era jóquei, o outro um treinador da Louisiana, ambos conhecedores de cavalos. Acidentes acontecem, é claro, mas com Tarot as situações eram sempre premeditadas. Todos acharam que toda a família estava louca quando, poucos meses depois dos acordos judiciais, viram Belinda Cooper, que Deus tenha sua alma, montando aquele cavalo de corrida como se não fosse mais perigoso do

que um pônei Shetland.

Então Gwen fecha o livro. A poeira sobe das páginas como uma pequena nuvem cinzenta.

— Esse é o meu sobrenome também—ela diz para Jimmy.

—Cooper.

Quando ele compreende que aquela menina é a filha de Richard Cooper, Jimmy a abraça como se fosse uma neta há muito tempo perdida.

— Não acredito que seja você—ele exclama. Está com os olhos cheios de lágrimas e fala tão alto que a bibliotecária, Enid Miller, aproxima-se e diz que se ele não ficar quieto ela será obrigada a pedir que saia da biblioteca, exatamente o que Jimmy Parrish e Gwen resolvem fazer.

— Então, o que Belinda era minha?—Gwen pergunta quando ela e Jimmy saem da biblioteca, ela com os braços cheios de livros que tomou emprestado. Descem os degraus na frente do prédio, Gwen com o cotovelo dobrado para o caso de Jimmy Parrish escorregar nas folhas molhadas e precisar de apoio.

— Ela era sua tia. A irmã mais velha do seu pai. Morta há quase doze anos. E o filho dela, a quem chamou de Cooper, está morto há pelo menos cinco. Seus avós, a mãe e o pai de Belinda e de seu pai, morreram num acidente horrível na esquina do diabo. Aquela curva onde a rodovia 22 se encontra com a fazenda Guardian.

— Uma família de mortos—Gwen diz.

— Você é a última deles—Jimmy Parrish diz.—A única descendente Cooper.

— Nossa—Gwen diz.—Isso quer dizer que sou azarada?

— Eu não diria isso—Jimmy Parrish diz bondosamente.—E então, é claro tem o lado da família da sua mãe.

Tinham chegado à cafeteria Bluebird. Gwen segura a porta aberta para Jimmy, que está completamente encantado por ter encontrado alguém que não só está ouvindo o que ele diz, como também parece realmente interessada.

— Tem o irmão de sua mãe, Alan.

— Já ouvi falar nele—Gwen lembra que o Juiz mencionou Alan.

— Ele se acabou depois que a mulher

morreu.

— Ela também morreu?

Sentaram na frente do balcão e Jimmy olha para o quadro dos pratos especiais, embora os especiais sejam sempre os mesmos no Bluebird: empadas de caranguejo com molho de mostarda, BLT com pão de centeio, sopa de mariscos com milho.

— Eu quero uma sopa de milho—ele diz para a garçonete, Alison Hartwig, filha da garçonete que vai servir Gwen amanhã na lanchonete da escola.

— Então, o que há com Alan?—Gwen pergunta depois de pedir uma Diet Coke.

— Ele é um desastre, pura e simplesmente. Ninguém o vê, e o filho, Hank, mora na fazenda. Acho que vou querer café também—Jimmy diz para Alison Hartwig.—Puro.

Gwen digere a informação. Por que ninguém contou para ela antes? Isso quer dizer que Hank não é apenas um parente. E seu primo-irmão, um fato embaraçoso e estranho.

Será crime se apaixonar por ele? Será que as pessoas vão olhar para os dois e comentar em voz baixa?

— Espero que você saiba mais sobre cavalos de corrida do que sobre sua família— Jimmy Parrish diz, pondo açúcar no café.

— Não, eu não sei—Gwen diz.

Ela está com uma sensação estranha no estômago. E como se ela e Hank proviessem do pior pool genético possível.

Gostaria que não fossem parentes, apenas dois completos estranhos com idade suficiente para fazer seus planos, sem interferência de ninguém.

— Eu tenho montado aquele cavalo na fazenda Guardian.

Aquele que você falou, Tarot.

Jimmy Parrish está começando a tomar a sopa, mas agora larga a colher. Olha para Gwen e balança a cabeça.

— Você tem sorte de aquele cavalo estar velho, do contrário já estaria morta.

— Acho que não—Gwen diz. Põe um dólar no balcão para pagar o refrigerante e apanha os livros.—Eu sou aquela da minha família que vai viver.

Gwen vai a pé para casa na luz fria do fim da tarde. Quando chega à estrada de terra, Hank está à sua espera, sentado numa cerca de

pedra.

— Você não foi ao chá—ele diz, quando Gwen senta ao seu lado.—Eu tive de comer todos os biscoitos que sua mãe ofereceu, para ser educado. Ela é legal.

— Não, não é.—Gwen empilha os livros entre os dois e se senta muito rígida.

— Tudo bem.—Hank compreende que precisa ter cuidado.

Ela está aborrecida com alguma coisa e ele não sabe o que é.

— Eu só fiquei na casa mais ou menos meia hora. Durante esse tempo ela me pareceu legal.

— Nós somos primos-irmãos—Gwen diz. —Você sabia disso?

Hank folheia um dos livros da biblioteca. Um corvo em algum lugar ali perto começa a grasnar insuportavelmente.

— Você sabia?—Gwen pergunta.

A relva no campo está amarela agora e os esquilos ajuntam freneticamente as últimas bolotas de carvalho. Só de olhar para ele Gwen percebe que Hank sabia. Ela balança a cabeça.

— Devia ter me contado.

— Não tem importância—Hank diz.—Por

isso eu não disse nada. O que importa é o que sentimos.

Gwen olha para a frente, para os bordos e carvalhos, e então coloca a mão sobre a dele. Talvez algumas pessoas desaprovem, mas Gwen não se importa. Quando Hank fecha os dedos em volta da sua mão, está resolvido. Fizeram a escolha, selaram seus destinos. O que ela fez para merecer Hank, Gwen não pode nem imaginar. Talvez ela seja melhor do que pensou que fosse, talvez haja uma razão para ter tido a sorte de encontrar alguém como Hank. Sobem a colina juntos e continuam em frente, passam pelas cercas e pelas velhas árvores até um ponto de onde avistam quase toda a fazenda Guardian, um mar de ouro e verde. Além da cerca de toras de madeira que acompanha a entrada da fazenda, está o trecho de estrada que leva à rodovia 22.

— A esquina do diabo—Gwen diz.

Hank ri.

— Quem disse isso?

— Um cara na cidade.

Os caminhões passam pela rodovia 22 e o som das buzinas ecoa no céu.

— Está dizendo que existe mais alguém?—

Hank diz brincando, mas na verdade esse é no momento seu maior medo, a dúvida que Hollis plantou em sua mente, só para se divertir.—Outro homem?

— Não—Gwen diz com um leve sorriso imaginando Hank com ciúme do velho Jimmy Parrish.—E você? Existe alguém com quem está morrendo de vontade de estar?

— Você—ele diz. Exatamente o que Gwen queria ouvir.—Só você—Hank diz.

ONZE

SENTADA NO TAPETE TRANÇADO DA SALA DE ESTAR, MARCH OLHA PARA a foto do irmão quando Alan tinha dezesseis anos. Era verão e o cabelo de Alan estava descorado pelo sol, quase branco. Ele está com uma camiseta pólo, jeans e tênis brancos, rindo para a câmera. Ainda não tinha fracassado na escola, nem no casamento, nem como pai. Não era mais do que um garoto que não sabia quando desistir ou como tratar as pessoas. Alan gostava de se divertir, mas era egoísta, com uma lamentável tendência para a crueldade. March já foi de carro ao pântano cinco vezes e por cinco vezes ele se recusou a atender a porta. Alan se foi, essa é a verdade.

Alguém mora naquele barraco, mas o garoto da foto desapareceu como um punhado de pó.

Ela ouve o tiquetaque do relógio sobre a moldura da lareira, o que seu pai trouxe de Boston, a única coisa que March não tem coragem de encaixotar. Ela examinou todas as caixas com fotografias, arrumadas em álbuns e com a data escrita na letra caprichada de Judith Dale. March vai guardar só duas fotos, para emoldurar. Uma delas com Hollis, um instantâneo meio fora de foco onde os dois parecem meninos de rua, com shorts rasgados e joelhos sujos, olhos muito negros e sorrisos de quem sabe tudo. A outra é de Judith Dale patinando no lago das Oliveiras num dia de inverno. Judith está com a cabeça inclinada para trás, a pele luminosa, e à sua volta o mundo é gelado e branco. Durante todo o tempo em que morou com ela, March jamais notou o quanto Judith era bonita, ou jovem, muito mais jovem naquela foto do que March é agora.

Hoje, March vai levar um vaso de flores ao túmulo de Judith. E o dia perfeito para uma missão solitária como essa — Hollis foi a

Boston tratar de negócios e Gwen está a salvo, na escola. Somente Richard a prende agora, mesmo depois de ela encaixotar os álbuns de fotografia. March falou com ele na noite passada, finalmente, mas Richard se recusou a compreender.

— Acho que não entendi muito bem—ele repetiu várias vezes.—Você vai ficar aí?

Era por causa da escola, March disse, muito melhor para Gwen, menos drogas, menos tentações. Apenas uma mudança, uma experiência. Tinha esquecido do quanto era calmo ali, fora da cidade grande, na verdade estava inspirada para trabalhar e será que ele podia mandar uma caixa com seus instrumentos e o pacote de pedras semipreciosas que está na gaveta da mesa-de-cabeceira? Afinal, Gwen estava tão feliz, estava se comportando tão bem, imagine, ela está até tomando conta do velho cavalo que Belinda costumava montar.

— Tarot?—Richard disse.—Ela está indo à fazenda? Para quem nunca mentiu é fácil ser apanhado.

— Não exatamente—March respondeu.

— Muito bem, o que então exatamente?

March imagina Richard falando ao telefone com a janela do quarto aberta e o perfume de limão enchendo o ar. Ela cuidava com carinho especial da árvore e, quando havia falta d'água, regava primeiro o limoeiro, ignorando as papoulas e as outras plantas.

— Richard—ela disse e por um longo tempo não obteve resposta.

— Você vai fazer isso conosco, não vai?— ele perguntou finalmente.

Agora ela pensa na voz dele, tão distante, apanhando as luvas e o casaco do closet, depois o vaso de flores da mesa do hall. Quando está quase na porta, Sister corre e fica na frente dela.

— Sai da frente—March diz.

Sister olha para o closet onde fica a coleira, depois faz um ruído, um misto de choro e latido.

— Ah, tudo bem—March diz.—Mas trate de se comportar.

Apanha a coleira e deixa Sister correr na frente para o Toyota.

— Fique longe das flores—March diz, quando Sister se acomoda entre os vasos.— Não coma nenhuma.

Quando March chega ao cemitério não vê nenhum outro carro por perto. Estaciona sobre uma pilha de folhas marrom-escuras e molhadas, depois prende a coleira em Sister e apanha as flores.

— Não puxe—ela diz para Sister, que parece saber exatamente para onde estão indo.

Há um campo de golfe ao lado do cemitério e o pai de March dizia que era por isso que nenhum coveiro parava no emprego. Todos levavam boladas na cabeça e todas essas bolas eram jogadas por Bill Justice, que continuava a jogar pessimamente, apesar de praticar todos os dias ali para melhorar o jogo semanal com Henry Murray. Agora March imagina se o Juiz só dizia que ia treinar golfe para, na verdade, passar aquelas horas com Judith Dale. Imagina também se seu pai sabia —se fechava os olhos para o que estava acontecendo, apesar de gostar muito de Louise. E espantoso o que as pessoas são capazes de tolerar. Richard, por exemplo, sabe o que March sente por Hollis, mas, mesmo assim, antes de desligar ele disse: Apenas volte. Tudo vai ficar bem. Vamos conseguir.

Chegam ao túmulo de Judith, e Sister senta

muito quieta, mas com um leve tremor nas patas.

— Boa menina—March diz, mas agora todo o corpo de Sister está tremendo.

Folhas molhadas grudam nas botas de March e no pêlo branco de Sister. O cemitério está muito quieto, nenhum avião passa no céu.

— Suas favoritas—March diz para Judith Dale, deixando o vaso com flores ao lado do túmulo, que é ainda apenas uma elevação de terra.

March senta na relva ao lado do túmulo e Sister senta ao lado dela, tão perto que March sente o tremor através do tecido do seu casaco e do pêlo espesso do animal. Voltam lentamente para o carro até Sister resolver correr atrás de algumas folhas vermelhas, as últimas a cair do bordo alto.

Param na elevação de onde March pode ver a laje simples do túmulo do pai e perto dela a que marca o lugar em que repousa a mulher de Alan. Quando chegam ao carro, Sister senta no banco da frente. March segue pela estrada estreita com cuidado e, quando vai entrar num trecho mais largo, alguma coisa passa correndo na frente do carro. Entre

as folhas caídas e o asfalto, ela vê algo como uma chama vermelha. March pisa no freio com força.

Nada além de folhas e silêncio. March teria pensado que foi imaginação sua, mas Sister está arranhando o vidro da janela, latindo como louca. Então, a criatura sai correndo debaixo de uma cerca viva. E uma das últimas raposas, uma bisneta das que sobreviveram à estação de caça há tantos anos. Ela corre velozmente na direção do campo aberto, a oeste do cemitério. Um relâmpago vermelho que não olha para trás, que desaparece num piscar de olhos.

March fica parada, com o pé no freio, e ouvindo o eco dos latidos de Sister. Quando era pequena, March costumava ficar na varanda da frente, no escuro, esperando ver uma das raposas tão numerosas naquele tempo. Mas não conseguia ficar acordada o tempo suficiente e uma vez teve uma idéia.

Ia apanhar uma raposa só para ela e guardá-la numa caixa na cozinha, num daqueles engradados que usavam para acondicionar tomates e batata-doce. Cuidaria para que ela ficasse bem aquecida sob um

cobertor de flanela, daria para a raposa comer torrada com manteiga e ia ensiná-la a dançar ao som da música, em círculo, nas pontas dos pés. Uma vez ou outra permitiria que ela dormisse na sua cama, o nariz pontudo no travesseiro, e cantaria para ela dormir.

— Não seja boba—Judith Dale disse numa noite de verão, quando March não tinha mais de sete ou oito anos e a Sra. Dale a encontrou na varanda de madrugada, esperando com uma rede de pesca, um martelo e o engradado dos vegetais. — Nunca vai pegar uma raposa desse jeito.

A Sra. Dale levou March até o castanheiro e com um graveto desenhou um círculo na terra. Tirou do bolso alguns cubos de açúcar, os mesmos que ela usava para adoçar o café e o chá, deixou March amassar os cubos e espalhar em volta do círculo.

— Espalhe uma camada bem fina—Judith disse, e March ficou especialmente satisfeita quando ela bateu palmas, elogiando seu trabalho.

— Besteira—Alan disse, quando March contou que ela ia apanhar uma raposa. E quando March descobriu que o açúcar tinha

desaparecido, Alan riu dela.—Qualquer bicho pode ter comido o açúcar, sua boba. Guaxinins, cães selvagens, camundongos. Há várias explicações, Marcheline, e nenhuma tão burra quanto a sua.

Porém, mais tarde, no mesmo dia, a Sra. Dale fez March entrar no círculo e mostrou as marcas das patas delicadas e matreiras da raposa. Foi quando March resolveu que se não podia ter uma raposa na cozinha, teria uma no bosque.

Durante muito tempo ela deixou guloseimas no círculo.

Mesmo depois que Hollis foi morar com eles, às vezes ele a encontrava desenhando um círculo com um graveto, espalhando açúcar farelo de biscoito ou um pão doce fresco roubado da despensa.

— Isso é para o seu namorado?—Hollis perguntou certa vez, quando ela distribuía fatias de maçã em volta do círculo.

— Não—ela disse e deu as costas para ele. Você é o meu namorado, March estava pensando e, depois de tanto tempo, pensava ainda.

Quando a raposa desaparece, March entra

na rodovia 22 e segue para a fazenda Guardian, esperando que Hollis já tenha voltado de Boston. A luz de outono é intensa e March apanha os óculos escuros. Liga o rádio e canta alto uma música cuja letra ela pensava que não sabia. Tem a impressão de estar voltando no tempo. O céu é muito menor ali do que no oeste, uma terrina de céu acima dos pastos e da cidade.

Ela sai da rodovia 22 com cuidado, porque naquele trecho é difícil ver o tráfego que vem do outro lado. Passa pelos campos dos Cooper, sempre cultivados antes, mas agora cheios quase só de clematite e hamamélis. Apenas uma pequena área onde Hank cultiva abóboras está viçosa. March vê as várias fileiras de abóboras grandes, ainda no pé.

March lembra de quando vinha até ali com Hollis e deseja-vam que a fazenda fosse deles. A casa parecia muito mais rica e mais elegante naquele tempo e os jardins de Annabeth Cooper eram fantásticos, especialmente o canteiro de rosas grandes como repolhos. March sempre observava Richard e Belinda com genuíno interesse. Era estranho que uma menina tão rica usasse suéteres rasgadas e o

cabelo preso com um elástico. Era estranho também ver Richard chorar quando encontrava um corvo velho e inútil morto pelos caçadores só por esporte. Ela os achava estranhos, como criaturas de um planeta distante, e não podia deixar de se interessar, nem de continuar interessada muito depois de Hollis se cansar daquela brincadeira.

É Hollis que ela observa agora, na picape, de volta de Boston onde foi tratar com seus advogados a compra de mais condomínios em Orlando. Os cães estão em volta dele e Hollis fala asperamente com eles, quando começam a morder uns aos outros ou a latir todos juntos, com aquele som desafinado e plangente que ecoa acima da colina. Hollis está mais satisfeito que de hábito. Sempre fica assim quando compra alguma coisa. Por um breve espaço de tempo, pelo menos, não procura nada mais para comprar. Já tem o suficiente para todos, Judith Dale sempre dizia para ele quando ele se sentava para jantar, mas era evidente que não o convencia.

Hollis está com um terno cinza feito na Itália que custou mais do que qualquer peça de roupa que existe na cidade.

Ele aprendeu que as pessoas são tolas o bastante para acreditar no que vêem, por isso vestiu o terno para a viagem a Boston. Ele está sentado na picape com o terno caro quando March entra com o Toyota. No banco da frente, Sister começa a saltar para olhar pela janela e, quando vê os cães vermelhos ganindo, ela fica louca. Se March a deixasse sair do carro, Sister atacaria toda a matilha, como se pudesse fazer muita coisa.

— Chame seus mastins—March diz, descendo do carro. Hollis comprou um novo computador em Boston para se co-municar diretamente com o banco. Pode sentar à mesa na sua sala, onde o velho Sr. Cooper fumava seus charutos e controlar suas finanças ao lado de uma janela que dá para a mais bela parte da sua propriedade.

— Volto num minuto—ele diz.—Fique à vontade.

Há muito tempo March não entra naquela casa e agora certamente não está à vontade. Está, no mínimo, desorientada. Não é assim que lembra da cozinha dos Cooper com as pias de cobre polido e a longa mesa de carvalho sempre cheia de coisas maravilhosas

para comer.

Os Cooper tinham uma cozinheira italiana que eles chamavam de Antsy, "formiguinha", porque não podia ficar quieta nem por um minuto, a não ser quando estava com alguma coisa deliciosa no forno. Tinham uma governanta também, da cidade, mãe de uma das meninas da escola, Alison Hartwig, uma garota tranqüila de olhos azuis que quase não falava.

A cozinha tem agora uma aparência espartana. Só com o estritamente necessário. Os ladrilhos tiveram de ser arrancados quando um cano estourou num inverno muito rigoroso e nunca foram substituídos. Os balcões estão embaçados por anos de limpeza malfeita com detergente. As pias de cobre têm a cor de folhas emboloradas. Mas a cozinha está limpa. March vê duas xícaras de café lavadas no secador de madeira. Não há nem uma migalha nos balcões, nenhum prato esquecido na mesa.

Hollis volta e vai até a pia para tomar água. Depois fica de pé ao lado de March, segura a mão dela e a examina.

— Ela usava isto na mão esquerda—ele

diz, falando da esmeralda de Judith.—Como uma aliança.

March se inclina para beijá-lo, mas Hollis recua.

— O que foi?—March pergunta.

Ele segura a outra mão dela, a esquerda, onde está a aliança.

— Se você tivesse ido embora, eu teria esperado. Não importa quanto tempo.

— Pois eu esperei até sentir que não podia esperar mais — March diz, tentando retirar a mão da dele.

— Até sentir que não queria esperar mais —Hollis corrige.

March ri. Hollis fazia isso o tempo todo. Sempre a contra-dizia só para fazer a própria vontade. Então ela percebe. Não é brincadeira. Ele não vai largar a sua mão.

Não há como medir o amor. Ele é tudo ou nada ou aquele espaço entre o tudo e o nada. Aquilo era tudo, é o que March vê em Hollis. Era mais do que tudo. Será que ela poderia viver sem o que ele está oferecendo agora? Poderia dar as costas e se contentar com menos? Outro homem teria dito: Não posso dizer o que você deve fazer ou no que deve

acreditar. Outro homem teria agido como se fosse um jogo.

— Quer saber o que eu acho?—ele diz.

March olha para ele, com medo de saber. Hollis parece extremamente satisfeito, como se tivesse descoberto a resposta de um enigma complicado.

— Eu acho que você nunca esteve realmente casada com ele.

— É mesmo?—Ela tenta levar na brincadeira, mas não é o que está sentindo. Está sentindo que não pode deixar de olhar para ele, não pode sequer tentar.

— E mesmo—Hollis diz.

A camisa branca dele parece áspera e bem passada, mas na verdade a fazenda é macia ao toque, um linho delicado que parece seda. Hollis a beija com tanta intensidade que seu estômago se contrai. Se alguma vez March teve força de vontade, desapareceu naquele momento. Ele a abraça e March fica de costas para a pia. Sente o cobre frio nas costas.

Hollis abre o zíper dos jeans dela. Hollis a chama de querida e diz que sempre foi e sempre será assim entre os dois.

Ninguém pode amá-la como ele a ama, não

nesta vida, não neste mundo.

— Ora, vamos—Hollis diz, depois de tirar os jeans e a calcinha dela, como se March tivesse feito alguma coisa para impedir. Como se ela pudesse se controlar. Ela sabe que deve pedir a ele para esperar. Hank mora com ele, como ter certeza de que o garoto não chegou da escola? A tarde está clara, alguém pode aparecer na porta. Ken Helm com um cheque para pagar a lenha que ele cortou nas terras de Hollis. Harriet Laughton angariando fundos para a biblioteca.

Mas March não diz nada disso. Como pode dizer? Nesse momento ela o deseja mais do que já desejou alguma coisa, ar ou lembrança, viver ou respirar. Envolve o corpo dele com as pernas, com as costas apertadas contra a pia fria de cobre. Quer que ele faça o que quiser, quer que ele faça tudo. Está tão quente que o cobre começa a esquentar, logo o metal vai derreter, pronto para pegar fogo. O modo como ele a penetra é incrivelmente ávido, mas ela também está sedenta. Este é o segredo. Hollis sabe tudo sobre ela. March não é diferente dele.

— Você quer, não quer?—E o que ela acha

que ele está murmurando, ou talvez esteja apenas afirmando, não perguntando.

Hollis está fazendo amor de um modo que nunca fez antes, mais faminto, mais apaixonado. March move a mão sob a camisa dele. Ainda é Hollis, o mesmo garoto. Ali está seu coração, bem debaixo da sua mão. Ela não se importa com o que os outros pensam. Deixe que digam o que quiserem, deixe que comentem. Ela apóia as duas mãos na pia, com as palmas para baixo, para dar apoio ao próprio corpo enquanto ele a penetra como se o mundo fosse acabar, como se nunca pudesse ter o bastante. A pia de metal faz pressão nas suas costas e mais tarde ela vai ter pequenos arranhões e bolhas, como se tivesse se queimado.

O rosto de Hollis se afunda no seu pescoço e March sente todo o calor do corpo dele. Ouve Hollis dizer seu nome com uma voz estranha e rouca e então ela parece se fragmentar em pura energia, absorvida por seja lá o que ele é, por aquele enxofre, aquele calor. Não é possível medir isso, nenhuma escala pode servir. March percebe que está chorando, o calor que a envolveu se ergue

para formar um único soluço e ela inclina a cabeça para trás e se enrola nele com mais força.

Lá fora há muita luz do sol ainda. Nem uma nuvem no céu.

Os, cães, agrupados na porta dos fundos, estão ganindo.

Nenhuma folha cai da árvore de bordo além da entrada da casa. Nenhum pássaro voa no céu. E mesmo mais tarde, quando o começo azul da noite cruza lentamente o horizonte, continua a ser um dia belo e quase perfeito.

Pobre Sister, fechada no carro há tanto tempo, latindo durante horas, só vai dar um latido rouco quando finalmente March sair da casa. Vai olhar para ela, ressentida, quando começarem a se afastar e depois entrarem na estrada de terra. No meio do caminho para casa, March vai parar ao lado de um muro de pedra onde cresce ainda o bálsamo de abelha. Vai tirar a aliança e olhar para o círculo branco no dedo. Para esconder essa marca, vai passar a esmeralda para a mão esquerda e, embora esteja pensando em ir para casa preparar o jantar, fica ao lado do muro por mais tempo do que pretendia, até a estrada estar

completamente escura.

DOZE

NESSA NOITE GWEN vai se vestir toda de preto, mas não está pensando em nenhum truque, mas numa dádiva. Tem um presente para Hank, que pretende dar na festa de Halloween na casa de Chris. Hank é tão sério que não foi fácil encontrar um presente para ele. Nada de CD ou fitas, nada de jóias ou roupas vistosas. Nada disso serviria. O que Gwen vai dar a ele é uma bússola de prata que encontrou no sótão. É uma peça antiga e Gwen espera que ainda indique o norte verdadeiro.

Ela quer ficar com Hank nessa noite. Já ficou com tantos outros que não significavam nada, garotos egoístas e mimados que gostavam de fazer piada sobre as meninas com quem transavam, classificando-as numa escala de um a dez.

Menos zero, eles diziam rindo, eram

aquelas que, como sua amiga Minnie, não tinham nenhum atrativo que valesse o esforço. E pensar que Gwen tinha se sujeitado a isso. Ficava ali parada, ouvindo os garotos arrasarem sua amiga, fingindo que não ouvia ou que não se importava.

Com Hank é diferente. E real. Por isso ela está nervosa.

Dessa vez significa muito para ela.

— Você está fantástica—March diz quando Gwen desce a escada, pronta para a festa.

Gwen está com o vestido preto curto, mas aliviou muito a maquiagem dos olhos. Em vez do cabelo espetado, ela o deixou secar naturalmente e parece macio e bonito. Gwen quer desesperadamente que Hank a ache bonita, mas ainda não pode aceitar o elogio da mãe e apenas dá de ombros.

— Já estamos atrasadas—Gwen diz, fugindo ao abraço de March. Impaciente, ela apanha o seu casaco e o da mãe no closet.

— Você pode não se importar de fazer seu namorado esperar—Gwen diz para a mãe, quando finalmente caminham para o carro.— Mas eu me importo.

A noite está sinistra e gelada, e se pode ver

a própria respiração no ar, perfeita para o Halloween.

— Meu namorado?—March diz, preocupada se Gwen sabe mais do que ela imagina.

Gwen olha firme para a mãe por um instante e depois entra no Toyota que March acaba de comprar de Ken Helm por seiscentos dólares, com dinheiro emprestado por Hollis.

Gwen bate a porta para enfatizar seu descontentamento. Na verdade, já agüentou demais. Carrega seu ressentimento há algum tempo e, queira ou não, é uma carga pesada.

— Você está falando de Susie?—March pergunta, quando entra no carro. Não está disposta a discutir Hollis com Gwen, não é a hora certa e talvez nunca seja. Não posso rejeitá-lo, não posso dizer não a ele, eu o desejo o tempo todo, sempre desejei e sempre vou desejar. E isso que deve dizer para a filha? E essa a história consoladora que deve contar?

— E com ela que vai se encontrar esta noite?—Gwen pergunta, sua voz mais rouca do que nunca.—Susie?

March demora para responder. Gwen bufa com desprezo e olha para a noite.

— Exatamente como pensei—Gwen está furiosa.—A verdade é realmente uma linguagem estranha a você.

— Tudo bem—March diz.—Você quer a verdade? Vou me encontrar com Hollis.—Liga o motor e entra na estrada de terra depressa de mais para fazer a curva.

— Como se eu não soubesse—Gwen resmunga em voz baixa.

— Não é nada de mais—March insiste.—Nós nos conhecemos a vida toda. Crescemos juntos.

Gwen sente uma coisa esquisita na garganta. Não pode deixar que isso aconteça ao seu pai, o melhor homem que ela já conheceu. Tudo bem, ele não gosta de conversar, a não ser quando o assunto é insetos. Houve jantares de família em que ninguém disse uma palavra. Mas Gwen estava no carro com o pai quando ele parou para observar uma aranha. Ela o viu falar com um filhote de urso perdido, no Yosemite, quando Gwen tinha dez anos, e até hoje ela é capaz de jurar que o urso entendia o que ele disse.

Gwen sabe que o pai tem mandado cartões-postais para March. Ela encontrou um

nessa manhã. Um cartão que dizia: Pensando em você. "Sinto sua falta todos os dias", ele escreveu, e Gwen chorou porque era por demais embaraçoso para seu pai. Um homem como ele, sair assim do seu silêncio e gritar o que sente, e sua mãe mesmo assim parece não se importar.

— Vamos jantar no Dimitri's. Não é exatamente um crime.

— Mas March deve sentir que é, porque está tão preocupada em se defender.

— Ótimo—Gwen diz.—Não é da minha conta.

Ela sabe que a mãe tem mentido quando diz aonde vai.

Tanto faz, Gwen pensa, quando March diz que precisa fazer alguma coisa ou que vai sair com Susie. Claro, a esta hora da noite minha mãe vai comprar comida. E o que ela diria a Minnie se ainda falasse com ela ao telefone. Como se eu acreditasse. Como se eu acreditasse no que ela diz.

Hank também sabe sobre os dois. Meu Deus, como podia não saber? Certa vez estava esperando Gwen na entrada de casa quando ela foi visitar Tarot. Ele insistiu para saírem

mais cedo para a escola, com uma expressão estranha, como se estivesse com pena dela. Gwen então olhou para a casa e viu o Toyota estacionado na frente. March tinha passado a noite ali e Gwen nem sabia. Pensou que a mãe estivesse dormindo quando saiu às cinco e quinze.

Outra vez, ela os viu quando levou Sister para passear.

Estavam na entrada de sua casa, dentro da picape dele.

Gwen olhou para o outro lado imediatamente, mas viu March beijando Hollis. Viu a mãe com a cabeça inclinada para trás e a boca aberta. Depois disso, Gwen correu sem parar até a varanda, mas era tarde demais, já tinha visto muito.

— Você está superestimando uma coisa sem importância — March diz, a caminho da cidade.

— Escute, você não precisa me dar nenhuma explicação. E a sua vida.

Gwen afunda mais no banco e olha para fora. As crianças estão a todo o vapor, andando de um lado para o outro na High Road e na rua Principal, fantasiadas de

fantasmas, bailarinas e ninjas. E como se tivessem invadido a cidade, estão em toda a parte, atravessando ruas e gramados, correndo no escuro com lanternas e sacos cheios de balas.

— Obrigada pela carona—Gwen diz, quando o Toyota pára na frente da casa de Chris e ela desce antes que a mãe possa dizer mais alguma coisa. Que alívio estar indo para a festa. A casa já está cheia e há uma pilha de casacos no hall de entrada. A música está tão alta que o baixo vibra através das paredes e na pele de Gwen.

— Até que enfim—Chris e Lori exclamam quando Gwen entra na cozinha, onde a mãe de Chris está preparando um ponche que leva refresco de laranja e suco de uva. Todos estão vestidos de preto, é a praxe para esse evento, e Chris está com uma peruca de bruxa cobrindo o cabelo loiro.

— Você está fabulosa—Lori diz para Gwen.

— Fala sério?—Gwen diz, insegura. Precisa aprender a receber um elogio. Precisa deixar de estar sempre tão tensa.

A mãe de Chris termina os preparativos e

vai para a sala íntima, pois prometeu dar "espaço" aos jovens para a festa.

Assim que ela sai, o garoto que Lori está começando a namorar, Alex Mahoney, tira do bolso uma garrafa de vodca e batiza o ponche. Todos comentam entre risadas o quanto pretendem beber, exceto Gwen, que está muito ocupada vendo Hank entrar pela porta dos fundos. Está muito corado por causa do frio e tem folhas grudadas no cabelo claro.

Veste um sobretudo muito usado—que foi de Hollis, sem dúvida—,jeans e camisa branca limpa. Gwen o conhece, ele mesmo deve ter passado a camisa. Hank é cuidadoso e minucioso por isso chegou atrasado. Ali de pé, na cozinha cheia de gente, Gwen sente que o ama demais.

— E aí—Alex cumprimenta Hank, dando para ele um copo de ponche.—Isto deve resolver tudo.

Hank sorri, mas deixa o copo na mesa e vai direto para Gwen. Inclina-se para ela e diz em voz baixa.

— Você está linda.

— Obrigada—Gwen diz. Ela conseguiu. Aceitou um elogio. Se pode fazer isso,

qualquer coisa pode acontecer. Passa o braço pela cintura de Hank e sabe que ele é o homem certo. Gwen não lembra de ter se sentido tão feliz em toda sua vida, dançando com ele, ou quando senta no braço de uma poltrona para ver Hank jogar dardos. A meia-noite, Gwen está pronta para sair, para ir com Hank ao lago das Oliveiras.

De qualquer modo, o grupo que bebeu demais do ponche está ficando inconveniente. Definitivamente, está na hora de ir embora.

— Sabe o que devíamos fazer agora?—O novo namorado de Lori, Alex, pergunta.—Devíamos ir ao pântano.

— Oooooh.

Alguém está imitando fantasmas. Uma menina ri, mas é uma risada curta e estridente.

— Falo sério—Alex diz.—Levaremos algumas bombinhas.

— Para tirar o Covarde de dentro de casa com fumaça? — Outro garoto pergunta.

— Ah, claro. Como se você tivesse coragem —Chris desafia.

Agora, vários deles dão risada.

— Deixe em paz os covardes adormecidos —um deles sugere.

Gwen ouve tudo isso contrariada, mas quando vira para comentar com Hank como são todos infantis, ele desapareceu. Gwen procura na cozinha e depois no hall.

Nada.

— Você viu Hank?—ela pergunta para Lori e para todos que conhece, mas a resposta é sempre negativa. Gwen tem uma sensação de pânico. E como se, num momento de distração, tudo saísse errado. Apanha o casaco e sai. O que podia significar Hank simplesmente deixá-la na festa e ir embora?

Como é possível que ele já esteja a uma quadra de distância, com o sobretudo preto esvoaçando às suas costas?

Gwen corre atrás de Hank e quando o alcança bate com força nas costas dele, entre os ombros.

— Como pode fazer isso comigo?—ela exclama, quando ele se vira para ela. Gwen devia estar embaraçada porque seus olhos estão cheios de lágrimas. Mas não se importa. —É assim que você trata quem você gosta? Sai e vai embora?

Hank está pálido e não é fácil ler sua expressão na rua escura, mas de repente Gwen

percebe que não é a única que está chorando.

— O que foi?—ela pergunta.—O que aconteceu?

— O Covarde—Hank diz.—O cara no pântano que eles querem fazer sair com fumaça? É meu pai.

Começam a andar em silêncio. Algumas crianças estão ainda na rua tocando as campainhas, mas a maior parte já foi para casa e para a cama. A lua crescente está alta no céu, mas a noite está muito escura. Com as mãos nos bolsos do sobretudo, Hank anda depressa e Gwen tem de correr para seguir os passos dele. Esquecendo o plano original, eles não vão ao lago das Oliveiras—para onde já foram vários pares da festa à procura de privacidade e de romance. Eles se dirigem para a colina.

— Não é sua culpa Alan ser seu pai—Gwen diz. Hank sorri, mas não parece feliz.

— Não mesmo? Então por que eu me sinto assim?

— Talvez ele não seja tão ruim quanto dizem.

Evidentemente Hank não quer discutir o assunto. Apressa o passo e continuam em silêncio, uma situação estranha e solitária para

os dois. Quando avistam a casa em Fox Hill, Hank recua.

— Estou cansado—ele diz.—Vejo você amanhã.

Lá se vai a noite perfeita de Gwen. Arrumada, assassinada.

Não há a menor chance de ela ir para casa agora.

— Vá em frente, se é o que você quer—ela diz para Hank. — Não tenho medo de ir ao pântano.

Gwen começa a andar, sem pensar na imprudência dessa decisão, sem pensar para onde estava indo.

— Ei, espere um pouco—Hank grita.—Espere aí. Você não pode ir lá.

Porém, é tarde demais, Gwen já está indo, correndo na direção que ela acredita dar no pântano. Ouve Hank chamando, mas está zangada demais para parar. Ouve o som da própria respiração e o ruído de coisas voando de árvore em árvore. Espera que sejam passarinhos e não morcegos.

Gwen está certa de estar indo para leste. Gwen é extremamente rápida quando resolve ir a algum lugar.

Ela ouve Hank chamando, mas só pára quando o bosque fica menos denso. A relva é mais alta e ela sente cheiro de sal. À luz da lua tudo é prateado. Uma coruja desliza por cima de uma pequena enseada, inesperada e silenciosamente. A relva prateada ondula ao vento, alta até a cintura onde Gwen está agora e ela precisa evitar os lugares onde a lama parece mais funda. Pode-se afundar nesse pântano e desaparecer para sempre, ou pelo menos foi o que Lori disse.

Tudo é extremamente silencioso. O som dissolve no ar.

Gwen ouve as batidas do seu coração. Em volta dela estende-se um mar de relva. As poucas árvores são carvalhos imensos e alguns pinheiros finos e altos. Respirando profundamente dá para sentir o perfume de pinho.

Prestando atenção, dá para ouvir, além do silêncio, o eco de alguma coisa que se move. Por toda a parte caranguejos atravessam a lama à luz da lua. Ainda bem que a maré está baixa, do contrário, ela estaria chapinhando na lama, com água até os joelhos. Ela passa entre os caranguejos, com cuidado para não pisar

neles.

Hank a alcança e a segura com tanta força que Gwen quase perde o equilíbrio.

— Está louca?—Ele está ofegante por causa da corrida, com os músculos do rosto pulsando.—Não se anda assim sem mais nem menos no pântano. Isso não é uma brincadeira.

Gwen passa os braços em volta dele. O que ela faria se o perdesse? Como poderia sobreviver?

— Eu sinto muito sobre seu pai—ela murmura.

— Lá está o lugar em que eles querem jogar bombinhas — Hank diz.—A casa dele.

Gwen afasta-se dele para ver o lugar que Hank indica com uma inclinação da cabeça. Tudo que vê são duas grandes macieiras, elas e a relva iluminada pela lua.

— Atrás das árvores—Hank diz.

Gwen olha com atenção e vê a casa em ruínas. Vê a varanda. Um portão velho. Uma cerca.

— Eu quero ver—ela diz.—Vamos chegar mais perto.

— Não—Hank diz.—Ele vai ouvir se

chegarmos mais perto.

— Pouco me importa que ele ouça.

Gwen olha para Hank. Se ele disser para ela não ir, se tentar mandar nela, alguma coisa vai acabar entre os dois. Gwen não pensa nisso conscientemente, mas sabe que é verdade.

Mas Hank não diz nada. Fica parado, esperando, enquanto Gwen avança entre a relva do pântano.

A água começa a subir e Gwen sente o frio através das solas da bota. Vê um portão de jardim, na frente da casa, mas sem cerca. É só passar ao lado do portão, depois pelas macieiras, mais uma moita de amora-preta e outra de framboesa. As árvores de frutas podem ter sido plantadas por Aaron Jenkins, o Fundador, ou talvez os melros tenham deixado cair sementes do céu, que conseguiram vingar no solo arenoso. Seja como for, o pomar é agora um amontoado de mato, habitado por pardais, coelhos e guaxinins rabugentos.

Gwen tem de fazer isso, passar pelas moitas e seguir em frente. Ela se recusa a ser o tipo de garota que se assusta com facilidade, que apenas repete a opinião do namorado,

incapaz de se virar sozinha. De modo algum quer ser como a mãe, pronta para qualquer coisa, até mesmo mentir, por um homem. Mesmo assim, Gwen está tremendo enquanto caminha na direção da casa. Não precisa olhar para trás para saber que Hank está vigiando. Ela se concentra, tentando fazer o coração bater mais devagar.

Quando chega perto, vê pedaços de vidro, os restos de uma janela quebrada pelos garotos da cidade. Os degraus da varanda estão curvos, mas Gwen sobe assim mesmo. Olha pela janela ao lado da porta, mas é difícil ver qualquer coisa lá dentro. Consegue ver uma mesa e cadeiras, alguns cobertores no chão e um pequeno aquecedor redondo a lenha. Parece um lugar abandonado, mas ele está lá dentro, Gwen sente sua presença. Ele está assustado, como os pardais nas moitas, que sentem a proximidade de Gwen. Ele está com os olhos fechados e rezando para que, quem quer que seja, vá embora, o que é exatamente o que Gwen faz.

Porém, antes de partir, ela põe a mão no bolso. Gwen quer deixar alguma coisa para ele e a velha bússola que ia dar para Hank é tudo

que encontra. Deixa a bússola no chão, empurra a porta, abrindo apenas um pouco, mas o bastante para sentir o cheiro de mofo e poeira que vem de dentro da casa.

Voltar para onde Hank está é uma jornada difícil. A maré está subindo rapidamente agora. Logo suas botas vão estar encharcadas. O couro vai ficar estragado e ela terá de jogá-las fora, mesmo assim ela pára e olha para trás. A não ser que esteja enganada, a bússola não está mais no chão, na frente da porta, e ela se sente livre para correr o resto do caminho, pode correr até finalmente alcançar Hank.

TREZE

TODO MUNDO VIU MARCH E HOLLIS juntos na noite do Halloween. O caso deles agora virou assunto de domínio público, discutido no mercado Red Apple e na sala de leitura da biblioteca. Eles estavam sentados lado a lado no Dimitri's, não um de frente para o outro como gente normal e civilizada. A garçonete, Regina Gordon, não gosta de contar histórias, mas francamente, eles não podiam conter as mãos, acariciando-se o tempo todo. Estavam praticamente transando ali sentados à mesa e vários fregueses notaram quando Hollis pôs a mão debaixo da suéter de March. Por que se deram ao trabalho de sair para jantar era um mistério para Regina, pois estava claro que tudo que queriam era um ao outro.

Ed Milton é quem finalmente comunica a Susanna Justice o romance da sua amiga. Ele

conta logo depois de fazer amor, na casa dela, tão pequena que podem conversar, ele na cama e ela preparando sundaes de hot fudge. Os cães de Susie, Chester, o labrador dourado, e Duffy, o preto, vigiam cada movimento da dona, babando nos seus pés nus.

— Besteira—ela diz, quando ele fala de Hollis e March.—Eu seria a primeira a saber.

— Bem, você talvez seja o número trezentos da lista—Ed informa. Ele é um homem grande e bonito, natural da cidade de Nova York, e sua única reclamação a respeito da vida em uma cidade pequena é que não existe em lugar algum um bom bagel ou uma xícara de cappuccino. Sente falta da filha, uma garota mal-humorada de doze anos, que vem de Nova York um fim de semana por mês, nos feriados e no mês de julho. Ed tem grandes olhos azuis e chora nos filmes tristes—meu Deus, até os cachorros de Susie são loucos por ele. Se não tiver cuidado, Susie pode se deixar envolver. Por isso está sempre pronta para discutir com ele — para evitar qualquer coisa mais profunda do que eles têm agora.

— Sabe o que eu vou fazer?—Susie diz, em tom de brincadeira.—Vou telefonar para os

dois e conseguir a história toda.

Ed levanta da cama e fica entre Susie e o telefone. Ele é um dos poucos homens que ela conhece que fica melhor sem roupa do que vestido.

— Fique fora disso—Ed diz.—Aquele cara é encrenca.

O hot fudge está pronto, mas Susie não se importa, nem quando o sorvete de creme começa a derreter.

— Você fala como se soubesse de alguma coisa.

— Ouvi boatos, nada mais.—Ed já está começando a recuar.

Isso sempre acontece, quando Susie faz a cobertura de assuntos locais e a fonte percebe que está falando demais.—E da conta da sua amiga, não da sua—ele acrescenta.—Além disso—Ed tem realmente um belo sorriso—,o amor é estranho.

Susie sempre se perguntou por onde Hollis andou durante todos aqueles anos, porém ninguém mais parece se interessar por isso. Ganhando dinheiro, geralmente dizem, em tom de brincadeira. Ou: Eu não sei, mas quando você descobrir, me conte—eu gostaria

de ser rico como aquele filho-da-mãe.

Susie se surpreende pensando em Hollis durante todo aquele dia e no dia seguinte. Hollis, de quem ela decididamente não gosta, está tão presente no seu pensamento que Susie ignora suas tarefas para se concentrar nele. Hollis é como um enigma terrível, que ela está tentando resolver, uma mistura em partes iguais de bajulação e desprezo, e ela ainda está tentando descobrir o que mais a incomoda nele, se o modo como manipulou os patriarcas da cidade, com donativos bem calculados que lhe permitiram comprar e redividir a maior parte da rua principal, ou a manobra com que conseguiu trazer March de volta à sua vida, quando pára o carro na frente da casa dos seus pais na noite seguinte. E quarta-feira, a noite em que Louise Justice faz sua famosa galinha com alecrim. Susie cumprimenta o pai com um beijo e vai para a cozinha ver a mãe cozinhar. Rouba pequenas porções da salada que está no balcão, depois apanha uma cerveja gelada.

— Tem ouvido alguma fofoca ultimamente?—pergunta para a mãe.

Louise está arrumando as travessas de

galinha e arroz.

— O que você está procurando?—ela pergunta.—Um bom assassinato? Uma ruína financeira?

— Amor—Susie diz.—Ou talvez seja mais insanidade. Ouvi uma porção de coisas sobre March.

Louise Justice tira o feijão com uma concha. Quando ela está preocupada, suas mãos sempre tremem um pouco, como as duas sabem.

— Diga a March que ela está cometendo um erro—Louise diz.

— Ele não vale isso.

— Minha nossa—Susie exclama.—Será que todo mundo ficou sabendo disso antes de mim?

— Talvez você não quisesse saber.

Essa afirmação, vinda da sua mãe cala fundo em Susie.

Louise está certa. Simplesmente Susie não tinha idéia de que a mãe podia ser tão perceptiva.

— Você parece muito segura de que March está cometendo um erro—Susie diz.

Elas levam as travessas para a mesa. Logo

o Juiz vai sair da sua sala de trabalho.

— Eu estou.

Outra vez Louise surpreende a filha, agora por sua certeza.

— Para começar—Louise diz—,ele matou Belinda.

— O quê?—Susie pergunta. Inclina a cabeça tão depressa para olhar para a mãe que sente estalar uma vértebra no seu pescoço.

Louise vai apanhar um copo de club soda para o Juiz, que gosta de tomar com uma rodela de limão. Susie vai atrás dela.

— Você tem provas disso?—A adrenalina de Susie enlouqueceu. Afinal, ela é repórter, nem que seja só do The Bugie.

— Se eu tivesse provas, acha que não teria procurado a polícia?—Louise serve club soda para Susie também. Isso é bom porque Susie sente a boca seca como pó.—Mas eu não preciso de prova. Eu sei. Ele a matou.

As mãos de Louise estão tremendo demais quando ela guarda a garrafa de club soda na geladeira, mas Susie não vê.

Louise sempre fez segredo de suas suspeitas, o que não foi fácil, e hoje ela compreende que foi um erro. As pessoas

costumavam fazer mais do que isso, fingir que não viam—e Louise é tão culpada quanto todas elas. A última vez que ela viu Belinda foi há quase doze anos, poucos meses antes da sua morte. As duas faziam parte da diretoria da Associação da Biblioteca naquele tempo e se reuniram para resolver os eventos culturais do ano seguinte. A reunião terminou tarde—Harriet Laughton criou dificuldades, insistindo para que seu filho, um botânico extremamente tedioso, fosse convidado para uma palestra—e todos estavam com pressa de voltar para casa. Louise estava indo para o carro quando viu Belinda se encaminhando para a picape. Era uma noite de vento frio e cortante e as persianas das janelas da biblioteca batiam contra as paredes de tijolos. Belinda carregava uma pilha de papéis e propostas, porque ela era na época a secretária da associação.

— Que reunião—Louise disse, aproximando-se de Belinda por trás.

Belinda se assustou e deixou cair a pilha de papéis.

— Desculpe—Louise disse.

— Não foi nada.—Belinda era sempre

delicada, fora cuidadosamente educada pela mãe, Annabeth. Provavelmente, se a acordassem no meio da noite, ela diria por favor e obrigada. -Eu me assustei—Belinda sorriu amavelmente.

— Bem, é uma noite para isso—Louise disse.

As duas se abaixaram para recolher os papéis e a manga da suéter de Belinda subiu até o cotovelo. Ela a puxou rapidamente para baixo, mas era tarde demais. Louise tinha visto as equimoses.

— Eu preciso tomar vitaminas que contenham ferro -Belinda explicou.—O problema é anemia.

Recolheram os papéis e se levantaram. Louise lembra do arrepio que sentiu na espinha. Alguma coisa está errada, ela pensou. Lembrava de ter visto as equimoses, e embora a pele de Belinda fosse muito branca e sardenta, suscetível a manchas e erupções, aquelas eram marcas de ferimentos.

Numa reunião no mês anterior, Louise tinha notado uma marca em forma de borboleta no rosto de Belinda. O pequeno Cooper, filho dela, a tinha atingido por

acidente com um caminhão de brinquedo, ou pelo menos foi o que ela disse. Quando Belinda deslocou o pulso, ela disse que o cavalo tinha encostado nela e durante todo aquele verão o pulso a incomodou, quando ela fazia as atas da associação.

Belinda começou a usar camisas de manga comprida em pleno verão e deixou de olhar as amigas de frente. De repente, naquele estacionamento, Louise teve certeza de que sabia qual era o problema de sempre, desde o começo. É ele.

— Bem—Susie Justice diz, depois de ouvir a história. -Você não tem nenhuma prova. Talvez ela precisasse de ferro.

Talvez estivesse realmente anêmica e sua pele fosse sensível a qualquer pancada.

— Tudo bem—Louise diz e vai chamar o Juiz para jantar. — Ótimo. Pense o que quiser.

— Mamãe—Susie vai atrás dela.—Você não pode ter certeza.

— Eu vi a marca de cinco dedos no braço dela. Talvez não fosse muito clara, mas eu vi. Quer me fazer acreditar que foi ela quem fez? —Ouviram os passos do Juiz na escada.—Eu sei que foi Hollis.

Durante todo o jantar Susie pensa na história de Belinda e, quando vai embora, não vai direto para casa, mas para Fox Hill. As árvores acenam os galhos para ela, as últimas folhas estão caindo, tantas que Susie tem de ligar o limpador de pára-brisa.

Pára na frente da casa da amiga, ainda com aquela sensação de frio no estômago. Talvez o mais sensato fosse ir para casa e tratar da própria vida, só um tolo dá ouvido a acusações infundadas. Afinal, ela não se contentaria com a versão de uma única pessoa, se estivesse fazendo a reportagem de um incidente ou escrevendo um artigo para The Bugie. Mas essa pessoa é sua mãe e Susie não pode se livrar da sensação de que Louise está certa.

Susanna Justice está tão absorta que só percebe que Gwen se aproximou do carro quando ela bate no vidro.

— Jesus, você me assustou.—Susie ri. Abre a porta e sai do carro. Gwen estava passeando com a pequena terrier da Sra. Dale.—E chato para vocês ter de tomar conta da cachorrinha de Judith?—Susie pergunta, quando caminham para a casa.

— Sister é legal—Gwen diz. Solta a coleira de Sister assim que entram e acaricia a cabeça dela.—Minha mãe não está em casa.

— Oh?—Susie diz, mesmo assim tirando o casaco.

— Provavelmente, ela não vai voltar tão cedo—Gwen informa.—Ela saiu com você.

— Nossa—Susie diz, acompanhando Gwen até a cozinha. — Desculpe.—Ela aceita a Diet Coke.—Espero ter me divertido.

Afinal, onde eu estive?

— Ela disse que vocês duas iam a um restaurante em Boston.

Francês e cubano. Você deve ter lido em The Globe. — Gwen apanha gelo para os refrigerantes.—Minha mãe está virando uma ótima mentirosa. Ela sabe que eu sei, mas não admite coisa alguma. Eles são apenas bons amigos. Eles cresceram juntos. E supostamente eu devo acreditar.

— Se isso a faz se sentir melhor—Susie diz —,ela também não me contou nada sobre Hollis.

— Não me faz sentir melhor. Mas obrigada por tentar. Gwen joga seu refrigerante na pia.

Nessa manhã, quando ela foi à fazenda

para levar Tarot para o campo, Hollis estava saindo de casa. Quando a viu, ele parou e olhou demoradamente para ela com evidente repulsa. Ele a odeia, isso é óbvio. Deseja que ela nunca tivesse existido. É uma chateação ver March preocupada com aquela filha ingrata, mas tem mais—Gwen compreendeu isso quando chegou em casa e se olhou no espelho. Ela é muito parecida com o pai, o mesmo ângulo do rosto, o nariz longo e fino, o desenho do queixo. São os olhos azuis dele que olham para ela no espelho, claros como o céu.

Gwen telefona para o pai quase todas as noites. Falam sobre o tempo, sobre geada e chuva, a luz do dia e as constelações.

Falam sobre as viagens de pesquisa de campo que ele tem feito com seus alunos, a última no Oregon à procura de escaravelhos, que estão dizimando alguns pomares daquela região. Falam sobre os estudos de Gwen e riem do gato decrépito que mora na garagem da casa deles e come toda a comida de lata que deixam para ele, mas insiste fingir que não os conhece. Falam de tudo e de qualquer coisa, exceto do que está acontecendo com sua

família. Mas conseguem rodear o assunto.

Você está feliz aí? Richard pergunta sempre, aparentemente intrigado. Você quer ficar? Você quer voltar para casa?

Como vai sua mãe?

Gwen mente para o pai. Ao que parece a mentira está no sangue, porque está ficando mais fácil tanto para ela quanto para a mãe. Não se preocupe, logo estaremos em casa.

Definitivamente para o dia de Ação de Graças. Isso é o que ela diz quando, de fato, sabe que a mãe já aceitou o convite de Louise Justice para o feriado. O que pode dizer a ele? Que quer ficar tanto quanto March? Que o garoto pelo qual está loucamente apaixonada é seu primo-irmão?

Ontem, quando falou com o pai, Gwen não tinha idéia de que ele soubesse o que está acontecendo, apesar das suas mentiras. Ele ouviu, mas quando ela acabou de dizer que logo estariam de volta, Richard perguntou se ele devia ir até lá para vê-las. Podia reservar uma passagem e estaria lá no dia seguinte, ou no outro, ou então no começo da outra semana.

Gwen pensou na expressão da mãe quando

a viu beijando Hollis na picape. Pensou nos olhos fechados e na curva do pescoço.

— Acho que não, pai—ela disse.—Talvez não seja um bom momento.

Nessa noite, Gwen sobe para o quarto às dez e meia, para a cama, ela diz, mas na verdade para telefonar para o pai e, depois, para Hank. Ela deixa Susie esperando na cozinha e não pode deixar de sentir uma ponta de satisfação ao imaginar a surpresa da mãe quando encontrar a boa e velha Susie instalada na sua casa. E quase meia-noite quando March chega. E lua cheia e todos os campos estão cobertos de geada. March entra silenciosamente, mas a maldita cachorrinha a recebe latindo alegremente.

— Fique quieta—March diz para Sister.

March está corada por causa do frio. Eles trocaram aquele horrível motel pelo quarto ao lado da cozinha, que March nunca soube que existia quando visitava os Cooper. Devia ser o quarto de empregada, talvez da cozinheira responsável por todas aquelas refeições deliciosas. E um lugar sujo e gelado, mas isso não é impedimento para eles, nem o fato de Hank estar lá em cima terminando o dever de

casa.

A situação é clara: eles não dão a mínima para ninguém. Só se importam com eles mesmos. E a verdade, e March tem de admitir. Sempre foi assim quando estavam juntos e está acontecendo outra vez. A essa altura, March nem sabe mais se existiria sem Hollis. Quando deixa a cama dele, na tentativa de ir para casa e fingir para a filha que sua vida continua normal, ela sente que está entrando num sonho.

Tudo parece cinzento e March sente-se insegura, como se um vento um pouco mais forte pudesse derrubá-la. Se ela parasse para pensar no que está acontecendo, não acreditaria. Há menos de uma hora, enquanto Hank estudava para a prova de matemática a filha estava sozinha em casa, March estava ajoelhada naquele quartinho ao lado da cozinha, sem se importar com nada a não ser satisfazer Hollis. O assoalho é de pinho antigo apodrecido e March sente as lascas nas mãos e nos joelhos. Hollis é hoje um amante diferente do que era. Sempre foi muito seguro de si mesmo, mas agora ele quer ter absoluto controle e March não se opõe.

De certo modo, é um alívio. March não precisa pensar quando está com ele, nem tomar decisões, nem demonstrar preferências. Pelo modo como ele a toca, March sabe que ele esteve com muitas mulheres, mulheres demais, mas é ela que ele deseja, e sempre foi, e isso é o bastante para esquecer tudo o mais.

— Pare com isso—March murmura para Sister que a recebe com pulos de alegria.

— Entrando de fininho?

Susanna Justice está há algum tempo parada no hall, vendo March tirar as botas rapidamente.

— Meu Deus—March diz, levando a mão ao peito. Está com jeans e um suéter azul-claro, presente de aniversário de Judith, anos atrás.—Você quase me fez ter um enfarte.

— Vou dizer o que mais me aborrece. Por que todo mundo na cidade ficou sabendo antes de mim?

— Sabendo de quê? Que estou tendo um enfarte?—March tira o casaco e o pendura no closet. A essa altura cada palavra que ela diz parece uma mentira.

— Não é isso que você está tendo—Susie diz.

March percebe que Susie ainda tem o péssimo hábito de julgar os outros.

— O que eu faço é da minha conta.

— Não percebe que todo mundo está falando? Sua vida amorosa é o assunto preferido da cidade.

— E você tem me defendido?—March diz, com um pouco de amargura.

— Defendi você para sua filha. Mais ou menos.

— Oh, merda.—March está agora muito corada.—Eu disse a ela que ia sair com você.

— Pensa que ela é idiota?

— Você acha que eu sou?—March pergunta.

— Na verdade, sim.

As duas riem.

— Eu acho que você está louca.—Susie apressa-se a acrescentar.

March sorri outra vez, o sorriso largo de quem não se importa mais com a própria sanidade.

— Falo sério—Susie diz.

— Sério demais—March concorda.

March insiste em fazer chá. Vão para a cozinha e ela enche a chaleira com água, põe

no fogo, depois apanha um saco de biscoitos de chocolate e leva para a mesa.

— Você não sabe o que as pessoas dizem de Hollis, March.

— Por favor.—March dá uma mordida num biscoito.—Elas jamais gostaram dele.

— Não estou falando em bobagens do tipo como ele ganhou tanto dinheiro.—Tudo é tão insubstancial e Susie sabe que precisa dizer mais alguma coisa. Como repórter, não devia estar passando adiante suspeitas infundadas, mas essa é sua mais velha amiga. Sua consciência diz que não pode ficar calada.—Minha mãe acha que ele pode ter tido alguma coisa a ver com a morte de Belinda.

March arregala os olhos atônita.

— Você deve estar brincando.

— Não, não estou. Ela me disse hoje.

— É ridículo. Ela tem alguma prova? A polícia alguma vez suspeitou de alguma coisa anormal na morte de Belinda?

— Minha mãe viu equimoses em Belinda.

— Ora, vamos. E durante todos esses anos sua mãe não disse nada? E daí, se ela viu uma equimose? Pelo que sabemos, Belinda podia ter um namorado que batia nela.

— Então você acha que ela pode ter sido espancada?

— O que eu acho é que todos odeiam Hollis, incluindo sua mãe, só porque ele não se mistura com eles. Será que pode compreender por que ele não confia em ninguém?

Susie apanha um biscoito. Louise Justice não costuma fazer acusações falsas, e Susie sente que alguma coisa a intriga.

— Estou preocupada—ela diz.

— Você está sempre preocupada.

— Eu ainda gostaria que você tivesse me contado Susie diz.

— Bem, eu poderia ter contado.—March sorri.—Mas achei que você não ia aprovar.

— Quem, eu?

— Sim, você.

As duas riem. Afinal, ninguém podia desaprovar mais do que ela.

— Deixe de se preocupar comigo—March diz.—Não precisa.

Um amigo é alguém para quem dizemos a verdade, mas Susie não faz isso porque a verdade é que ela não vai deixar de se preocupar.

— Eu gostaria de me sentir feliz por você—

Susie diz, mais tarde, quando terminam o chá e todos os biscoitos.

— Procure sentir-se feliz por mim—March diz, acompanhando-a até a porta e depois saindo para a varanda.

March abraça a velha amiga e fica ali por algum tempo, embora a noite esteja muito mais fria do que o previsto. Ao longo das cercas de pedra, as cerejas agridoces estão agora cor de laranja. Logo todos estarão se cobrindo com os mais pesados acolchoados, os cobertores mais quentes. Os gatos só irão para fora quando obrigados, e as pessoas da cidade que costumam levar os cães para passear tarde da noite verão sua respiração se transformar em pequenas nuvens brancas.

Susie Justice terá de limpar a geada do pára-brisa com a palma da mão antes de entrar na picape. Antes de ligar o motor, vai abaixar o vidro. Mas controla-se e não diz nada mais, apenas acena para March que está lá na varanda só com jeans e seu suéter, sem casaco e sem luvas, sem nenhuma proteção contra o frio.

CATORZE

RICHARD COOPER CHEGOU HOJE, apesar da tempestade que estava assolando toda a Costa Leste. Ken Helm o apanhou no aeroporto de Logan e mais tarde, naquela noite, no bar do Café Lyon, Ken garante que teria reconhecido Richard em qualquer lugar. Certo, Richard não é mais um menino, mas parece o mesmo. Alto e magro, como todos os Cooper, e distraído como sempre, mas sabe contar uma boa piada, Ken Helm é testemunha. Richard Cooper sabe milhares de piadas sobre insetos, ouvidas nas conferências de entomologia. Tem a série de Por que os insetos atravessam a estrada? Que diverte seus alunos, mas ultimamente ele prefere as piadas sobre os parasitas. Qual a diferença entre um piolho e um advogado? Ele perguntou para Ken Helm quando seguiam de carro na 1-95.

Ele ouviu essa piada numa conferência em Spokane, no último inverno. O piolho larga você depois de sugar todo seu sangue.

Os alunos de Richard gostam dele não apenas pelas piadas.

Eles respeitam todos os aspectos da sua personalidade que mais aborrecem March. Richard deixa-se absorver pelo que faz e pode falar sobre um único assunto, como, por exemplo, a variedade de fungos Tenebrionidae, durante horas. Ele é bondoso demais e não faz questão de reclamar seus direitos. Quando estava no último ano do curso de graduação, várias descobertas feitas por ele foram creditadas ao seu orientador, mas Richard nunca se preocupou com quem ficava o crédito—o que importa para ele é a descoberta. E fazer a coisa certa. Quando ele acredita em alguma coisa, ele não desiste. É tenaz quando precisa, como o parasita do riacho das trutas, que gruda em qualquer coisa, desafiando regatos de água gelada e correntes fortes para chegar ao objetivo no qual acredita.

Foi devido a essa clareza, essa firmeza de propósito, que Belinda herdou a fazenda

Guardian e Richard ficou sem nada. Seu pai queria dar a ele uma lição sobre obediência e antes que o Sr. Cooper tivesse oportunidade de voltar atrás na decisão precipitada de deserdar o filho, ele e a mãe de Richard morreram na curva da rodovia 22. Durante todos esses anos Richard só voltou à cidade para cerimônias fúnebres. O enterro dos pais. Da irmã. Do único filho da irmã. Agora, Judith Dale descansa no mesmo cemitério e Richard quer visitar o túmulo dela. Mas não tem muito tempo para isso. Ele chega no fim da tarde de sexta-feira e na segunda-feira de manhã vai fazer uma palestra para um seminário de formados. Não pediu aos vizinhos para alimentar o gato que mora na sua garagem nem para apanhar a correspondência na caixa. Sua passagem de volta é para o meio-dia de domingo e tem reservas para March e Gwen, para o caso de resolverem voltar com ele.

Se tiver sorte, estarão fora dali em menos de quarenta e oito horas. Sim, é verdade, ele acredita no destino. É um cientista convencido da realidade do destino. Seus colegas podem zombar da sua filosofia, mas eles que expliquem por que uma pulga-do-mar cai sem

perceber na teia da aranha, ao passo que outra passa por ela ilesa. O amor, parece agora, não é o que Richard pensava. E mais denso e mais pesado e muito mais complicado do que ele jamais imaginou. Sabe que sua mulher está com outro homem, um homem que ele despreza e considera responsável pela morte de sua irmã — no entanto, ali está ele, conversando com Ken Helm, insistindo para que Ken aceite os quarenta dólares por apanhá-lo no aeroporto. O amor o deixou surpreso consigo mesmo. Richard jamais acreditaria ser possível, mas acontece que ele é capaz de caminhar para uma porta fechada, num escuro e frio dia de novembro, com seu melhor terno e bater sem hesitar, esperando na chuva, sabendo que sua presença não é desejada. Ele pode fazer isso sem pensar duas vezes, assim como pode passar horas observando um inseto ferido e chorar de emoção por ver tanta beleza, bem como por sua agonia.

Richard não tem dúvida de que as outras espécies se apaixonam—primatas e caninos, é claro—,mas ele pensa nos insetos também. Certas pessoas certamente achariam graça na

idéia, mas na opinião de Richard é pura vaidade supor que o amor só existe nos seres humanos. Uma folha vermelha pode ser o universo para o besouro ou para a joaninha. Um simples toque o êxtase de uma vida inteira.

Assim, ali está ele, apaixonado, apesar de tudo. Foi ele que, mais estúpido do que qualquer besouro e ainda assim mais obstinado, viajou três mil milhas, quase certo de que será rejeitado.

Gwen abre a porta e assim que vê Richard ela o abraça com força.

— Papai—ela exclama.—A primeira vez que Richard a ouve chamá-lo assim, era sempre pai ou papi.

Gwen puxa Richard para dentro, e um cãozinho terrier pula nas pernas dele.

— Quem é este?—Richard pergunta. Põe a mala no chão e se abaixa para acariciar Sister.

— E Sister.—Gwen não acredita na própria alegria por ver o pai. Ele parece tão real. Tão ele mesmo.—Era da Sra. Dale.

— Muito bem, Sister—Richard diz. Sister sentou educadamente ao lado dele e agora levanta a cabeça para ouvir. — Como vai

você?

Todos vão ficar muito mal se a verdade for descoberta. De repente, Gwen está no controle, queira ou não. Antes sua mãe se encarregava de todas as tarefas da casa, mas não faz mais isso. Aparentemente, March não consegue mais se interessar pelos detalhes triviais da vida doméstica que parecem além da sua capacidade, tarefas pequenas, mas impossíveis. Se Gwen não sair para comprar alimentos e se não fizer as camas, ninguém mais faz. Certa vez, andando apressada na cidade para se encontrar com a amiga Chris, Gwen passou por uma mulher com a gola do casaco levantada e um ar sonhador e só depois que ela e Chris pediram batatas fritas e Cocas na Bluebird foi que Gwen se deu conta de que a mulher era sua mãe.

Agora Gwen é irrevogável e completamente responsável por si mesma. Não há ninguém para dizer o que ela deve fazer.

Para todos os efeitos, está sozinha. E embora isso seja exatamente o que ela sempre pensou que queria, agora a faz chorar.

— O que há?—o pai pergunta, mas como

dizer a ele?

— Estou bem—Gwen insiste.—Estou chorando de alegria por ver você.

— Você está maravilhosa—Richard diz para a filha. Na verdade, vendo Gwen tão crescida e tão bonita sem toda aquela maquiagem o faz pensar no quanto uma pessoa pode mudar em pouco tempo. Até poucas semanas atrás, ela não era um motivo de preocupação constante? Richard sempre temia que ela voltasse para casa com um furo em alguma parte do corpo e com alguma nova droga na mochila.

Richard pendura a capa molhada no closet do hall. Seus sapatos estão molhados, bem como a bainha da calça, mas simplesmente tem de ficar assim. Não pode se tornar mais apresentável para seu encontro com March.

— E então?—ele diz, voltando-se outra vez para Gwen.

— Então o quê?—ela pergunta.

— Sua mãe. Eu quero falar com ela.

Não acredito que queira mesmo, Gwen pensa. Mas, para o pai, ela insinua que a mãe nunca tem hora certa para voltar.

— Então, vamos fazer café para quando ela

voltar—Richard sugere.

A chuva agora é de granizo que bate nas janelas como pedras atiradas do alto. Café numa noite como essa não é má idéia. Richard tem de abaixar a cabeça para passar pela porta da cozinha. Esqueceu a diferença na escala dessas velhas casas da Nova Inglaterra, da largura das tábuas de pinho dos assoalhos, da pouca altura do teto, das salas praticamente deformadas por anos de uso.

— O bule de café?—Richard pergunta.

Ele costumava cozinhar quando começou a visitar March.

Ele e a mulher de Alan, Julie, adoravam trabalhar na cozinha, ela como sua amável assistente, ele sempre disposto a tentar receitas novas. Certa vez eles fizeram macarrão com xarope de bordo, outra vez tentaram uma coisa chamada torta bootheel, feita com nabo, aipo e cebola.

— Filtros?—ele perguntou.

Gwen senta na banqueta com os joelhos dobrados. Passou a tarde toda com Hank, levando Tarot até a cidade e depois voltando para a fazenda. Quando Hank a beijou, o cavalo fez de tudo para ficar entre eles.

— Esqueça, amigo—Hank disse brincando. —Ela é minha.

Só por isso, Gwen beijou o nariz macio do velho cavalo. O hálito de Tarot era surpreendentemente suave, como feno novo.

Hank gemeu.

— Não acredito que você tenha feito isso.

— Você seria capaz de mentir para mim?— Gwen perguntou então.

— Quais seriam as circunstâncias? E porque eu sei que você está beijando um cavalo com um hálito horrível? Ou vai haver uma guerra atômica e só temos doze horas de vida e preciso resolver se arruino essas últimas doze horas da sua vida, com medo, ou deixo que aproveite o pouco tempo que tem?

— Guerra atômica.

Gwen subiu no muro de pedra e montou em Tarot, espreguiçando-se, como se o cavalo fosse um sofá muito alto e confortável.

— Eu contaria para você.—Hank segurou a rédea e começaram a voltar lentamente para a fazenda. Ele nem precisava pensar e era isso que mais impressionava Gwen. — E você?— Hank perguntou.—Você me diria a verdade?

Tarot tropeçou e Gwen teve de se segurar

na crina. Então ela saltou do cavalo para Hank levantar a perna traseira de Tarot e ver qual era o problema. Encontrou uma pedra pequena e pontuda na ranilha do casco e a retirou com o canivete. Gwen não teve de dar a resposta. Melhor assim, porque naquele momento ela não sabia o que dizer. Mas agora, naquela cozinha, vendo o pai agachado procurando os filtros nos armários, tudo ficou claro. O problema não é a mentira, é a distância que a mentira cria entre duas pessoas.

— Papai, deixa para lá o café.—E o que Gwen tem para dizer, mesmo vendo a expressão do pai.—Ela só vai chegar muito tarde. Como sempre.—Gwen engole em seco, mas não adianta. Palavras como essas sempre machucam.—Ela passa todas as noites com ele. Pode nem voltar para casa.

Richard pisca os olhos, como se com isso pudesse ver algo diferente do que Gwen está descrevendo.

— Eu sinto muito—Gwen diz. Sente como se tudo fosse sua culpa. Gwen só tem quinze anos, por que tem de ser tão responsável? Nem pode falar de Hank com o pai, temendo

que ele desaprove. Quando Richard vai acender a lareira da sala, Gwen resolve terminar de fazer o café que ele começou, e leva uma xícara para ele com um pouco de leite e um pouco mais de açúcar, como ele gosta.

Richard aceita o café agradecido e por um delicioso instante tem a impressão de ser um homem de sorte. Gwen é uma boa menina, ele tem certeza. Ela leva uma banqueta para perto da poltrona dele. Gwen é uma boa pessoa.

Sister senta ao lado da janela e late, e Richard imagina se Gwen está enganada sobre March, que talvez seja ela chegando em casa agora. Porém, é só um coelho que senta descaradamente na varanda para se proteger da chuva.

— Nunca tínhamos coelhos por aqui quando eu era pequeno—Richard diz.—Havia muitas raposas. Se você andasse no bosque à noite podia vê-las, especialmente no fim do dia. A princípio a gente pensa que está imaginando o ruído de passos.

Sister desistiu da porta e deitou no tapete na frente da lareira.

— Tudo ficava cinzento, até o horizonte. E

então você a via de repente.

— Uma raposa—Gwen sorri.

Richard balança a cabeça afirmativamente.

— Uma vez ou outra, no inverno, depois de uma tempestade de neve, a gente encontrava dezenas delas e então sabíamos que alguma coisa estava acontecendo, algo que nenhum ser humano podia compreender nem reconhecer. Chamam a isso de círculo das raposas, uma reunião como se fosse um grupo de diretores do bosque. Eu penso nos círculos das raposas quando fazemos pesquisas de campo. Há mundos e mais mundos lá fora, com regras diferentes.

— Eu gostaria de saber por que todas desapareceram.

— Certa vez, eles encontraram um único espécime com raiva e isso foi o fim das raposas na colina.

Foi no ano em que Hollis deixou a cidade. Richard lembra que sempre que visitava March, ouvia os tiros no bosque.

Naquele tempo, ele ficou grato a Hollis. Deixando a cidade, ele deu a Richard a oportunidade que ele jamais imaginou conseguir. Engraçado as coisas que

lembramos. Richard lembra definitivamente do sorriso de March quando abria a porta para ele. Richard sabe que não imaginou isso.

— Quando eu era muito pequeno—ele diz agora—,uns cinco anos mais ou menos, minha irmã encontrou uma raposa órfã. Ela a guardava no quarto, às escondidas, é claro, porque minha mãe teria um verdadeiro ataque de nervos e nos obrigaria a tomar uma série de injeções anti-rábicas se descobrisse. Em outro ano, minha irmã arranjou um gambá, depois dele ela cuidou de um corvo com a asa quebrada, que eu encontrei, durante meses. Minha mãe ficava possessa quando descobria animais dentro de casa, mas minha irmã era extremamente voluntariosa.

— Belinda.

— Isso mesmo.—Richard arrependia-se agora de não ter falado mais da sua família para Gwen, mas há muito tempo sua história pessoal parecia extremamente distante. Agora, está de volta. Tudo que tem a fazer é prestar atenção, e ele pode ouvir os tiros no bosque. Pode ver as migalhas caindo no chão sempre que sua irmã tirava do bolso o pão amanhecido, sempre preparada para socorrer

alguma criatura desabrigada ou ferida quando passeava no bosque. Foi nisso que Richard pensou quando Belinda escreveu dizendo que tinha se casado com Hollis. Só que, dessa vez, a criatura escolhida era muito mais perigosa do que um gambá ou um corvo ou uma raposa.

— Quando o filhote de raposa cresceu, Belinda o levou para o bosque. Mas ele sempre voltava. A gente saía de casa e lá estava ele. Ou talvez nem fosse uma raposa.—Richard põe a xícara na mesa e acaricia a cabeça de Sister.—Talvez fosse um daqueles horríveis cães vermelhos supostamente nascidos das raposas.

— Ainda há alguns na fazenda Guardian— Gwen diz.

— Sim.—Richard encosta a cabeça no tecido macio da poltrona. Ele acha que chamam de chintz, mas não tem certeza. -Isso não me surpreende. Sempre havia cães por aí, pedindo comida. Minha irmã deixava comida para eles, lá fora. Ela tinha um coração bom demais.

Só agora Richard percebe o quanto está cansado, apesar do café forte. Tem uma

sensação desagradável na boca do estômago que o faz pensar em telefonar para Ken Helm e voltar para o aeroporto agora mesmo, mas não telefona. Em vez disso, adormece ali mesmo na cadeira. Gwen o cobre com um cobertor comprado por Judith Dale no verão em que ela foi à Irlanda com o grupo Amigos da Biblioteca.

Gwen não gosta de ver o pai dormindo numa cadeira, mas o que ela pode fazer? Acordá-lo? Dizer para ele fugir dali? Não vá se machucar, é o que se diz para uma criança, não para o pai. E um homem como Richard Cooper não é do tipo que aceita conselhos, não depois que ele resolve alguma coisa.

Há uma corrente de ar na sala e Sister deita enrodilhada aos pés de Richard. Sobre a lareira, o velho relógio comprado em Boston pelo pai de March marca o tempo. A chuva de granizo continua, e as estradas já estão escorregadias com gelo e folhas caídas. Quando a primeira luz pálida da manhã aparece entre as nuvens, March tem de dirigir o Toyota muito devagar pelas estradas de terra. Ela está ficando com Hollis cada vez até mais tarde. Nessa noite, quando já estava

saindo, Hollis a puxou para ele. Susie acha que Hollis é cruel, mas ele está preocupado com March ter de dirigir com aquele tempo. As pessoas pensam que o conhecem, mas não o conhecem. Não sabem que ele chora dormindo, nem que precisa ser consolado dos seus piores pesadelos, que se repetem sempre.

Quando finalmente March chega em casa, tem de andar com cuidado na terra coberta de gelo, segurando no corrimão da cerca para não escorregar e quebrar o pescoço até chegar à porta da frente. Ela está sem casaco.

Ultimamente March está sempre muito quente, queimando.

Veste apenas jeans e uma suéter velha emprestada por Hollis. Também não se deu ao trabalho de vestir roupa de baixo. Seu corpo está quente demais, até para a seda mais fina. Dentro de casa ela sente o ar abafado e denso, com cheiro de café e de cachorro molhado. Há mais alguma coisa também, o cheiro fraco de remorso que parece filtrar através das tábuas do assoalho e dos tapetes.

Assim que ela entra na sala, vê que o homem com quem viveu os últimos dezoito anos veio para levá-la com ele e, ao que

parece, o esforço o deixou exausto. Richard parece muito desconfortável, dobrado na poltrona, com seu melhor terno, agora todo amarrotado. Sister levanta e sacode o sono, mas Richard não ouve o tinido da coleira dela. Ele não ouve March se aproximar e se agachar ao lado da cadeira. Mas Richard está sonhando com ela e no sonho ela está rodeada de folhas que caem, cada uma de uma amarelo muito vivo, como se fossem feitas de ouro puro.

Richard só acorda quando March segura sua mão. Assim que abre os olhos e vê o rosto dela, ele compreende que está tudo acabado. Ele vê piedade nos olhos dela e não é piedade que ele quer.

— Suponho que você não quer ir para San Francisco comigo, no domingo?—Richard ri. Pretendia guardar essa idéia para depois de terem conversado sobre o assunto, mas evidentemente não pode fazer isso.

Apesar de tudo, March ri também. Richard jamais gostou de muita conversa.

— Devo interpretar isso como um sim?— Richard pergunta.

— Não é que eu não o ame—March diz.

Richard não pode deixar de imaginar quantas vezes essa frase foi dita e quantas pessoas que a disseram acreditavam estar sendo bondosas. 0 que faz uma pessoa amar outra? E isso que Richard se pergunta, enquanto March diz que ela vai ficar e que nunca teve intenção de magoá-lo. Será que são os olhos escuros de March que sempre o cativaram? Será o modo como sua linda boca se ergue de um lado quando ela ri?

Richard sobe para o quarto para dormir um pouco na cama de March. Quando acorda, o sol forte que passa através das janelas cobertas de gelo é cegante. Ele apanha a calça e o paletó que arrumou cuidadosamente numa cadeira para estar apresentável quando for ao cemitério. Richard quer dar a impressão de que nada está errado quando desce e diz bom-dia para a filha com um beijo, quando fala cordialmente com March e pergunta se pode usar o Toyota para fazer o que precisa. March esteve chorando. Seu rosto está inchado e os olhos vermelhos. Olhando para ela, sabendo que ela esteve com Hollis e que continuará a estar, Richard sente uma imensa tristeza.

O que outro homem faria? Carregaria

March à força, faria exigências, a espancaria até ela ceder, ficar em casa e chorar?

Richard Cooper é o mesmo homem de antes de isso tudo acontecer. É o homem que deixa um cheque no balcão da cozinha porque não quer que falte dinheiro à mulher. E o homem que leva flores aos túmulos dos seus entes queridos e diz uma prece silenciosa para cada um deles. E o mesmo Richard Cooper que troca com Jimmy Parrish histórias de cavalos de corrida que morreram há um quarto de século, ou mais, durante o almoço no Café Lyon, o homem que pede outra rodada de cerveja e alguns chilis de queijo fritos, depois faz questão de pagar a conta antes que Jimmy tenha tempo de pôr a mão no bolso para apanhar a carteira. Ele é o homem que pára o carro na rua, na frente da casa em que ele cresceu, apesar da luz incerta de novembro.

Quando ele vê Hollis bater a porta da frente, a caminho da caixa de correspondência que está onde cresciam as rosas de sua mãe, Richard não pisa no acelerador e derruba a cerca para atropelar seu rival. Em vez disso, observa alguns gansos canadenses que passam

lá no alto. Nos pastos há ainda algumas libélulas, iguais às que ele colecionava quando era pequeno. Ele as guardava num vidro de geléia, até perceber que quando as apanhava danificava suas asas, o que significava morte. É nisso que ele pensa agora observando Hollis que levou uma das mãos à testa para proteger os olhos do sol, tentando ver quem está ali parado no carro de March. Quando Hollis chegar a perceber quem está na frente da sua casa, Richard já fez a volta. Não adianta ficar mais tempo. Vai deixar um bilhete para Gwen se ela não estiver em casa quando ele chegar, depois telefonar para Ken Helm para pedir uma carona. Pretende trocar as passagens de domingo por um vôo dessa noite. Prefere dormir lá no alto, acima de Chicago, passando pelas montanhas, em vez de na poltrona de outra pessoa.

Gwen está no estábulo quando o Toyota faz a volta. Ela sabe que o pai vai embora antes de ela voltar para Fox Hill. Ali de pé, olhando para o carro, ela tem vontade de chorar. Talvez devesse ter insistido em acompanhá-lo naquele dia, talvez devesse tentar convencer a mãe a ir para casa. Agora

Gwen se considera culpada. Ela não disse: Eu quero voltar com você. Ela não ficou do lado dele. Por mais difícil que seja, tem de admitir que quer estar ali, selando Tarot, encontrando com Hank mais tarde na biblioteca, onde ele trabalha na monografia de formatura. Traidora, ela não corre atrás do pai. Deixa Tarot comer o açúcar na sua mão, enquanto espera que Hollis volte para dentro da casa. Mas há uma coisa que ela vai fazer em honra do seu pai—vai evitar Hollis a todo custo. Quando finalmente Hollis entra e bate a porta, Gwen tira o cavalo do estábulo. Ela pretende levá-lo ao pasto mais ensolarado, onde o gelo já derreteu, mas depois de ver o pai, sua vontade é estar a quilômetros dali.

O solo está escorregadio demais para montar, mas Gwen não se importa. Ela não tem nenhuma prática e faz tudo errado, mas não tem importância com um cavalo como Tarot. Ele caminha sobre o gelo, depois na terra dura da entrada da casa. Gwen confia nele e o deixa livre, encarregado de escolher o caminho. Quando ele entra no bosque, logo depois da esquina do diabo, Gwen não protesta. Tarot caminha rapidamente sobre

gravetos e folhas caídas e quando passam sob os galhos mais baixos, Gwen abaixa a cabeça e encosta o rosto no pescoço dele. Ela sente o sangue pulsando logo abaixo da pele de Tarot, quando ele respira, o ar se enche de fumaça. Tarot é como um dragão, antigo e destemido. Ele não se assusta com coisa alguma, nem quando faisões levantam vôo das moitas, nem quando encontram um gamo tomando água num regato gelado.

Gwen só pode imaginar o que fizeram com aquele cavalo para ele chegar a matar dois homens. Tarot era uma máquina, uma máquina vitoriosa. Feno para dentro, esterco para fora e correr como o diabo. Correr com tanta velocidade que ninguém jamais poderia alcançar. Ela viu as marcas na carne de Tarot. Ele foi espancado, há muito tempo, em outra vida, e sempre será um mistério. Sua história é particular, Gwen compreende isso agora. A gente só vê o que está na nossa frente, o resto é suposição. Mesmo assim, ela acredita que ele foi espancado com correntes, pelo menos uma vez. Há uma marca circular no seu flanco e cada vez que ela passa a mão na cicatriz, Tarot atira a cabeça para trás, num movimento tão

intenso, tão potencialmente assassino, que renova o respeito que ela sente por ele.

Agora, quando ele salta por cima de uma árvore caída, Gwen se agarra com força. Diz para si mesma que montar Tarot não é mais perigoso do que andar na garupa da Honda descontrolada de Josh Krauss, roncando por El Camino no meio da noite. Mesmo assim, fecha os olhos quando chegam à parte mais densa do bosque e, quando os abre outra vez, vê o pântano na sua frente, todo dourado e marrom. Garças levantam vôo da relva, o gelo cobre os remansos. Agora estão trotando sobre lama gelada, sobre caranguejos e peixinhos. Talvez seja a velha macieira o que atrai o cavalo, ou talvez as cerejas silvestres, de qualquer modo, Tarot foi pastar no jardim do Covarde.

— Não aqui—Gwen diz para o cavalo.— Vamos embora.

O Covarde vê a jovem saltar do cavalo e por um momento pensa que é Belinda, Belinda costumava montar aquele mesmo cavalo quando ia visitálo. Outras pessoas levavam comida e roupas—Judith Dale, é claro, e Louise Justice ocasionalmente—,mas Belinda

levava o que ele realmente desejava. Fotografias do seu filho. Deveres da escola. Testes de ortografia. Desenhos de barcos e de noites estreladas. O primeiro dente que ele perdeu, que o Covarde guarda ainda num saleiro debaixo da cama. Mechas de cabelo loiro apanhadas no chão da cozinha onde era cortado.

Belinda sentava na sua varanda e às vezes chorava. Certa vez ela passou a noite enrodilhada sob um cobertor no chão da casa dele. Seu cabelo era da cor das rosas, e na noite que ficou com ele, estava com o lábio cortado e a dor a impediu de tomar a água que o Covarde ofereceu. Ele sabe que Belinda morreu há alguns anos, mas é como se ela tivesse reaparecido debaixo da macieira. O Covarde calça as botas e sai da casa. Está pronto para receber Belinda com um abraço, mas quando ele se volta, tudo que vê é a garota que esteve ali antes, que deixou a velha bússola, um presente de quando ele fez doze anos, quando ainda havia esperança para ele.

— Não estou invadindo—Gwen diz, rapidamente. Talvez ela estivesse chorando pelo pai, ou talvez não. O brilho intenso do sol

pode encher os olhos de lágrimas.—E este cavalo. Ele adora maçãs.

— Tudo bem—o Covarde diz com voz surpreendentemente suave. Agora ele vê que são lágrimas de verdade no rosto da menina. —Deixe que ele coma.

O Covarde senta nos degraus vacilantes da varanda. O gelo brilha como diamante na paisagem. O Covarde pisca os olhos na luz forte. Ele sempre acreditou que se a vodca se parecia com alguma coisa era com gelo. O gim, por sua vez, era neve pura e limpa.

— Você não me conhece—a menina diz.

Ela senta ao lado dele nos degraus, o que não pode ser um experiência agradável, o Covarde tem certeza, uma vez que ele não lembra da última vez que tomou banho. Mas, na verdade, seu cheiro não é pior do que o da relva do pântano ou o das maçãs velhas, levemente avinagrado.

— Eu sou Gwen—ela diz.—Meu pai é Richard Cooper e minha mãe é March.

O Covarde a examina. Sua sobrinha, se ela está dizendo a verdade. Bem, ela tem o nariz dos Cooper, reto e fino, e aqueles olhos azuis muito claros.

— Eu não me pareço com minha mãe, se é isso que está pensando, mas mesmo assim, você é meu tio.

— Como se isso fosse bom para você—o Covarde diz.

Gwen ri.

— Família de loucos.

— Você nem faz idéia—o Covarde diz.

Gwen apoia o queixo na mão e olha para Tarot que está comendo maçãs. Na verdade, o lugar é muito bonito, se você não se importa com o isolamento. Se a solidão não for um fator. Antes que ela possa dizer mais alguma coisa, o Covarde levanta do degrau e caminha para a casa. Ele não agüenta ficar muito tempo com outras pessoas. Cinco minutos é o máximo.

— Aonde você vai?—Gwen pergunta.

Ele não quer pensar na família. E sofrimento, puro e simples, e além disso tem coisa melhor para fazer.

— Vou entrar—ele diz.

— Para beber?—O cavalo se aproximou dela e Gwen levanta e segura a rédea.—É isso que você faz, não é? É como uma ocupação ou coisa assim, não é? Ser um bêbado?

— Beberrão—o Covarde corrige.

Ele aperta os olhos contra o brilho dos diamantes no pântano. Se ele quiser, pode entrar e fingir que não há ninguém debaixo da sua macieira.

— Caso esteja interessado em saber, seu filho não bebe. Nem uma cerveja. Mesmo quando todo mundo já bebeu bastante, ele nem toca na bebida.

O Covarde chegou à porta, mas não entra.

— Você se orgulharia dele—Gwen diz.

O Covarde está de costas para ela, mas Gwen sabe que ele está ouvindo.

— Se se desse ao trabalho de conhecê-lo.

Quando o Covarde vira de frente para aquela garota, ela está com as mãos na cintura. Evidentemente ela não é do tipo que desiste do que quer fazer. Ela luta por quem ama e é o que ela parece estar fazendo naquele momento.

— Por que pensa que eu tenho escolha?—A voz do Covarde está áspera.

— Porque você tem—Gwen diz.— Simplesmente tem.

O Covarde a vê levar o cavalo para fora do seu jardim, passar pelo lado do portão sem

grade, seguir para o pântano, onde o gelo começou a derreter com o sol da tarde. Há alguma coisa ardendo no seu peito e o Covarde senta outra vez na varanda. As tábuas estão soltas e debaixo delas há um ninho de guaxinins. Quando o Covarde atravessa o pântano, para a rodovia 22 e a loja de bebidas, é por sua escolha. Em todos esses anos, ele nunca parou para pensar que há outras escolhas que pode fazer também.

Faça o que você quer, faça o que tem vontade de fazer, faça o que deve, faça o que pensa que não pode fazer.

O Covarde sente algo estranho. Se vai ter um derrame, então é a penitência que merece por todo o mal que tem feito ao seu corpo cansado. Se é um coração partido, ele também merece. Essa noite vai ser tão fria que ele precisará queimar mais lenha no velho fogão e a fumaça vai pairar sobre o pântano como um bando de melros. Ele vai beber gelo e neve, vai beber até perder os sentidos e, quando acordar no dia seguinte, vai descobrir com surpresa que as palavras da menina soam ainda nos seus ouvidos.

TERCEIRA PARTE

QUINZE

QUANTA NEVE VAI CAIR NESTE INVERNO? É o que todos querem saber. Quanta lenha precisam guardar ao lado da varanda da frente? Quanto terão de reservar para o Fundo dos Limpadores de Neve, que paga os rapazes da cidade para que limpem as entradas das casas e as calçadas para os cidadãos mais velhos? A opinião geral é de que têm um longo e rigoroso inverno pela frente, pelo menos entre os que freqüentam o Café Lyon, e os freqüentadores da sala de leitura da biblioteca concordam. Basta ver a altura em que as vespas fizeram seus ninhos, sempre um prenúncio de neve.

Ovelhas e cavalos estão com o pêlo excepcionalmente espesso para novembro. Os esquilos estão fazendo estoque de castanhas. Os pássaros canoros já emigraram para o sul, passando pela cidade muito antes do que costumam, deixando seus ninhos entre a hera.

Ken Helm tem uma montanha de lenha cortada na frente da sua pequena casa. Cortou lenha durante todo o verão e o outono. Sua

mulher e os dois filhos nem notam mais o ruído do machado, mas ouvem nos seus sonhos uma batida ritmada que ecoa sempre que eles fecham os olhos. Susanna Justice vai à casa de Ken Helm encomendar lenha para o inverno, para os pais e para ela, como todos os anos. Não é preciso muita coisa para aquecer a pequena casa de Susie, mas ela ouviu dizer que o inverno vai ser de morte.

— O Juiz sempre é o primeiro a ser atendido—Ken diz para Susie, depois que ela encomenda 256 pés cúbicos de lenha e está fazendo o cheque.—Meu freguês favorito.

Susie sorri, mas seu pensamento está longe. Ela é, na verdade, tenaz como um buldogue, especialmente quando sente que está perto de descobrir alguma coisa. Na véspera, ela foi a Boston para falar com o oncologista do Hospital Infantil, encarregado do tratamento do filho de Belinda e Hollis. A leucemia de Cooper foi diagnosticada quando ele tinha quatro anos e embora o médico tivesse se recusado a mostrar a ficha do menino para Susie, insistiu em dizer que não houve nada fora do comum. Nada fora do comum quando se ouve a sentença de morte

de um filho de quatro anos. Nada fora do comum ser casado com um homem indiferente e cruel como Hollis, voltar de Boston com o filho no colo depois de o médico dar um diagnóstico tão doloroso.

— Hollis ainda deixa você apanhar lenha no bosque?—ela pergunta, entregando o cheque para Ken Helm.

— Eu pago muito bem para isso—Ken diz, defensivamente, como se ela o estivesse acusando de negociar com o demônio.—Eu não aceitaria nada de graça de Hollis. Eu pago para usar sua terra, mas isso não quer dizer que goste dele.

Assim que ouve a mudança na voz de Ken, Susie sabe que ele quer contar alguma coisa. Quando ela começou a trabalhar em The Bugie, levou algum tempo para aprender que o fato de uma pessoa não dar uma resposta direta não significa que no fim não vá contar tudo. Ken ia falar, Susie não tinha dúvida, se ela fizesse as perguntas certas.

— Você usava o bosque quando Belinda era viva?

Estão andando lado a lado para a picape de Susie. Agora, Ken pára.

— Eu não disse nada sobre Belinda.

— Certo. Você não disse.—Ele sabe de alguma coisa, tenho certeza.

— Você estava querendo perguntar alguma coisa sobre ela?

— Ken leva a mão à testa para proteger os olhos do sol e, como resultado, Susie não pode medir sua reação.

— Provavelmente não é nada importante— Susie admite. — Ouvi alguma coisa sobre Belinda e Hollis. Apenas fofocas.

— O que você ouviu? Que ele a matou? Jesus, Susie pensa. Todo mundo sabe.

Ken olha para a pilha enorme de lenha ao lado da sua casa.

Os músculos do seu rosto estão tensos.

— Isso mesmo—Susie diz, casualmente, para não assustá-lo. — Ouvi dizer que pode ser.

— Isso não é fofoca—Ken Helm diz.—É um fato da vida.

O coração de Susie dispara. Para se acalmar, ela olha também para a pilha de lenha. E mais alta que o telhado da casa. Mais alta do que muitas das árvores próximas.

— Há alguma prova?—Susie pergunta.

Ken assobia com os dentes cerrados, chamando seu cão, um golden retriever, que está muito perto da estrada.

— Qualquer coisa?—Susie diz.

— A prova é que eu sei e todos nesta cidade que se davam com Belinda sabem como ele a tratava. Ela o perdoou não sete, mas setenta e sete vezes. Bastava ver o rosto dela para saber. Se ele a matou ou não com as próprias mãos, não é importante. Ele é responsável pela morte dela.—O cão chega correndo e Ken acaricia a cabeça dele.—Assim como eu sou responsável.

Susie olha para Ken Helm, surpresa com aquela afirmação vinda de um homem que ela conheceu toda a vida, mas com quem nunca pensou em conversar.

— Por que diz isso? O que você teve a ver com a morte dela?

— Eu sabia o que ela estava passando e não fiz nada.

Susie não podia imaginar que Belinda, extremamente reservada e que, apesar de querida por todos, não tinha amigos de verdade, pudesse confiar em Ken Helm.

— Eu voltava para casa de carro, uma

noite, e a vi na estrada.

Parei e ela entrou na minha picape. Ela disse que tinha machucado o braço e eu a levei ao St. Bridget. Agora, é claro, eles têm uma ala inteira com o nome dele, mas naquela noite, quando eu disse que ia telefonar para Hollis apanhá-la no hospital, Belinda entrou em pânico. Pânico de verdade. Então esperei por ela e, quando o médico terminou, a levei para casa.—O cachorro está na pilha de lenha, provavelmente à procura de ratos, e Ken assobia outra vez, com mais força.—O braço dela estava quebrado.

— Ela contou como aconteceu?

— Não, mas, depois disso, ela às vezes vinha até aqui. Quando precisava de uma carona até o hospital. Eu sempre a levava e nunca disse nada para ninguém. Nem para minha mulher.

— Você não é o único responsável, se todos sabiam o que estava acontecendo.

Ken balança a cabeça.

— Uma vez eu estava dormindo e acordei sem nenhum motivo. Quando olhei pela janela, pensei estar vendo um fantasma lá fora. Ela estava vestida de branco, acho que foi por

isso. Estava com o filho, Coop era ainda um bebê e eu imaginei que ela não queria deixá-lo com Hollis. Eu não a culpei por isso. Ninguém queria enfrentar Hollis, mas devíamos ter enfrentado. Devíamos ter pelo menos falado com ele.

Está ficando cada vez mais frio, mas Susie e Ken continuam ali fora, imóveis.

— Se sua mão ou seu pé o faz pecar, corte e jogue fora, é melhor entrar na vida aleijado do que ter duas mãos e dois pés e ser atirado no fogo eterno. Mateus, 18,8—Ken Helm faz uma pausa para pigarrear discretamente.—Teria sido uma bênção se alguém o tivesse enfrentado.

Por fim, retomam o caminho até a picape de Susie. Susie aperta a mão de Ken antes de abrir a porta. Nunca havia notado antes que os olhos dele eram verdes.

— É o sol—ele diz, para explicar por que está com os olhos cheios de lágrimas e, é claro, Susie inclina a cabeça concordando, embora o céu esteja cheio de nuvens e a luz esteja fraca e embaçada.

— Não se preocupe com a lenha do Juiz—Ken diz, quando Susie entra no carro.—Vou

fazer para ele uma pilha firme e caprichada.

Na volta, Susie pára no Red Apple para algumas compras — iogurte, uma caixa de biscoitos finos—,mas em vez de entrar à esquerda na rodovia 22 e ir para casa almoçar com seus cães, como sempre faz, vira para a direita e segue para o Hospital St. Bridget. Deixe para lá, Ed está sempre dizendo, mas como pode fazer isso, especialmente agora, quando vê mentalmente Belinda vestida de branco, de pé ao lado da pilha de lenha na casa de Ken Helm?

Susie deixa o carro no estacionamento das enfermeiras, com o adesivo de The Bugie no pára-brisa. O problema de uma cidade pequena é que todo mundo sabe o que você faz, mas ao mesmo tempo isso é bom porque cria conexões que se cruzam com mais freqüência do que os fios de uma teia de aranha. Há anos Susie conhece Maude Hurley, da tesouraria do hospital. Na verdade, ela namorou o filho de Maude, Dave, por algum tempo e lembra ainda que ele era um grande patinador no gelo e indiferente na cama. Maude, porém, era um azougue e Susie gostava dos jantares de domingo na casa dela.

Agora, quando vai à tesouraria do hospital ela leva sempre biscoitos finos de chocolate como um presente, ela não precisa subornar Maude para obter informação.

— Querida, todo mundo sabia sobre Belinda.

Porém, infelizmente, todas as hospitalizações de Belinda datam do tempo em que o computador ainda não era usado.

Por mais que se esforce, Maude não consegue encontrar nada no seu Mackintosh.

— Então isso é tudo—Susie diz, desapontada, começando a comer os biscoitos.

— Provavelmente não—Maude diz e leva Susie para o subsolo do St. Bridget, a uma sala repleta de arquivos antigos e embolorados, dando a entender que, se forem descobertas, Susie deve dizer que está colhendo informações para o qüinquagésimo aniversário do hospital.

Susie tem certeza de que Maude seria uma sogra formidável e a abraça com força antes de começar a trabalhar. No fim de uma hora e meia, Susie finalmente encontra o que resta da ficha de Belinda, apenas nos últimos dois anos da vida dela. O ponto positivo, se é que se

pode chamar assim, é que mesmo num período de tempo relativamente curto, ela deu entrada quatro vezes no hospital. Mais do que a média, Susie imagina, mas isso não prova coisa alguma. Duas delas estão ilegíveis, mas as outras duas—"mandíbula fraturada", "quinze pontos" — fazem Susie sentir um arrepio na espinha.

Exatamente o que ela pode fazer com essa informação, Susie não sabe, pelo menos não até notar o nome do Dr. Henderson no alto da página, como o médico que atendeu aquela paciente.

Susie toma um iogurte sentada na picape, depois vai até a rua principal, onde, para sua surpresa, o doutor Henderson concorda em recebê-la, embora sua sala de espera esteja apinhada de pacientes.

— Está escrevendo um artigo sobre Belinda?—ele pergunta quando Susie menciona o nome dela.

— Só estou interessada.

— No quê?

— Nas circunstâncias da sua morte, para começar.

Susie tinha quase certeza de que o Dr.

Henderson, frio e formal, ia dizer que as circunstâncias da morte de um paciente constituem informação privilegiada, mas ele parece aliviado por poder falar no assunto. Tira os óculos e recosta na cadeira.

— Pneumonia aguda—ele diz.—O que, é claro, é uma grande besteira.

— Como disse?—Susie pergunta.

— Ela morreu porque ele a deixou morrer. Eu poderia ter feito alguma coisa, se tivessem me chamado. Quando a levaram ao hospital, e mesmo assim só porque Judith Dale a visitou por acaso e viu o desespero da situação, Belinda ardia em febre e não podia respirar. Ela morreu por negligência.

— Mas ela foi sua paciente durante anos, sem dúvida o senhor deve ter percebido que havia algo errado na vida dela antes disso?

— Minha querida, sempre há algo errado em todas as situações, quando se olha atentamente.

— Muito bem, deixe-me então fazer uma pergunta. O senhor percebeu que alguns dos problemas físicos de Belinda, não a pneumonia, é claro, mas as fraturas, as equimoses, eram causados pelo marido?

— Não importa o que eu percebi—Dr. Henderson diz com voz gelada.—Se eu o vi bater nela? Não. Alguma vez ela me contou que era maltratada de algum modo? Não. Ela não disse nada.

Susie Justice sente a pulsação no lado do seu pescoço.

— Mas ela está morta—Susie diz.

— Essa—concorda o doutor Henderson—é a triste verdade.

Naquela noite, Susie conta tudo para Ed Milton e ele apenas balança a cabeça. Estão no apartamento dele, na High Road, e Ed prepara fettucini Alfredo, e o cheiro parece melhor ainda porque Susie está faminta, apesar do iogurte e da caixa de biscoitos daquela tarde.

— Tudo que você tem contra ele—Ed diz—é o fato de ter ignorado Belinda.

— Ora, sem essa—Susie diz.—É como um segredo que todo mundo sabe, incluindo aquele maldito Dr. Henderson, que sempre age como se fosse superior a Deus.

— E o que todo mundo pensa. Na minha opinião, ela se matou.

— Como pode dizer isso?—Susie não consegue esperar pelo jantar e apanha um

vidro de azeitonas na geladeira. Ela havia passado em casa para apanhar a correspondência e os cachorros, que parecem estranhamente à vontade na casa de Ed. O melhor é que Ed não reclama quando dois espécimes caninos fedidos deitam no seu sofá.

— Belinda podia ter telefonado para o Dr. Henderson. Parece que ela queria morrer.

— Isso é horrível—Susie diz, mas não pode afirmar que ele esteja errado.—Então, o que eu faço agora?

Ed Milton sorri. Antigamente, ele detestava deixar um caso sem solução, mas agora compreende que algumas situações simplesmente estão além do controle humano.

— Belinda morreu há doze anos e parece que, do ponto de vista legal, Hollis nada teve a ver com a morte dela.

Provavelmente, ele a espancava, mas não existe nenhum relatório completo de nenhum hospital para provar isso, nem testemunhas oculares. Basicamente, não temos nada.

— Eu não aceito isso—Susie diz e talvez seja nesse momento que Ed se apaixona completamente por ela.

— Você não tem os elementos de um

processo criminal—Ed diz.—O que você tem, Susie, é um problema moral, que não pode ser julgado no tribunal do seu pai.

Susie não pergunta a opinião de Ed sobre a conveniência ou não de passar essa informação para March que, é evidente, não quer ouvir nada de negativo sobre Hollis. O dilema não é novidade para Susanna Justice. Desde o verão em que ela viu o pai perto das rosas e descobriu que ele estava apaixonado, ela luta com esse enigma: como dizer uma verdade terrível a uma pessoa que você gosta e que quer proteger? Ela pensa nas noites em que o pai telefonava avisando que ia trabalhar até mais tarde e a sensação de frio no estômago sempre que recebia o recado e tinha de dizer para a mãe, como se ela e não o Juiz estivesse mentindo.

Uma única vez tentou contar para a mãe. Acabara de entrar para a universidade em Oberlin e estava em casa nas férias de fim de ano. Susie estava orgulhosa dela mesma e do quanto havia aprendido naquele semestre. Sabia tudo que uma mulher podia ser e o que sua mãe não era. Estavam embrulhando presentes na mesa de jantar, Susie insistindo

para deixar o dormitório e morar num apartamento com o namorado, quando a discussão ficou acalorada.

— Fim de papo—Louise disse, finalmente. —Seu pai não vai consentir.

— Meu pai!—Susie gritou. Ora, provavelmente o Juiz estava com a amante enquanto elas embrulhavam o presente dele em papel dourado.—Por que vou dar ouvidos ao que ele diz sobre moralidade? Se você soubesse como ele é realmente, saía daqui e pedia o divórcio!

Louise Justice levantou-se e esbofeteou Susie. Foi a primeira vez que Louise bateu em alguém, mas bateu com tanta força que deixou a marca no rosto da filha. Sua intenção era silenciar Susie antes que ela revelasse mais alguma coisa.

— Você não sabe coisa alguma sobre o amor—Louise Justice disse para Susie naquela noite.—E certamente não sabe coisa alguma sobre casamento.

Isso talvez ainda seja verdade, Susie pensa, enquanto tira a roupa e deita na cama com Ed Milton, mais tarde, naquela noite. Ela abraça Ed e o beija. Será que o ama ou não? Como vai

saber? Ela gosta dele na cama, confia nas opiniões dele, dá valor ao que ele pensa, tem vontade de vê-lo nas horas mais estranhas do dia. Então, o que tudo isso quer dizer?

Vejam os problemas criados pelo amor. Vejam a confusão.

Quem sabe por que Belinda casou com Hollis—erro de julgamento ou compaixão ou desejo, talvez até mesmo solidão. Quem pode dizer por que March está disposta a jogar tudo fora por um homem que não vale nada ou por que Bill Justice, o homem mais honesto da cidade, mentiu descaradamente durante toda a sua vida. Ali, na cama de Ed Milton, Susanna Justice, de repente precisa saber se ela é a única tão completamente ignorante desses assuntos. Ed é sincero, ele vai dizer a verdade. Ele está deitado de costas para ela e já é tarde da noite, mas ela pergunta assim mesmo.

Você já amou alguma vez? Susie tem certeza de que ele está rindo quando vira para ela, mas na manhã seguinte não consegue lembrar se ele disse mesmo: Nunca antes, ou se, talvez, isso fosse o que ela queria ouvir.

DEZESSEIS

NO SÁBADO DE MANHÃ, GWEN sai tão apressada para se encontrar com Hank na cafeteria, que esquece de tocar no joelho do Fundador, para dar sorte. Quando ela foi alimentar e escovar Tarot, naquela manhã, encontrou um bilhete de Hank na baia, convidando-a para o café da manhã.

Ele está em uma mesa ao fundo, e Gwen senta no banco na frente dele.

— O que estamos comemorando?—ela diz com um largo sorriso.—Você vai pagar?

— Para variar—Hank dá o menu para ela. —Ele está me pagando para fazer um trabalho e então pensei em convidar você para sair.

Gwen vê uma caixa de papelão ao lado da mesa. Dentro dela, latas de tinta e rolos para pintar paredes.

— Ele está arrumando a casa—Hank

explica.

— O Sr. Sovina? Não dá para acreditar.— Gwen examina o cardápio.—Aah—ela exclama.—Panquecas de banana com nozes.

— Ele quer impressionar alguém.

Gwen põe o menu na mesa. Isso é mais do que um encontro para o café da manhã. Hank tem alguma coisa para contar.

— Minha mãe?

Hank faz que sim com a cabeça e pede panqueca para dois, quando Alison Hartwig os atende.

— Ele quer que sua mãe vá morar com ele —Hank diz, quando a garçonete se afasta.— Está certo de que ela vai concordar.

— Ela não vai.—Gwen parece muito segura, mas tem uma sensação estranha no estômago.

— Hoje vou pintar o quarto do segundo andar—Hank diz. — Branco.

— Foda-se o Hollis—Gwen diz.

— Sim, bem—Hank murmura.

— Fez bem em me avisar—Gwen diz.

É claro que ela não consegue comer nada. A idéia de morar na casa de Hollis a deixa nauseada. Quando Hank volta para casa para

pintar o quarto, ela fica andando um pouco pela cidade e depois senta num banco da praça debaixo das tílias.

A sensação é de estar num trem que corre a toda velocidade e que pouca diferença faria se ela saltasse ou ficasse no trem.

De qualquer modo ia se machucar.

Quando Gwen volta para Fox Hill, à tarde, encontra a mãe trabalhando na mesa da cozinha. A casa está fria e March, com duas suéteres e dois pares de meias de lã, aplica lâminas de turquesa numa pulseira que pretende usar como amostra na loja de artesanato da cidade e talvez em algumas joalherias de Boston.

— Está gelado aqui dentro—Gwen diz, sem abrir o zíper do casaco.

— Eu sei. O aquecimento não está funcionando direito. Hollis esteve aqui para ver e talvez seja preciso trocar todo o sistema.

Provavelmente foi ele mesmo quem quebrou, Gwen pensa.

Apenas a primeira das muitas razões para irem morar com ele.

— Talvez seja melhor chamar aquele cara, o Ken, e ver se ele pode consertar—ela sugere.

— Não, não faça isso—March diz.—Hollis acha que Ken cobra muito caro. Ele mesmo vai consertar.

Gwen pode apostar que sim. Vai consertar para que elas morram congeladas na cama.

— Nós estamos felizes aqui, não estamos? —Gwen pergunta, de repente.

— É claro que estamos—March responde, estranhando a seriedade da filha.—Estamos muito bem—acrescenta.

Estranho Gwen perguntar se estamos felizes nesta casa.

Hollis, afinal, está tentando convencer March a ir morar com ele. Faz sentido, é claro, porém, mesmo assim ela hesita. Na verdade, mais por causa de Gwen, o mesmo motivo que a fez hesitar anos atrás, no jardim. Talvez ela não tenha sido uma boa mãe ultimamente, talvez esteja sendo descuidada e egoísta, mas ainda sabe distinguir o certo do errado. Ou será que seria tão errado ir morar com ele?

Não seria mais honesto? Mais decisivo?

Hoje, quando Hollis veio verificar o aquecimento, disse que não tinha tempo para ficar. Estava arrumando a casa da fazenda Guardian. Ele tem certeza de que March vai

mudar de idéia. Já havia contratado um serviço de limpeza da cidade para limpar os tapetes, lavar as janelas e polir todos os móveis comprados em Nova York por Annabeth Cooper.

Até mandou os cães para o canil para um banho e quando eles voltaram seu pêlo estava tão vermelho que dava para entender por que diziam que eram descendentes das raposas. A geladeira estava cheia de creme e salmão, frutas frescas e sucos. Hollis encomendou à filha mais nova do Dr. Henderson, Miranda, que tem um serviço de congelados, jantares para um mês, para serem guardados no freezer.

Na verdade, essas refeições não são as únicas coisas que Hollis pretende congelar. O que ele fez foi retirar a caixa de ligação do aquecedor a óleo no porão de Fox Hill. Nada de mais, ele só quer cortar o aquecimento para tornar a casa menos confortável ainda. A casa é sua e ele pode obrigar March a sair, mas quer que a decisão seja dela. Porém, às vezes, ele acha que as decisões precisam de um pequeno empurrãozinho. Por isso Hollis está esperando no estábulo, quando Gwen chega

na manhã seguinte. São cinco e meia e ela não dormiu bem. Gwen só nota a presença dele depois de dar água para Tarot e para Geronimo, aquele pônei idiota que sempre tenta morder sua mão.

— O que você está fazendo aqui?—Gwen pergunta quando vê Hollis num canto.

— Tudo isto é meu afinal de contas—Hollis diz.

Então Gwen nota que Tarot está inquieto por causa da presença de Hollis. Assim que ele se aproxima da baia, o cavalo começa a dar coices na parede.

— É um desperdício manter este cavalo velho—Hollis diz.

O desprezo na voz dele faz com que Gwen chegue mais perto de Tarot. Hollis e o cavalo olham fixamente um para o outro. Às vezes eu penso em livrá-lo de todo esse sofrimento.

Gwen sente um arrepio. Ela sabe reconhecer uma ameaça.

— Ele não está sofrendo—ela diz.

— Estive pensando que podemos nos ajudar mutuamente.

Você e eu. Acredite ou não.

— É mesmo?—Gwen está com a garganta

seca. Hollis quer que ela seja cúmplice de alguma coisa.

— Eu gostaria que sua mãe viesse morar comigo e não quero que você atrapalhe tudo. —Como da última vez, Hollis pensa. Quando você atrapalhou nossos planos antes mesmo de nascer.—Na verdade, quero que você ache que é uma grande idéia.

— Boa sorte—Gwen diz.—Porque isso nunca vai acontecer.

Gwen está gelada, mas nem que quisesse não podia ir embora. Hollis está bloqueando a saída, de pé na porta do estábulo. Uma lâmpada bem acima da cabeça dele o ilumina com uma luz forte. A essa hora da manhã, ele aparenta a idade, parece um velho. Ele é quem precisa ser libertado do sofrimento.

— Tudo que tem a fazer é ser positiva. Diga à sua mãe que você quer vir para cá. Em troca, eu não o mato.

Gwen respira fundo. Ela pensa em blefar.

— Isso não basta.

Hollis olha atentamente para ela.

— Eu quero o cavalo—Gwen diz.

Hollis ri.

— Estou dizendo, de papel passado. Um

documento legal de propriedade.

Hollis sorri. Ela é mais esperta do que ele imaginava. Uma pena que não faça idéia de com quem está lidando.

— Ótimo—Hollis diz.—Meus advogados vão preparar a transferência de propriedade. Estará pronta na semana que vem.

— Tudo bem—Gwen concorda, esperando não chorar antes de poder sair dali. Assim que sai do estábulo ela corre.

Conseguiu. Tarot é seu. Sente como se tivesse feito uma coisa terrível, vendendo sua mãe por um cavalo, mas está feito e ela não vai chorar por isso, pelo menos não por muito tempo.

No fim da semana, elas estão prontas para a mudança. Têm tão pouca coisa que nem dá para encher o banco traseiro do Toyota. Como exploradores no Novo Mundo, viajam com pouca bagagem. Hank as espera na fazenda Guardian, para ajudar a descarregar o carro.

— Pintei seu quarto de azul—ele diz para Gwen. É o pequeno quarto ao lado da cozinha, que Hollis não vai precisar usar mais.

— Obrigada—Gwen diz, apanhando os livros da escola. -Mas eu preferia que você

tivesse jogado uma bomba.

Gwen estende a mão para apanhar Sister que está em pânico.

Embora respondendo aos latidos dos cães vermelhos com sua voz esganiçada, ela está escondida atrás de uma caixa de sapatos e roupas.

— Venha—ela diz para Sister.—Prepare-se para entrar no inferno.—Ela toca para longe os cachorros e entra na casa com Sister no colo.

Enquanto March descarrega a mala do carro, Hollis chega por trás dela e passa os braços por sua cintura. March sente o calor do corpo dele, mesmo onde não toca o seu. E estranho, mas ela pensa no limoeiro no quintal da sua casa na Califórnia. Pensa nos estampidos dos tiros, há tantos anos, quando a caça foi novamente permitida, e lembra-se das marcas de sangue que via quando entrava no bosque.

Hollis beija a sua nuca e a aperta contra ele.

— Você não vai se arrepender—ele diz, e March relaxa o corpo contra o dele.

Quando acompanha Hollis até a porta, March não pensa no quanto Fox Hill parecia vazia quando elas saíram. Não se deixa

dominar pelo sentimento de culpa, pensando na reação de Richard quando chegar em casa nessa noite e encontrar sua mensagem na secretária: ela e Gwen não estão mais nesse número. Suas palavras, reproduzidas pela máquina, parecerão calmas, mas ela não conseguirá de modo algum disfarçar o novo número. Afinal, é um telefone que Richard sabe de cor. Era o dele, quando morava na fazenda Guardian.

Há cortinas de renda nas janelas do quarto, onde o Sr. e a Sra. Cooper dormiam, e a tinta branca que Hank passou às pressas nas paredes brilha à luz do dia. Mas não é a luz do dia que importa ali. Eles fazem as refeições na velha mesa da cozinha, cada um cuida dos seus afazeres, mas March está o tempo todo olhando pela janela, esperando a chegada da noite, quando poderá subir para o quarto com Hollis. A colcha de cetim azul foi encomendada da França por Annabeth, feita à mão e muito macia, e a cama é maior do que a de madeira que March tem em Palo Alto.

Nessa cama, você sonha com coisas que não conta para ninguém. A noite é mais longa. Eles começam antes de desfazer a última mala,

antes de o jantar ser servido, antes do amanhecer, antes do meio-dia. Ela sempre sonha que está caindo sem parar. Fazem amor como se sonhassem, completamente absorvidos um no outro a ponto de não se darem ao trabalho de trancar a porta ou abaixar as persianas.

É o tipo de sexo que faz gritar alto, faz implorar, depois desmanchar, que leva a fazer coisas que nunca se fez antes.

Se um homem a conhece por dentro e por fora, ele sabe quando começar e quando parar. Não pense nas outras mulheres com quem ele esteve. Não se preocupe se cada uma pensou que fosse a única, se ele disse para todas que nunca foi tão bom, não daquele jeito, se ele fez uma vez, duas, muitas vezes com outra. Você sabe que sempre foi você, é o que ele diz e é no que você acredita. E como era antes, não é? Quando vocês eram tão jovens que o futuro parecia sem limites e era impossível dizer onde você acabava e ele começava.

Não pense nos corvos crocitando nas árvores, nem no som da porta da frente sendo batida por alguém. O que importa agora? Os cães podem latir, as horas podem passar. E

tudo um sonho e é seu e sempre será. Entregue-se, é o que ele murmura. Não se preocupe em tomar banho ou pentear o cabelo. Apenas faça o que ele diz, faça a noite toda. Fique de quatro e faça como ele gosta. Deixe que isso dure uma eternidade porque, para ser franca, não é mais possível voltar. Portas foram fechadas, malas desfeitas, dias chegaram e se foram e você continua ali.

De manhã, quando March desce para fazer café, ela quase não fala. Quando chega a ver Hank e Gwen, prontos para sair, oferece-se para preparar o café, às vezes fica na janela e acena para os dois, mas sua atenção é limitada. Ela não consegue entender as conversas entre Gwen e Hank, ou talvez não queira entender. March fica no sonho. Antes ela era tão exigente, mas agora tem de lavar a mão a roupa de baixo, porque não tem mais para trocar. Perdeu a noção do tempo. Nem se deu ao trabalho de trocar os lençóis da cama.

Mesmo assim, está convencida de que não precisa se preocupar. Lá fora, o vento uiva e o tempo está horrível, mas nada disso pode atingi-la. Ele diz o que ela deve fazer e pensar, e se ficar ali o tempo suficiente, o que sonhar

também.

Desde que se mudaram para a casa de Hollis, quem não consegue dormir é Gwen. Se adormece por um curto tempo, nunca sonha, o sono é só um poço negro de inconsciência. No quarto pequeno pintado de azul, Gwen está acampada como se estivesse numa guerra, pronta para seguir para o próximo campo de batalha. Sua roupa continua na mochila e as outras coisas—livros e maquiagem, até o despertador—num engradado de laranja ao lado da cama. Ela dorme vestida, sobre o cobertor. Está com olheiras escuras e, em poucos dias, fumou tanto que o quarto cheira a fumo, apesar da pintura recente. Sister está com ela no quarto. Só sai para fazer as necessidades e sempre rosnando para os cães vermelhos, curiosos demais e mal-educados.

Na verdade, este lugar é o inferno. Oh, Gwen diria para Minnie, sua velha amiga, se elas estivessem ainda se comunicando, o que eu fiz para merecer isso? Chris e Lori acham que ela tem muita sorte por morar na mesma casa que o namorado. Adorariam estar no seu lugar. Muito bem, por mais estranho que possa parecer, Hank e Gwen não tiram partido

da situação—seria tão fácil ir ao quarto dele ou ele ao seu—nem se beijaram uma só vez, depois que se mudaram. Não que ela não o ame, ela o ama mais do que nunca. Mas Gwen quer uma coisa pura. Ela quer o oposto do que a mãe tem e ela sabe muito bem o que é.

Gwen ouve o que acontece no andar de cima, no outro lado da casa. A princípio pensou que fosse sua imaginação. Devia ser impossível ouvir alguma coisa numa casa tão bem construída. As paredes deviam ser isoladas. Devia ser possível alguma privacidade. Mas ela ouve, todas as noites.

Os gritos de prazer da mãe. Os ruídos nojentos dele. Quando não pode mais suportar, levanta da cama e sai. Sempre fecha a porta de tela, mas Sister geralmente abre com o focinho e vai atrás dela. As noites são agora tão frias que a respiração se transforma em fumaça. No estábulo, Gwen verifica se a água dos cavalos não está congelada. Ela acaricia Tarot e ele encosta o focinho nela, sonolento, procurando açúcar nos seus bolsos. Sister odeia cavalos, mas despreza mais ainda os cães vermelhos deitados na frente da casa, por isso vai com Gwen para o estábulo onde

está Tarot. Quando Gwen apanha uma banqueta e senta para fumar, Sister deita aos seus pés.

— Pobre Sister—Gwen diz, e Sister sacode a cauda ouvindo uma voz humana amiga.— Você não é mais a peste que era antes, não é?

Há fiapos de palha no pêlo de Sister e ela se encolhe cada vez que Tarot estremece no seu sono. Os pulmões de Tarot são velhos e cansados e fazem um ruído borbulhante quando ele respira. Há duas semanas Hollis garante que o contrato de venda vai chegar no fim da semana, mas Gwen começa a ficar nervosa. Assim que tiver o documento de propriedade legalizado, ela pretende guardar num cofre do banco, para não perder. Ela passa a mão no focinho macio do cavalo. Gwen sente que precisa protegê-lo e isso a encoraja. Quando for legalmente a dona de Tarot, ela vai embora. Foi o que Gwen resolveu e embora não tenha coragem de contar para Hank, acha que ele sabe. E o modo como Hank olha para ela, como se Gwen já tivesse partido.

Quando não consegue mais ficar de olhos abertos, sai do estábulo com Sister e fecha a

porta. Gwen sente um alívio quando vê a luz acesa na cozinha. Hank a espera com um café que acaba de fazer. Eles sentam em silêncio, às duas horas da manhã, como se fossem casados, tomando café, de mãos dadas. Foram logrados pelas circunstâncias. Sentem que a situação está desgastando o que eles poderiam ter.

Hank sabe que, se não fosse por Tarot, Gwen já teria partido.

Sua decisão de deixar Hank não é falta de amor, mas porque ela sabe que ele pode se cuidar sozinho. Porém, nessa noite, não falam sobre o futuro que se anuncia, não pensam em tudo que têm para perder. Vão para o pequeno quarto ao lado da cozinha e deitam juntos na cama estreita, por cima do cobertor de lã, de braços dados. Se pudesse, Gwen murmuraria que o ama. Se ele pudesse, prometeria que tudo ia dar certo. Mas não é assim que as coisas estão agora e os dois sabem. Não é assim que as coisas estão.

DEZESSETE

NESSE ANO, A FEIRA DA COLHEITA, que se realiza sempre no subsolo da prefeitura, está movimentada como de costume e a barraca de March, de roupas usadas—da qual prometeu a Regina se encarregar—,vendeu muito bem—uma boa notícia para a seção infantil da biblioteca, para onde vai todo o dinheiro da feira.

— Nunca imaginei que veria você aqui— Susanna Justice diz, examinando uma pilha de coletes. Examina um tipo jaquetão que vai ficar muito bem com sua calça marrom de veludo canelado.

— Nem eu.—March ri.—Não faço o tipo.

Estão um pouco constrangidas desde que March foi morar com Hollis. Susie, aceitando o conselho de todos, ficou de boca fechada, mas ninguém se deu ao trabalho de avisar que não

adiantaria dizer nada.

— E aí?—Susie diz.

— E aí?—March sorri.—Você está ótima.

Na verdade, é March quem está bonita, com uma calça velha de pintor e suéter vermelha, comprada por três dólares, nessa manhã, na sua barraca. Susie percebe que March emagreceu. Os ângulos do rosto estão mais proeminentes.

Os olhos escuros, mais intensos. March sorri quando percebe o olhar avaliador de Susie, e Susie pensa. Foi o amor que fez isso com ela.

— Minha mãe está contando com você no dia de Ação de Graças—Susie diz.

— E muita bondade dela, mas preciso pensar em Hollis. Ele detesta o dia de Ação de Graças. Acha impossível comer peru.

— Leve Hollis também, assim mesmo.—Susie procura falar descontraidamente.—Ele pode comer um sanduíche de salsichão.

Só porque ela parou de implicar com March, não quer dizer que Susie tenha abandonado sua investigação sobre Hollis.

Ela foi ao Juizado de Menores, em Boston, mas nem mesmo com a ajuda de um amigo de

Ed, na polícia, conseguiu descobrir alguma coisa. E como se Hollis nunca tivesse existido, ou talvez alguém tivesse apagado toda a informação sobre ele. Provavelmente Henry Murray, com seu ridículo bom coração e sua crença na humanidade. Mas Susie está convencida ainda de que, se procurar com afinco, vai encontrar alguma evidência contra Hollis, se não suficiente para fazer March fugir dele, pelo menos o bastante para fazê-la pensar duas vezes.

— Mesmo que Hollis não queira nos dar o prazer da sua companhia, você pode ir com Gwen e Hank.

— É fácil dizer—March ri.

— Muito fácil para mim—Susie, diz, muito séria.—Ninguém me diz o que devo fazer.

— Não é o que está pensando—March diz. —Ele não é assim.

Você me conhece, Susie. Acha que eu deixaria alguém mandar em mim? Na minha idade?

— Tudo bem. Espero estar enganada.

Quando abraça March, Susie sente o perfume de lavanda, na sua opinião, um perfume tristonho, que marca o passado e

tudo que seria melhor esquecer. Provavelmente é do suéter de segunda mão que March comprou e o perfume agora está nela. Afinal, deseja-se à uma amiga o que desejamos para nós mesmas. Boa sorte em tudo, é o que Susie deseja para March, e nenhum erro tão terrível que não possa ser corrigido.

Susie vai para a barraca de livros usados e March pensa: Bem na hora, quando vê Hollis se aproximando com dois copos de café. E preciso saber como lidar com ele, é isso que Susie não compreende.

— A boa e velha Susie-Q—Hollis diz, vendo Susie Justice na barraca dos livros.

Há dezenas de barracas e gente demais comprando, pelo menos é o que Hollis pensa. Ele nunca esteve na Feira da Colheita e não pretende vir outra vez. Está ali só para ficar de olho em March, o que parece de bom aviso, pois aquele homem está demorando demais, experimentando um casaco esporte que não é o seu tamanho, pedindo a opinião de March. É Bud Horace, o homem do departamento de controle de animais. Bud está falando com March há muito tempo e Hollis não gosta nem

um pouco do olhar dele.

— Vamos embora—Hollis diz, quando Bud finalmente paga o maldito casaco e vai embora.

— Acho que combinei ficar mais umas duas horas.—March olha para trás, procurando Regina Gordon, que tem todos os horários anotados num bloco, mas Hollis já foi falar com Mimi Frank, que tirou folga do salão Bon Bon para tomar conta da barraca de suco de maçã.

— O que você acha? Pode tomar conta das roupas usadas também?—Hollis pergunta para Mimi.—Na minha opinião, você tem energia suficiente para tomar conta de duas barracas. O que não posso dizer de muitas outras por aqui.

Mimi sorri para Hollis. Poucas pessoas notam sua alegria.

— Querido, não se preocupe com isso—ela diz.

— Você enfeitiçou Mimi Frank—March diz, quando ele a ajuda a vestir o casaco.—Não dá para acreditar.

— Vamos dar o fora daqui—Hollis diz.

— Já demos.—A intenção de March é fazer

humor, enquanto saem do prédio, mas suas palavras soam sem vida.

Eles não têm muito o que dizer enquanto se encaminham para a picape de Hollis. De qualquer modo, seria difícil manter uma conversa decente com aquele vento. Quando chegam à estátua do Fundador, March bate no joelho dele, para dar sorte. Tem a estranha sensação de que não ousaria deixar de fazer aquele gesto tolo e supersticioso, como se nesse dia de vento forte precisasse desesperadamente de sorte.

— Vamos almoçar na Bluebird?—ela pergunta.

— E ver mais dessa gente idiota da cidade? Acho que meu estômago não agüenta.

Entram na picape e Hollis a puxa para ele, encosta o rosto no dela e murmura por que quer estar sozinho com ela, quer levá-la para a cama e mostrar o quanto a ama, mas March está inquieta com o comportamento estranho de Hollis nos últimos dias. Hollis então começa a falar de Bud Horace, dizendo que seria melhor ele manter o pau dentro das calças. Será que Hollis sempre falou assim? Sinceramente, March não lembra. Ele sempre

ficava zangado tão depressa?

São todos patéticos, Hollis está dizendo, com essa idiota coleta de fundos e aquela falsa alegria. Ele podia comprar e vender todos eles, podia fazer isso em segundos, podia deixar todos de joelhos, implorando, sem exceção, todos os membros do conselho da cidade e os comerciantes, se acenasse com um cheque substancial. E quando vão deixar de olhar para ele, de olhar para March? Onde aquele filho-da-puta do Bud Horace pensa que vai com o paletó esporte e seu maldito sorriso?

— Acredite em mim—March diz, quando param no sinal. — Eu nem sei como é Bud Horace. Por que ia saber? Só me interesso por você.

Ela o beija, longa e intensamente, mas com a estranha sensação de estar de certo modo fingindo. Pior ainda—a certeza de que o melhor é mesmo fingir. Ele sempre foi ciumento, March sabe disso. Ela também. Se Hollis não quer que outros homens olhem para ela, e daí? E porque ele a ama, nada mais. É porque se importa com ela.

Precisa deixar de pensar tanto nos se e por que e mais no aqui e agora. Precisa viver um

dia de cada vez. Desde que estão morando juntos, quase não saem, ou pelo menos, March não sai. Ela instalou uma sala de trabalho no terceiro andar, no antigo quarto de hóspedes, e começou a trabalhar nos presentes de Natal. Lindos pingentes de prata, um para Susie e outro para Gwen, pequenas coisas luminosas em cordões de prata, com a forma de crescente. March trabalha quando Hollis sai de manhã para percorrer suas propriedades e à noite, quando vai a reuniões. Ela só percebe quanto tempo passa sozinha quando acaba seu estoque de prata e tem de pedir a Hollis para comprar mais, na sua próxima viagem a Boston.

Mas a primeira viagem de Hollis a Boston é num domingo e todas as lojas estão fechadas, portanto March não terá sua prata afinal. E uma reunião de emergência com o advogado dele, algo a ver com um furacão e seus prováveis efeitos em sua propriedade na Flórida. Na manhã da viagem a Boston, March ainda está na cama e Hollis no chuveiro, quando o telefone toca. É cedo ainda e March fica ansiosa—tem medo de que seja o advogado de Hollis com más notícias,

obrigando-o a se ausentar por mais tempo. Ou pior ainda, talvez Richard tenha finalmente resolvido telefonar para lá.

Mas é apenas Ken Helm avisando que o grande castanheiro da colina está com pulgão.

— Acho que podemos salvá-lo—Ken diz.

Enquanto falam, March ouve as vozes da mulher e dos filhos de Ken. Ken talvez não tenha no banco o suficiente para pagar a hipoteca da casa, nesse mês, no entanto, ali está ele, preocupado com um castanheiro, em uma manhã de domingo.

March deita de bruços. Está quente debaixo da colcha de cetim. Ela está só de calcinha e não quer sair da cama, especialmente não para ver uma árvore, mas Ken parece de fato preocupado ao descrever os efeitos do pulgão.

— Tudo bem—ela concorda, afinal.— Encontro com você lá às dez. Assim que Hollis sair.

Quando ela estende o braço para desligar o telefone na mesa-de-cabeceira, Hollis está ao lado da cama, com a toalha presa na cintura e o cabelo molhado grudado na cabeça. A expressão nos olhos dele a faz se sentir

culpada, do que ela não sabe.

— Ei.—March sorri.—Volte para a cama.

Hollis se aproxima sem uma palavra, com incrível rapidez, ou talvez seja só impressão dela, mas antes que March saiba o que está acontecendo, ele joga o acolchoado para longe, segura March pelos pulsos e a faz ficar de pé.

— Quem era no telefone?—É o que ela pensa que ele está gritando.

— Espere um pouco—March diz.

Ele a está machucando. Um pouco mais de força e vai quebrar seus pulsos.

— Hollis!—ela exclama.

— Quem era no telefone?—Ele a empurra para a penteadeira e a atira de encontro ao espelho. March sente o vidro gelado na pele nua.—Com quem você ia se encontrar?

— Era Ken.

— Não brinque comigo, March.—A voz dele é completamente vazia.

—Não estou brincando.—Seu coração bate acelerado, como se estivesse com medo dele.

— Falo sério.

— Eu também. Era Ken no telefone.— Graças a Deus, era apenas Ken, ela pensa. A única coisa em que consegue pensar.—Aquela

velha árvore em Fox Hill está morrendo e ele quer se encontrar comigo para autorizar o trabalho.

Hollis aproxima o rosto do dela. Talvez não acredite ainda.

— Aquela propriedade não é sua. Por que ele ia pedir sua permissão?

— Provavelmente achou que era trivial demais para incomodar você.—March percebe que está procurando agradar Hollis. E isso que ela está fazendo e, ao que parece, muito bem. Quem diria? March não apenas era uma boa mentirosa, como também está acima da média na arte da lisonja. Hollis já está diminuindo a pressão nos seus pulsos e não a empurra mais contra o espelho. March não quer pensar no modo como o vidro costuma quebrar, em pedaços desiguais e cortantes, de uma forma que nunca se sabe quem vai sair machucado. —É uma árvore idiota. Nada mais. Ele acha que você não se interessa por essas coisas.

Hollis continua a olhar para ela, mas o perigo aparentemente passou. Talvez nunca tenha havido perigo, March pensa.

Provavelmente nunca houve. Hollis leva os pulsos dela à boca, beija um, depois o outro,

bem no lugar mais delicado, onde as veias se cruzam.

— Pensei que você tivesse ficado louco— March diz, aliviada.

As pernas dela estão tremendo. Provavelmente tremeram o tempo todo, mas ela só percebe quando ele a empurra para a beirada da penteadeira. Era ali que Annabeth Cooper sentava para se maquiar. Ela tinha três escovas de cabelo, todas de tartaruga, todas importadas da França.

Hollis puxa March para mais perto, para tirar a calcinha dela e fazer sexo ali mesmo, sem dizer uma palavra, sem perguntar se ela quer.

— Escute—ele diz, quanto termina.— Mande Ken Helm fazer o que ele quiser. Não me importo de pagar para salvar aquela árvore.

Quando Hollis sai, March fica na janela do quarto. Ele não a espancou, é tudo que sabe. Hollis não faria isso. Hollis entrou na picape e foi embora. Ela sabe o que dizem sobre Belinda, mas não se importa. Hollis nunca amou Belinda e ela foi uma tola de se casar com ele. É isso que ninguém nunca

compreendeu, inclusive Susie. Ele é diferente com March e, afinal, Hollis não pretendia machucá-la. Ele jamais faria isso.

Ela vai pensar em Fox Hill, é isso que vai fazer. Vai pensar nas noites em que ela e Hollis sentavam ali fora, procurando privacidade e estrelas. De quem é a árvore, March se pergunta agora, aquele castanheiro tão velho que não existe outro igual em todo o país? Pertence ao homem que é dono da terra em que ele está, ou à mulher que olhou para seus galhos todos os dias, durante três anos, ou à pessoa que pode salvá-lo da praga? Pertence aos pombos que voltam todos os anos para fazer seus ninhos, ou ao céu lá em cima, ou à terra onde estão suas raízes?

March toma um longo banho de chuveiro, esperando se livrar daquelas marcas azuladas que Hollis deixou na sua pele quando a segurou e apertou demais seus pulsos. Olha no espelho e nota os fios brancos no cabelo. Precisa ir à cidade, ao Bon Bon para uma tintura, ou comprar a tinta na farmácia, mas não está com vontade. Prende o cabelo com um elástico e veste uma velha camiseta térmica de Hollis e jeans, e depois calça as

botas. O que acontecerá com aqueles pombos tolos se a árvore tiver de ser abatida? Eles deviam ter sido espantados dali em outubro. March devia ter sacudido a vassoura, até todos serem obrigados a fugir daquele lugar mal escolhido.

March faz chá e torrada com manteiga, mas não está com fome. O modo como Hollis torceu seus pulsos foi doloroso, e o modo como fez amor também, mas ela não vai pensar nisso. Afinal, nada aconteceu. Não realmente. E só que, em algumas manhãs, você tem vontade de comer e em outras não. Quando Hank desce, ainda sonolento e ainda constrangido na presença de March, ela sugere que ele tome o chá e coma a torrada. Enquanto lava a pouca louça na pia, March olha pela janela e vê Gwen, num pasto perto da casa, exercitando o velho cavalo de corrida. Aquela distância, eles parecem tão pequenos, cavalo e menina, como brinquedos de lata.

— Você está legal?—Hank pergunta quando leva a xícara e o prato para a pia. Hank insiste em lavar a louça que usou.

— Eu tenho de ir a Fox Hill me encontrar com Ken Helm e acho que não estou com

vontade.

Hank se oferece para levá-la de carro. Há muito tempo ele tem licença para dirigir, explica, e nunca dirige porque Hollis não permite que ele use a picape. Hank está economizando para comprar um carro, mas certamente nunca será nem a metade tão bom quanto o Toyota amassado de March. Antes de sair, March joga as chaves para Hank e apanha duas cartas que vai deixar para o carteiro levar, quando fizer a entrega da correspondência. Uma é endereçada a uma joalheria na rua Newbury e a outra, a uma loja de artesanato em Cambridge. March mandou fotos das suas pulseiras para as duas lojas e ninguém respondeu, por isso vai tentar mais uma vez, sugerindo que ela pode mandar algumas peças em consignação. No momento, March está sem um tostão. Se quiser comprar tinta para o cabelo, terá de pôr na conta de Hollis na farmácia. Na semana anterior teve de pedir dez dólares a Hollis, o que ela costumava dar para Gwen, por semana, para comprar o lanche na escola. Hollis tem sido mais do que generoso, mas ela detesta sentir-se como uma pessoa incapaz de se manter.

— Quer deixar estas cartas na caixa de correspondência para mim?—Ela pede para Hank.—Vou avisar Gwen que vamos sair.

— Hank vai até a caixa e March para o pasto, acenando para Gwen.

— Precisamos ir a Fox Hill para ver uma árvore doente—ela diz.

Gwen levanta a cabeça e pisca os olhos. Ela vê Hank, indo da caixa de correspondência para o Toyota.

— Nós?—Gwen está tão acostumada ao alheamento recente da mãe, ao fato de ela só se interessar por Hollis, que apenas balança a cabeça afirmativamente.

— Voltaremos num minuto.

Hank ligou o Toyota e agora o aproxima da casa para apanhar March.

— Ela entrou em parafuso—March diz, rindo, ao entrar no carro.—Você e eu juntos.—March nota que Hank é muito alto para o Toyota e tem de ficar curvado no banco. Ele parece tão sério e tão jovem, March pensa, comovida. Hank é tímido, fala pouco e não está acostumado a dirigir. Quando ele menos espera, tem de desviar para não atropelar um coelho e quase batem num muro de pedra.

— Desculpe—Hank diz.

— Tudo bem—March garante. Ele se parece demais com Alan, se Alan tivesse um bom temperamento.—Esses coelhos pensam que são donos de tudo.

Hank faz que sim com a cabeça. Sente-se pouco à vontade com March e é com alívio que vê Ken Helm à espera, quando chegam a Fox Hill. Aqueles bosques antigamente eram cheios de castanheiros, mas em quarenta anos a espécie foi praticamente destruída e agora parece que o último terá o mesmo destino.

— Medidas drásticas—Ken diz soturnamente quando os três param ao lado da árvore.—E do que precisamos.

Ele vai cortar todos os galhos, na esperança de salvar o tronco, embora duvide que possa ser salvo. March diz que pode fazer o que for preciso, mas está ainda preocupada com os pombos que os observam lá de cima, dos seus ninhos.

— Ele vão ter de se mudar—Ken diz para March, quando vai apanhar a serra e a escada na picape.

— Quero ter certeza de que não vai acontecer nada com eles — March recomenda

em voz alta.

— Vou fazer o melhor possível—Ken responde.—Não posso fazer mais.

Hank está encostado numa pequena árvore de bordo, olhando para a casa vazia. Quase não lembra de quando morou nela, a não ser do dia do incêndio. Lembra mais do que muita gente pode pensar. Por exemplo, que o fogo parecia líquido, tão bonito que ele tentou estender o braço e tocar as chamas, mas a mãe não deixou. Ela disse que não devia.

— Vamos entrar e ver como está a casa— March sugere.

— Acho melhor não—Hank diz.

— Ora, deixe disso. Vamos dar uma espiada.

March vai na frente e Hank a acompanha quase automaticamente. A casa não está desabitada há muito tempo, mas os canos foram removidos e está muito frio lá dentro. A não ser pelos poucos móveis grandes—a mesa de jantar, o sofá—está vazia. Ouvem os ecos dos próprios passos, como se o passado voltasse para eles. Hank entra na cozinha. Ele sabe exatamente o que está procurando. A direita do batente, onde o papel de parede está

muito usado, ele vê a madeira chamuscada. Havia visto isso em uma das vezes que visitou a Sra. Dale e sempre pensava em ir lá outra vez, como para apresentar seus respeitos.

— Eu espero lá fora—ele diz para March.

— Foi uma idéia idiota a minha—March diz, quando volta para a varanda.—Deve ser desagradável para você vir aqui.

Certamente pensa na sua mãe.

— Tudo bem.—Hank sentia um aperto na garganta e tossiu. — Mas se você não se importa, eu acho que vou ficar aqui um pouco e ajudar o Sr. Helm.

— Claro—March diz e bate de leve no ombro dele.

Hank sente que March tem pena dele. Bem, a piedade não significa coisa alguma, foi isso que ele aprendeu. O que você faz é que conta, Hollis sempre diz e ele tem experiência.

Hollis está certo. Hank lembra perfeitamente do dia em que Hollis foi buscá-lo no pântano. Fazia tanto frio que Hank tinha gelo no cabelo. Seu pai estava dormindo, embriagado, e o fogão de lenha apagado, só com brasas. Ele lembra da luz entrando na sala quando Hollis abriu a porta. O pai de Hank

estava deitado no chão e Hollis rolou o corpo dele com o pé, depois se inclinou para olhar o rosto de Alan. Hank não tinha nem cinco anos ainda, mas já sabia que não adiantava se queixar, a fome e o frio eram fatos da sua vida, por isso não disse uma palavra. Mas lembra ainda da expressão nos olhos de Hollis, a absoluta segurança. Como pareceu curioso para Hank um homem com convicções, uma coisa rara.

— Pegue o que quiser levar com você— Hollis tinha dito. — Depressa.

Por causa do tom da voz, por causa do modo como ele estava ali parado—tão alto, tão completamente confiante—,Hank nem pensou em questionar a ordem. Apanhou o urso de pelúcia, presente de Natal das senhoras da biblioteca, sua suéter de lã e não olhou para trás quando Hollis fechou a porta. Mas agora, pela primeira vez, Hank está questionando. O problema é o que Hollis o mandou fazer.

Ele deve vigiar March. Se ela for a algum lugar, ele deve ir atrás, como hoje. Se ele a vir deixando cartas para o carteiro levar, ele deve apanhar as cartas e entregar para Hollis.

Quando ele tocou no assunto da

privacidade de March, Hollis deu uma risada.

— Acredita mesmo que exista isso que chamam de privacidade?—Hollis perguntou. —É só uma bobagem que eles inventam para manter as pessoas na linha. Se você ama alguém, você faz o que deve fazer. Não pensa no que os outros possam dizer.

Muito bem, Hank fez o que Hollis mandou. Está com as cartas de March no bolso da jaqueta, desde que ela foi se despedir de Gwen. Ele fez o que o mandaram fazer e quando entregar as cartas para Hollis vai receber uma pancadinha nas costas. Geralmente isso é o bastante para Hank. Mas dessa vez é diferente. O que Hank fez foi roubo.

Roubar as cartas de March foi errado, é assim que ele vê a coisa. E o pior de tudo é que, se começar a questionar os motivos de Hollis nesse assunto, então tem outras perguntas a respeito de Belinda.

— Ela está me deixando louco—Hollis explicava sempre que ele e Belinda brigavam. —Algumas pessoas precisam de uma boa lição —ele dizia para Hank.—Você vai entender quando for mais velho, quando tiver de aceitar

alguma coisa que jamais desejou, por exemplo.

Agora, quando Hank pensa na aparência de Belinda depois de uma briga, ele sente náuseas. Ele pensa nos sons que ouvia e que ele achava que fosse um sonho, logo que foi morar com eles. Francamente, Hank não gosta das conclusões a que chegou.

March se despede de Ken, de longe, e deixa Hank para ajudar. Ken precisa cortar os galhos e amontoar os pedaços na parte de trás da picape, um trabalho que Hank faz com satisfação, porque é suficientemente pesado e ajuda a não pensar.

— Bom trabalho, garoto—Ken Helm diz quando terminam a tarefa do dia. Ken vai voltar na manhã seguinte para acabar o que faltou.—Acho que devo dar a você uma parte do que vou cobrar de Hollis. Talvez eu cobre dele o dobro.

Hank ri.

— Tudo bem.—E fica agradecido quando Ken dá a ele vinte dólares. Quando toda a madeira está na picape, os dois protegem os olhos contra a luz e olham para cima.

— Não guardem tesouros na terra, mas no céu, onde nem a traça nem os parasitas da

madeira os podem destruir e os ladrões não podem entrar e roubar. Pois onde estiver seu tesouro, seu coração estará também.

— Isso me parece um bom conselho— Hank diz.

— Claro que é.—Ken balança a cabeça afirmativamente. — Mateus, 6,19. Eu não disse para March, mas temos de desmanchar aquele ninho.

— Foi o que pensei.

— Algumas pessoas não gostam de ouvir a verdade.

E, Hank pensa, vendo a picape se afastar, algumas pessoas não gostam de dizer a verdade. Hank, por exemplo, não falou a ninguém sobre o velho que o estava seguindo. A princípio, ele nem notou, mas há uma ou duas semanas começou a sentir que estava sendo vigiado. Ouviu ruídos quando levou o velho Geronimo e o pônei de Coop para o pasto. Um galho partido. Uma respiração. Hank começou a olhar constantemente para trás, mesmo quando ele e Gwen voltavam da escola na High Road deserta. Recentemente, ele começou a ver sinais do velho. Uma pegada no campo gelado. Um fio de tecido

preso num espinheiro.

Hank tentou acostumar seus olhos a ver além do que estava vendo. Um carvalho retorcido tinha mãos. Uma pilha de feno estava com botas de couro. Então, um dia, Hank olhou para trás, na estrada, e lá estava o velho, magro como um espeto, pálido como o inverno, com barba suja e maltratada e roupas grandes demais para ele. Hank sentiu o pânico apertar sua garganta. Pensou em agarrar o velho ou fugir, mas não fez nada disso. Continuou a andar e não demorou a descobrir que o velho era seu pai. Teve certeza disso porque o homem não entrou nas terras de Hollis, mas desapareceu no pântano, silenciosamente.

De que adiantava ter um pai agora? Hank é quase um homem adulto e conseguiu viver até agora sem ele. Ficaria embaraçado se fosse agora reclamado por um bêbado patético, que nem sabe quando os sapatos estão nos pés errados. Não faz sentido, não agora. Foi Hollis quem o criou.

E a Hollis que ele deve lealdade. Mesmo assim não pode evitar de pensar no pai, no modo como ele examina a garrafa de gim

antes de beber, como se houvesse uma promessa dentro dela. O problema é que não há promessas, nem na bebida, nem na vida, nem agora nem nunca.

A porta da casa vazia está batendo com o vento. March deve ter esquecido de trancar. Hank se aproxima para verificar, quando vê o velho. Ele não desiste. Está em toda a parte.

— O que você quer?—Hank grita.

O Covarde está com um casaco preto pesado, dado por Louise Justice quando o Juiz se cansou dele.

— Pare de me seguir.—Furioso, Hank sente o sangue subir ao rosto. Ele não deve coisa alguma a esse homem, nem mesmo cortesia.

O Covarde é alto, como Hank, mas pesa apenas uns sessenta quilos. Ele quer dizer alguma coisa, mas ao contrário fica parado em silêncio, com as mãos nos bolsos.

— Eu quero que você pare com isso.— Hank está suando. É loucura, o fato de estar sozinho com o pai, não que ele o considere seu pai, o deixa nervoso.—Está bem? Você compreende o que estou dizendo?

Hank gostaria de ser mais agressivo, mas

não é da sua natureza. Se quisesse, podia derrubar aquele velho só com a força da sua respiração. Podia parti-lo ao meio.

— Você compreende?—Hank pergunta, e sente um calor atrás dos olhos, como se fosse chorar.

O Covarde acha o filho tão bonito que parece impossível que sejam da mesma espécie. Mas são, são da mesma carne, do mesmo sangue. O que ele daria para abraçar esse menino, ser pai dele por um minuto ou um dia. Mas estão num impasse, sem ter para onde ir. Essa é a parte mais difícil do perdão. Você tem de pedir para receber. Isso o Covarde não pode fazer. Pode ficar ali parado, naquele frio dia de novembro, mas não pode pedir o que precisa. Assim, é seu destino esperar em silêncio por outro dia, mais uma vez derrotado pelo próprio medo.

Quando Hank termina de trancar a porta, o Covarde desapareceu no bosque. Desde o momento em que Hollis o foi buscar no pântano, Hank jamais olhou para trás. Mas está olhando agora, e o que ele vê é que o homem deitado no chão, por cima do qual eles passaram quando saíram da choupana, estava

consumido pela dor, doente por causa do álcool. E agora Hank sente pena do pai. Não pode evitar.

Quase deseja não o ter rejeitado daquele modo. Sabe que para Hollis isso é um sinal de fraqueza. Piedade é para as mulheres, para os bebês e para os tolos. Seu pai teve o que merecia, é o que Hollis diria.

Ninguém tem o que merece, Hank está pensando agora. As coisas acontecem e, às vezes, tudo sai errado. Uma vida inteira pode se tornar um beco sem saída. Hank pensa nisso por um longo tempo e no fim já não está tão certo de que Hollis tenha todas as respostas certas. Antes de ir embora, Hank vai ao galpão do jardim apanhar a escada que ele usava para limpar as calhas para a Sra. Dale. Ele a encosta no castanheiro e sobe com cuidado. No dia seguinte, Ken Helm vai terminar o trabalho, cortando quase todos os galhos, na esperança de que, eliminada a praga, novos brotos apareçam na primavera.

Desde que se conhece por gente, Hank faz o que lhe man-dam, um bom menino, dedicado como um cão, agradecendo as migalhas que recebe. Um fato dito por Hollis

era um fato real, não fazia nenhuma pergunta, nenhuma precisava ser feita. Agora, fica imaginando se não se enganou e se o julgamento não é uma coisa tão simples. Se ele é um bom menino, por que roubou as cartas de March? Por que, no dia em que Hollis foi buscá-lo no pântano, ele não ajoelhou ao lado do pai e se despediu com um beijo, o mínimo que um filho podia fazer?

À medida que sobe a escada, Hank sente-se cada vez mais hesitante em relação às coisas em que acredita, mas uma coisa ele sabe— todo mundo merece pelo menos isto: ar fresco, céu claro, a vista da terra do alto de uma velha árvore. Suas mãos tremem quando ele retira o ninho e desce a escada cautelosamente. Deixa o ninho no chão e leva a escada para uma alta macieira silvestre que ele ajudou a Sra. Dale a plantar há muitos anos. Era uma das suas favoritas, que florescia antes da primavera, com flores brancas enormes. Hank volta, apanha o ninho, sobe na escada e o põe num dos galhos da macieira. Desce e bate as mãos para limpar a terra. Talvez não seja muita coisa, mas pelo menos está feito. March não precisa se preocupar com os pombos, e na

opinião de Hank, era melhor ela começar a se preocupar consigo mesma.

DEZOITO

HOLLIS COMEÇOU A SONHAR COM O CAVALO outra vez, aquele sonho horrível que sempre o acorda no meio da noite, com falta de ar, suando e pronto para fugir. Ele acha que não se pode realmente assassinar um cavalo, isso é uma coisa que os seres humanos fazem uns aos outros. Você mata um cavalo, como mata uma vaca ou uma ovelha, mas, de certo modo, não é a mesma coisa. E mais feio. Dá pesadelos, ano após ano e talvez pelo resto da sua vida.

Se você vai fazer isso, Hollis sabe, faça rapidamente e no escuro. Faça um plano cuidadoso e procure verificar os horários de trabalho dos cavalariços e dos treinadores. Tenha o cuidado de receber a metade adiantada e que seja muito dinheiro. Afinal, o dono de um cavalo de corrida morto recebe

um bom dinheiro da companhia de seguros. Por isso ele está pagando tão bem a você. Tudo que você precisa entender é um fato simples e irrevogável: só porque você vai embora depois de ser pago, não quer dizer que não vai sonhar com aquilo, quando você não está mais tão faminto nem é tão jovem.

O problema de matar um cavalo é que os gritos são piores do que qualquer som que possa ser feito por um homem. Use tampões nos ouvidos, trabalhe depressa, trate de terminar e estar do outro lado da cerca antes que eles percebam a própria dor. E muito dinheiro para um homem sem instrução, sem treinamento e sem coração. É uma pequena fortuna, se você puder suportar os gritos quando amassar os ossos da canela dele e dos joelhos com um martelo ou uma chave inglesa. Quando você começar a ter pesadelos, volte e peça mais dinheiro aos proprietários. Não considere isso uma chantagem, mas simplesmente um pagamento extra por um trabalho bem-feito. Afinal, o cavalo não estava correndo bem e é isso que um cavalo de corrida deve fazer. Depois, trate de investir seu dinheiro inteligentemente, em terras,

condomínios e na Bolsa e faça isso antes de ser machucado porque sempre há algum cavalo que vai lutar pela vida.

É com esse que ele sonha, o último, em Miami, um trabalho tão malfeito que o proprietário não recebeu o seguro, embora o animal fosse um vencedor em Preakness e estivesse segurado em dois milhões. Os cavalos têm sangue mais quente do que os seres humanos, é o que Hollis acredita, e quando terminou o trabalho estava coberto de sangue. Teve de ficar horas no chuveiro, mas nem a água fria foi suficiente. Aquele cavalo, um puro-sangue branco, recusou-se a ser vencido. Hollis tinha sangue debaixo das unhas e nas botas. Duas semanas depois, já de volta a Massachusetts, ele estava escovando os dentes no banheiro dos quartos alugados em cima do Café Lyon e encontrou sangue de cavalo na dobra da orelha. Uma simples linha vermelha que não podia ligá-lo a qualquer crime e podia ser facilmente retirada com uma toalha molhada. No entanto, a marca parecia uma maldição. Hollis ainda não gosta de se olhar no espelho, com medo de ver sangue, e até hoje detesta o vermelho.

Aquele cavalo continua a perseguir Hollis quando ele está dormindo. Ele corre em pastos vermelhos como sangue, corre através da culpa e da dor. Se você matar alguma coisa, ela lhe pertencerá para sempre. À noite, você estará à mercê da sua vítima, mas isso é temporário. Afinal, sonhos não significam coisa alguma—Hollis sabe disso. Não podem alcançá-lo na rua, só podem atormentar um homem com uma consciência, um tolo que permita ser atormentado.

Agora que o sonho voltou, Hollis muitas vezes levanta da cama no escuro. Deixa March dormindo e vai se sentar na sala do Sr. Cooper, na poltrona de couro, onde o Sr. Cooper gostava de descansar e fumar seus charutos. Ele vê a luz aparecer no céu, acima da fazenda. O sangue compra coisas, sempre foi assim. Seu sonho era estar no topo de Fox Hill e ser dono de tudo que pudesse avistar e agora ele o tornou tão real que se alguém invadir suas terras, vai para a cadeia.

Tudo seu. A extensão dos bosques. As casas, as cercas, até essa cadeira onde o Sr. Cooper gostava de ler o jornal de domingo, sem saber que, no lado de fora da janela, um

garoto o observava, um menino que não tinha nada, nem a roupa que usava, paga pela bondade do coração de Henry Murray.

"Tudo que você tem me pertence", Alan Murray disse para Hollis, quando voltou do enterro do pai.

Muito bem, ele está "arrumado", não está? Sentado no escuro, Hollis pensa no seu dinheiro. Pensa na mulher dormindo na sua cama. Por que continua a se sentir tão pobre? Por que espera que March a qualquer momento saia e feche a porta? Preocupa-se com Richard Cooper, que não está cedendo com facilidade e que começou a telefonar.

Hollis desliga cada vez que ele telefona, porém, mais cedo ou mais tarde, March vai atender e isso não convém. Vai tratar disso, como tratou da correspondência, por isso March não recebeu nenhuma resposta das lojas para as quais ela quer vender seu trabalho. Uma mulher com dinheiro pode ir embora quando menos se espera, ela pode sair de casa a qualquer hora.

Quando todos dormiam ainda, antes de Hank descer para dar comida aos cães, muito antes de Gwen escrever uma carta para o pai e

March começar a fazer o bolo de café para o jantar do dia de Ação de Graças na casa do Juiz, Hollis desligou os fios do telefone.

— Deve ter caído algum fio—ele diz, quando March tenta telefonar para Susie para perguntar se precisa levar mais alguma coisa para o jantar.

— Tem certeza de que não quer ir conosco? —March pergunta.

— Jantar com aqueles velhos idiotas?— Hollis diz, com um largo sorriso.—Acho que não. Prefiro comida congelada.

Hollis insistiu com March para levar Gwen e Hank. Desse modo terá tempo de revistar a mala dela e as gavetas da cômoda, para ver se March não recebeu nenhuma carta de Richard antes de ele começar a esconder sua correspondência.

— Quero que você se divirta—Hollis diz para March.—Que tenha prazer. Leve Hank, ele pode comer tudo que os Justice possuem e mais ainda, para variar.

— Lembre-se—March diz, quando estão prontos para sair—,pode mudar de idéia e ainda aparecer para a sobremesa.

— Vou pensar—Hollis responde, mas na

verdade prefere uma camisa-de-força a sentar-se à mesa com os Justice.

— Hollis não vai?—Hank pergunta quando March entra no carro.

Hank está no banco de trás e March passa para ele o bolo de café.

— Ele detesta a sociedade educada. Você sabe disso.

— Bem, tenho certeza de que a sociedade retribui na mesma moeda—Gwen diz. Ela está no banco da frente, com Sister no colo.

— Vai levar Sister?—March pergunta.

— Não vou deixá-la aqui.

Hank vira para trás e olha para a casa.

— Talvez seja melhor eu ficar.

— Oh, não, nada disso—Gwen diz.—Não tenha pena dele.

— Não é isso—Hank diz.

Gwen sorri. Sabe que é exatamente isso.

— É um feriado, nada mais—Hank diz.

— Tudo bem, e você vai conosco—March diz.—Hollis quer que você vá. Uma das razões de Louise ter feito um peru de doze quilos é porque estou levando dois adolescentes.

Quando chegam à casa dos Justice, Gwen e Hank levam Sister para dar uma volta, porque

March quer que ela fique no carro. Na verdade, é um prazer para os dois andar juntos no ar enfumaçado e dominado pelo cheiro de castanha assada, madeira queimada e canela que sai das janelas da confeitaria, onde estão fazendo hora extra para atender as encomendas do feriado.

— Eu gostaria que você não se preocupasse tanto com Hollis—Gwen diz, enquanto passam na frente dos gramados e das cercas. Deixam Sister correr na frente, no meio das últimas folhas caídas, as que não foram levadas pelo vento ou transformadas em pó.— Ele ainda não me deu os documentos de propriedade de Tarot.

— Vai dar—Hank diz.—Ele cumpre o que promete.

— Sim, tudo bem. Aposto que sim.

— E verdade—Hank garante.—Você vai ver.

Hank e Gwen demoraram mais do que pretendiam, mas a casa dos Justice está cheia de gente, mesmo sem a presença deles. O Sr. e a Sra. Henderson, os Laughton, Harriet e Larry—todos tão amáveis e educados que Hollis teria ficado ma-luco. A filha dos

Henderson, Miranda, também compareceu, livre como um passarinho, depois do divórcio na última primavera. Ed Milton, é claro, foi convidado, com a filha de doze anos, Lindsay, bem como Janet Travis, a nova advogada da cidade e seu marido Mitch, professor de estudos sociais do ensino médio.

— Onde você estava hoje de manhã?— Susie pergunta, depois de abraçar March e tirar o bolo das mãos dela. Susie se pergunta se March sabe que os fios brancos do seu cabelo aumentaram. March parece mais velha com o cabelo assim, grisalho, e está abatida.— Tentei telefonar a manhã toda.

Queria pedir para você trazer egg-nog.— Susie levanta o papel de alumínio, olha o bolo e faz:—Ummm.

— Eu estava em casa.—March pendura o casaco e as duas vão para a cozinha.—Fazendo o bolo.

— Pois eu telefonei e telefonei e ninguém atendeu.—Susie serve dois copos de vinho tinto.—Dá para acreditar a velharia que está lá dentro?

— Ed Milton não é velho.—March experimenta o assado de batata-doce que está

esfriando no balcão da cozinha.—Ele é um gato.

— Não fique toda assanhada—Susie diz.—Não é nada sério.

Louise Justice entra na cozinha e ouve o fim da conversa.

— E o que Susie sempre diz. Quem não a conhece certamente pensa que ela é uma mulher frívola.

— Pois temos um problema—Susie diz.—A filha dele me odeia. Se ela continuar a ser tão agressiva, vou responder na mesma moeda.

— Ela tem doze anos—Louise diz.—Mais seis anos e vai embora para a universidade, e você só a verá nos feriados de Natal, se tiver sorte. E por enquanto, ela mora com a mãe em Nova York. No último verão elas mudaram para Roslyn, em Long Island e Lindsay está gostando da sétima série mais do que imaginava.

Susie e March olharam atônitas para Louise.

— Eu não bisbilhotei—Louise jura.—Lindsay deu toda a informação voluntariamente. Como daria a você—ela diz para Susie—,se você desse uma oportunidade.

Louise põe as duas para trabalhar. March deve passar a sopa de milho da panela para a terrina. Susie deve tirar o recheio do peru, que está esfriando.

— Acho que Hollis resolveu mesmo não vir—Susie diz. — Surpresa, surpresa.

— Ele preferiu um jantar congelado em paz e em silêncio — March diz.

— Pelo menos deixou você vir—Susie observa.

— Você não ia querer que ele viesse, considerando o que sente por ele. O que vocês duas pensam dele.—March está olhando diretamente para Louise.

— Eu contei a ela a sua teoria—Susie confessa para a mãe. — Sobre Hollis e Belinda. Desculpe.

— Estou feliz por ter contado—Louise diz.

— Está mesmo?—Susie diz, surpresa e aliviada.

— Sim, estou, embora saiba que March vai fazer sua escolha, independentemente do que nós dissermos. Não vai, minha querida?

— Tem razão—March concorda.— Portanto, eu gostaria que vocês calassem a boca, a não ser que queiram que eu mate as

duas.

— Touché—Louise diz.

Susie serve mais vinho para ela e para March e tira um Chablis da geladeira, para a mãe. Louise balança a cabeça afirmativamente e toma um pequeno gole. As vezes, nos velhos tempos, os Murray levavam Judith Dale quando eram convidados para os jantares dos Justice. Judith levava seus pratos especiais: a Betty de maçã marrom, as vagens com amêndoas, a sopa de cebola com a crosta espessa e deliciosa.

Ela trabalhava bem ao lado de Louise, na cozinha, e Louise sempre dizia ao Juiz que os Murray tinham sorte por ter Judith. Um ano antes de saber o que estava acontecendo, ela colocou Judith sentada ao lado do Juiz e, se tivesse observado com mais atenção, veria que nenhum dos dois disse uma palavra durante todo o jantar, como se a proximidade e o desejo os tivessem emudecido. Hoje ela imagina se estariam de mãos dadas sob a mesa o tempo todo.

Lembra do quanto ficou surpresa e satisfeita quando o Juiz se ofereceu para ajudar Judith a tirar a mesa, uma vez que

geralmente ele nem pensava em cooperar em qualquer trabalho doméstico.

— Você está bem, mamãe?—Susie pergunta, pondo a terrina de recheio no forno para não esfriar.

Com uma casa cheia de convidados, ali está Louise sem fazer nada, com um copo de vinho na mão.

— Perfeitamente bem—Louise diz.

Ela vai ajudar March a tirar os pratos de sopa de uma prateleira alta. Cada vez que March levanta a mão, o anel de esmeralda que era de Judith brilha, como um líquido misterioso. Louise pensa que é melhor sair do mundo de sonho e parar de ter pena de si mesma. Afinal, um anel não é uma alma ou um marido ao seu lado na cama, todas as noites. E uma pedra que só vale alguma coisa porque alguém resolveu atribuir a ela esse valor.

O Juiz entra na cozinha.

— Aí está o peru—ele diz. Seu único trabalho nesse dia é cortar o peru. Louise deixou a faca que ele prefere e o grande garfo de prata que foi da sua mãe.

Como sempre, o Juiz está de terno e

gravata e parece alto demais para a cozinha. Ele corta o peru, conversando alegremente com as mulheres que entram e saem com travessas cheias de comida. E o mesmo homem que faz isso todos os anos no dia de Ação de Graças, na cozinha de Louise, mas hoje há algo diferente. As mãos do Juiz estão trêmulas. Da janela acima da pia, ele vê o quintal.

— Ora, ora—ele diz, vendo Gwen e Hank lá fora.—Os convidados relutantes?

— Para eles os adultos não são humanos— March diz, rindo.

— Pois eu vou laçar os dois. Vou oferecer comida, que deve ser uma boa isca.

Quando ele sai, uma rajada fria entra na cozinha. O Juiz é tão alto que tem de se abaixar quando passa debaixo de uma pereira plantada por Louise no primeiro ano do seu casamento. Aquela era a casa dos pais do Juiz, até eles se mudarem para a Flórida, aposentados. Bill cresceu ali e Louise muitas vezes pensa nisso quando tem vontade de mandá-lo embora. Ela simplesmente não pode imaginar o Juiz morando em outro lugar. De qualquer modo, é tarde demais para pensar

nisso. O que está feito está feito.

— Tem certeza de que está bem?—Susie pergunta. Louise leva a mão ao rosto, como para tirar alguma coisa.

Susie e March olham para ela, preocupadas. Louise deve ter se descuidado e deixado transparecer seu sofrimento. Deve ter revelado alguma coisa sem querer.

— Algum vírus—Louise diz.—Não é nada.

As três param na porta dos fundos olhando para fora. Sister está numa pilha de folhas, mastigando um graveto, Hank e Gwen conversam em voz baixa.

— Todo mundo para dentro—elas ouvem o Juiz dizer.

Sister começa a correr para o Juiz assim que ouve sua voz e salta para os braços dele.

— Nossa, essa cachorrinha é louca pelo senhor—Hank diz. — Veja só!

Sister lambe o rosto do Juiz, ganindo baixinho.

— Pare com isso, Sister—o Juiz diz, mas parece extremamente satisfeito por apertar aquela criatura contra o peito, apesar dos pêlos no seu terno e da lama nos seus sapatos.

Na porta, Louise Justice fica muito pálida.

Evidentemente aquele animal era dos dois—dele e de Judith—e agora, a despeito do vinho gelado, Louise sente um gosto amargo na boca. Quando Susie era pequena, ela queria um cachorro, mas o Juiz sempre disse não. Muito pêlo, muita sujeira, muita desordem.

— Mamãe—Susie diz em voz baixa. Ela não compreende, é possível que sua mãe saiba do caso de Judith Dale com o Juiz?

— Acho melhor você tirar o cachorro daqui —Susie diz para March.

— Desculpe—March diz. Ela e Susie trocam um olhar preocupado.—Eu não pensei. Vou levá-la para o carro.

— Não—Louise diz.—Não faça isso.

Lá fora, o Juiz, agachado, acaricia a cabeça de Sister. Louise percebe que March e Susie estão com pena dela. Mas o que elas sabem do amor? E preciso barganhar, barganhar sempre, como se nunca se imaginou que pudesse fazer.

— Estou bem—Louise diz.—Vamos começar com a sopa de marisco antes que vire gelo.

March e Susie pensam em preto e branco, amor ou rejeição, sim ou não. Louise vê o Juiz andando para a porta da cozinha e sente a

intensidade de uma companhia de quase cinqüenta anos. Ela o conhece completamente e não o conhece. Ela fez suas escolhas, como March e Susie estão fazendo. Os jovens pensam que nunca sentirão remorso se simplesmente fizerem o que desejam, mas às vezes é uma questão de grau. Louise teria preferido não ter o Juiz à sua mesa. Teria preferido criar Susie sozinha, ou ter outro homem assistindo à televisão com ela à noite, alguém mais descontraído, alguém de cuja afeição ela pudesse ter certeza?

— Vamos servir a sopa—Louise diz para o Juiz quando ele entra.

O Juiz tem lama na perna da calça, o terno vai ter de ir para o tintureiro.

— Olhe para isso—ele diz. Quando ele tira as folhas do paletó, suas mãos tremem.

— Não é muita coisa—Louise diz, limpando as lapelas.—É um tecido miraculoso.

O Juiz ri.

— Posso sempre confiar em você para fazer milagres.

— Dificilmente—Louise diz. Ele era um jovem encantador, tão alto, tão divertido

apesar da seriedade. Ela o amou então e o ama ainda. Alguém pode ter ido embora, mas ela ficou e está ali, ao lado dele.

— O que há de errado com aquela filha de Ed Milton?—o Juiz pergunta.—Nunca vi uma menina mais tristonha.

Ele não estava realmente presente quando Susie passou por suas piores fases, exatamente nessa idade. Susie detestava a si mesma e a todo mundo, mas o Juiz estava ocupado demais para saber. Ele estava trabalhando ou em Fox Hill, e talvez Louise fosse rápida demais na solução dos detalhes e problemas do dia, antes que o carro dele aparecesse na rua.

— A pobrezinha tem doze anos e está preocupada pensando que Susie possa ser sua madrasta—Louise explica.—Tenho certeza de que tudo vai acabar bem.

Hank e Gwen entram, pedindo desculpas pelo atraso, preocupados com Sister.

— Vou deixar meu cachorro no quarto de serviço—Gwen diz para a Sra. Justice.—Se está bem para a senhora.

Então, agora o cachorro é dela. O Juiz sorriu para Gwen e Louise vê nos olhos dele

aquela expressão de quando está pensando em Judith.

— É claro que está bem—Louise está falando com Gwen, mas olhando para o Juiz. —Como quiser.

Quando finalmente deixam a casa dos Justice, é tarde e faz tanto frio que podem ver a respiração no ar. Todos comeram demais, até Sister, que ganhou um prato com peru e recheio.

É uma noite escura e bela, sonhadora e negra, com as silhuetas das árvores nuas.

— Obrigado por me levar—Hank diz, quando chegam à fazenda.—A comida estava demais.

Os cães na entrada acordam e se agitam. Hank trouxe para eles uma sacola com restos de comida.

— Eu entendo por que você gosta dele— March diz para Gwen.

Gwen está com Sister num dos braços. A companhia de toda aquela gente normal a fez compreender o quanto ela detesta morar nessa casa. Ela vê Hank acariciar aqueles cachorros horríveis, os que Belinda acolheu por pena.

— Você não entende nada—Gwen diz para

a mãe.

March fica na frente da casa e Gwen entra. March tomou vários copos de vinho e está um pouco tonta. Foi uma noite muito agradável, algo que não tinha há muito tempo.

Finalmente ela e Hank caminham juntos para a porta e só então March percebe que a picape de Hollis não está à vista.

Eles entram e olham em volta. Hollis não está.

— Se está preocupada, posso pegar seu carro e procurar Hollis—Hank oferece.

— Não—March diz.—Tenho certeza de que ele está bem.

Quando Hank sobe para o quarto, March tenta ligar para Susie, para falar sobre Ed Milton e a filha dele, mas o telefone está mudo. Talvez os fios tenham congelado. A casa está fria e lá fora a temperatura continua baixando. March prepara uma xícara de chá e vai para a sala, de onde pode ver a entrada da casa, e um pouco depois da meia-noite vê os faróis do carro de Hollis.

— Ei—Hollis diz, quando entra na sala e vê March. Com um largo sorriso, ele descalça as luvas.—Como foi?

— Ótimo—March diz. Fica aliviada quando ele sorri, como se houvesse uma resposta certa e outra errada para a pergunta e essa fosse a certa. Como Hollis parece estar de bom humor, ela ousa perguntar:—Onde você esteve?

— Eu?—Hollis senta na poltrona de frente para March. Está ainda com o frio da noite e esfrega as mãos.—Dei um passeio até o lago das Oliveiras para ver o que estão construindo e resolver se quero comprar uma parte. Depois passei pela casa dos Justice, mas a festa já tinha acabado. Acho que perdi a sobremesa.

— Que estava muito boa também.—March tem uma sensação estranha. Hollis não está olhando para ela nessa noite. Não olhou nem uma vez.—Tem certeza de que está tudo bem?

— O único problema é que está muito frio aqui—Hollis diz. — O aquecimento não está funcionando bem.

— O telefone também está mudo.

Hollis vai até a lareira e arruma alguns gravetos e duas toras de lenha. Ele se inclina para a frente com um joelho nas cinzas. Hollis sempre acha melhor não olhar para a pessoa quando está mentindo, embora o que acabou

de dizer para March não seja mentira. Ele esteve no lago das Oliveiras, apenas deixou de mencionar que foi até lá para trepar com Alison Hartwig. Não foi nada planejado. Ele tinha ido até o Red Apple comprar comida para os cães e lá estava ela, comprando egg-nog e refrigerante para os filhos e para a mãe. Hollis soube que ia trepar com ela no momento em que a viu, soube que ia ser bom trepar com uma pessoa para quem não dava a mínima.

O problema era que ele sempre esteve à mercê de March.

Seu amor por ela é uma agonia que o faz sentir-se como um pedinte, mesmo agora, e Hollis não pode permitir isso.

Deixe que outros implorem. Deixe Alison Hartwig implorar para transar com ele. Pelo menos não seria ele de joelhos.

March levanta da cadeira e fica de pé atrás de Hollis. Põe a mão no ombro dele e Hollis tem vontade de chorar. Mas não chora. Nem sabe se é capaz de chorar. Foi o que disseram quando seu filho morreu:—Olhe para ele, será que ele já chorou alguma vez? Bem, talvez não tenha canais lacrimais ou talvez não seja

humano, mas não pode chorar e, além disso, não quer.

— Senti sua falta esta noite—March diz.

Hollis ergue o braço e segura a mão que está no seu ombro, mas sem olhar para March. Mantém os olhos fixos no fogo e não ousa permitir que nada se ponha no seu caminho.

DEZENOVE

O FRIO CHEGA À NOVA INGLATERRA em lençóis de granizo e gelo.

Em dezembro, o vento se enrola nas árvores nuas e entra entre o marido e a mulher, deitados na cama. Sacode as telhas das casas e entra pelas frestas das paredes. As únicas coisas verdes que restam são as moitas de azevinho e as velhas cercas vivas de buxo, na periferia da cidade, e mesmo essas, pintadas de neve. Esquilos e doninhas fazem os ninhos nos porões e nos celeiros, as corujas se instalam nos sótãos. A noite está azul, cada vez mais azul, uma noite de safira. Durante alguns invernos, faz tanto frio que as lágrimas congelam antes de descer pelo rosto e a respiração de um pônei pode virar gelo dentro das narinas e sufocar o animal.

Nesse ano, dezembro está tão claro e tão

gelado que o próprio ar parece um sino pronto para ser tocado. Uma árvore de Natal é sempre armada na primeira sexta-feira do mês na frente da prefeitura, ao lado da estátua do Fundador. Para reforçar a festividade daqueles dias, a estátua é decorada com uma coroa de hera que só será retirada no Ano-novo. Uma semana de tempo gelado não é nada para um morador da Nova Inglaterra, mas depois da segunda semana, qualquer um pode perder a paciência. O Café Lyon sempre tem seu melhor movimento nessa época do ano. Alguns dizem que é por causa da cidra, servida só em dezembro, mas os mais velhos sabem que é porque não há nada melhor para fazer.

O que se pode fazer nessa época do ano é tomar cidra e falar da vida alheia, e no Café Lyon numa noite fria de dezembro é possível encontrar as duas coisas.

— Todos os habitantes do universo estão aqui?—Susanna Justice pergunta para a mãe, quando elas entram no Lyon, depois da reunião do comitê da biblioteca. Louise como secretária, um cargo que, para seu alívio, vai deixar no fim do ano, e Susie como repórter

que ainda tem de ir para casa e pensar em alguma coisa interessante para escrever sobre o programa de levantamento de fundos a ser publicado no The Bugie do dia seguinte.

— Peça a cidra—Louise diz, começando a procurar uma mesa, enquanto Susie vai para o balcão. Tem muita gente bebendo de verdade no Lyon e o barulho é tanto que Louise e Susie têm de sentar muito juntas, com as cabeças quase en-costadas, para poder conversar.

— Espero que você mencione Harriet Laughton no seu artigo—Louise diz.—Ela é o coração e a alma do comitê. Queria chamar March para o comitê, mas nunca consigo falar com ela.

— Eu sei, eu também não consigo.

Susie tinha telefonado e telefonado em vão. Quando Richard ligou para ela dizendo que não conseguia falar com March e há várias semanas não tinha notícias de Gwen, ela foi à fazenda Guardian e não gostou do que viu.

— O que você quer?—Hollis perguntou, quando ela desceu da picape. Susie ficou tão espantada com a hostilidade na voz dele que deu um passo para trás. Levantou a mão para proteger os olhos do sol, mas não havia nada

para ver no rosto dele. Apenas um homem comum, olhando para ela.

— Na verdade, eu quero ver March—Susie disse.—Isso é um crime ou coisa assim?

A única resposta foi o vento, passando entre eles. Uma veneziana solta batia sem parar. Susie praticamente podia ver Hollis procurando algum meio de se livrar dela, uma mentira qualquer. Engraçado, Susie pensou, eu não tinha notado o quanto ele envelheceu, não tem mais o porte de um homem jovem.

— O que você vai fazer, Hollis? Chamar a polícia e me expulsar da sua propriedade?

Antes que ele pudesse responder, March apareceu na porta.

Correu para abraçar Susie, depois insistiu em levá-la para a cozinha, para uma xícara de chá.

— Por que não me disse que Susie estava aqui?—ela perguntou para Hollis.—Você detesta companhia, esse é o problema.

March o abraçou e o beijou. Por um momento, Hollis pareceu feliz, ali nos braços dela.

— Ele só faz barulho—March disse para Susie.—Oolong. — March lembrou a marca de

chá preferido de Susie.—Certo?

— Certo.

Na cozinha, Susie notou outra vez como o cabelo de March estava grisalho. Ela deixou de tingir e o penteava simplesmente para trás, com presilhas de prata. Hollis foi atrás delas, mas depois de permitir que March censurasse com bom humor sua aversão a companhia foi para a sala.

Mas Susie tinha a impressão de que ele estava atento à conversa.

— Estou preocupada com você—Susie disse, depois que March serviu o chá. A casa estava fria e escura. March vestia uma suéter cinza pesada, que parecia ter sido de Hollis.

— Você está sempre preocupada comigo.—March riu. Explicou que teria ido ver Susie se seu Toyota não tivesse enguiçado de repente. Assim que Hollis acabasse o conserto do carro, ela iria visitá-la.—Não precisa se preocupar — insistiu.

Mas ali sentada no Lyon com a mãe, Susie continuava preocupada.

— Para ser franca, eu queria que March nunca tivesse voltado—Susie diz, tomando cidra no bar lotado.—O que ela vê em Hollis?

— Ah, o amor—Louise diz com uma surpreendente dose de amargor.

Susie olha atentamente para a mãe.

— Você não pensou que eu não sabia, pensou?—diz Louise. — Como seria possível?

— Está falando do papai?

— Nunca achei que fosse um bom assunto e ainda não acho.

Louise verifica os botões da suéter, como se algum estivesse desabotoado. Evidentemente, a simples insinuação do relacionamento do Juiz com a Sra. Dale é extremamente difícil para ela. Susie olha para a mãe com ternura.

— Pois então não vamos falar nisso—ela diz.

— Ótimo.—Louise segura a mão da filha. —Combinado.

— A não ser que algum dia você queira falar.—Susie não pode deixar de acrescentar.

— Susie—Louise censura.

— Tudo bem. Passemos ao assunto seguinte.

— Você telefonou para Richard Cooper para dizer que foi ver March?

— Telefonei. Ele está muito abalado com o que March fez, mas sua maior preocupação é o

fato de Gwen estar morando lá. Não posso dizer que o culpo por isso.

— Eu a vi no pântano—Louise diz.—A menina, Gwen.

— Fala sério?

— Eu levei alguma comida e agasalhos enviados pelo comitê da biblioteca, uma bela suéter, cem por cento lã, e deixei tudo na varanda, como sempre faço, porque Alan não gosta que batam na porta. Foi quando eu a vi.

— Dentro da casa?—Susie não podia acreditar.—Pensei que ele não falasse com ninguém.

— Bem—Louise diz—,evidentemente está falando com ela.

De fato, Gwen estava indo ao pântano quase todas as tardes.

Hank tem tanta coisa para fazer em casa, além do trabalho que consegue arrumar depois das aulas, mais a monografia de formatura, que Gwen fica muito tempo sozinha. Às vezes, ela monta em Tarot e vai até o pântano, mas geralmente só o leva pela rédea para que ele faça exercício sem precisar carregar peso. Apesar do frio, Tarot a acompanha satisfeito, ainda há algumas maçãs

murchas no chão no jardim do Covarde e a relva está alta e salgada. O

Covarde começou a contar para Gwen a história da sua família. O quanto seu avô Henry era amado. Como seus outros avós, os Cooper, segundo diziam, gostavam tanto de si mesmos que tinham de segurar a cabeça todas as manhãs, do contrário sairiam voando com a força da própria vaidade.

Contou alguns pequenos detalhes do incêndio, quando sua mulher morreu, só para sugerir um motivo para se afundar na vida que levava agora. O mais impressionante é que quando fala de si mesmo, ele usa a terceira pessoa: Alan Murray não podia entrar naquela casa. Ficou ali parado, incapaz de se mover.

— Então quem é você se não é ele?—Gwen perguntou.

— Sou outra pessoa qualquer—o Covarde respondeu, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Esse outro qualquer geralmente está tão bêbado quando Gwen o visita, que mal pode ficar de pé. Certa vez ela o encontrou tremendo de frio, no chão. Outra vez, ele

estava a poucos centímetros das brasas do fogão. Gwen sabe onde ele guarda a bebida— as garrafas ficam debaixo das tábuas do assoalho, perto da cama. Nas ocasiões em que ele não está completamente bêbado, o Covarde conta a ela como era a cidade quando ele era pequeno. O lago das Oliveiras era tão limpo que se podia tomar a água. Raposas corriam nas estradas secundárias. Garças azuis faziam o ninho no pântano.

Gwen sempre procura levar algo para o Covarde, geralmente pão e manteiga, o que ele mais gosta, mas não o censura por beber. Ela sabe o que é ter alguém implicando com a gente, como sua mãe fazia antes, e sabe que isso não resolve nada.

A casa do Covarde é fria e suja, mas Gwen tem prazer em visitálo. Ou talvez o prazer esteja em sair da fazenda Guardian. É estranho, mas o pântano parece real para ela, o que parece um sonho é a fazenda.

O telefone continua mudo, o carro da sua mãe continua enguiçado. Há séculos não recebem nenhuma correspondência. Gwen escreveu três vezes para o pai e ainda não obteve resposta. Ela quer pedir a ele uma

passagem de avião para voltar para casa no Natal. Não contou para Hank seu plano e o segredo parece ter criado um obstáculo entre os dois, não por causa dos feriados de Natal— isso não é nada mas porque se ela conseguir os documentos de propriedade de Tarot, antes do Natal, vai pedir dinheiro emprestado a Susie e mandar levá-lo para a Califórnia e não pretende usar a passagem de volta. Ela tem de sair dali, é isso que Gwen tem medo de dizer em voz alta na presença de Hank. Ela tem de sair logo.

Hoje, quando Gwen sai para ir ao pântano, o tempo está tão ruim, com gelo por toda a parte, que ela resolve não levar Tarot. Mas Sister vai atrás dela e quando chegam ao pântano está com o pêlo cheio de gelo. Mas o Covarde está completamente apagado. Na noite anterior ele fez sua jornada costumeira à loja de bebidas e abusou mais do que de costume. Gwen o cobre com um velho cobertor, ali mesmo no chão. Fica ali por algum tempo, com Sister ao seu lado, embora a casa seja fria e o Covarde esteja cheirando mal. Gwen pensa na vida que levava antes e que parece não lhe pertencer mais e isso a

ajuda a compreender o passado do Covarde. Por isso, ele fica onde está—tudo que ele era desapareceu e tentar recuperar seria o mesmo que mergulhar num poço sem fundo.

Antes de sair, Gwen apanha um pedaço de pão dos mantimentos levados por Louise Justice, amassa e deixa as migalhas para os ratos. Deixa também um bilhete na mesa: "Estive aqui. Você estava chumbado. Vejo você amanhã. Sua sobrinha que o ama, Gwen."

Já é tarde quando Gwen volta do pântano, o sol pálido e fino já está desaparecendo. Suas botas abrem um caminho na lama e no gelo para Sister. Um bando de estorninhos levanta vôo, assustado quando ela e Sister se aproximam. Ali fora, Gwen tem a impressão de ter chegado ao fim do mundo.

Cada vez que dá um passo, ouve alguma coisa quebrando — caranguejos, conchas. Na primavera ela completará dezesseis anos, uma idade que espera há uma eternidade. Por que a primavera parece tão distante, como se fosse alguma coisa que ela só pode desejar, mas nunca alcançar?

Gwen e Sister chegam em silêncio à fazenda Guardian, entram pela porta dos

fundos, mas não com a rapidez necessária. Hollis está na cozinha.

— Pensei que você tivesse dado o fora e não fosse mais voltar—ele diz.

Hollis está sempre dizendo coisas desse tipo para Gwen.

Com certeza pensa que é engraçado. Muito bem, agora que estão face a face, é melhor perguntar.

— Não tenho essa sorte—Gwen responde. Uma vez que já falou com ele, resolve dar o próximo passo.—Os papéis já chegaram?—Gwen procura ser casual, mas sabe que agiu como uma tola. Devia ter obtido os documentos de propriedade de Tarot antes de consentir em mudar para a casa dele.

— Papéis?—Hollis diz. Ele toma chá com tanto leite que o líquido é quase branco.

— Tarot? Lembra? Ele é meu.

— Certo, você não ia criar problemas para sua mãe sobre a mudança e eu ia transferir para você a propriedade de Tarot.

— Isso mesmo—Gwen respira, aliviada.

— Você acreditou nisso?—Hollis balança a cabeça como se Gwen fosse a criatura mais idiota do mundo.

Gwen o vê ir até a pia, lavar a xícara e deixar no escorredor.

— Eu quero aqueles papéis—ela diz com esforço.

— E uma pena.—Hollis está falando com uma mosca impertinente, um inseto e nada mais.—Porque não vai ter.

Gwen sente o sangue subir ao rosto. Foi enganada, essa é a verdade e foi extremamente fácil para ele fazer isso. Talvez seja o modo distante e indiferente de Hollis, como se ela não valesse nada que a faz jogar a xícara de chá. A xícara despedaça no chão, à esquerda dele. E uma Wedgewood e se parte em centenas de fragmentos.

Merda, Gwen pensa, quando ele avança para ela. Ela sente medo, detestando-se por se deixar assustar tão facilmente.

Hollis a segura pelo braço antes que ela tenha tempo de recuar. Sister começa a latir freneticamente.

— Sua putinha—Hollis diz para Gwen.

— Acho melhor me largar—Gwen diz, como se ela estivesse no controle da situação. —Falo sério.

Sister está latindo como louca, um latido

que é também um rosnado surdo. Hollis aperta com força o braço de Gwen, como se quisesse quebrar ou coisa assim. Ele quer que ela desista e talvez, se Gwen fosse mais esperta, tivesse desistido.

— Vá se foder—ela diz.

— Acho que você precisa de uma boa surra —Hollis diz. — Talvez isso resolva o problema.

Quando ele segura o pulso de Gwen, Sister que está chegando cada vez mais perto dos dois ataca a perna de Hollis.

Os dentes da pequena terrier atingem a pele, mas Hollis solta Gwen para chutar Sister, que uiva e foge correndo. Gwen corre para fora da casa sem pensar. Antes que a porta se feche atrás dela, Sister consegue fugir também.

Gwen corre até chegar a uma boa distância da casa e só então começa a chorar. Senta num muro de pedra e chora até ver que a pequena terrier a seguiu. Abaixa-se para pegar Sister e começa a andar. Continua pela High Road até a cidade. Para andar mais depressa, carrega Sister debaixo do braço. O animalzinho ainda está tremendo e solta um ganido de dor quando Gwen toca o lado do seu corpo,

atingido pela bota de Hollis. Está escuro quando chegam à cidade e a rua principal está iluminada com a luz amarela das lâmpadas.

Gwen tem menos de um dólar no bolso e o telefone público no lado de fora da cafeteria Bluebird só aceita chamadas interurbanas com um cartão.

Ela continua pela rua principal, passa pelo prédio onde ficavam os escritórios do seu avô, Henry Murray, pela biblioteca e pelo Lyon Café. Para Gwen, a rua onde moram os Justice é a mais bonita da cidade. Todas as casas são brancas e os jardins têm cercas brancas também. No escuro, as fachadas parecem iluminadas, como se a tinta fosse misturada com estrelas. Ah, o que ela daria para morar em uma daquelas casas, com pais de verdade e um quarto no segundo andar. Teria papel de parede, um closet cheio de roupas e alguém que sabia a hora que ela chegava em casa, à noite.

Gwen vai até a porta dos Justice, enche-se de coragem e bate.

— Peço desculpas por incomodar—ela diz, quando o Juiz abre a porta. Ela não sabe que seus olhos estão vermelhos de tanto chorar.—

Posso usar seu telefone?—O choque melhorou visivelmente suas maneiras.

— É a filha de March—o Juiz diz para Louise. Faz sinal para Gwen entrar e quando chegam à sala, olha atentamente para ela. Gwen põe Sister no chão e o cãozinho se esconde atrás das pernas dela.

— Saiu para andar um pouco?—o Juiz pergunta. Gwen senta no sofá e tira as botas cheias de lama.

— Desculpe a sujeira.—Sua voz fica embargada e ela vira o rosto.

— Ela quer usar o telefone—o Juiz diz para Louise.

— Fique à vontade—Louise diz e leva o Juiz para a cozinha, para dar a ela alguma privacidade.—O que aconteceu? — Louise pergunta a ele.

— Não tenho idéia.

— Tem a ver com aquele homem—Louise diz com convicção.—Espere para ver.

Infelizmente, o pai de Gwen não está em casa e ela tem de deixar uma mensagem. Gwen quer uma passagem de avião, que ele pode mandar para a casa dos Justice, por segurança.

Ela o ama, está com saudades e não tem nada mais para dizer.

— Conseguiu telefonar?—Louise Justice pergunta, quando Gwen vai até a cozinha, com as botas na mão, para não sujar a casa, com Sister atrás dela.

— Não exatamente—Gwen diz.—Se não se incomodam, talvez meu pai envie alguma correspondência para sua casa.

— Sem problema—Louise diz, imaginando o que pode ser.

Gwen senta à mesa que está posta para o jantar, com empadão de galinha feito em casa, biscoitos e couve-de-bruxelas sem manteiga. Vendo aquele jantar de verdade, Gwen fica com os olhos cheios de lágrimas. Quase não há mais comida na geladeira da fazenda Guardian. Ninguém parece se importar com o que come. Agora que o carro de March está enguiçado, Hollis tem de levá-la ao Red Apple para as compras, ou ele e Hank vão ao armazém perto de Gloucester.

— Quer jantar conosco?—Louise pergunta vendo o modo como Gwen olha para a comida.

Na verdade, ela gostaria de ficar ali. Podia

repetir duas ou três vezes a comida, depois torta de maçã como sobremesa e então subiria para o quarto de hóspedes, no segundo andar, para dormir com lençóis limpos e Sister enrodilhada ao seu lado. O problema são os seus sentimentos, como se amar al-guém fosse um castigo.

— Acho melhor eu voltar—Gwen diz.

Louise Justice pensa naquela noite de vento, há muitos anos, quando ela viu as equimoses no braço de Belinda.

— Tudo bem, mas não vai voltar a pé—Louise resolve.

— Não é tão longe assim—Gwen diz, mas o Juiz, entrando na sala, viu a expressão obstinada de Louise e tem certeza de que vai ter de esperar mais de uma hora para jantar.

— Eu levo você—resolve o Juiz. Assim, ele pode parar no cemitério, como faz duas ou três vezes por semana.

Gwen e o Juiz vão para o velho Saab, com Sister andando na frente.

— Dê um chute no pneu da frente—o Juiz diz para Gwen.

Gwen olha para ele, sorri e chuta o pneu do Saab.

— Isso ajuda o motor a pegar—o Juiz informa.

O velho carro tosse quando o Juiz pisa no acelerador, mas o motor pega com um tranco e eles entram na rodovia 22. O Juiz não gosta de fazer esse caminho, mas ultimamente não pode passar na estrada que leva a Fox Hill. Não quer ver a casa vazia, com as janelas escuras. Quando entram na esquina do diabo, o carro derrapa um pouco.

— Um trecho horrível—o Juiz diz.—É sempre melhor evitar.

Assim que chegam à fazenda e o Saab pára, Gwen segura a maçaneta da porta. Ela pretende se despedir rapidamente e sair do carro. Está pronta para ficar calada e ter cuidado, evitando Hollis o máximo possível. Mas o Juiz já está descendo do carro.

— Acho que vou entrar—ele diz.—Para cumprimentar sua mãe.

Antes que Gwen possa evitar, o Juiz se dirige para a porta num passo que muitos jovens teriam dificuldade para acompanhar.

Os cães estão latindo e Sister rosnando quando Gwen a pega no colo e corre atrás do Juiz.

— Talvez não seja uma boa idéia—ela diz.

— Hum?—O Juiz pára e olha para ela.

Gwen não pode dizer que tem medo da zanga de Hollis por causa do Juiz e que todos tenham de pagar o preço.

— O senhor não precisa ter esse trabalho.

— Não é nenhum trabalho—o Juiz diz e bate na porta.

O Juiz sabe que Gwen não quer que ele entre. Já viu isso muitas vezes no tribunal. Vezes sem conta ouviu a frase: "Não precisa ter esse trabalho", vinda dos lábios das vítimas, especialmente em casos de disputas domésticas. Quando ele presidiu o primeiro julgamento, não conhecia ainda o código que as pessoas usam, os modos pelos quais um fato pode ser distorcido sem deixar de ser verdadeiro. Ele não queria, eu não queria, nós não queríamos, mas, mesmo assim, foi feito.

Depois de tantos anos no tribunal, Bill Justice tem um detector de mentira implantado no cérebro. E o mais engraçado era que ele ainda podia chegar em casa e mentir para a mulher e se convencer de que era para o bem dela.

Hollis abre a porta e fica imóvel quando vê

o Juiz.

— A que devo o prazer?—Seu tom é razoavelmente agradável, não demonstrando o que está sentindo.—Aposto que não está vendendo biscoitos das bandeirantes.

— Pensei em trazer Gwen para casa—o Juiz diz.

Gwen entra de fininho, tentando ser invisível. Hollis a deixa passar, mas não abre mais a porta nem convida o Juiz para entrar. Se fosse outra pessoa qualquer e não Bill Justice, provavelmente ele teria batido a porta. Mas como é o Juiz Hollis sorri com ar conspiratório.

— Adolescentes—Hollis diz, examinando em vão o rosto do Juiz para ver se Gwen contou alguma coisa. Afinal, o Juiz é um jogador de pôquer, um tipo de jogo muito bom para uma pessoa da sua profissão.

— Pensei em cumprimentar March—o Juiz diz.

— Acho que ela está dormindo—Hollis tem a desfaçatez de dizer, pois não são nem sete horas ainda.

A mentira talvez fosse aceita se March, ao ouvir os cães vermelhos não tivesse olhado

pela janela e visto o carro do Juiz. Ela vestiu uma suéter e desceu descalça.

— É bom ver o senhor—ela diz para o Juiz, chegando à porta.

Eles nunca recebem ninguém e embora March tente se convencer de que não sente falta da vida social, está extremamente feliz por ver o Juiz.—Eu estava pensando em telefonar para Louise. Não tive ocasião de agradecer o jantar maravilhoso.

March está com o cabelo penteado para trás e o Juiz nota que está quase todo branco. Ela está mais magra também.

Será possível que tenha perdido tanto peso desde o dia de Ação de Graças?

— Eu só dei uma carona para Gwen—o Juiz diz para March.

— Gwen foi à cidade?—March pergunta para Hollis.—Eu não sabia.

Agora o Juiz sabe o que está errado. March parece uma sonâmbula. Acorde, ele tem vontade de dizer. Abra os olhos.

— É o que parece—Hollis diz.

— Muito bem, entre.—March ainda é bonita quando sorri. — Venha tomar chá.

Quando ela abre mais a porta, o Juiz vê a

cozinha, escura e vazia, como se ninguém morasse ali.

— Com uma cozinheira como a Sra. Justice, o Juiz sem dúvida não vai querer nosso chá— Hollis diz.—Não estou certo?

Hollis e o Juiz trocam um olhar. A não ser que esteja enganado, e ele raramente se engana nessas coisas, há uma tentativa de intimidação na voz de Hollis. Já viu isso antes, em audiências e julgamentos, e sabe exatamente o que aquele tipo de homem está tentando dizer. Não se meta comigo. Nem tente.

— Louise gostaria que vocês fossem jantar conosco—o Juiz diz para March.—Que tal na sexta-feira?

March olha para Hollis.

— Não vai dar—Hollis diz.—Sexta não é um bom dia. March passa o braço pela cintura dele.

— Acho que temos outros planos. Mas, por favor, agradeça a Louise o convite.

— Muito bem, vamos manter contato.—O Juiz inclina a ca-beça assentindo.—Vamos pensar em alguma coisa.

Hollis fica ao lado da porta até o Juiz entrar

no carro e se afastar da casa. Quando o Saab entra na rodovia 22, ele vai para o pequeno quarto azul onde Gwen estava ouvindo a conversa através das paredes finas.

— Qual é o problema?- March pergunta, acompanhando Hollis. Mas ele nem ouve. Para Hollis, ela não precisa compreender. Afinal, ele pode tomar conta da garota.

Hollis pára na porta do quarto. Gwen está na cama, enrolada num cobertor, que pouco adianta contra o frio da casa. Está tensa, como quem espera um ataque.

— Se trouxer o Juiz aqui outra vez—Hollis diz para Gwen—,vai se arrepender muito.

— Espere um pouco.—March diz, confusa.

— Deixe que eu trato disso—Hollis interrompe.—Compreende o que estou dizendo?—ele pergunta para Gwen.

Gwen está seguindo seu plano de não-resistência. Balança a cabeça, resolvida a concordar com qualquer merda que ele esteja cuspindo, dando graças a Deus pelo cobertor que o impede de ver que ela está tremendo. Grata pela presença da mãe, que parece impedir que Hollis chegue mais perto.

— Não quero o Juiz e ninguém na minha

propriedade—Hollis diz para March.—Essa menina precisa saber disso.

March conhece muito bem aquela expressão. Hollis está num dos seus maus momentos e não vai recuar, está pensando só nas portas que se fechavam para ele, não como elas estão agora, completamente abertas.

— Tudo bem—March diz.—O Juiz não vai voltar.

Ela conta até dez e, quando acaba, Hollis já saiu de casa para se acalmar. A porta de tela bate e o som de madeira fria contra madeira fria ecoa no ar. Ouvem os passos dele no solo gelado daquela silenciosa noite quieta de dezembro.

Ouvem também a máquina de escrever de Hank, que trabalha na sua monografia de formatura sobre o Fundador, e um ganido leve de Sister, escondida debaixo da cama, o pêlo cheio de pó. March vai até a janela e vê Hollis sozinho, olhando para as estrelas.

— Ele não quer fazer nada disso—March diz para a filha. -Não realmente.

Gwen olha para a mãe, com uma estranha ternura, como se tivesse chorado todas as suas lágrimas.

— Mamãe—ela diz, simplesmente, como se estivesse ensinando uma criança de seis anos a somar—,é claro que ele quer.

VINTE

SUSIE JUSTICE CHEGA EM CASA APRESSADA, depois de uma rápida viagem à Flórida. Em seis dias ela esteve em Palm Beach, Fort Lauderdale e Miami, depois passou rapidamente por Orlando. Está escrevendo uma série de quatro artigos para The Bugie sobre as possibilidades de férias e opções de lazer para aposentados, repletos de indicações de lugares para se hospedar, comer e nadar. Entretanto, Susie não vai mencionar nesses artigos como é horrível voltar para o frio quando a viagem termina, mas talvez aconselhe os viajantes a pedir à pessoa encarregada da sua correspondência, para verificar o aquecimento também, pois foi como se Susie tivesse morrido ao voltar para uma casa gelada com os canos congelados, prestes a estourar.

Ken Helm está no porão consertando o sistema de aquecimento e Susie na cozinha, ainda de casaco e luvas, quando Ed Milton chega com uma pizza e os cachorros de Susie,

que depois de passar alguns dias com ele o seguem com adoração, uma vez que é Ed quem agora se encarrega da sua alimentação.

— Nossa—Ed diz, quando vê como Susie está queimada.

Afinal, é isso que a Flórida faz com uma loira.

— Meu protetor solar acabou—Susie explica.

— Eu devia ter ido com você—Ed diz.—Não ia deixar que se descuidasse assim da pele.

Não sabe se a sensação dos braços dele em volta do seu corpo é tão agradável por causa do frio ou porque sentiu sua falta.

— Eu não teria obedecido—Susie murmura.

— O que está acontecendo aqui?—Ed pergunta.—Está gelado.

Ouvem o som metálico das marteladas no porão.

— Ken Helm—Susie explica.—O aquecimento.

Por menos que queria admitir, ela sentiu falta de Ed e isso a deixa nervosa. Não é assim que Susie dirige a própria vida, apaixonando-

se por alguém e pensando em ir para a cama assim que Ken for embora, sabendo que precisa escrever seu artigo. No dia seguinte, ela vai procurar um livro na biblioteca com indicações de lugares interessantes na Flórida, uma vez que se preocupou mais em pesquisar o passado de Hollis do que com restaurantes e parques temáticos.

— A coisa mais curiosa sobre Hollis—ela diz para Ed, abrindo a caixa da pizza que os dois começam a comer, de pé, perto do balcão da cozinha—é que ninguém quer falar sobre ele. O advogado dele na Flórida nem quis me receber. Fui ao enorme complexo que ele tem em Orlando e ninguém quis falar comigo. Nem o zelador. Quando fui ao jóquei em Lauderdale, do qual ele é acionista, as pessoas ficaram tão mudas que nem queriam me informar a temperatura. É como se ele não existisse, apesar de tudo que tem por lá, que é uma fábula.

— Então nada?—Ed pergunta. Começa a comer outro pedaço de pizza, sem tirar os olhos de Susie.

— Conheci um cara que aceitou meu convite para um drinque.—Ela ri ao ver a

expressão de Ed.—Um velho, antigo treinador de cavalos que ainda trata da água e da aveia na pista de corrida. Quando falei em Hollis ele disse: "O Sr. Morte."

— O que significa isso?

— Ele não quis dizer. Mas me contou que Hollis ganhou todo esse dinheiro se aproximando das pessoas ricas e, quando acabou, também estava rico.

— Pessoas que enriqueceram com cavalos? —Ed pergunta.

— Isso mesmo. Acha que pode ser jogo ilegal?

— Susie—Ed diz.—Não vá por esse caminho.

Susie pisca os olhos, curiosa. Ed sabe de alguma coisa. O calor voltou e o aquecedor no porão começa a roncar... — Nunca me diga para desistir—Susie diz.—Falo sério.

— Tudo bem. Então, se quer saber o que eu penso, vou dizer.

Fraude com seguro.

— Pronto—Ken Helm grita do porão.— Está funcionando agora.

— Houve apenas um caso no hipódromo de Olympia. Você tem um cavalo caro que não

está dando conta do recado, e, para tirar algum lucro disso, provoca um acidente e então você pode receber o seguro.

— Isso é formidável—Susie diz.—Eu o peguei. Ed balança a cabeça.

— Nunca vai conseguir provar. O envolvimento de Hollis em qualquer coisa parecida foi há tanto tempo que hoje não existem mais registros, nem os das companhias de seguros, e todo mundo sofre de perda de memória.

— Está me dizendo para esquecer? Depois de tudo isso?

— Algumas pessoas saem impunes de certas coisas—Ed Milton diz, tristemente.

— Pois alguém devia fazer com que ele pagasse todo o mal que fez—Ken Helm diz. Ele subiu do porão, todo sujo de pó, e vai deixar uma marca de poeira negra na parede onde está encostado.—Oi, chefe—ele diz para Ed.—Seu aquecedor vai agüentar mais algum tempo—diz para Susie—,mas vai precisar comprar outro.

Quando Ken vai embora, Susanna Justice o acompanha até a porta.

— Vai continuar sua pesquisa, não vai?—

Ken pergunta.

— Eu não sei—Susie admite.—Talvez eu desista.

Não tem coragem de dizer para Ken que o julgamento que ela procura não é o que ele quer. Talvez o certo seria ter citado a única passagem de Mateus que ela lembra ainda: O que eu quero é misericórdia, não sacrifício.

Nessa noite, enquanto desfaz as malas, Susie ouve Ed no chuveiro e, por algum motivo, o som é como um raio de esperança para ela. Talvez resolva chocar toda a cidade e casar com esse cara. Afinal, o casamento é uma união que se baseia na confiança. Estaremos juntos agora e no futuro. A partir de hoje, seremos um só. O Juiz também está pensando no assunto nessa noite, sentado na cozinha, só com uma lâmpada acesa. O casamento é muitas coisas para muitas pessoas, um contrato de conveniência, uma promessa do mais verdadeiro amor, um acordo entre amigos ou até entre inimigos ou ainda, muitas vezes, entre estranhos, convencidos de que se conhecem. É possível amar duas pessoas? Há mais de trinta anos o Juiz medita sobre essa possibilidade e ainda não tem uma resposta. E

claro que a resposta depende da interpretação que cada um dá à natureza do amor, e o Juiz se considera velho e cansado demais para esperar algum esclarecimento.

Mesmo assim, nessa noite ele pensa em Judith Dale, como quase sempre faz a essa hora, quando a maioria das pessoas sensatas está se preparando para dormir. Se ele a amasse, teria deixado que ela vivesse como viveu, sempre à espera das migalhas de tempo que sobravam para ele, sem poder pensar em ter um filho? Mas ele a amava, essa é a verdade, e ama ainda. Quando está se sentindo assim, geralmente ele sai de carro para poder chorar sozinho. Oh, como queria poder contar para Louise, durante todos esses anos a melhor amiga dele. Quando o Juiz apanha o casaco e vai sair pela porta dos fundos, Louise entra na cozinha.

— Isto chegou esta manhã—ela diz, entregando a ele um envelope grosso endereçado para Gwen.

— Uma passagem de avião—o Juiz adivinha.

Louise balança a cabeça concordando.

— Espero que seja. Por que não passa por

lá a caminho do cemitério?

O Juiz pára, confuso. Será que ela disse mesmo isso? Louise alisa uma prega nas costas do casaco dele. Ela está pronta para se deitar, com o rosto lavado, e parece muito com a jovem com quem ele se casou.

— Louise—o Juiz diz.

— Eu espero por você—ela diz. Espera que, depois de todo esse tempo ele não pense que é obrigado a se desculpar. Ela simplesmente quer que o marido saiba que ela sabe. Nada mais.—Vou fazer um chá para nós.

O Juiz vai para a fazenda Guardian, pensando que depois de tudo que já viu na vida, as pessoas ainda o surpreendem. O movimento é pequeno na estrada, a noite é sem lua. O Juiz estaciona e sai do carro, levando na mão o envelope de Richard Cooper. Sim, aí está um homem que precisa aprender muita coisa e que parece ainda não saber a diferença entre liberdade e licenciosidade. Ele devia ter vindo com March, para início de conversa. Se há uma coisa que o Juiz aprendeu em todos esses anos é que só um tolo desafia o destino.

Gwen atende a porta, vestida com uma

suéter pesada, o cabelo despenteado e os olhos pesados de sono. Hollis e March estão lá em cima e Gwen estava fazendo café para Hank que talvez tenha de trabalhar a noite toda para terminar sua tese sobre o Fundador, porque deve apresentá-la na manhã seguinte.

— Eu não pedi ao senhor para vir aqui— ela diz, imediatamente quando vê o Juiz. Gwen sai para a varanda, apertando a suéter contra o corpo. Adquiriu o hábito de morder o lábio e nem percebe quando sangra.—Ele não gosta de visitas.

— Seu pai mandou uma carta—o Juiz diz.

— Oh—Gwen diz, aliviada.—Oh, isso é bom.—Apanha o envelope e abre. Sister aparece e começa a farejar os sapatos do Juiz. —Uma passagem de avião—Gwen diz e então, surpresa, acrescenta.—Na verdade, duas.

— Ele está apostando na esperança—o Juiz diz.

— Eu não compreendo isso—Gwen diz.

— Bem, estamos falando de amor.

— Não é amor o que eles têm—Gwen diz, olhando para cima, para a janela do quarto.

Quando o Juiz volta para o carro, Gwen põe as passagens dentro da cintura da calça

jeans e volta para dentro. Hank está ainda à mesa, com os papéis espalhados, mas parou de trabalhar.

— O que ele queria?—Hank pergunta. Será que está falando como Hollis? Meu Deus, ele espera que não. Hank não tem ciúmes, mas está desesperado. Fica assim sempre que sente que pode estar perdendo Gwen.

Ouvem o velho Saab do Juiz, tão barulhento que Gwen reza para que Hollis não esteja ouvindo.

— Nada—Gwen diz.—Ele só passou por aqui.

Hank sente a dor atrás dos olhos. Talvez já a tenha perdido.

— Merda—Gwen diz, quando ouve passos no andar de cima.

Hollis bate a porta do quarto e desce a escada, praguejando.

Ele a chama de puta antes de chegar ao térreo. Nunca levou a lição que precisa, mas isso vai mudar agora.

— O que aconteceu?—Hank diz, quando Hollis entra na cozinha, mas antes de acabar a frase, Hollis avança para Gwen como se ela fosse uma toupeira encontrada no jardim e

como se ele tivesse o direito de agarrá-la pelo pescoço e sacudir.

— Ei—Hank diz. Levanta da mesa tão depressa que derrama o café sobre seus papéis.

— Eu disse que não queria o Juiz aqui—Hollis diz para Gwen.

— Mas você pensa que é boa demais para ouvir o que os outros dizem.

— Eu não tenho de ouvir o que você diz—Gwen responde.

Sente que Hollis pode partir sua espinha se ele quiser, mas não se importa. Tudo que pode pensar no momento é no quanto o odeia.

March desceu também e está parada na porta da cozinha.

Agora ela sabe como as pessoas ficam petrificadas, compreende como aquele fogo cresceu descontrolado antes que Alan tivesse tempo de passar pela porta. Lá está sua filha, assustada e gritando. Lá está o homem que ela ama com as mãos no pescoço dela.

— Vou fazer você ouvir—Hollis está dizendo para Gwen.

— Acho que não—Gwen diz. Ela vê Hank andando para eles, mas não é isso que lhe dá

coragem. Na verdade, não se importa que Hollis a machuque, ela quer que ele a machuque porque isso vai provar a opinião que tem dele.

— Você não quer fazer isso—Hank diz, ficando entre Hollis e Gwen.—Não faça.—Na verdade, ele está implorando para Hollis, se fosse preciso, pediria de joelhos.

Hollis olha friamente para ele e então alguma coisa estala na sua cabeça.

— Tem razão.—Vai para a sala, onde a espingarda do Sr. Cooper está ainda no armário de vidro.

— Merda—Hank diz quando vê Hollis sair pela porta da frente que ninguém mais usa. Hank sai pelos fundos, esperando deter Hollis e falar com ele. Os cães vermelhos surgem das sombras para cumprimentar Hank, mas ele passa correndo por eles. Hank não gosta do que está sentindo, daquele calor no estômago. A noite está muito quieta, o ar quebra como gravetos secos.

— Agora você viu como ele é?—Gwen diz para a mãe, na cozinha fria.—Agora acredita em mim?

March sabe que quando Hollis fica assim,

ele sempre se arrepende depois. Nessa noite, quando ela o levar para a cama, ele vai chorar. Vai dizer que não queria machucar ninguém, e March vai acreditar.

— Gwennie, você não compreende— March começa a dizer, mas então tem certeza de que a filha jamais vai compreender e, além disso, como pode dizer mais?

Gwen pega Sister e sai da casa, batendo a porta. Ela corre atrás de Hank e quanto mais se aproxima, mais intenso é o cheiro do feno. Começa a ouvir os cavalos agitados. Quando Gwen entra no estábulo, Hollis está abrindo a baia de Tarot e o cavalo entra em pânico. Escoiceia a baia atrás dele e balança a cabeça para a frente e para trás. Hollis está com a espingarda debaixo do braço quando abre a porta.

— Espere até amanhã—Hank diz.—Vai se sentir diferente então.

— É mesmo?—Hollis parece estar achando graça, mas sua boca é uma linha quase invisível.—E pensa que estou interessado na porra que você pensa?

— É tarde—Hank diz. Não são ainda dez horas, mas Hank está disposto a tentar de tudo

para deter aquele ímpeto. Sua voz é reconfortante, mas não há nenhum conforto nele. Estende o braço para impedir que Gwen chegue mais perto. Ela vai empurrá-lo para o lado, mas então olha para Hollis e sabe que é melhor ficar onde está.

— Agora está me dizendo a hora?—Hollis diz com uma voz tão distante que parece vir de milhões de quilômetros dali.

Ele viu Gwen, tremendo, apertando Sister contra o peito. -

Você precisa de uma lição sobre o que acontece quando as coisas não pertencem a você. Você pode implorar—ele diz para Gwen —mas não vai adiantar nada.

Gwen sente o ar frio nos pulmões cada vez que respira.

Sente Hank ao seu lado, sente a tensão dos músculos dele, prontos para qualquer coisa, mas sem saber ao certo o que deve fazer.

— Vamos—Hollis diz.—Implore.

Gwen sente algo estranho, uma coisa fervendo dentro dela.

— Por favor—ela diz.

Hollis pensa por um momento depois balança a cabeça.

— Não é o bastante.

Nada jamais será o bastante, este é o problema, e Gwen parece saber disso agora. Há coisas que devem ser feitas e, não decididas e antes de ter tempo para planejar, Gwen corre para a baia de Tarot e abre a porta.

— Vá—ela grita, mas nem precisava. Tarot se move com tanta rapidez que Hollis tem de saltar para o lado e, quando consegue se controlar o suficiente para usar a arma, o alvo está solto lá fora, correndo mais do que o vento, deixando uma nuvem da sua respiração atrás. Hollis vai até a porta do estábulo e atira uma vez, mas a essa altura, Tarot já saltou a primeira cerca do campo e está correndo para a outra. Hank e Gwen ouvem Tarot correndo, sem rédeas e acelerado, na noite gelada e negra.

Quando o cavalo chega ao pântano, o Covarde está sonhando com neve. Abre os olhos quando ouve um ruído. A neve está caindo e, debaixo da macieira silvestre, o cavalo de Belinda arranha o solo gelado, à procura de maçãs.

O Covarde estava dormindo de casaco e botas. Sai da casa, se agacha perto do cavalo e

fica vendo Tarot comer. Depois de algum tempo, ele apanha uma corda e o amarra na árvore.

— Pronto—Covarde diz para o cavalo.—Ai está a sua cama.

O Covarde toma o último drinque da noite e senta na varanda até Gwen chegar ao seu portão despencado e inútil, com o cachorro atrás. Gwen está com os olhos estranhos, febris, e tem uma equimose no rosto. Hollis a atingiu com um tapa quando Gwen passou por ele na porta do estábulo, e fez questão de bater com força. Há pequenos capilares partidos sob a pele e a marca vai levar semanas para desaparecer.

Quando o Covarde a vê assim, tem uma sensação estranha nos braços e nas pernas, como se alguém tivesse aproximado um fósforo aceso da sua pele.

— O que ele fez com você?—ele pergunta.

Gwen olha para a frente, com as lágrimas descendo no rosto, mas em completo silêncio.

— Eu não o deixarei chegar perto desse cavalo, se é isso que a preocupa—o Covarde diz, de repente muito mais corajoso do que um dia imaginou que pudesse ser. Ele mataria

quem viesse atrás daquele cavalo, ou seria morto. Se pudesse ficar sóbrio o tempo suficiente. Esse é o problema, mas não precisa dizer isso para essa bela menina.

— É mesmo?—Gwen diz, porque sabe agora que não pode levar Tarot e também que não pode ficar mais ali.—Você faria isso?

— Sim, eu faria—o Covarde promete.

Um pouco depois, Hank aparece à procura de Gwen. Ficou em casa até Hollis se acalmar. Foi o mínimo que pôde fazer.

Devia ter saltado em defesa de Gwen quando Hollis estendeu o braço e a esbofeteou, mas foi tudo tão rápido que Hank foi apanhado de surpresa, pelo menos é o que ele diz para si mesmo. Hollis não tem intenção de fazer essas coisas, ele é como uma bomba que, se não for desarmada imediatamente, explode quando menos se espera.

Certamente Gwen compreende isso e também por que ele demorou para ir à sua procura. E claro que Hank não aprovou o que Hollis fez—é só uma questão de lealdade, como uma promessa que fazemos ao nosso país quando entramos numa guerra idiota e equivocada.

Gwen está sentada no chão da casa do Covarde quando Hank chega, enrolada num velho cobertor fino levado por Judith Dale no ano anterior, tentando ignorar do melhor modo possível o quanto o Covarde está bêbado.

— Já não é sem tempo—o Covarde diz para Hank, quando ele abre a porta.—Meu Deus, você é lento.

Mas, rápido ou lento não importa mais. Hank compreende isso quando vê a marca deixada por Hollis no rosto de Gwen. Hollis bateu com força, Hank percebe agora, e era exatamente o que ele queria fazer. Hank pode tentar explicar, pode sentar ao lado dela, passar o braço por seus ombros e murmurar como tudo aquilo é horrível e quanto ele sente por ela, que Hollis provavelmente já deve estar arrependido, que ele jamais machucaria Tarot de verdade, mas nada disso significa coisa alguma agora. Ali sentada, mais bonita do que nunca, Gwen resolveu ir embora.

Meu Deus, você é lento, Hank pensa quando Gwen entrelaça os dedos nos dele e descansa a cabeça no seu ombro.

— A culpa não é sua—ela diz, depois que o

Covarde adormece e eles ficam praticamente sozinhos.—Foi só o modo como as coisas aconteceram.

Hank ri, uma risada curta que não chega a lugar algum. Ele se encosta na parede fina onde colônias de formigas vivem há décadas, talvez há um século. E então fecha os olhos.

De quem é a culpa quando o amor é negado? Quando a juventude é uma maldição e não uma bênção? Se ao menos não existisse mais ninguém no mundo, se eles fossem os últimos habitantes da Terra, só os dois, abrindo a porta dessa velha casa, olhando para a noite profunda e azul e para todas aquelas estrelas, sem jamais chegarem a saber os nomes de todas, de todos aqueles planetas que eles nem podem ver.

Deixam o Covarde dormindo e saem para o pântano. Quase não falam. Afinal, o que há para dizer? Espere por mim? Não me culpe por tudo que aconteceu? Não se esqueça de mim, nem esta noite nem nunca? Mudos, eles podem ao menos fingir que são as últimas criaturas na Terra, ou talvez as primeiras, que não precisam falar. Precisam um do outro, isso é tudo, pelo menos por uma noite.

Ficam no pântano até sentir os dedos das mãos e dos pés quase congelados, depois voltam para a casa e adormecem lado a lado no chão do Covarde, muito juntos, a respiração calma e profunda. Estão sedentos de sono e de esquecimento, uma noite de sono pura e perfeita é o que desejam, mas até isso é esperar demais. É possível duas pessoas terem o mesmo sonho?

Dormindo no chão duro de madeira, Hank sonha com uma cerca viva onde há uma porta. De um lado da cerca está o futuro, do outro, o passado. No sonho de Gwen, a cerca é feita de espinhos e a porta tem fechadura e chave. Alguém insiste para que ela passe pela porta. Vá em frente, dizem e quando ela obedece, a fechadura desaparece. Gwen não pode olhar para trás, isso ela sabe, não ousa. No sonho de Hank, no limiar do portão, ele ouve passos, o som cada vez mais distante até desaparecer.

De manhã, quando a luz é amarela e pálida, e o Covarde já pôs no fogo uma chaleira com gelo para dar água para o cavalo, Hank sai para a varanda. A essa hora, Gwen já partiu.

— Ela foi para a casa de Susanna Justice—o

Covarde diz. — Levou o cão. Ela vai para casa.

Hank faz um gesto afirmativo e senta nos degraus frios de madeira da casa do seu pai. Nota que a maré está subindo com o som de milhões de lágrimas. Talvez seja o gelo quebrando debaixo da corrente de água salgada.

— Eu não a culpo por isso—ele diz.

— Culpa—o Covarde diz—é uma coisa muito séria.

— Certo, quando todo o resto falha, culpe a você mesmo, não é isso?—Hank tenta sorrir, mas está tenso demais.

— Se ele vier buscar o cavalo, eu o mato—o Covarde diz.

— É mesmo?—Tem de ser piada.—Como pretende fazer isso?

O Covarde olha para uma garça tão longe deles que, para outros olhos, parece um galho de árvore.

— Com as minhas mãos—ele diz.

Hank se esforça para não rir.

— Sabe o que eu tentaria fazer primeiro?—ele sugere. — Camuflagem.

Os dois trabalham o dia todo num galpão dilapidado e sujo atrás da casa que pode servir

de estábulo. Hank prega algumas tábuas para tapar os buracos da parede e o Covarde põe relva do pântano sobre o telhado. Hoje é o dia em que Hank deve apresentar a monografia de formatura, mas talvez ele consiga um adiamento.

— Posso escrever justificando sua falta—o Covarde diz. — Explico tudo para as autoridades da escola.

— De jeito nenhum. Não pense que as coisas ficaram diferentes entre nós—Hank avisa.—Estou ajudando com Tarot por causa de Gwen, não por você.

— E claro—o Covarde diz.—E isto é de Gwen, não de mim.

O Covarde empurra a bússola de prata que antes lhe pertencia sobre a balaustrada da varanda. Lá fora, na relva alta, o galho que parece uma garça levanta vôo, lento e elegante, na última luz do dia.

— Que você nunca fique perdido—Alan Murray diz para o filho.

VINTE E UM

MARCH NÃO TRABALHA MAIS NAS SUAS JÓIAS, nem espera que Hollis traga prata ou ouro. Todas as pedras preciosas que ela pretendia usar nas pulseiras, as opalas e as turmalinas, estão guardadas numa sacola de lona na gaveta da cômoda. Em vez de trabalhar, ela olha pela janela para a neve lá fora. Espera a noite chegar. Às vezes ela sai e vai além dos campos. Passa pelo prado e pelas cercas de toras de madeira. Certa vez foi até o cemitério, mas ficou com medo. Não havia folhas nas árvores e o solo parecia implacável e duro. Pior ainda, ela teve a impressão de ver Judith Dale ao longe, e parecia que ela estava chorando.

Agora, March não se aventura além de Fox Hill. Pelo menos é território conhecido. Ela sai com chuva de granizo e neve e talvez por isso esteja com essa tosse. E uma tosse seca e

constante que não cede com o chá com mel que ela toma.

Fox Hill a deixa triste, mas ela vai assim mesmo. Os pombos com seu arrulho lamentoso se foram. A tentativa de Hank de mudar o ninho não deu certo e eles se foram para sempre. Quando March espia pelas janelas da velha casa, pensa em Judith Dale e às vezes olha para trás, como se Judith pudesse aparecer.

Ultimamente, March se pergunta por que Judith Dale não foi enterrada com o anel de esmeralda, presente do seu verdadeiro amor. March pensa nisso todos os dias quando caminha no bosque e agora acha que encontrou a resposta.

Judith não estava usando o anel quando morreu. Já o tinha tirado do dedo e guardado na gaveta. Fez isso com amor.

Pelo menos o tipo de amor que tem regras às quais devemos obedecer e que, no fim, oferece muito menos do que se espera.

Foi muito bom Gwen ter ido embora. Ela ia detestar o começo da noite escura às quatro horas da tarde, desprezaria a vida tão limitada e tão pobre que eles levavam. No Natal não

houve troca de presentes, até os que March havia feito continuavam guardados. Louise Justice deixou no degrau da varanda um cesto com egg-nog e bolo de frutas do comitê da biblioteca, igual ao que deixou na casa do Covarde. Eles pertencem agora ao grupo miserável dos que despertam a piedade de todos, criaturas patéticas que nem sabem como comemorar o Natal.

Muito bem, Hollis pelo menos ainda sai, está sempre no Café Lyon, mas nunca leva March. Outros homens podem olhar para ela. E, é claro, o que ele nunca menciona: outras mulheres podem se aborrecer com sua presença. March fica realmente satisfeita quando ele sai à noite, assim como é com alívio que o vê sair da cama de manhã, para verificar os limites das suas propriedades. Sim, ele gosta das suas propriedades, gosta muito. Durante muitas semanas, depois que Gwen partiu, ele saía com a espingarda, passava com a picape por todas as estradas secundárias, mas não encontrou o cavalo. March sabe onde Tarot está, mas não vai dizer. Ela descobriu por acaso, quando estava caminhando no fim da tarde, quando a noite

estava chegando e a luz era tão fraca que, a princípio, ela pensou que estivesse vendo sombras.

Era seu irmão, Alan e o cavalo, aqueles dois velhos montes de ossos. Alan estava cortando feno com uma foice e quando terminou pôs nas costas do cavalo e amarrou com uma corda. Melros e gaivotas voavam sobre o pântano e o som da foice ecoava no ar. March podia sentir o coração batendo em silêncio. Cobriu a boca com a echarpe para sua respiração não congelar. Ela queria poder voar para longe dali como aqueles pássaros. Queria poder ter gritado, livrai-nos do mal e de nós mesmos acima de tudo.

Qualquer coisa pode provocar uma discussão entre Hollis e March agora. Ela olha para ele do modo errado, ela interrompe o trabalho dele, ela respira, de algum modo ela não pertence suficientemente a ele. Seu ardor não esfriou, mas muitas vezes a carne não corresponde às exigências do espírito. Quando não pode fazer amor com ela, afirma que a culpa é de March. Ela nunca faz o que ele manda e começou a resistir, o que é uma tolice. Ela sai do quarto, ela bate a porta, mais

uma razão para ele procurar uma das mulheres na cidade, sempre tão dispostas a fingir que ele pertence a elas, nem que seja apenas por poucas horas. Quando volta para casa, culpa March por isso também. Ela o mandou para os braços de outra mulher, ela o obrigou a isso. Por que faz isso com ele? Com eles? Depois de descarregar a ira em March, volta-se contra si mesmo e é esse o elo que prende March a ele. Ninguém jamais a amará como eu, é o que ele diz então. Se eu não puder ter você, ninguém mais terá.

Nunca pense em me deixar, falo sério. Nunca sequer tente.

Na véspera do Ano-novo, March fica aliviada quando Hollis sai de casa cedo. Deixe que ele vá tentar se divertir, ela está cansada, a tosse piorou e tudo que quer é paz e silêncio.

Hank foi convidado para uma festa, mas no último minuto resolve não ir. Já está com sua melhor camisa branca e o cabelo penteado, mas é com Gwen que ele quer estar, não com os amigos da escola. Resolve assistir à televisão e ir cedo para a cama, mas quando vê March na cozinha, acha que não deve deixá-la ali tão abandonada. Eles tomam chá e jogam

cartas e então, sem saber por quê, Hank fica inquieto.

— Vamos dar uma volta de carro—ele sugere.

March olha para o sobrinho e sorri. A doçura dele sempre a surpreende.

— Vá se divertir com seus amigos—ela diz.

— Ora, vamos—Hank insiste.—Já tenho meu carro.

March ri.

O carro de Hank, um velho Pontiac comprado há uma semana não tem aquecimento nem banco traseiro e está todo amassado pela imperícia do antigo dono. Eles o chamam de ratoeira. De geladeira.

— Vamos sair e tomar uma cerveja. Para comemorar o Ano-novo—ele diz.—Não podemos ficar sentados aqui.

March pega o casaco e a echarpe longa e preta e corre para cima para escovar o cabelo. Entram no carro, mas quando chegam à loja de bebidas, estão quase congelados. March desce correndo para comprar a cerveja para brindar a entrada do novo ano.

— Onde você acha que Gwen está agora?— Hank pergunta, quando estão indo para a

cidade.

— Provavelmente com o pai—March diz. —Não se preocupe, tenho certeza de que não está com nenhum garoto.

— Tudo bem—Hank diz.—Eu quero que ela se divirta. Ela não é propriedade minha.

— Isso mesmo—March abre a cerveja e toma um gole. — Ninguém é de ninguém. Pelo menos é o que dizem.

Leves flocos de neve começam a cair. Batem no pára-brisa e grudam como cola. Hank liga o limpador de pára-brisa e eles entram na rua principal. Passam pela cidade, contando as casas onde estão festejando o Ano-novo. Quando passam pelo Lyon, March sente um aperto esquisito no estômago.

Ela é uma daquelas mulheres que já não querem mais saber a verdade.

— Não pare—ela diz para Hank.

Eles continuam, até o limite da cidade. O descongelador do carro não funciona muito bem e vez por outra Hank tem de limpar o pára-brisa, com as mãos. Em pouco tempo tudo está debaixo de um cobertor branco. É uma bela noite, tão quieta que o som dos pneus ecoam lá fora.

— Você devia consultar o Dr. Henderson por causa dessa tosse—Hank diz, quando March começa a tossir.

— É o frio—March diz.—Não estou acostumada.

E tão estranho estar na cidade, tudo parece mais claro e maior do que antes.

— Olhe só para ele.—March ri quando passam pela estátua do Fundador coberta de neve, só com o nariz de fora.

— Fiz minha monografia sobre ele e nunca notei que tinha um nariz tão grande—Hank diz, sorrindo.—A cidade devia se chamar Narizville.

— Narinatown—March sugere, acabando de tomar a cerveja.

— Schnoz City.—Hank ganha uma risada especial pela piada. — O time de futebol na escola podia se chamar os Schnozkickers.

March ri.

— Com grandes narizes nas costas dos casacos.

— Boa e velha Schnoz City—Hank diz, carinhosamente. — Nascido e criado lá.

Entram na rua onde mora Susanna Justice. A pequena casa de Susie está iluminada e a

música chega até a rua.

— Ela está dando uma festa—March diz.

Hank pára o carro e eles trocam um olhar.

— Podíamos entrar um pouco—Hank diz.

— Tomar um drinque e ir embora—March concorda.

March tira do bolso do casaco um velho batom e usa o espelho retrovisor para aplicar um pouco de cor ao rosto.

Caminham na neve e entram. A porta da frente não está trancada. A casa pequena está quente e barulhenta, com cheiro de cidra, cerveja e pizza. Assim que Susie vê March, corre para ela e a abraça.

— Então, por que não me convidou?—March diz, brincando.

Susie está com uma suéter violeta estampada e uma saia vermelha curta. Está muito bonita nessa noite, animada, feliz e um pouco embriagada.

— Eu mandei um convite—Susie diz.—Fui ver você na semana passada e Hollis disse que você estava dormindo e não podia falar comigo. Achei que ele estava mentindo, mas o que eu podia fazer?

— Tudo bem, estou aqui agora—March

diz.

— Sim, está—Susie sorri.—Você conhece Ed—ela acrescenta quando um homem bonito se aproxima e passa o braço na cintura dela. Os dois labradores de Susie, atrás dele, olham avidamente para o prato de guloseimas que Ed está oferecendo aos convidados.

— Claro, eu me lembro—March diz.—Dia de Ação de Graças.

— Este cara deve estar faminto.—Ed indica Hank com uma inclinação da cabeça.—Ele já começou a babar.

Todos riem ao ver o olhar ávido de Hank para as travessas de comida, tão ansioso quanto os cães.

— Venha.—Ed leva Hank para a mesa que ocupa toda a largura da sala de Susie.

— Vamos para a cozinha—Susie diz para March.

March concorda. Sabe que Susie a está examinando, afinal não está vestida para uma festa e nem pensou no cabelo, sequer o prendeu. Parece que todos olham perplexos para ela quando as duas atravessam a sala na direção da cozinha.

Ela vive com o homem mais rico da cidade,

e veja como está vestida—calça velha de veludo e uma suéter vermelha comprada na barraca de roupas usadas da Feira da Colheita.

— Você tem de experimentar a pizza—Susie diz.—E de ervas com e alho e queijo feta.

Está muito quente na cozinha—Ed e Susie passaram a tarde toda fazendo pizzas com o forno no máximo mas March está tremendo e não consegue se livrar daquela maldita tosse.

— Você já foi ao médico?—Susie pergunta, servindo um copo de vinho.—Porque eu acho que deve ir.

— Você pensa que estou doente porque estou morando lá com ele—March diz.

Susie põe na mesa o prato com o pedaço de pizza e salada feita por Miranda Henderson.

— Você me disse para não julgar.

March sorri e de repente, sentindo fome, estende o braço para o prato. Susie vê um círculo de equimoses roxas no braço dela, vestígios da briga na noite de sábado último, quando Hollis chegou em casa depois da meia-noite e recusou-se a dizer onde tinha estado. Não sou seu criado, ele disse furioso, como se March vivesse sempre se queixando.

Não preciso dar satisfações a você.

— Vai me dizer que é anemia?—Susie pergunta.

— Não foi nada.

Susie ri.

— March. Isso é o que todas dizem.

— Não, é verdade, não foi nada—March insiste.—Estávamos discutindo e ele me segurou. Acredite, se ele batesse em mim, eu ia embora.

— Coma—Susie sugere e a observa enquanto March devora a pizza.

Alguém na sala ligou o rádio, já começou a contagem regressiva para a meia-noite. Hank está instalado confortavelmente no sofá, concentrado na comida, salmão defumado, patê de enchova, cogumelos marinados, queijo Brie francês. Ele está comendo tanto e tão depressa que os cães de Susie transferiram para ele sua adoração e estão sentados aos seus pés.

— Se você for mais devagar—Bruce Horace, o funcionário do controle de animais, adverte, sentando ao lado de Hank—,abre espaço para mais comida. O salmão está bom, mas você deve experimentar a pizza.

Seguindo o conselho, Hank levanta e vai

até a cozinha, mas não é fácil abrir caminho entre tanta gente. Está fazendo o melhor possível, e quando passa pelo bar armado num canto perto da janela da frente, ele vê a picape de Hollis parar na frente da casa.

— Porra—Hank diz, em voz baixa. Ele vai levar toda a culpa, sabe disso.

Hollis entra pela porta da frente, com o sobretudo negro de lã italiana, trazendo com ele o ar frio e a suspeita. Pára para cumprimentar os membros do conselho da cidade, para o qual contribui generosamente, mas seus olhos passeiam pela sala. Antes que Hollis possa vê-lo, Hank entra na cozinha.

— Hollis está aqui—ele diz para March.

March olha para ele e então, sem uma palavra, vai até a porta dos fundos e abre. Seu pânico é tão grande que esquece o casaco. Hollis, nesse momento, provavelmente está atravessando a sala, na direção da cozinha.

— Espere um pouco—Susie segura o braço de March puxando-a para dentro.—O homem com quem você está vivendo está aqui e você está fugindo pela porta dos fundos.

Pense um pouco, March.

— Você não compreende—March já disse

isso tantas vezes que provavelmente parece ridículo, mas é verdade.—Para ele, isso é uma traição. E como se eu fosse um de vocês.

— Gwen deixou uma passagem de avião aqui. Você pode usar.

Pode sair daqui, nem que seja só por algum tempo. Algum tempo para pensar.

March não pode deixar de rir. Você não pensa nessas coisas, você cai nelas, de cabeça, sem rede de segurança, sem uma corda.

É isso que Hollis vê quando entra na cozinha—March rindo ao lado da porta—e isso não o agrada nem um pouco. Nessa mesma noite Hollis encontrou Alison Hartwig no Lyon e eles foram para a casa dela.—Alison conseguiu se livrar dos filhos e da mãe—mas ele avisou que precisava estar em casa antes da meia-noite. E depois de tudo isso, quando chegou à fazenda Guardian, não encontrou ninguém. Hollis levou quase uma hora para encontrar March. Isso também não o agradou.

— Oi, Susie—ele diz, como se não estivesse nem um pouco aborrecido.—Grande festa.

— Sim, é uma pena que você não tenha sido convidado — Susie responde.

Hollis sorri.

— Não tem medo de ferir meus sentimentos?

— Nem um pouco—Susie garante.

Hollis se inclina para March e a beija. Os lábios dele estão frios e há neve nas dobras do sobretudo.

— Você é a mulher mais bonita da festa— ele diz.—Como sempre.—Só então ele vê Hank e pensa que talvez o garoto tenha resolvido tomar a iniciativa metendo-se no que não é da sua conta.—Eu não esperava encontrar você aqui—ele diz para Hank.—Acho melhor ir dando o fora.

Hank olha para March, sem saber o que deve fazer.

— Pode ir—March diz. Sem poder disfarçar o nervosismo, ela ri e toma um gole de vinho.—Procure alguns garotos da sua idade. Não vá congelar naquele seu carro.

— Certo—Hank murmura.

— Ei.—Hollis põe a mão no ombro dele quando Hank se encaminha para a porta.—Não me diga que andou bebendo.

— Só uma cerveja—Hank diz.—Uma.

— Você não quer ir por esse caminho— Hollis diz. — Considerando suas origens e

tudo o mais.

Hollis sabe que é a pior coisa que pode dizer a Hank—a ameaça de que ele possa ficar como o pai. March quer acreditar que não ouviu bem.

— Ele tomou uma cerveja—March diz.—Eu comprei para ele.

Isso não quer dizer que ele seja um alcoólatra.

— Talvez eu fique só na Coca.—Hank apanha uma lata do balcão.—Provavelmente não é má idéia.

— Acho melhor irmos embora também—Hollis diz para March, depois que Hank sai.

Seu tom casual não reflete o que ele sente. Nada é casual ou fácil para Hollis. March olha atentamente para ele. A prova está nos olhos. É ali que a fúria está.

— Você pode passar a noite aqui se quiser—Susie diz para March. Ela não se deixa enganar pelos modos amáveis de Hollis, nem agora nem nunca.

Hollis ri.

— Vocês duas não estão velhas demais para essas "festinhas de pijama"?

March abraça Susie.

— Obrigada—ela diz.—Fica para outra vez.

— Pode vir quando quiser—Susie diz, em voz baixa, e Hollis tem de se esforçar para ouvir.—Você sabe disso.

Quando March chega à porta da frente, Hollis está esperando com o casaco e a echarpe. Há confetes no ar e música lenta, mas Hollis não presta atenção. Segura a porta aberta para March e quando saem a deixa bater.

— Nunca mais me faça isso—ele diz, quando estão andando na neve para a calçada. Ouvem ainda as vozes da festa na casa de Susie. Hollis está tão furioso que o ar em volta dele estala.—Você devia estar em casa quando eu cheguei, mas não estava, esse é o problema.

Segura com força o braço dela, para enfatizar as palavras, para ter certeza de que ela está ouvindo e a puxa para ele.

— Não gosto de uma casa vazia—ele diz, com a voz tão cheia de veneno que é quase irreconhecível.

March ouve a porta da casa de Susie bater quando outro convidado sai da festa. Um homem aparece na varanda e March fica

embaraçada pensando no que ele deve estar vendo: um homem zangado, uma mulher que parece assustada, a neve caindo, gelo na passagem de tijolos na frente da casa.

— O que está olhando?—Hollis vira para o estranho que agora March reconhece como um dos colegas de trabalho de Susie no jornal. O editor de esportes, se não está enganada. Bert qualquer coisa. Seja quem for, está tirando as luvas do bolso do sobretudo—já está com as chaves do carro na mão—,mas pára quando vê Hollis segurando o braço de March.

— Ei, cara—ele diz para Hollis, suavemente, como se estivesse falando com um louco.—Vamos. Acalme-se. E véspera de Ano-novo.

March pisca para evitar as lágrimas. E isso que eles parecem para aquele homem, um casal numa situação perigosa. Uma mulher prestes a ser machucada. E talvez esteja certo.

Pensando bem, afinal quem é ela? A mulher que ela pensa ser ou a mulher que parece ser?

— Do que você me chamou?—Hollis diz. Larga o braço de March e dá um passo na direção da casa. Ele costumava falar assim

com Alan e seus amigos quando eles o seguiam até em casa, aqueles garotos que jogavam pedras e nomes feios que voavam por cima da sua cabeça. Cara é outro modo de dizer que ele não é nada e Hollis não tem de ouvir isso. Não mais.

March respira o ar gelado, mas está queimando por dentro.

O que ela quer é que o convidado de Susie volte para a festa, assim ela e Hollis poderão se afastar sem nenhum dano maior. Ela deseja isso tão intensamente que sente o gosto, mas é um gosto amargo, uma sopa fria feita de pedras.

A porta atrás do estranho abre outra vez e a luz inunda a passagem na frente da casa. Duas mulheres saem rindo, mas o som do riso cai na passagem, onde se parte em silêncio.

— Querido?—uma delas diz, quando vê a atitude de Hollis e do estranho. É a mulher ou a namorada do editor de esportes, March calcula pelo tom preocupado na voz dela. — Querido? — A mulher pisca os olhos várias vezes, como se o que está vendo fosse impossível.

— Vamos embora—March diz. Agora é ela

quem segura o braço de Hollis, mas ele se liberta com um gesto violento.

Quando Hollis vira para ela, March é capaz de jurar que ele não a reconhece.

— Está me dizendo o que devo fazer?— Hollis pergunta.

Os três convidados de Susie olham em silêncio, tudo que se ouve é a neve caindo.

— Por favor.—Sua expressão favorita no mundo todo e March sabe disso.—Por favor— ela murmura, para que aquelas pessoas não vejam que ela está implorando.

Quando chegam à picape, Hollis fica na frente dela e por um momento March pensa que ele vai abrir a porta do carona.

Então vê a expressão dele e recua, até encostar na porta da picape. Instintivamente, ela grita. Seus olhos estão fechados quando ele bate com os punhos fechados no vidro do carro, nos dois lados da cabeça dela. March ouve o vidro caindo como meteoros despencando do céu. Ela grita outra vez, depois se abaixa para se proteger, até compreender o que aconteceu. Não era ela que ele queria machucar. Ele quebrou o vidro de propósito e suas mãos estão cobertas de

sangue.

— Oh, não—March exclama quando vê o que ele fez e se levanta. Se é isso que o amor pode fazer, é melhor inventar outro nome. Há sangue no asfalto e na neve, mas Hollis parece não notar e é isso que mais a apavora. Hollis a puxa para ele com todo aquele sangue nas mãos.

— Eu prefiro me machucar a machucar você—Hollis diz. -Eu não quero jamais machucar você.

— Eu sei disso—March diz.

— Ei—o homem na varanda de Susie grita. —Vocês estão bem?

Estão tão longe de estar bem que March não se dá ao trabalho de responder. Toda sua atenção está no sangue. Está nas suas botas, formando poças debaixo dos seus pés.

— Eu sei que você não queria fazer nada disso—March diz.

Os convidados que saem da festa estão ainda olhando, sem saber se devem intervir ou não. Ouvem ainda as vozes alegres dentro da casa. Alguém deve ter contado uma piada, porque estão rindo e o riso sobe em círculos no ar. Apesar da neve, March vê estrelas no céu,

como eles viam quando levavam a escada para o castanheiro e subiam o mais alto possível nos galhos da árvore.

March tira a echarpe do pescoço e tenta retirar os pedaços de vidro das mãos de Hollis, mas há muito sangue e o sangue de Hollis parece quente demais no ar gelado. March não consegue parar de tremer, como se estivesse com uma doença rara sem um diagnóstico definitivo. Talvez seja terror, talvez remorso, talvez seja só o frio da noite, a última do ano.

— Está tudo bem—Hollis diz, mas não está. Ele enrola a echarpe nas mãos.—Está vendo? Não é nada.—Mas isso também não é verdade.

A boca de March está tão seca que seus lábios ardem. Hollis insiste em dirigir, embora a pressão das mãos no volante seja dolorosa. Vão pela estrada secundária que, com a neve, está muito perigosa. As marchas da picape entram arranhando, os pneus deslizam no gelo. Durante todo o caminho, March tenta ver Hollis como ele era antes, mas não consegue. Por mais que se esforce, por mais que tente, ali está um homem com mais de quarenta anos com as mãos sangrando, dirigindo depressa

demais e que ainda não tem idéia do que ele fez aos dois.

Quando chegam em casa, todos os cães estão abrigados na varanda da frente. A neve cai com mais força. Hollis tira a echarpe e lava as mãos na pia. Depois, sobe para o quarto.

Eles não precisam dizer nada. Afinal, Hollis está cansado e, francamente, March também. Ela o observa quando ele desamarra as botas. Hollis parece tão velho nessa noite, tão completamente esgotado. Será que ela o reconheceria se o encontrasse na rua? Será que o reconheceria em qualquer lugar do mundo?

Olhando para ele agora, March vê que o menino que ela amou, o que a beijava no sótão prometendo amá-la para sempre não está mais ali. O menino se separou. Adquiriu vida própria. Ali está ele, sentado nos pés da cama, afastando-se para o lado, para March tirar a colcha e arrumar os lençóis. March deita ao lado de Hollis, mas com os olhos naquele menino, o que ela ama além do tempo e da razão.

Como ela pensou, ele também está cansado. Hollis descansa a bela cabeça no travesseiro e fecha os olhos.

March faz todo o possível para ficar quieta. Não tosse. Não se move. Ouve a respiração de Hollis se regularizar e logo lá está, lenta e fácil. O menino que ela ama está enrodilhado na colcha extra, solitário como sempre será, com ou sem ela.

Certa vez, ele disse que não confiava na raça humana e nunca ia confiar. Disse para March que nunca teve intenção de magoá-la e isso, ela sabe, é verdade.

Não é fácil deixar aquele menino na beirada da cama, mas mesmo assim March apanha sua roupa, sua bota e desce para se vestir na cozinha escura. Lá está o bule de chá sobre o fogão dos Cooper, lá está o casaco de Hollis, onde ele o deixou, jogado na cadeira. Lá estão suas luvas, na prateleira, e o copo em que ele bebeu água, lavado e secando no escorredor. Tudo que March vê é uma sombra no escuro, até ela mesma, sua echarpe, sua mão girando a maçaneta da porta, o arrepio de frio quando sente o ar gelado da noite.

Ela sai tão silenciosamente que os cães deitados na varanda não ouvem quando ela passa por eles. Chega ao fim do caminho que vai dar na estrada e olha para trás, para a casa.

Se não soubesse que é impossível, podia jurar que a menina de cabelos escuros está parada no lugar onde antes cresciam as rosas. Se não soubesse muito bem, ela hesitaria. Mas não hesita, vira na direção da estrada e corre.

No começo ela conta os passos, como fazia antes, mas depois de um tempo pára de contar. Regula a marcha para não se cansar, evita a estrada principal e atravessa o bosque. O ar está tão frio que estala, o céu está mais claro e cheio de estrelas. March está tão apressada que não teria visto as raposas se seu casaco não tivesse ficado preso num galho. Ela se vira e as vê no campo de relva baixa, mais de uma dezena de raposas, todas em círculo, como Judith Dale tinha contado. Era uma reunião dos últimos espécimes da colina, as descendentes das que conseguiram escapar no ano em que foi aberta a temporada de caça.

Judith Dale jurava que naquelas reuniões cada raposa se erguia nas patas traseiras e andava como um homem. Se você prestasse atenção, ouviria cada uma delas falar, com voz calma e baixa. O que você ia ouvir podia mudar sua vida e modificar tudo que você pensava que já sabia. Valia a pena saber o

segredo de uma raposa, valia a pena esperar, pois vale seu peso em ouro, pelo menos foi o que sempre foi prometido para March. Mas agora March ficou satisfeita em descobrir que Judith Dale estava errada. Aquelas criaturas não se parecem nem um pouco com homens, não têm nada a dizer e nenhum segredo para revelar. Quando March segue seu caminho, várias delas a seguem por algum tempo, como cães—não que ela precise ser guiada. Ela sabe o caminho. Já esteve ali antes.

Está gelado no sonho de Hank, na manhã, em que acontece, naquela primeira luz do novo ano. Ele está sonhando com uma árvore de gelo—folhas, tronco e galhos—,quando ouve um estrondo. No sonho, a árvore se faz em pedaços, lascas de cristal cortantes como facas. É quando ele levanta da cama, vai até a janela e vê os últimos momentos do que está acontecendo, a picape de Hollis derrapando na esquina do diabo.

Hank veste seus jeans e desce correndo as escadas, sai batendo a porta e corre descalço no caminho que vai dar na estrada. A neve corta sua pele, mas ele continua a correr. No

fim da passagem, os cães vermelhos estão parados, muito juntos, com medo de ir adiante. A batida foi tão perto que Hank sente o cheiro de gasolina. Lá está a picape de Hollis, de lado, e a picape do homem que entrega os jornais atravessada, bloqueando a rodovia 22. Antes que Hank chegue ao meio da curva, a picape de Hollis explode em chamas. O motorista do outro carro está sentado na estrada, tremendo, as labaredas sobem enquanto cinzas caem do céu como neve espessa e negra.

— Ele simplesmente não parou—o motorista da picape de entrega diz quando Hank o ajuda a levantar e o leva para longe do fogo. Os dois olham para as chamas. A estrada está tão quente que pedaços de gelo começam a derreter. A ambulância e o carro dos bombeiros chegam, a neve que resta está negra.

A fuligem cobre a roupa de Hank e entra nos seus olhos.

Durante muitos dias depois ele vai encontrar cinzas nos fios de cabelo, debaixo das unhas, nas pestanas. Ele não conta para March a verdadeira data do acidente. Espera

vários dias antes de mandar o telegrama. Não quer que ela pense que Hollis estava indo atrás dela, correndo como louco naquela manhã gelada para chegar ao aeroporto de Logan antes da partida do avião. Talvez ele estivesse atrás de March, ou talvez simplesmente com pressa de chegar ao Café Lyon e encontrar alguém para tomar o lugar dela. Mas há outra possibilidade, e é nessa que Hank acredita. Hollis não se conformou quando naquela manhã acordou sozinho. Houve um tempo, no passado, em que Hank, com nove ou dez anos acordava no meio da noite, descia e via Hollis sentado à mesa da cozinha. Hank ficava parado na porta observando e pensando que nunca em sua vida veria um ser humano tão solitário, nem que vivesse cem anos.

Talvez seja por isso que Hank fica com Hollis na funerária.

Alguém precisava estar ali e Hank sabe que não seria capaz de dormir se fosse para casa. Há uma sala à esquerda da capela e é ali que Hollis está. Hank escolheu a roupa para ele, um terno cinza-clara. Uma das boas camisas brancas de que Hollis gostava, feita na

Itália. Sapatos pretos, engraxados a mão. Gravata azul-escura, da cor da água profunda e parada. Hank escolheu o caixão também, o mais caro que havia, de cerejeira e bronze. Embora Hank prefira pinho simples, sabe que Hollis ia querer mostrar ao povo da cidade que ele tinha o melhor. Independentemente do fato de alguém aparecer ou não para a cerimônia no dia seguinte, Hank providenciou para que ele tivesse exatamente isso.

A sala ao lado da capela é mal aquecida e a luz é fraca. Hank deixa num canto a mochila com sua roupa e senta numa poltrona. Não é incomum as pessoas passarem a noite ali.

Não querem desistir, querem mais uma chance para fazer a coisa certa. Para aqueles que acreditam no paraíso, uma noite dessas é uma tortura. Para aqueles que acreditam numa única existência, aqui na terra, pode ser a noite mais longa de toda sua vida. Seja como for, Hollis está ali para ficar, não pretende sair, embora o homem no caixão não se pareça com Hollis. Não é só o aspecto físico que parece alterado pelo fogo e pela reconstrução, é que Hollis jamais deitaria assim, tão passivo, tão calmo.

À medida que as horas passam, Hank fica mais gelado e finalmente se cobre com o sobretudo e adormece ali mesmo, sentado, as pernas compridas estendidas para a frente, sua respiração o único sinal de vida, e é assim que Alan Murray o encontra quando aparece para apresentar seus respeitos. Alan está com um sobretudo reciclado do Juiz e as botas que Judith Dale deixou para ele num inverno em que a camada de neve no chão era muito alta. Prendeu o cabelo com um elástico e aparou a barba com uma tesoura de unhas. Alan está com meio litro de gim no bolso, mas não tomou nada desde que saiu de casa.

Ele passa pelo filho adormecido e senta no banco de madeira de frente para o caixão. Foi a gratidão que o levou ali e que o manteve sóbrio, pelo menos por aquelas poucas horas. Sem pensar, Alan inclina a cabeça. Pelo dia em que Hollis foi buscar seu filho no pântano, Alan é grato. Pelas refeições que Hollis deu ao menino, ele é mais grato ainda. Cada dólar gasto, cada noite de sono, por calças jeans e meias, sapatos e livros, xícaras de chá, por leite e torta, por companhia à noite, por dever, por amor.

Hank acorda do sono desconfortável e pisca os olhos quando vê o velho pai. A capela agora está tão fria que uma fina camada de gelo se formou no lado de dentro das janelas. Lá fora, a noite está azul como um lago e muito mais profunda que um rio. Se sua alma estivesse livre, seria a noite ideal para alçar vôo.

— Você vai ficar com ele?—o velho pai pergunta.

— Claro—Hank diz. Passa a mão no cabelo, alguns fios estão ainda espetados como hastes de trigo. Seu rosto parece muito pálido no escuro, a pele cor de cinza.

— É muito bom você ficar—Alan Murray diz. Ele sente o peso da garrafa de gim no bolso. Sua circulação está em péssimo estado e ele esfrega as mãos.

— É mesmo?—Hank diz, secamente.—O que você tem a ver com isso?

— Acho que ninguém deve ficar sozinho nessas horas.—Alan indica o caixão com um movimento da cabeça.—Nem ele.

Alan levanta da cadeira, abotoa o sobretudo do Juiz, que sobra para todos os lados no corpo magro. Sua postura é horrível e

ele cheira a feno. Sente um nó na garganta quando olha para o filho como outro homem olharia para as estrelas.

— Procure dormir um pouco—ele aconselha.

É um bom conselho e Hank consegue algumas horas de sono agitado. De manhã, ele troca de roupa no banheiro dos homens. Veste um terno preto que tirou do closet de Hollis, boa lã, muito bem-feito, mas pequeno demais para Hank.

Finalmente está preparado para ser o único presente à cerimônia, considerando o que o povo da cidade pensa de Hollis, mas acontece que ele não está sozinho. Várias mulheres comparecem, sozinhas, e se Hank não está enganado, muitas estão chorando. Não há flores decorando a capela, nada disso. O caixão está fechado agora, como Hollis teria desejado.

Quando a cerimônia termina, Hank pára nos degraus da frente da casa funerária, de onde pode ver quase toda a rua principal. Lá está a confeitaria, nesse momento fazendo pão de canela. Lá está a biblioteca com as janelas altas em arco e o Café Lyon, sempre escuro e

fechado a essa hora do dia.

Hank afrouxa o nó da gravata e abre os dois botões da camisa branca, mas fica com o paletó emprestado de Hollis. Anda pela rua principal até seu carro, já carregado com tudo que ele tem. Vai ficar com os Justice até o fim das aulas. Depois da formatura, é claro, pode ir para onde quiser. Não pretende ficar na fazenda Guardian. Resolveu isso imediatamente e não fez nenhuma diferença quando o Juiz disse que ele era o único herdeiro de Hollis.

Os amigos de Hank vão dizer que é loucura se desfazer de tudo aquilo, mas foi o que ele fez. Doou todas as terras para a cidade, um curador já estava nos planos. A renda das propriedades de Hollis na Flórida pagariam a manutenção da fazenda, os jardineiros e os caseiros, até os cães vermelhos.

O curador se encarregará das contribuições para a Associação da Biblioteca, para os Limpadores de Neve e o Fundo dos Bombeiros e da aveia para Tarot enquanto ele viver, assim como vai pagar a conta de Alan Murray na loja de bebidas na rodovia 22. Afinal, quem é Hank para julgar seu pai?

Quem é ele para medir o sofrimento de outro homem? Hank deve muito a Hollis e sempre deverá, mas sabe o que acontece a um homem quando ele não desiste das coisas que não pode ter. Ele sabe o que pode acontecer a um homem que não desiste da própria dor.

Os feriados de Natal terminaram e os amigos de Hank já voltaram para a escola, mas ele só vai voltar no dia seguinte.

Hoje ele vai de carro a Fox Hill. Liga o rádio e deixa a janela aberta, apesar do frio, como Hollis fazia. Pára perto das moitas de marmeleiros, desce do carro e sobe a colina. Lá do alto um homem pode imaginar que está olhando para todo o vasto mundo. Ele é o rei de tudo, do céu e das nuvens. E ali que Hollis vai ser enterrado e os coveiros, que nesse momento estão viajando pela estrada de terra, receberão o dobro para cavar no meio das amoreiras silvestres e do gelo.

Hank teve de travar uma verdadeira batalha com o tabelião da cidade para a permissão para enterrar Hollis ali, e felizmente o Juiz o ajudou e facilitou o trâmite da petição pelos corredores da prefeitura.

Na verdade, que mal pode fazer um

túmulo no alto da colina? E quase no céu, tão claro e tão limpo. Daqui a muitos anos, as crianças da cidade vão falar sobre aquele dia de ano-novo em que caiu neve negra. Vão dizer que o demônio estendeu o braço e apanhou o que lhe pertencia, evitarão o cruzamento onde a relva ainda se recusa a crescer. Mas Hank sabe a verdade e no primeiro dia de cada ano sempre dirá uma oração por aqueles aos quais deseja paz, tanto os vivos quanto os mortos.

FIM